



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO LICENCIATURA  
EM HISTÓRIA

LUCAS DE ANHAIA

**REGISTRO DA COR: MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO NEGRA DE BENTO  
GONÇALVES**

FLORIANÓPOLIS

2024

LUCAS DE ANHAIA

**REGISTRO DA COR: MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO NEGRA DE BENTO GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Prof.(a), Dr.(a) Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro

Florianópolis

2024

de Anhaia, Lucas

Registro da Cor : Memórias da população negra de Bento Gonçalves / Lucas de Anhaia ; orientadora, Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro, 2024.

183 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Populações negras. 3. Bento Gonçalves. 4.  
História, Memória. I. Barbosa Macedo Pinheiro, Lisandra .  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
História. III. Título.

Lucas de Anhaia

**Registro da Cor:** Memórias da população negra de Bento Gonçalves

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Graduado e aprovado em sua forma final pelo Curso História.

Local Florianópolis, 10 de dezembro de 2024.

Insira neste espaço  
a assinatura

Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Documento assinado digitalmente  
**LISANDRA BARBOSA MACEDO PINHEIRO**  
Data: 16/12/2024 17:37:11-0300  
CPF: \*\*\*.140.449-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Dr.(a) Orientador(a) Lisandra Barbosa  
Macedo Pinheiro



Documento assinado digitalmente  
**WILLIAN LUIZ DA CONCEICAO**  
Data: 16/12/2024 18:59:04-0300  
CPF: \*\*\*.801.399-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof., Dr. Willian da Conceição



Documento assinado digitalmente  
**Paulo Pinheiro Machado**  
Data: 16/12/2024 16:44:03-0300  
CPF: \*\*\*.676.840-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof., Dr. Paulo Pinheiro Machado

Florianópolis, 2024.

Dedico aos meus pais Carolina e Luis, à minha avó Lourdes e em memória a minha avó Terezinha e ao meu primo Lipe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas, de ontem e de hoje, que fazem parte do meu Ilê.

## RESUMO

Este trabalho busca investigar e relacionar diferentes fontes sobre a população negra de Bento Gonçalves, abordando o período que vai do início do século XX ao início do século XXI. A pesquisa parte de uma revisão historiográfica sobre a imigração de italianos para a região da Encosta Superior Nordeste da Serra gaúcha. O foco foi a problematização da invisibilidade histórica das populações negras nas narrativas predominantes, frequentemente marcadas pela exaltação das imigrações europeias que ocorreu no final do século XIX. O estudo evidencia como essa invisibilidade reflete e reforça processos de apagamento histórico e racialização, sugerindo que a memória local pode ser uma resposta reativa a esses processos. Contextualizamos historicamente as fontes orais, como relatos de descendentes negros moradores de Bento Gonçalves e conectamos essas narrativas aos registros documentais, iconográficos, da imprensa local, fotografias. Essa abordagem não só preenche lacunas na historiografia sobre a presença negra na região, mas também evidencia suas existências, práticas culturais e contribuições socioeconômicas, ao mesmo tempo em que destaca o problema da invisibilidade que elas também evidenciam. Dessa forma, o trabalho amplia as possibilidades interpretativas sobre a história de Bento Gonçalves, a partir de uma revisão bibliográfica sobre as políticas de assentamento dos europeus, valorizando as vivências e os legados das populações negras.

**Palavras-chave:** Populações negras; Bento Gonçalves; História, Memória.

## ABSTRACT

This work seeks to investigate and relate different sources on the black population of Bento Gonçalves, covering the period from the beginning of the 20th century to the beginning of the 21st century. The research starts with a historiographical review of the region of the Upper Northeast Slope of Serra Gaúcha, with a focus on problematizing the historical invisibility of black populations in the predominant narratives, often marked by the exaltation of European immigrations. The study highlights how this invisibility reflects and reinforces processes of historical erasure and racialization in the construction of local memory. In addition, the research incorporates oral sources, such as accounts by descendants and residents, and links them to documentary and iconographic records and other historical sources. This approach makes it possible not only to fill in gaps in the understanding of the black presence in the region, but also to highlight their resistance, cultural practices and socio-economic contributions. In this way, the work expands the interpretative possibilities about the history of Bento Gonçalves, valuing the experiences and legacies of the black population in the construction of regional identity.

**Keywords:** black populations; Bento Gonçalves; history.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. CAPÍTULO PRIMEIRO: GEOGRAFIA E HISTÓRIA DE BENTO GONÇALVES...</b>	<b>19</b>
1.1 A CARACTERIZAÇÃO DA SERRA GAÚCHA .....	22
1.2 OS EUROPEUS NAS AMÉRICAS .....	23
1.3 INDÍGENAS NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE.....	24
1.4 A PRESENÇA NEGRA E INDÍGENA NA REGIÃO SERRANA DO RIO GRANDE DO SUL: O QUE AS FONTES (NÃO) CONTAM.....	28
1.5 A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RS E CONSEQUENTEMENTE DAS COLÔNIAS- CIDADES.....	30
1.6 CAXIAS DO SUL O CAMPO DOS BUGRES .....	32
1.7 OS INDÍGENAS NA HISTORIOGRAFIA DE BENTO GONÇALVES .....	36
1.8 O CONTATO DOS IMIGRANTES EUROPEUS COM OS INDÍGENAS DA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL .....	37
1.9 QUEM SÃO OS POVOS KAINGANG? E O QUE ACONTECEU COM OS KAINGANG? .....	39
1.10 A MATA, NA VISÃO DOS POVOS KAINGANG.....	41
1.11 NOÇÃO DE SAÚDE E DOENÇA: COMO A COSMOLOGIA KAINGANG COMPREENDE AS VISÕES DE CORPO, SAÚDE E DOENÇA? ....	42
1.12 O PROCESSO DE CURA/QUEM PODE CURAR?.....	43
1.13 A LÓGICA PREVENTIVA – REMÉDIO OU ALIMENTO / COMO OCORRE O ITINERÁRIO TERAPÊUTICO ENTRE OS KAINGANG? QUAIS INTERFACES COM A BIOMEDICINA (POSTOS DE SAÚDE NA TERRA INDÍGENA)? .....	44
1.14 OS INDÍGENAS ESTÃO “CONGELADOS” NO TEMPO? .....	45
1.15 A OCUPAÇÃO EUROPEIA NO RIO GRANDE DO SUL MAIS ESPECIFICAMENTE NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE DA SERRA GAÚCHA .....	48
1.16 MOTIVAÇÕES PARA TRAZER MAIS EUROPEUS À AMÉRICA.....	49
1.17 VANTAGENS PROMETIDAS AOS IMIGRANTES .....	50
1.18 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE O RIO GRANDE DO SUL .....	50
1.19 SOBRE O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO EUROPEIA .....	52
1.20 INTERESSES DAS ELITES SOBRE O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO EUROPEIA .....	52
1.21 AS FASES DO PROJETO COLONIAL DE IMIGRAÇÃO .....	54
1.22 IMIGRAÇÃO = AGRESSÃO.....	55
1.23 O CONTROLE DA TERRA E AS POPULAÇÕES NEGRAS NO PERÍODO DA ABOLIÇÃO .....	56
1.24 IMIGRAÇÃO PARA A “PURIFICAÇÃO” DO “POVO BRASILEIRO” .....	58
<b>2. CAPÍTULO SEGUNDO: OBSERVAÇÕES INICIAIS SOBRE A ESCRITA E PESQUISA .....</b>	<b>59</b>
2.1 O MEDO BRANCO E O NOVO SISTEMA <i>STATUS</i> ÉTNICO.....	64

2.2	INVISIBILIDADE DO NEGRO BRASILEIRO E BENTOGONÇALVENSE.....	68
2.3	NEGROS QUILOMBOLAS GAÚCHOS SERRANOS.....	72
2.4	AS ESTRADAS DE FERRO, O BATALHÃO FERROVIÁRIO E A HISTÓRIA DA TIA LUÍZA .....	79
2.5	O NEGRO NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO ECONOMICO DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA .....	86
3	CAPÍTULO TERCEIRO: MERCADO DE TRABALHO EM BENTO GONÇALVES E REGIÃO .....	103
3.1	RELIGIOSIDADE AFRO BRASILEIRA EM BENTO GONÇALVES.....	108
3.2	O POVO NEGRO E A CULTURA EM BENTO GONÇALVES.....	111
3.3	JOGADORES DE FUTEBOL NEGROS EM BENTO GONÇALVES .....	125
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
	REFERÊNCIAS .....	133
	ANEXOS .....	137

## INTRODUÇÃO

O Registro Geral (RG), também conhecido como Carteira de Identidade, é um documento intransferível e essencial a todo brasileiro. Contém informações que garantem a cidadania dos sujeitos, como nome completo, filiação, data de nascimento, naturalidade, foto e assinatura. Ele é emitido por órgãos de segurança do Estado e constitui um direito. Ele é ferramenta simbólica e material para acessar direitos básicos, como a saúde, a educação, a assistência social e a segurança.

Fazendo uma analogia ao registro geral, a pesquisa intitulada “Registro da Cor” é uma pesquisa, mas também é resultado da conquista de um direito: de ser cidadão visível à historiografia e ao direito de memória. E poder deixar para as gerações futuras a nossa história, a nossa visão sobre a história de nós mesmos e daqueles que nos rodeiam. Além disso, direito ao reconhecimento de cada o pedaço de chão que foi pessoalmente construído por nossos antepassados e por nós mesmos pessoas “de cor” A questão é que apesar do preconceito no Brasil ser em grande medida de marca, ou seja, insígnia, cor, não é a cor sozinha que é o problema é o que ela anuncia, outra coisa, a nossa raça, ou a nossa racialização (lembrando que essa racialização foi formada historicamente pela população europeia). Se nos apegarmos somente a cor marrom de nossas peles, o debate sobre negro (pardo + pretos) no Brasil fica difícil exatamente pela mestiçagem, porque aí temos uma gradação imensa. De que cor definir nossa raça? É o grupo racializado que importa ou a cor/raça do sujeito – ou seja, o sujeito como parte de um coletivo identificado por traços fenotípicos que o naturaliza e o cristaliza pela definição de raça. Digamos que a cor é um dos elementos que anuncia a raça, mas não é o único. “Ou seja, os fenótipos seriam uma espécie de matéria-prima física e ganham sentido social apenas por meio de crenças, valores e atitudes” (Guimarães, 2009, p. 24). Por exemplo, Negro não é cor, é grupo racial, uma categoria política, que tem sua materialidade nos índices sociais.

É importante o livro “Racismo e Antirracismo no Brasil” do Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. Para Sérgio Guimarães “cor” foi substituído por “raça”. Esse processo na sociologia foi realizado por Donald Pierson. Ele associava 'cor' e 'posição social', o que é legítimo, como se grupos de pessoas com a mesma cor pertencessem a uma ordem de classe. Para Pierson, os grupos de cor seriam grupos abertos, diferentes das castas ou dos grupos raciais, e neles faltaria uma consciência coletiva ou o uso de identidades raciais na vida social e política. Isso sugere que, no Brasil, não haveria grupos raciais, mas sim grupos de cor, ou um preconceito de cor, ao invés de uma discriminação racial mais rígida ou outras formas mais duras de exclusão. A ideia é que o preconceito de cor está associado mais a classe social do que a própria dinâmica de um

sistema estruturado pela raça. Essa ideia guarda a crença na democracia racial, em que os preconceitos pudessem ser eliminados a partir da modernização do país e da ascensão dos negros.

Aqui neste trabalho utilizamos pessoas “de cor” ou registro “da cor” como categoria nativa, ou seja, usada e significada por nossos interlocutores da pesquisa, de acordo com as compreensões na área da antropologia. As pessoas ainda podem se perguntar “de que cor?” O branco também é uma cor. Há na história da sociologia “grupos de cor”. Pessoa “de cor” é um termo colonialista, como tantos outros que ainda são mantidos, principalmente por gerações mais antigas, mas diferente de “negro” ou “indígena” etc., este termo, mesmo desconstruído pelo movimento negro do eixo central brasileiro, ainda se faz presente na fala e na expressão das memórias de populações residentes no interior do Brasil, sobretudo na região sul. Na região serrana gaúcha, onde esse movimento negro do eixo ainda não chegou, existe uma geração de pessoas negras que a escutaram e também reformularam para si mesmas o significado de pessoas “de cor”. Para muitos leitores a utilização desse termo pode parecer um erro de retrocesso político, no sentido dele ser um eufemismo, de servir para dissimular o racismo. Mas também é importante dizer que no interior de um Brasil chamado de “pedaço da Europa” esse eufemismo foi utilizado para discriminar. Para Pierson, os grupos de cor seriam grupos abertos, diferentes das castas ou dos grupos raciais, e neles faltaria uma consciência coletiva ou o uso de identidades raciais na vida social e política. Isso sugere que, no Brasil, não haveria grupos raciais, mas sim grupos de cor, ou um preconceito de cor, ao invés de uma discriminação racial mais rígida ou outras formas mais duras de exclusão. As populações negras e também foi ressignificada por elas. É um termo utilizado não apenas para ampliar a identificação e pertencimento das pessoas com o que escrevemos.

Por isso dizemos que o Registro da Cor é um direito conquistado por estas pessoas. Fruto do movimento de pessoas negras desse tempo e também de tempos passados. Nos referimos ao direito de sermos lembrados a partir da nossa ótica e em todos os lugares que colocamos nossas mãos, trabalho e vidas. Direito a historiografia negra e cabocla seja na Serra Gaúcha, mais especificamente, a em Bento Gonçalves (BG) ou em qualquer canto do Brasil.

Este registro, sonhado e idealizado por entidades e pessoas negras em movimento em Bento Gonçalves, ganha vida através deste pesquisador: bento-gonçalvense, negro, caboclo, pardo, herdeiro de ancestrais indígenas, europeus e afro-brasileiros. Desde a infância, carrego o mesmo sentimento que ecoa nos relatos aqui compartilhados: o da invisibilidade na historiografia da cidade e a ausência de reconhecimento pelo trabalho de meus antepassados “de cor”.

Assim como o RG, o Registro da Cor é um direito que deve nos acompanhar a vida toda. Esse direito, é o direito do cuidado e do resguardo da memória, da história e, nesse caso, da história que nos interessa, aqui apresentada na forma física (escrita), mas resgatada principalmente pela oralidade. Ele é um trabalho onde o tema central é a história dos cidadãos negros e negras da cidade de Bento Gonçalves e região. Nosso esforço vai desde reunir informações como o nome, a filiação, a data que chegaram no município, mas principalmente a história, as memórias sobre nossos antepassados e também nossa visão sobre a história da cidade.

O recorte temporal deste trabalho é um tanto longo. O leitor irá encontrar fontes do início do século XX ao início do século XXI organizadas junto com as memórias resgatadas. Isso se deve pela dificuldade na atividade de organizar e relacionar diferentes fontes para tratar de uma narrativa nova sobre uma população esquecida em Bento Gonçalves.

Essa pesquisa é resultado apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de História, da Universidade Federal de Santa Catarina. Uma pesquisa que se iniciou em 2019, quando em trabalho nas visitas guiadas de turmas do ensino médio e fundamental ao Museu do Imigrante, na cidade de Bento Gonçalves, percebemos a presença simbólica de todos os imigrantes, menos do negro e caboclo. De lá para cá, realizamos exposições de fontes do povo negro bentogonçalvense (2021) que chamou a atenção de mais colaboradores dessa pesquisa. A Sociedade 20 de Novembro e a o Movimento Negro Raízes são parceiras e idealizadoras deste trabalho.

Inicialmente achamos que era importante também marcar a forma como a população branca superestimou seu legado, de forma consciente ou não, descartando a história de nosso trabalho e das nossas vidas para tratar do município de Bento Gonçalves, para assim perpetuar uma narrativa que denota uma espécie de “heroísmo civilizatório”. Como exemplo, entendemos pistas dessa narrativa podem ser encontradas na história da primeira Fenavinho lançada em 1967; porém, para além disso, as memórias dos próprios imigrantes e bibliografias mais difundidas (Pesavento 1988, Machado 1999) mostram que políticas estatais e os conhecimentos das pessoas “de cor” foram essenciais para a sua sobrevivência, nestas terras.

Porém é ainda mais urgente darmos visibilidade a histórias que ainda precisam ser contadas. A escolha dessa temática não estava prevista no início da pesquisa para o TCC, porém, ao compreender a relevância da visibilidade à temáticas desta natureza, a escolha da historicidade da população negra de Bento Gonçalves colabora para a legitimidade das ciências humanas, dos investimentos nas políticas estatais na educação pública, na cultura que veja através de uma historiografia mais atualizada a necessidade de reparação aos grupos

racionalmente explorados, enquanto essenciais para uma sociedade mais justa e democrática.

Desejamos que esse trabalho seja um documento importante que apresente Bento Gonçalves com a história das vitórias, alegrias e também feridas da nossa população negra. Para além disso, que ele seja muito em breve dispensável e que tenha provocado mais possibilidades de pesquisas a partir das nossas mãos e do nosso olhar, da história do nosso povo bento-gonçalvense negro, caboclo, “de cor”.

Sabemos, pois, das limitações deste trabalho. Um dos principais motivos, seria pela análise de vários aspectos historiográficos que acabam sendo excluídos ou minimamente citados, dada a complexidade do tema e as limitações na formatação de pesquisas desta natureza, enquanto trabalho de conclusão de curso de graduação. E por isso não há uma pretensão de analisar com profundidade o expressivo número de fontes que encontramos sem nenhum tratamento científico anterior e pela disparidade histórica que nosso povo tem em ter acesso a esse tipo de estudo, em relação às demais populações brasileiras. Mas sabemos que, ao pelo menos citar a existência dessas fontes, e de nos reportar a aspectos principais para se estruturar esta pesquisa, podemos instigar novas pesquisas, que sobressaiam em outros aspectos, narrativas, contrapontos e aprofundamentos. Um relato da “verdade” também não é o nosso intuito, já que a história é um fator limitante para compreensão da complexidade e pluralidade da existência humana. Queremos, sobretudo, apresentar o resultado de um esforço incansável em reunir fontes que tratem do tema, principalmente a partir da narrativa das populações negras, resgatando histórias que ainda não foram contadas, destacando sua importância cultural e histórica, além de evidenciar o protagonismo das populações negras na cidade, contribuindo para o reconhecimento das trajetórias e das vozes negras locais.

Embora a cidade seja amplamente reconhecida por sua herança italiana, o grupo racial negro (pretos e pardos), que constitui quase 20% da população (IBGE 2023), tem uma história de contribuição significativa desde o início do século XX, especialmente, mas não apenas, na construção das ferrovias, tão importantes para o escoamento da produção agrícola da região serrana. Por isso, propomos um resgate dessa presença invisibilizada, a partir da reunião destas fontes tentamos principalmente organizá-las. Sabemos da falta de argumentações mais profundas sobre nossos referenciais metodológicos e também de mergulhos mais longos nas próprias fontes aqui agrupadas, mas como já dissemos esse é o início e a prova de que este tipo de estudo pode ser realizado em qualquer lugar do Brasil, inclusive nos lugares supostamente entendidos como “pedaços da Europa no Brasil”.

Nossa pesquisa parte de perguntas já realizadas por nós em uma exposição no Museu do Imigrante: Existiria uma Bento Gonçalves sem a história da população negra e cabocla? A

cidade existe apenas como resultado do trabalho italiano ou europeu? Existe material que provoque uma reflexão mais diversa a respeito da história da cidade e da população bentogonçalvense?

O tema é relevante por conta do seu conteúdo inédito para a historiografia local. Uma história com foco na população negra de Bento Gonçalves, sendo assim mais diversa, a partir da visão daqueles que foram colonizados, para além da versão do colonizador ou do colono. Esse tipo de história é pautada na historiografia desde a metade do século passado, mas pouco ou não encontramos nos livros de autores locais. Além disso, esta publicação colabora com a construção de uma cidade que abraça sua diversidade, não apenas nos momentos que necessita de novos trabalhadores braçais, mas também no que diz respeito à garantia de direitos. Bento Gonçalves já foi destaque na mídia nacional pelos inúmeros casos absurdos de racismo e trabalho análogo à escravidão de pessoas negras e desejamos que com esse trabalho haja uma visão e atitudes diferentes por parte do governo do município sobre a questão das relações étnico-raciais.

O objetivo geral desta pesquisa é de resguardar, mesmo que de forma introdutória, a história da população negra de Bento Gonçalves, anteriormente negligenciada nos arquivos oficiais de governos da cidade e na historiografia mais clássicas sobre o município e a região. Além disso, outro propósito deste livro é ter uma visão da história de Bento Gonçalves que parta, da população originária desta terra e não da Itália, como muitos autores realizam. Nosso ponto de partida são as populações indígenas expulsas do território que hoje é Bento Gonçalves, tratando o imigrante italiano como mais um que chega e se instala, não apenas por mérito do seu trabalho, mas através de uma política governamental de assentamento de europeus, que mesmo muito benéfica para estes significou violência para as populações que ocupavam a região da encosta superior nordeste do estado gaúcho.

José D' Assunção Barros (2019) nos ensina a utilizar fontes que falam das populações negras bento-gonçalenses, mas também fontes que não falam sobre nós. Isso porque mesmo sem grandes esforços de nos incluirmos na história estamos nela mesmo assim, por acaso, por resistência, por pirraça, por descuido daqueles que nos querem silenciados, por estarmos vivendo e trabalhando na construção da cidade. Aqui reunimos fontes textuais, fotográficas, de imprensa e também memórias orais, extraindo aquilo que elas “falam”, mas também aquilo que elas “não falam”. O “não falar” foi considerado um dado importante a ser problematizado e o provar que isso só é possível por falta de política ao invés de falta de evidências ou fontes foi nosso principal objetivo.

As fontes são registros ou vestígios que o ser humano foi capaz de produzir no mundo

social, nas relações entre si, ou no mundo natural, no contato dele com a natureza. A palavra ‘registro’ ainda pode indicar que essa fonte é intencional, que foi deixada pelas sociedades passadas com algum objetivo específico de informar. Enquanto a palavra vestígio complementa a primeira por não deixar de fora o aspecto não voluntário de textos e também de outros tipos de fontes, como artefatos, desenhos, alterações geográficas, gestos, memórias e etc. As fontes constituem o aparelho, ou a máquina na qual os historiadores utilizam para vislumbrar o passado de diversas sociedades, mas não apenas isso.

Elas passaram a ser mais diversas no século XX e a contar com o diálogo e intercuro de outras disciplinas como a Geografia, a Linguística e a Psicologia, relacionando as fontes escritas mais tradicionais, como crônicas e os habituais registros arquivísticos a outros indicativos do passado como a paisagem, a palavra e o gesto. Essa mudança que vem desde o século passado foi acompanhada pela diferença, um tanto sutil, de que o historiador deveria utilizar suas fontes para “demonstrar” tudo que afirma e não mais “provar” aquilo que comunica. Isso faz com que a História deixe de ser limitada ao factual em benefício de uma nova historiografia que elabora interpretações demonstráveis e bem fundamentadas sobre os processos históricos, propondo hipóteses e promovendo análises, preocupada também em problematizar (BARROS, p.5-14 2019).

A problematização temática surge do olhar do historiador, que indaga questões demandadas pelo seu período histórico. Do seu tempo presente aos vestígios de épocas passadas é que se realiza a operação que pode resultar em um trabalho histórico. Nesse sentido, nas palavras de Reinhart Koselleck, as fontes constituem um “passado-presente”, uma lente da qual podemos observar o passado, mas também nós mesmos. Elas não são apenas o ponto de partida ou chegada, elas são perfeitas portais de encontro entre duas épocas que se tocam a partir de um problema de pesquisa, é nesse encontro da Fonte com o Problema, do passado com o presente, que tudo começa. Na poética da palavra “fonte”, ela pode dar referência ao mesmo “fluir”, das fontes dos rios, mas também à ideia de princípio, como “fonte de energia” ou “fonte da vida”. Porém ela por si só, não nos leva ao saber histórico sem uma pergunta precisa (BARROS, p.15-17, 2019).

Como dissemos, vamos utilizar muitos tipos de registro deixados, tanto os mais tradicionais e dito “oficiais”, como também de métodos mais inovadores, entre eles o da história oral. A fonte oral não é encontrada, ela é construída numa relação de dialética entre o historiador e a pessoa que está narrando. Nesse sentido, a relação que o pesquisador tem com o seu objeto de estudo é totalmente outra, pois a partir da escuta atenta e respeitosa dos seus entrevistados a sua pesquisa pode e deve tomar outros rumos, onde a “agenda do historiador deve corresponder

à agenda do narrador” (PORTELLI, 2016, p.10).

A história oral mais do que uma ferramenta é um modelo de trabalho que envolve questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo, que devem moldar a arte da escuta. Uma escuta que deve estar atenta não apenas ao episódio, mas ao lugar e ao significado que o evento tem na vida dos narradores. Nesse sentido, tentamos entender o que significa e o que poderia representar, para os entrevistados, falar da sua história numa cidade que os negligenciou por tanto tempo.

Nossa suspeita é que mesmo com indiferença da maior parte do município com a nossa influência e história na formação de Bento Gonçalves, as populações negras têm um legado grandioso, na vida social, cultural e econômica da cidade. Além disso, consideramos totalmente possível contar essa história e refletir sobre uma narrativa mais acolhedora aos povos nativos desta terra e também dos imigrantes não-europeus que a cultivaram.

Este trabalho está dividido em dois grandes capítulos. Dentro destes existem outras subdivisões que vão orientar a sua leitura. O primeiro capítulo, é onde realizamos um resgate histórico da ocupação da serra gaúcha, região conhecida como Encosta Superior Nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Escrevemos sobre a geografia da região serrana e também da caracterização atual dela. Além disso, visitamos o trabalho acadêmico de Sandor Fernando Bringmann que trabalha especialmente o modo como a Frente de Expansão avançou sobre a região serrana do Rio Grande do Sul, área onde povos tradicionais indígenas ocupavam antes deste avanço de colonização, da qual principalmente os italianos e alemães participaram, e asseguraram o território aos interesses econômicos do império luso-brasileiro.

O conceito de frentes de expansão utilizadas no trabalho de Bringmann é de Roberto Cardoso de Oliveira e corresponde às frentes agrícolas e pastoris que avançam sobre territórios ocupados por indígenas. Ainda nesta parte, faremos uma breve reflexão sobre alguns trabalhos clássicos da história da imigração italiana no estado gaúcho, problematizando a representação da população negra, cabocla e indígena nestas publicações e contrapondo estas pesquisas com o a apresentação do modo como as populações Kaingang entendem a saúde, demonstrando assim a sua visão de mundo. Este capítulo foi finalizado com o resgate da história de ocupação europeia, em especial a italiana, no Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo, encontra-se uma reunião de fontes das populações negras de maior fôlego. Apresentaremos os registros da população negra e cabocla de Bento Gonçalves em paralelo a uma análise do livro de Lucas Caregnato sobre a história da população negra caxiense. Além disso, faremos uma reflexão sobre a invisibilidade do negro brasileiro e do bentogonçalvense na historiografia. Nossa abordagem sobre as fontes irá destacar a formação

de quilombos, a participação do povo negro no desenvolvimento econômico de Bento Gonçalves, a influência do batalhão ferroviário e a memória sobre pessoas negras de destaque na cidade, além de, mercado de trabalho em que nos inserimos, religiosidade, cultura e futebol bento-gonçalvense.

Nossas limitações na realização deste trabalho são obviamente históricas. As populações negras foram cerceadas de diversos direitos, entre eles o de resguardar a sua história e praticar suas tradições. Por muitos anos, mesmo depois da abolição, o estigma sobre nossas práticas, sejam religiosas ou culturais, foram soterrando a honra e a dignidade da maioria da população negra e cabocla brasileira. Mesmo hoje quando conseguimos nos expressar culturalmente fazemos muitas vezes sobre a proteção de algum poderio ou com a presença das pessoas brancas que, em grande medida, tiram nosso protagonismo. Nesse sentido, sentimos o peso deste trabalho e sabemos que ele não tem seu fim nesta escrita, pois mesmo com toda a árdua tarefa de pesquisa e escuta que tivemos, sabemos que existem muitas memórias, muitos registros, vestígios e protagonismos que podem e devem fazer parte dessa história. Encontramos um número restrito de referências bibliográficas, por outro lado, a falta de estudos sobre nosso povo, nos colocou diante da necessidade de articular inúmeros registros de diversos tipos, por isso pedimos a paciência do leitor, pois as análises aqui são ainda iniciais.

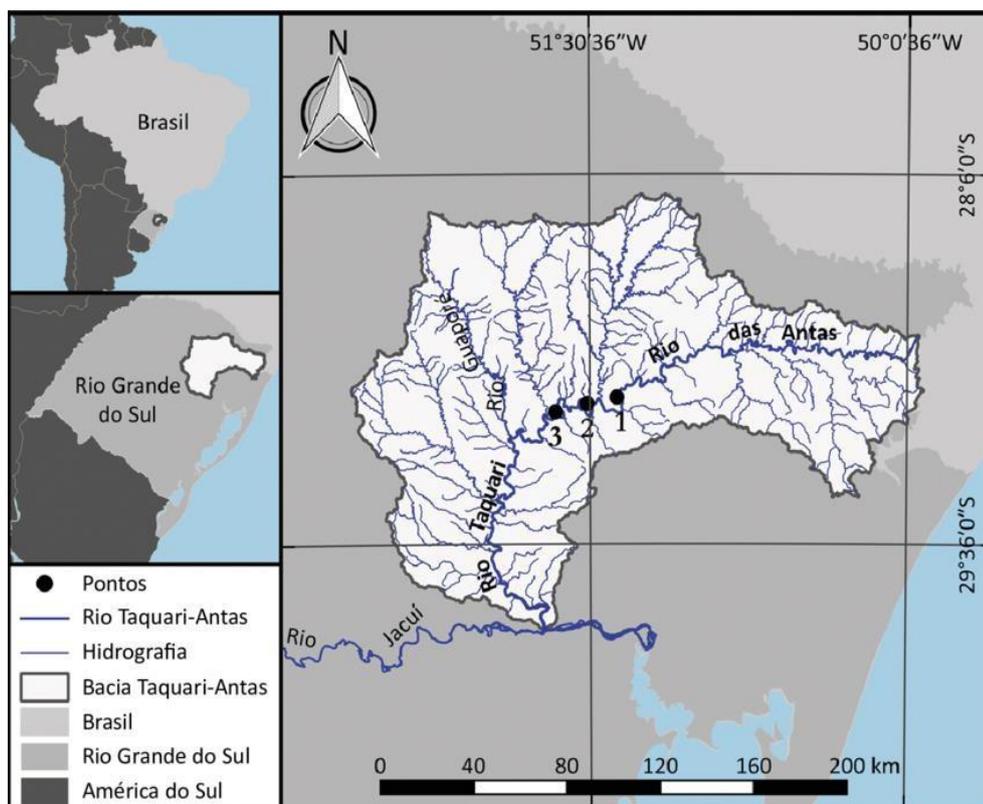
As referências para a realização desta escrita são as pessoas, sujeitos-objetos do estudo. Isso significa que além de serem estudadas, são também as próprias propulsoras dessa pesquisa, que orientam aquilo que deve ser dito. Além disso, visitaremos pesquisas locais da história sobre a população negra regional escrita por mãos e olhar negro. Isso é obviamente uma escolha política, e a realizamos com o respeito aos demais autores do tema, mas também entendendo a importância desse protagonismo.

O registro que entregamos a vocês trará benefícios significativos para o desenvolvimento cultural de Bento Gonçalves, ao enriquecer a compreensão sobre a diversidade étnica da sua população e também fortalecer o reconhecimento da população negra na história local. Ele certamente é um marco, apesar das suas limitações, pois está reunindo e tornando palpáveis memórias esparsas. Aqui está concatenado uma série de informações, vozes, materiais jornalísticos, fotografia e etc., que estavam espalhados e correndo o risco de continuarem perdidos na história de Bento Gonçalves. Uma visão nova sobre a historiografia que privilegia apenas a história dos colonos, hoje narra a partir da visão de vários que foram colonizados. Boa leitura.

## 1. CAPÍTULO PRIMEIRO: GEOGRAFIA E HISTÓRIA DE BENTO GONÇALVES

Bento Gonçalves, outrora denominada colônia Dona Isabel, encontra-se junto ao Rio das Antas, um dos afluentes superiores do Rio Taquari que vai até a capital do estado, Porto Alegre (PARIS, 1999, p.37).

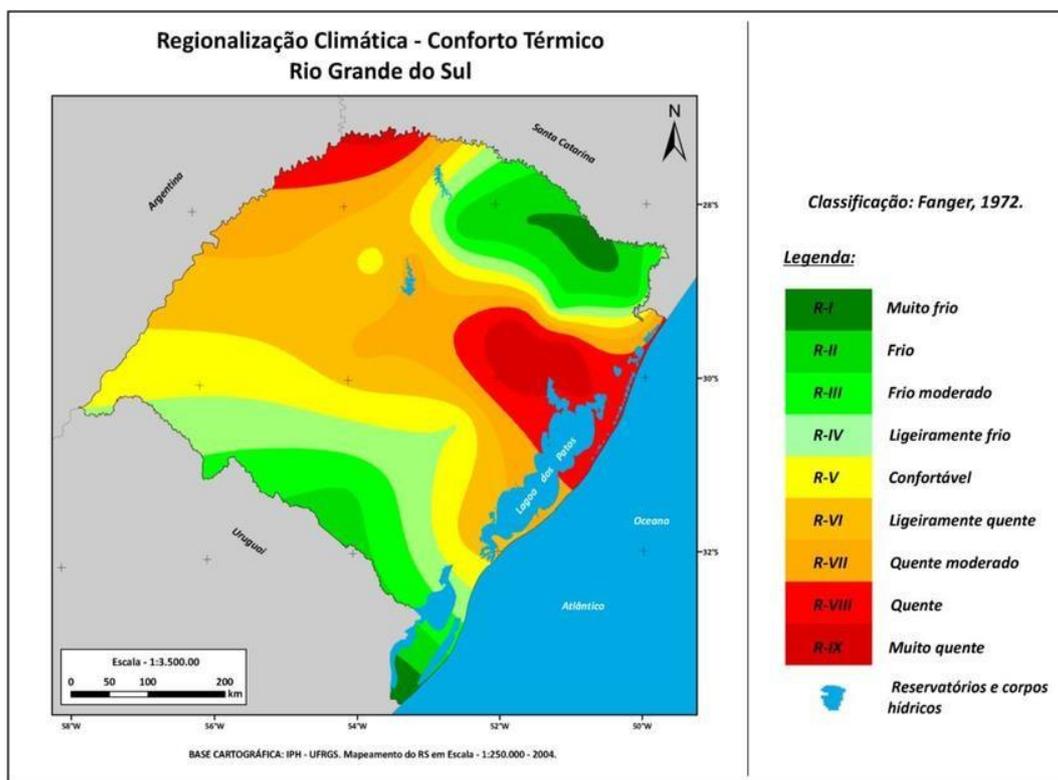
**Figura 01: Bacia do Rio das Antas**



Fonte: Researchgate: Figura disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-bacia-do-rio-Taquari-Antas\\_fig1\\_322260994](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-bacia-do-rio-Taquari-Antas_fig1_322260994)> Último acesso em: 02 de dezembro de 2024

O Rio das Antas atravessa boa parte da extensão do município de Bento Gonçalves, assim como do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A cidade também é banhada por vários afluentes que levam suas águas até o Rio das Antas, assim como demonstra a Figura 1. O rio passa também pela cidade de Santa Bárbara e deságua no Rio Taquari, o qual, por sua vez, contorna a cidade de Taquari, chega em Triunfo e deságua no Rio Jacuí, concluindo o seu curso na Lagoa do Guaíba em Porto Alegre. Bento Gonçalves está a uma altitude de 770 metros do nível do mar, o frio se faz presente, com possibilidades de neve nos meses de setembro e outubro e sua temperatura é mais estável que na planície (PARIS, 1999, p.37).

**Figura 02: Mapa Climático do Rio Grande do Sul**



Fonte: Researchgate: Mapa disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-5-Mapa-da-regionalizacao-climatica-do-Rio-Grande-do-Sul-com-base-no-zoneamento-do\\_fig5\\_304199141](https://www.researchgate.net/figure/Figura-5-Mapa-da-regionalizacao-climatica-do-Rio-Grande-do-Sul-com-base-no-zoneamento-do_fig5_304199141)> Último acesso em 02 de dezembro de 2024

A cidade fica no nordeste do estado gaúcho próxima da segunda cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul. Essa região apresenta um solo riquíssimo, o qual produz em abundância o milho, a cevada, o centeio, a aveia, o algodão e praticamente todos os produtos agrícolas da zona tropical (PARIS, 1999, p.37)

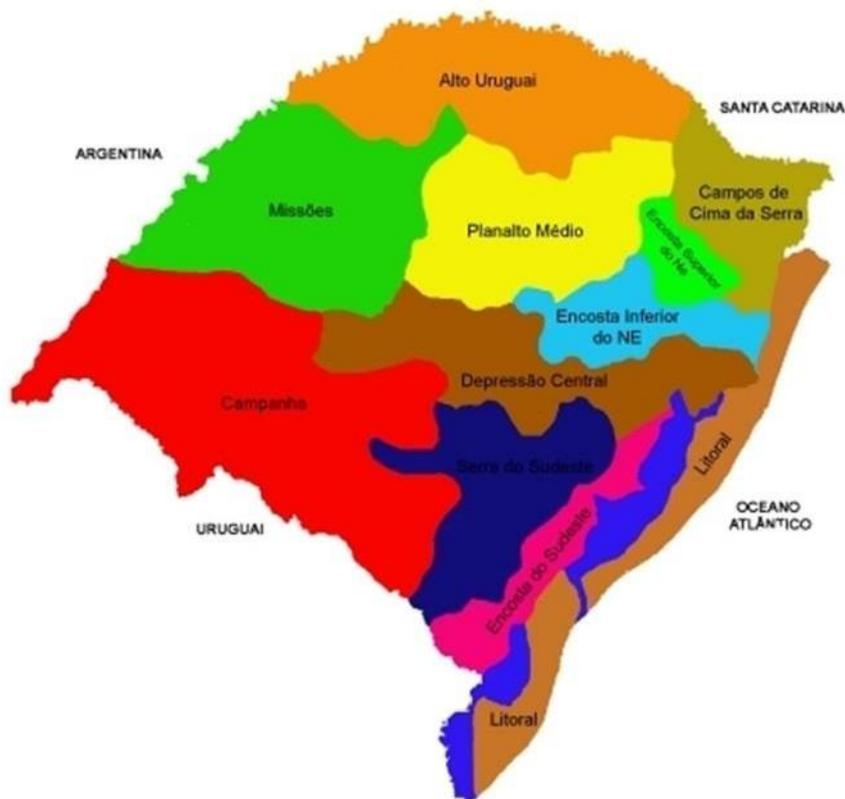
**Figura 03: Mapa das regiões do Rio Grande do Sul**



Fonte: Researchgate

A cidade pode ser localizada dentro do mapa fisiológico do Rio Grande do Sul na região da Encosta Superior Nordeste. Esse mapa indica as condições geográficas como o relevo, a hidrografia e a vegetação se cruzam com fatores fisiológicos que podem afetar os seres humanos ou outros organismos, como qualidade do ar, níveis de radiação e prevalência de doenças. A Encosta Superior Nordeste é formada pelos municípios de: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Guaporé, Flores da Cunha, Nova Prata, Farroupilha e Garibaldi. É uma área que, junto da região de Campos de Cima da Serra divide a região metropolitana de Porto Alegre e o estado de Santa Catarina. Além disso, ela é vizinha da subdivisão do Planalto Médio, onde também encontramos referências às atividades civilizatórias indígenas.

**Figura 04: Mapa Fioográfico do Rio Grande do Sul**



Fonte: Corals UFSM: Mapa disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/ifcrs/fisiografia.htm#planalto>> Último acesso em 02 de dezembro de 20124

O relevo é montanhoso. A região é recortada profundamente por rios que formam vales estreitos. As altitudes variam de 300 a 600 metros nos vales e até 800 metros nos limites com o planalto. A vegetação desta região se mostra é transitória entre florestas densas e pinhais. Nas partes inferiores, essa floresta densa predomina, passando para florestas mistas com pinhais nas partes mais elevadas. Esse mapa que apresentamos será importante para entendermos por onde ocorria a circulação dos povos indígenas e como foi estabelecido o plano imperial de ocupação colonial, o qual seguiu durante a República.

### **1.1 A CARACTERIZAÇÃO DA SERRA GAÚCHA**

A Serra Gaúcha hoje é conhecida como zona de colonização italiana, e os descendentes dos imigrantes que ocuparam a região acionam, constantemente, através de alguns sinais característicos, a identidade que construíram para si e que está ligada ao seu local de origem. Antes da ocupação italiana sobre a Encosta Superior Nordeste do estado gaúcho, outros povos se organizavam socialmente ali, consolidando uma forma de produzir a vida, relacionar-se

socialmente e organizar o espaço, diferente da europeia. Os indícios mais remotos de presença humana se identificam pelos povos Guaranis, bem como os Kaigangs, Xoklengs, e Pampeanos, sendo estes últimos chamados de Charrua<sup>1</sup>.

Eram estes os que habitavam o território que hoje é caracterizado como um espaço dos ítalo-brasileiros. As instituições locais têm grande preocupação em promover situações que exaltam a “cultura italiana”. O “impulso” ao trabalho, a valorização da família e da fé católica, assim como o empreendedorismo, são elementos culturais constantemente lembrados como algo herdado pela ligação sanguínea com o país de origem, que foi unificado apenas quatro anos antes da chegada em massa dos italianos. O pertencimento à italianidade é expresso de diferentes formas. A importância da manutenção das fronteiras sociais é exercida com a diferenciação de quem é considerado “de fora” do município, “de fora” do território “Serra Gaúcha”, ou de fora da etnicidade europeia. Essa diferenciação é praticada como forma de preservação da italianidade. Outro elemento simbólico representativo desta “identidade de origem” está atrelado ao cultivo e aos festejos relacionados à produção de uva e do vinho, os quais ocorrem atualmente de dois em dois anos na cidade de Bento Gonçalves, como a “Fenavinho” ou então, anualmente, como a “Festa da Vindima” (KANAAN, 2009, p.02).

## 1.2 OS EUROPEUS NAS AMÉRICAS

A chegada dos europeus nas Américas se deu a partir século XVI em diante. Isso representou, para a diversidade de povos que aqui já habitavam, o início de um enorme desmantelamento cultural e social, culminando em genocídio e outras violências correlatas, tornando-se, um dos maiores crimes contra a humanidade que se tem registro Este extermínio humano não se deu somente pela violência física ou por trabalhos forçados, os quais, em muitas ocasiões terminavam com a morte do escravizado. Essa agressão ocorreu também pela constante retirada de autonomia dos povos originários para compreender e vivenciar suas experiências de vida a partir de suas cosmopercepções milenares. A instabilidade territorial e a imposição de elementos culturais ocidentais foram algumas das maiores propulsoras da morte em massa dos grupos nativos. A chegada dos europeus trouxe também inúmeras doenças como a rubéola, a varíola, e o sarampo. Estas foram usadas, inclusive, como armas biológicas no

---

<sup>1</sup> Guilherme M. Brandalise (p.17, 2019) indica isso através da pesquisa de outros autores que trabalham com a história indígena nos campos de cima da Serra, para saber mais busque a pesquisa de SILVA, A. F.; BARCELOS, Artur. H. F. A “Terra de Ninguém”: Índios e Bugres nos Campos de Cima da Serra. In: Tau Golin; Nelson Boeira. (Org.). História Geral do Rio Grande do Sul - Povos Indígenas. 1ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, v. 5, p. 63-80.

extermínio de comunidades indígenas inteiras. Os indígenas, desprovidos de imunidade contra as enfermidades europeias, contraíam as doenças e morriam rapidamente, vítimas de verdadeiras pandemias.

Na área que abrange o Rio Grande do Sul, os primeiros impactos da chegada europeia foram inicialmente sentidos pela presença e atuação de bandeirantes paulistas que seguiam caminhos já conhecidos, em busca, principalmente de aldeamentos dirigidos por jesuítas para aprisionar e vender indígenas como escravos. No século XVII, os bandeirantes encontraram e atacaram vários grupos indígenas do planalto, denominados Caáguas, Guayanáses e Ibiraiáras<sup>2</sup>. Em Vacarias dos Pinhais nos campos de cima da Serra, que faz divisa com o norte da Encosta Superior Nordeste, foi uma área impactada pela criação de gado, sendo que, nessa área também viviam grupos de Kaingangs e Xokleng, que constituíam uma coletividade diferente entre si<sup>3</sup>.

Ainda que toda essa ruína tenha chegado para muitos povos indígenas, os mesmos agiram a partir da sua visão de mundo e com o contexto que lhes era possível. Disputando o território com os colonos, com o império português e entre si, para estabelecer melhores condições de sobrevivência. Para entender esse período numa perspectiva de agência das populações indígenas sugerimos o conceito de “fronteira tripartida” de Eduardo Neumann que analisa a disputa do território na fronteira sul do país entre o império português e espanhol, considerando os indígenas como atores fundamentais dessa história<sup>4</sup>.

### 1.3 INDÍGENAS NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE

Com o passar do tempo e no desenrolar do processo de urbanização e miscigenação (violenta ou não), nas colônias, que viraram cidades e nos distritos destas, que também passaram a essa atribuição, os descendentes das populações indígenas, caboclas e negras foram se distanciando cada vez mais de suas ancestralidades e se aproximando do projeto de embraquecimento, ao ponto de muitas vezes já não reconhecerem, não saberem e nem suspeitarem dessa ligação. As elites tinham receio de que o Brasil se tornasse uma espécie de “império negro” (PARIS, 1999, p.22), e, assim, os mecanismos racistas que procuravam gerir

---

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a atuação dos bandeirantes e líderes indígenas no contexto de colonização europeia do rio grande do sul, busque a pesquisa de Guilherme Maffei Brandalise, Eles se vangloriam de ser índios, e com esse nome querem ser chamados: indígenas, capuchinhos e as colônias italianas no nordeste do Rio Grande do Sul (1895-1918)

<sup>3</sup> Para saber mais sobre os impactos da criação de Gado na estrutura de vida dos indígenas nos campos de cima da serra há o livro de Lauro Pereira da Cunha, intitulado “Índios Botocudos nos campos de cima da Serra (RS)”. CUNHA, Lauro Pereira da. Índios Botocudos nos campos de cima da Serra. Evangraf, Porto Alegre 2017

<sup>4</sup> Brandalise 2019 também sugere esse autor em sua pesquisa, para saber mais procure o texto de Brandalise 2019 ou dos autores citados.

a supremacia branca e os seus privilégios, como a intenção de diminuir a autonomia dos territórios indígenas e remanescentes de quilombos, foram elementos que impulsionaram o assentamento de novos europeus no século XIX. Essa falsa “ausência” do indígena na formação social do nosso estado é ainda mais reforçada na formação da identidade “gaúcha”. A construção da identidade do “gaúcho”, nutrida por uma historiografia, muito mais excludente do que unificadora de experiências da população riograndense, também marginalizou o indígena, assim como o negro. A figura do “gaúcho” ficou atrelada a ideias como a lealdade, à honra à virilidade e bravura, uma espécie de “herói” que lutava contra as “forças da natureza”. Alguns autores (MANFROI, 1975) associaram, após um século da imigração italiana, que o “[...] Gaúcho, de hoje, não é mais o Gaúcho de ontem, graças à ação e influência do imigrante [...]” (MANFROI 1975, p.15), e o mesmo ocorre com o imigrante, mostrando que os dois tipos sociais tiveram suas relações de troca cultural e contribuição social mútua. O indígena e o negro sequer são citados nesse jogo de influência.

O indígena por muito tempo foi o inimigo da civilização, o temor daqueles que queriam se estabelecer no território que tradicionalmente circulavam (BRINGMANN, 2010); o negro era um impecilho por conta da sua moral, uma “praga” que não tinha e teve local de origem neste continente, contudo se espalhava nele por conta da necessidade que o projeto tinha em dispor do seu trabalho. Os dois excluídos dos registros e também da formação da identidade social da população gaúcha, pouco ou nunca foram reconhecidos no plano de constituição dos municípios e reagiram ao projeto colonial de supremacia branca a partir das condições históricas que dispunham.

As populações indígenas da região serrana reagiram de diferentes formas ao contexto da política estatal de assentamento europeu e de utilização da mão-de-obra indígena escravizada. A “resistência” indígena para o período foi para além do que comumente utilizamos. Podemos pensar que o grande ato de “resistência” dos Kaingangs foi a sua própria existência como indígenas, contrariando religiosos, intelectuais e a sociedade, que de modo geral, mantinha e muitas vezes ainda mantém, a crença de que as culturas indígenas desapareceriam assim que a “civilização” fosse instalada junto com o colono. Com o incentivo do estado brasileiro, a organização espacial dos italianos e alemães sobre o território do Rio Grande do Sul se inicia a partir de 1824, com interesses econômicos e também políticos. Um deles era o de diminuir o poder, a autonomia e o território indígena para instalar a lógica de propriedade privada, privilegiando o colono europeu.

O século XIX marca o começo dessa ocupação no planalto e na serra gaúcha pela frente colonizadora, mas também é um período de grande atuação de lideranças Kaingangs chamadas

de caciques<sup>5</sup>. Nicué (João Grande), Doble e Braga, foram caciques que disputaram o território entre si e também com o império português. O cacique Doble<sup>6</sup> comandava até a metade do século XIX a região do Morro Grande, pertencente ao que hoje conhecemos como o município de Caxias do Sul. Campo dos Bugres era um território quase nos limites meridionais dos territórios Kaingangs em meados do século XIX.

A sul deste território comandado por Doble o cacique Nicué (João Grande) ocupava a área onde a frente colonizadora avançava a partir de 1850. Esse cacique era famoso nas fontes oficiais da província por conta dos seus assaltos, as chamadas “correrias”. Tanto Doble como Nicué eram caciques subordinados de Braga durante um período de colonização. A intenção do império era a de aldeá-los e assim limitar suas atividades de “correria” e de ocupação geográfica do Rio Grande do Sul. Além deles, também é importante ressaltar o protagonismo dos povos Kaingang com um complexidade ainda maior que não cabe em termos de “resistência” ou “colaboração” uma vez que estavam em contato com uma dinâmica que não permitia unificação indígena ou uma visão mais ampla sobre o plano de colonização e supremacia europeia.

Doble, Nicué e Braga organizaram ataques contra os colonos no início da colonização do RS. Essa foi uma situação comum nesse processo, pois os indígenas não aceitaram de bom grado a chegada de novos grupos em seus territórios e organizaram os ataques chamados de “correrias”. Nestes ataques eles conseguiam os recursos para sobrevivência, como ferramentas de metal e mantimentos. Porém, mesmo sem registros documentais que preservem essas informações, historiadores indígenas mostram que nem todo contato com colonizadores foi violento. Muitas vezes, os indígenas só pegavam comida, ferramentas ou observavam as casas sem confronto (BRANDALISE, 2019; LAROQUE, 2000; DORNELES, 2011).

O que importa demonstrar, além de mencionar, é que o espaço da serra era habitado por vários grupos civilizatórios com ideias de divisão geográfica diferentes. A política central do império de constituição nacional introduziu a lógica da divisão de terras pela propriedade privada, privilegiando apenas o imigrante europeu. Mesmo que a grande parte da historiografia local ou da imigração italiana no Rio Grande do Sul, tenha uma narrativa epopeica dessa vinda, de glorificação dos seus, de muito trabalho (não deixa de ser verdade) é inegável que foi o único

---

<sup>5</sup> Para saber mais sobre a atuação dos líderes indígenas nesse contexto de expropriação de terras busque a pesquisa de Guilherme Maffei Brandalise "ELES SE VANGLORIAM DE SER ÍNDIOS, E COM ESSE NOME QUEREM SER CHAMADOS": INDÍGENAS, CAPUCHINHOS E AS COLÔNIAS ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL (1895-1918)

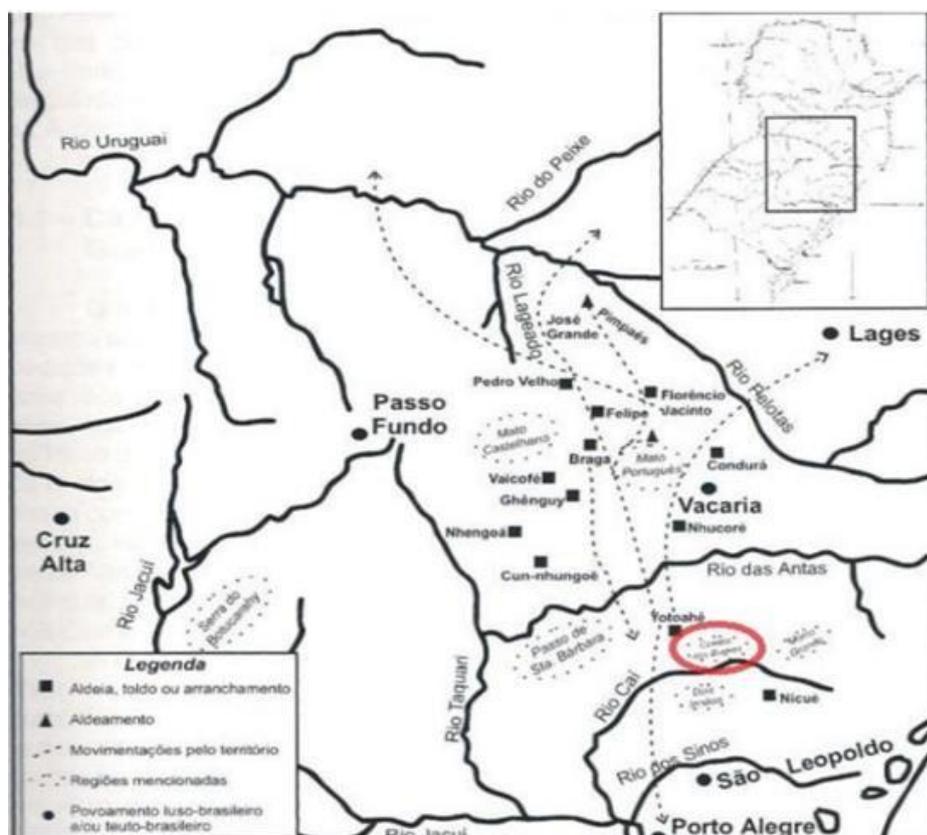
<sup>6</sup> Mais sobre as lideranças indígenas na região da serra, da encosta superior ou dos campos de cima da serra, visitar a pesquisa de Laroque. LAROQUE, Luis Fernando da Silva. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional(1808-1889): uma história que também merece ser contada. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000.

povo (o europeu) a serem assistidos por uma política de assentamento agrícola no território sul que viria se tornar terras brasileiras e não mais dos Kaingangs ou Xoklengs. Além dos assentamentos de imigrantes europeus, os territórios Jês também foram palco de guerras entre estado-nações, revoluções e movimentações de exércitos durante o século XIX.

Alguns destes conflitos, como a Guerra do Paraguai e a Revolução Federalista tiveram influências mais diretas sobre os Coroados do planalto. A região de Lagoa Vermelha, por exemplo, foi palco de diversos conflitos entre maragatos e chimangos, tendo sido sitiada a sede da cidade em 1893. (BRANDALISE, 2019, p.28)

Para demonstrar como era a habitação indígena anterior a esse processo, na encosta superior nordeste da serra, bem como a atuação dos seus líderes, indicamos o mapa da Figura 5, “Mapa da Ocupação Indígena durante a colonização” de Luis Fernando da Silva Laroque, apresentado em sua dissertação de mestrado.

**Figura 05: Mapa da Ocupação indígena durante a colonização**



Fonte: Luis Fernando da Silva Loroque: Disponível em: LAROQUE, Luis Fernando da Silva. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889): uma história que também merece ser contada. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000. Último acesso em 02 de dezembro de 2024.

Entre 1875 e 1914, cerca de 100 mil imigrantes italianos entraram no Rio Grande do

Sul. Desse fluxo, agricultores de diferentes regiões do norte da Itália - vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos - passaram a ser assentados nas terras consideradas “devolutas” na encosta superior nordeste do estado gaúcho, conhecida hoje como Serra Gaúcha. O governo provincial, em meados de 1874, planejou três colônias neste território: Fundos de Nova Palmira, que atualmente é a cidade de Caxias do Sul, era uma colônia administrada de forma exclusiva, Conde D’Eu e Dona Isabel, colônias que eram governadas inicialmente de forma conjunta pela mesma estrutura administrativa. Na figura 13, você encontra a divisão do estado gaúcho com essas divisões fisiográficas, estaremos nos referindo ao Planalto Médio, aos Campos de Cima da Serra e à Encosta Superior Nordeste da Serra.

#### **1.4 A PRESENÇA NEGRA E INDÍGENA NA REGIÃO SERRANA DO RIO GRANDE DO SUL: O QUE AS FONTES (NÃO) CONTAM**

Quando falamos de história indígena e da população negra brasileira, nós transitamos no tempo como quem conta uma história, avançando e recuando. Isso acontece porque utilizamos, entre outras fontes, a história oral, ou seja, usamos os relatos e a memória das pessoas para investigar o passado. É importante enfatizar que as dificuldades ou as particularidades das fontes sobre as populações indígenas e negras em Bento Gonçalves, bem como o apagamento ou o olhar racista de alguns documentos tidos como 'oficiais' (colocando em aspas porque esse termo é muito questionável), não inferiorizam ou inviabilizam a presença e a relevância dessas populações no processo histórico de desenvolvimento da cidade.

Nesta monografia, para estudar a relação dos povos indígenas e da população negra com a cidade de Bento Gonçalves, utilizaremos diversos tipos de fontes de pesquisa. Sobre os povos indígenas, encontramos falas de anciãos e agentes de cura registradas em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) além de outras modalidades de pesquisas já realizadas por pesquisadores sobre a região de Bento Gonçalves nomeada como encosta superior nordeste ou serra. Nossa intenção é demonstrar a partir desses estudos (maioria deles dirigidos por pesquisadores indígenas da Universidade Federal de Santa Catarina) a ideia de saúde para as populações indígenas. Além destas, visitaremos um texto de um álbum de aniversário de imigração italiana de 1975, que trata de um local habitado por indígenas da nossa região na época colonial.

O livro “A Outra Face” de Lucas Caregnato e artigos como “A invisibilidade dos negros na história de Gramado/RS: levantamento preliminar” dos autores Alex Juarez Müller e Raimundo Nonato Wanderley de Souza Cavalcante, são nossas referências bibliográficas mais

diretas sobre a população negra serrana. Das fontes como documentos, textos, fotografias, matérias de jornal, e entre elas estão também o registro das memórias da população negra e, portanto, a oralidade. Essa pesquisa se propôs a ouvir e reunir memórias da população negra contemporânea de Bento Gonçalves. Essa tarefa, nos faz acreditar que este projeto é grandioso em seu objetivo, de ouvir essas memórias e concatená-las com uma série de outras fontes dispersas correndo o risco de serem esquecidas e apagadas. Realizamos uma reunião de fontes a partir do acervo do museu e do arquivo histórico do município de Bento Gonçalves, na sede municipal da cultura afro-brasileira de Bento Gonçalves, com pessoas negras de todas as idades, realizaram um encontro relevante e permeado por valores simbólicos e materiais, com o objetivo no resguardo de memórias<sup>7</sup>.

Trabalhar com a oralidade e a memória pode ser visto com a mesma complexidade e criticidade de uma fonte documental escrita. Para isso, existem métodos a serem seguidos. Diferente do documento escrito, a memória se transforma o tempo todo. O que é dito muitas vezes muda, de acordo com quem está ouvindo. A fluidez interpretativa das memórias expressas por via da oralidade é uma dimensão desse tipo de fonte que é construída a partir do contato entre o historiador e quem narra. Em nosso estudo, realizamos uma entrevista coletiva, onde as memórias de uma pessoa poderiam resgatar a memória das outras e, assim todos ali poderiam compartilhar desse exercício de lembrar. Uma semelhança, se assim podemos dizer, entre a memória e o documento escrito é que existe uma seleção do que é falado e o que não é. Então por que não utilizar esses relatos? Eles são tão diferentes assim de um registro escrito?

A depreciação das tradições orais, que alimentam o que chamamos de fontes orais ou oralidade, frente à supervalorização da escrita, é alvo das críticas tecidas por Amadou Hampaté Bâ. O escritor malinês salienta que *“Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura.”* (HAMPATÉ BÂ, 2010, P. 167). E para enfatizar a relevância das tradições orais, Hampaté Bâ recorre às culturas africanas, sobretudo as dos povos Akan, que valoriza a ligação entre o homem e a palavra, entendendo que o comprometimento dos humanos com as palavras proferidas, confere a fidedignidade das memórias individual e coletiva (HAMPATÉ BÂ, 2010, P 168.)

---

<sup>7</sup> Nesse encontro foi realizada uma escuta em grupo que está registrada e disponível na íntegra, através de do link [<https://www.youtube.com/watch?v=MWe-AWTEqfE>]. A escuta partiu de um pergunta central também utilizada nas outras entrevistas. A pessoas primeiramente se apresentavam, contavam um pouco da sua história, como chegou na cidade ou se nasceu em Bento Gonçalves e respondiam qual era a história da população negra que não poderia deixar de ser registrada. Esse exercício de foi realizado com um grupo de mais ou menos 25 pessoas de diferentes idades (16 – 77 anos).

A suposta objetividade do documento escrito é falaciosa, e atualmente existem técnicas que comprovam que o documento escrito e os artefatos arqueológicos devem ser utilizados com a mesma atenção e criticidade que as fontes orais; tudo é uma questão de método. A história oral é uma metodologia essencial para a história indígena e negra como um todo. Isso porque, para nós, a transmissão de conhecimento ocorre principalmente através da fala (oralidade). Quantas avós e avôs passaram aos seus filhos e netos suas histórias de vida, em que o único recurso era a sua memória? Sem fotos, objetos, roupas ou documentos, apenas com a oralidade. Essa é a realidade de um povo que pouco ou nunca teve acesso a qualquer tipo de resguardo do seu passado, atingido por um processo de violência constante aos seus costumes, valores, dignidade e memória. Essa violência começou com a instabilidade sobre a definição do que é nosso espaço geográfico dentro desta nação.

Atualmente, muitos povos indígenas incorporam a linguagem do colonizador, como no caso da língua portuguesa, bem como sua escrita, e um exemplo desta adaptação é a Educação Escolar Indígena. A população negra, cabocla e indígena tem tido alguns avanços no acesso às universidades, graças às políticas afirmativas (cotas raciais). Entretanto, a tradição oral resiste às repressões e desvalorizações das epistemologias e culturas hegemônicas. Mas para uma significativa parcela de pesquisadores, este é um recurso valioso, que não se pode ignorar. Este pequeno estudo, não satisfaz a necessidade que temos em resgatar tanta história. Neste contexto, a oralidade emerge como um recurso indispensável de preservação e resistência, especialmente para comunidades que historicamente enfrentaram a exclusão de acesso aos pilares sociais fundamentais, como território, economia e representação política. Para a população negra no Sul do Brasil, a transmissão oral se constitui como um mecanismo poderoso de fortalecimento da memória coletiva e de contraposição às narrativas hegemônicas. Mais do que um simples meio de comunicação, a oralidade é um testemunho vivo que guarda saberes, tradições e histórias que desafiam a invisibilização imposta por séculos de exclusão e silenciamento. A não garantia de um espaço geográfico garantido e assistido pelo estado dificulta o estudo e a proteção de qualquer memória e dificulta também a nossa existência.

## **1.5 A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RS E CONSEQUENTEMENTE DAS COLÔNIAS-CIDADES**

O Rio Grande do Sul foi habitado durante o período colonial por povos do grupo Jê. Deste grupo, os Kaingang, Laklãnõ-Xokleng e Pampeano (Charrua), esses grupos ocupavam o Rio Grande do Sul quando os imigrantes italianos chegaram e apresentavam inúmeras

distinções nas suas formas de organização social. Infelizmente o parecer de alguns autores clássicos da imigração italiana e da historiografia das cidades serranas segue o mesmo pensamento colonizador, que ignora essa informação. Isso significa que a narrativa adotada para falar da história da cidade parte lá da Itália, com uma ideia de mérito dos imigrantes, sem contar as violências perpétuas para dar certo o plano dos seus assentamentos.

Na historiografia clássica sobre a imigração italiana, a través de pesquisas de autores como Luís A. De Boni e Rolívio Costa, estes grupos indígenas do sul do Brasil estariam em um “estágio primitivo de civilização”. No corpo social da cidade de Bento Gonçalves isso poderia ser rapidamente exemplificado, pelo uso comum da utilização do termo “bugre”, pensada como raça. Em uma pesquisa no *Google* a resposta que tivemos foi:

Bugre é uma denominação pejorativa dada a indígenas por serem considerados não cristãos pelos europeus. A origem da palavra, no português brasileiro, vem do francês bougre que, de acordo com o Dicionário Houaiss, possui o primeiro registro no ano de 1172, significando “herético”. (GOOGLE, 2024)

Os livros de histórias escritos sobre tentativas de estabelecimento de missões religiosas no planalto ignoram os fracassos da cristandade ocidental. Por isso a frustração no plano católico foi atribuída à má-índole dos indígenas não-guaranis. O texto de John Monteiro: “Tupis, Tapuias e Historiadores” é indicado para essa comparação depreciativa dos “não-guaranis” com os guaranis. Os “campos dos bugres” era o campo de estadia dos povos Kaingang<sup>8</sup>. Nos relatos mais clássicos da imigração italiana no RS, os indígenas não aparecem tendo grande poder de agência das suas ações. Isso significa que as narrativas sobre eles não apresentam a autonomia que eles possuíam. Hora são descritos procurando as reduções espanholas para uma certa “proteção” contra os bandeirantes ou então, buscando o gado que o europeu introduziu no sul do país. Ou seja, suas ações são representadas sempre como uma resposta ou a partir da atividade europeia e não a partir da sua autonomia enquanto grupo (BONI; COSTA, 1984).

Outro exemplo dessa forma narrativa que ignora a agência indígena, está em descrições de pesquisadores sobre as missões jesuíticas. Para os pesquisadores clássicos da imigração italiana, as missões eram um projeto, de “harmonia”, da posse coletiva dos bens, da contribuição em trabalho redistribuído igualmente de acordo com a capacidade e a necessidade de cada família ou indivíduo, sem distinções dos cargos ocupados, com o atendimento ao bem estar dos anciões, enfim, uma “[...] sociedade igualitária, unida e sóbria [...] uma civilização baseada em

---

<sup>8</sup> Essa pesquisa é indicada por Brandalise (2019)

outros princípios que não o da exploração do homem pelo homem”(BONI; COSTA, 1984, p.11). Esse programa supostamente humanitário, no pensamento deles, só poderia ser creditado ao plano jesuítico de reduções que na sua essência seria “[...] grandioso e decalcado em grande parte sobre uma visão evangélica da realidade social” (BONI; COSTA, 1984, p.18). Ou seja, a ação jesuítica é descrita como as melhores ou mais bem-intencionadas ações cristãs. Para estes autores as reduções jesuíticas seriam o lugar onde jesuítas introduziram os “elementos mais avançados da civilização”. Em muitas leituras, a impressão é que foram os jesuítas que literalmente possibilitaram a “[...] mais linda página da História das Américas” (BONI; COSTA, 1984, p.18).

Pesquisas mais recentes sobre a população indígena, mostram que as missões significaram agressão ao modo de vida dos indígenas, mas também pontos estratégicos de segurança e contraditoriamente preservação da sua existência, como por exemplo na história de Doble que em meados do século XIX, levantou sua influência contra o cacique Braga que prestava subordinação e para sobreviver a resposta de Braga ao seu levante, se refugiou em um aldeamento e inclusive ajudou a capturar outros grupos que praticavam a “correria” (BRANDALISE, 2019).

Nas missões, os indígenas eram vistos pelos documentos oficiais como humanos infantilizados, que precisavam de tutela até chegar na sua “maioridade”. Isso significava muitas vezes em violência, quando não aderissem à lógica do cristianismo e do aldeamento, ou seja, da fixação territorial. Nicué, cacique conhecido como João Grande, representado como “um negro alto” em alguns documentos, foi um líder que se negou ao aldeamento e em resposta ao assentamento dos colonos, praticou correrias e sequestros de colonos na região da encosta superior nordeste até ser morto (BRANDALISE, 2019).

Mesmo quando a historiografia dos italianos cita os indígenas, o fazem para realçar o feito dos seus, descartaram a forma de organização social naquele território e não cogitaram a influência da sua cultura na formação das missões ou identidade local. Esse estabelecimento da pouca importância no processo de trabalho, na produção sociocultural e da própria humanidade dos indivíduos indígenas, também ocorre com a população negra e a prática vem sendo alimentada pela historiografia tradicional gaúcha, como já foi demonstrada em outros estudos (OLIVEN, 1996, p.26). O mesmo ocorre pela visão da historiografia tradicional da imigração italiana no RS.

## **1.6 CAXIAS DO SUL O CAMPO DOS BUGRES**

Na região de colonização italiana, a cidade de Caxias do Sul, a “Pérola das Colônias italianas” (MANFROI 1985, p.71), tinha sua sede na região central do “Campo dos Bugres”. Esse campo era um enorme acampamento indígena e vamos apresentar duas fontes que apresentam narrativas contrárias explicando o seu “descobrimento”. Uma das “histórias” é narrada por Soraia Sales Dornelles, ela nos ajuda a entender como ocorre a invisibilidade do indígena e também que herança histórica o termo “bugre” carrega. A outra “história” foi encontrada no “Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no RS” publicada na Revista Globo em Porto Alegre no ano de 1950 com o título “Origem da denominação ‘Campo dos Bugres’, na página 171 (Anexo I).

Esse segundo registro é o texto “Novos Bandeirantes” de uma monografia sobre Montenegro, publicada em 1924, por José Cândido Campos Netto. Segundo a publicação, o “Campo dos Bugres” foi visto por Domingos da Serra, bandeirante contratado por Manoel José Simas, por volta de 1864 e faremos uma análise da sua narrativa sobre os indígenas.

Muito antes de 1850, Nicué (ou João Grande como era conhecido nas fontes do governo imperial por ser maior que a maioria dos seus subordinados) era um dos chefes subordinados ao cacique Braga era quem liderava os habitantes daquela região. O documento conta que este bandeirante relata a Antônio Machado de Souza, sobre um lindo campo na região serrana, do qual poderia encontrá-lo novamente caso fossem à mata. Aconteceu que mesmo depois de inúmeras expedições não encontram o verdadeiro lugar cobijado. Mas por acaso na abertura de uma estrada de comunicação entre Montenegro e S. Francisco de Paula de Cima da Serra, passando pelo “Arroio dos Franceses [...] onde estavam estabelecidos os irmãos João Brochier e Augusto Brochier” e seguindo viagem, passam por dois territórios indígenas.

O registro conta que o primeiro foi nomeado de “Morro dos Cavalos”. Tratava-se de um acampamento indígena, com as marcas da sua ocupação e do seu modo de vida. Os “coqueiros [...] com a falta de muitos palmitos que recentemente haviam sido retirados [...]”, a “caneleira derrubada” para extração de mel e as “[...] taquaras torcidas, presas no alto de uma árvore, tendo na extremidade forma de argola, indicando terem servido para prender algum animal” indicam parte da base alimentar do grupo indígena que ocupava aquela região e também as suas técnicas de extração. As saliências na terra, “semelhantes a sepulturas”, as “camas de palmas de coqueiros”, são registros da organização espacial que eles tinham. Além disso, os documentos relatam que haviam “cinco cabos” encontrados, provavelmente utilizados para machadinhas, ferramentas, técnicas e tecnologias empregadas nas suas atividades.

Os bandeirantes “seguiram a exploração pela alta cordilheira, passando muito a leste”

(BERTASO, 1950, p.171). Do povoado gaúcho chamado em 1824 de Barão, encontram após alguns dias de viagem um enorme campestre, “[...] em ligeira colina, com lindas ilhas de campos” (BERTASO, 1950, p.171). Demonstrando novamente uma organização espacial empregada pelos indígenas. As “cascas de pinhões, sabugos de milho, e, não muito distante, os sementas de cavalos”. Além disso encontram também, nos “altos pinheiros, isolados aqui e ali, tendo pendentes escadas feitas de cipó, nas copadas, uma espécie de barquinha, feita de folhagens de outras árvores” (BERTASO, 1950, p.171). Esse registro nos diz sobre a cultura alimentar e também sobre as técnicas e ferramentas de colheita. Os “ranchos construídos de palha e taquara”, os “grandes fornos” esboçam os tipos de construções realizadas, ou seja, seus conhecimentos e tecnologias.

Batizado pelos bandeirantes, o “Campos dos Bugres” é descrito com um ar de abandono, quando eles citam os “grandes fornos abandonados”, nos deixa a entender que os indígenas já não ocupavam mais a região. Porém, os indígenas Kaingang, povo que ocupava intensivamente a região serrana, não tinha o hábito de fixar-se em apenas um local, pois realizava paradas e marchas dentro da extensa área que ocupava. Por isso podemos imaginar que se tratava de um território ainda habitado. Os indígenas não tinham para si o conceito de propriedade privada, mas a sua relação com a terra, com o seu território, sempre foi muito intensa, influenciando sua cosmologia e mitologia. Sua dinâmica basicamente era a de perseguirem as condições naturais de sobrevivência, circulando sazonalmente em diferentes regiões do seu território em grupos de 20 a 30 pessoas, liderados por um cacique subordinado que respondia em um compromisso de harmonia a outro cacique principal, realizando visitas a ele. Desta forma, se espalhando em grupos e firmando tratados de harmonia, buscavam a movimentação para que não ficassem sem recursos.

Ao encontrar essa região frequentada pelos indígenas é anunciado o temor, dali “por diante” se deveria andar com “mais cautela”. O medo dos bandeirantes é sutil, mas se faz entender que estavam adentrando um território alheio e que deveriam estar “atentos ao menor rumor”. Estavam eles numa espécie de trabalho colonizador, a abertura de estradas significava maior comunicação e “progresso”. O ambiente é descrito indicando cuidado e também com tom de cientificidade dos expedicionários, exemplo é como são descritos no texto que estamos analisando: “Como era natural, permaneceram nesse local estudando, observando e comentando sobre o achado”, desse “estudo” concluíram que era um “acampamento ou toldo aos indígenas”. A conclusão óbvia dos “descobridores” é a única informação que o texto nos deixa, o texto não tem mais informações sobre quais grupos indígenas ocupavam aquele campo, nem quantos eram ou se eles voltariam a ocupar aquela região. O ar de abandono dos indígenas

com o “Campo dos Bugres”, marca o achado das terras pelos colonizadores.

Voltando à versão de Dornelles, Luís Antônio da Silva Lima, conhecido como Luís Bugre é quem teria atuado para que os colonos conhecessem o local. Essa história começa em 1847 nas correrias que os Kaingangs estavam praticando na recém-formada colônia Feliz. Em um destes ataques os colonos conseguiram se organizar para espantar os Kaingangs com tiros e cachorros. Um dos jovens Kaingangs, um menino de 11 anos, foi atingido por uma das munições e ninguém se interessou por ele, quando estava para ser devolvido aos seus o português Matias Rodrigues da Fonseca adota a criança e ela então é batizada. Depois disso Luís é instruído em português, alemão e se torna confiável para o seu tutor.

Em 1867 Luís Antônio era chamado pejorativamente de “bugre” e a desconfiança era um elemento muito presente na sua relação com os colonos, mesmo que ele tenha ajudado na instalação de muitos. se tornou ainda mais grave depois do sequestro da família Versteg (mãe, uma filha e um filho) da colônia de São Vendelino, realizada pelo líder coroado Nicué. As narrativas analisadas por outros estudiosos colocam Luis Antonio como colaborador dos Kaingangs na sua fuga da caçada que foi feita ao grupo dos indígenas de Nicué, ao mesmo tempo, que oferece ajuda na busca dos colonos. De forma que Luís se torna um “agente duplo”, agindo na busca dos colonos, mas também avisando quando o grupo chegasse perto aos indígenas, não permitindo que o grupo de resgate não conseguisse alcançá-los. No final da busca, apenas o filho Jacó, único sobrevivente das 3 pessoas sequestradas, volta para o abrigo do pai, onde casa, tem mais de 13 filhos e se instala na mesma colônia de origem. Depois desse evento, Luis Antonio abandona a colônia de São Vendelino e sobe para o norte da Serra.

A cooperação na instalação de novos colonos era algo habitual e assim também acompanhou os primeiros italianos até o local de sua indicação, o chamado “Campo dos Bugres”, local de moradia e esconderijo dos indígenas Kaingangs. As famílias milanesas Crippa, Sperafico e Radaelli foram assim auxiliadas por Luís Antônio quando em 20 de maio 1875, fixaram-se numa localidade que denominaram Nova Milano. Dornelles ainda aponta que Luís registrou-se como colono vindo a adquirir um lote de terra. Nesse período posterior a maioria de colonos que Luís veio a ajudar foi de italianos que iriam fundar em poucos anos as mais populosas Colônia Caxias, Conde D’Eu e Princesa Isabel<sup>9</sup>. Essa terra que se tornou Caxias do Sul a “Pérola das colônias”, que tem na sua origem o conhecimento indígena, que não foi mencionada pela tradição historiográfica de imigração italiana e nem pelo álbum comemorativo de 1950.

---

<sup>9</sup> Conde D’Eu atual cidade de Garibaldi e Princesa Isabel, atual cidade de Bento Gonçalves.

## 1.7 OS INDÍGENAS NA HISTORIOGRAFIA DE BENTO GONÇALVES

Bento Gonçalves conhecida como a "Capital do Vinho", designação que se tornou praticamente um slogan para a cidade e seus habitantes, também foi, um território indígena. Exemplo é o trabalho da memorialista Assunta de Paris, “Memórias: Bento Gonçalves 109 anos”, que também não parece se preocupar com a falta de informações sobre essa parte da história. A autora cita os indígenas pela primeira vez na página 40. Segundo ela, os primeiros registros que conhecemos sobre as populações originárias da região do nordeste do estado gaúcho, são de jesuítas espanhóis, que em 1633 no curso do Rio Taquari, onde se depararam com indígenas do grupo Tapuia. Esse termo é corriqueiramente utilizado para designar indígenas que não falavam o Tupi. Ela mesma não explica isso e fora dessa constatação encontramos raros momentos de citação destes povos.

Na primeira citação<sup>10</sup> que encontramos, ela relata que foi o bandeirante Antônio Raposo Tavares, que em 1636 registrava uma expedição com “130 paulistas e mil indígenas”, à procura de grupos para escravização. Esses primeiros contatos não são aprofundados pela autora. Num outro momento ela cita os indígenas, quando fala da construção da linha férrea de Bento Gonçalves até a estação de Jaboticaba. Esse percurso foi construído por dentro de 6 montanhas totalizando 8 túneis. Ela também conta uma curiosidade sobre cada um deles. Numa dessas curiosidades menciona sobre um conhecimento que ela intitula de “curiosidades sobre os túneis”. Uma tradição dos grupos indígenas da região usarem o local do túnel de número 5, o quinto encontrado depois da saída de Bento Gonçalves em direção à Jaboticaba, para o seu descanso nas suas idas em pescarias e caçadas. O túnel é conhecido pelos colonos de “Túnel de la Collación”, tem 235 metros. “Collación”<sup>11</sup> segunda ela significa no dialeto italiano pequena alimentação, lanche ou café da manhã e é conhecido assim por conta do uso que os indígenas davam ao local, que era inclusive anterior à construção do túnel. Nos outros momentos que indica as populações indígenas, faz de forma que ecoe um certo medo, como um inimigo perigoso ao colono. Em muitos relatos de uma história “heroica” da imigração italiana, há frases em que "índios" e "animais selvagens" aparecem juntos como a principal ameaça aos colonos.

Sua obra se inicia com o subtópico “Processo de imigração”, onde a autora realiza a

<sup>10</sup> Citação também encontrada na página 207 diferenciando pessoas de indígenas, “comandando 120 pessoas e mil índios”

<sup>11</sup> Um exemplo é o texto presente no jornal IL COLONO ITALIANO, publicado em 19/03/1910. O texto trata da “Transmigração”, e tem um trecho que diz: “Eis um local imenso, finalizado, exterminado, nunca pisado pelos animais selvagens nem pelos índios, tudo coberto de intransitáveis e infinitas selvas que desde que o mundo é mundo não viram o cintilar de um ferro”. Veja mais sobre a representação indígena feita pelos colonos europeus na pesquisa de Brandalise (2019).

análise da situação europeia, esse é o ponto de partida da história de Bento Gonçalves que é encontrado na leitura desse livro. Ela começa lá na Itália e não no Brasil e faz jus ao projeto de colonização, é como o resultado, ou registro do sucesso, do assentamento dos italianos e do mérito em realizar isso.

É lembrado pela autora, constantemente, que as terras eram consideradas pelo governo e pelos colonos “devolutas”, “vazias”. As vezes só com a mata enquanto “inimiga”. A visão acaba se perpetuando na sua escrita quando não há demonstração da ocupação e utilização anterior à chegada dos imigrantes. Há, porém, “curiosidades”, há o temor entre que escapa entre as linhas, relacionando índios e animais perigosos na mesma lista de situações que o colono encontrava na serra. Mesmo que as informações e demonstrações sobre a terra ter sido indígena, não sejam dispostas, essa própria situação já se constitui em algo a ser reparado. Precisamos questionar a afirmação histórica desse “vazio demográfico”, pois nenhum lugar da América esteve “livre” ou vazio e foi uma política de assentamento agrícola que além do “amor ao trabalho e pela fé” fez dos italianos símbolo desta terra. A história da cidade não tem seu início nesse vácuo demográfico, numa “terra sem ninguém”, é preciso demonstrar isso e sermos mais maduros quanto às narrativas históricas de nossas cidades, que carregam dores e feridas além de glória do trabalho italiano.

## **1.8 O CONTATO DOS IMIGRANTES EUROPEUS COM OS INDÍGENAS DA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Ainda não há consenso entre historiadores, etnólogos e antropólogos sobre de onde procederam, nem em que época, mas os Kaingang chegaram ao território do Rio Grande do Sul e estavam aqui na chegada dos imigrantes italianos e alemães. Estudos sobre os povos indígenas no RS e na região da *Encosta Superior do Nordeste*, no período de 1820 em diante, apontam que uma frente de expansão do império português no RS foi um processo deste período (BRINGMANN, 2010). Foi D. Pedro I que levantou o argumento das fronteiras e da necessidade de uma classe média livre e pequena proprietária no RS, para disputar o território com outra potência colonizadora, a Espanha, mas como já comentamos era também interesse diminuir o território e a autonomia indígena (BRINGMANN, 2010; BRANDALISE, 2019).

Durante o século XIX a figura mais representativa deste contato entre colonos alemães e italianos com as populações indígenas era a do Bugreiro. A sua ação se fez presente durante todo o processo de assentamento destes imigrantes europeus. A colonização representava negócio rentável não apenas pela produção agrícola dos colonos, mas também pela matança

indígena. O “bugreiro” era um “profissional” especializado em encontrar e matar indígenas, uma profissão reconhecida pela comunidade e remunerada por ela. A presença indígena significou um empecilho grande aos empreendimentos colonizadores, pois atacavam quando viam seu território sendo invadido. Nicué (João Grande), cacique da região da serra gaúcha, foi um dos mais perseguidos por conta da sua recusa a aldear-se e seus constantes ataques. Outra forma de “liberar” as ditas “áreas vazias” dos seus habitantes, grupos originários Kaingangs e Xoklengs, para então assentar colonos europeus era o do aldeamento (BRANDALISE, 2019).

As expedições realizadas por essa frente de expansão e colonização serviam para assegurar o território, frente aos interesses do império, de modo que ele fosse rentável para a coroa. A criação de fazendas para exploração e valorização da terra, realizada pelo trabalho agrícola na produção de produtos da agricultura subsidiária, como feijão, arroz, trigo e etc. Esse processo não foi pacífico. E mesmo com sua revolta, os Kaingang tiveram seu amplo espaço na mata, reduzido a áreas cada vez menores. Relatórios e ofícios das autoridades provinciais a partir de 1829, acerca do progresso e da proteção dos interesses da coroa, dão destaque a relação conflituosa entre os fazendeiros, colonizadores e os grupos indígenas Kaingangs na região de colonização. “A relação entre brancos e índios, desde o período inicial do contato, foi uma relação de guerra de conquista” (BRINGMANN, 2010, p.48). Em busca de garantir um sistema latifundiário e a pecuária extensiva, extremamente lucrativa para a coroa, “as atitudes dos exploradores foram comumente mascaradas pelo governo provincial, que buscava legitimar a violência investida contra os indígenas através de manifestos nos relatórios ou em diários oficiais” (BRINGMANN, 2010, p.49).

Antes da colonização alemã, as regiões do Alto Uruguai, Campos de Cima da Serra, Planalto Médio, Encosta Inferior do Nordeste, bem como a Encosta Superior do Nordeste representavam áreas, principalmente ocupadas pelos Kaingangs. As políticas de “esvaziamento” destas regiões para o assentamento de colono podem ser consideradas efetivas se “pensarmos que durante a colonização alemã os conflitos com indígenas na Serra são mais frequentes nas fontes, enquanto que em relação aos italianos, os relatos de conflitos” são mais escassos. A diminuição de registro pode ser entendida como ausência da sua presença, mas também um contato de menor violência como anteriormente, não importante mais para a imprensa e registros oficiais representá-los.

Foi inaugurada uma construção de conhecimento da historiografia tradicional, sobre os povos indígenas da região serrana, mas essas contribuições iniciais e essenciais para falarmos da história de Bento Gonçalves e região ainda não nos parecia associada à história da cidade.

Precisamos entender, que a história da nossa cidade não inicia apenas na crise econômica da Itália, ou na vinda dos imigrantes e sim na história indígena e no projeto colonial que gerou uma invisibilidade e um genocídio cruel e nunca visto até os dias de hoje. Tentamos aqui, a partir desta reflexão, darmos outro olhar a formação do município de Bento Gonçalves, colocando em foco as populações indígenas. Para isso consideramos importante também entender um pouco mais sobre a visão de mundo de ao menos uma destas etnias.

## **1.9 QUEM SÃO OS POVOS KAINGANG? E O QUE ACONTECEU COM OS KAINGANG?**

Na *Encosta Superior Nordeste* um dos povos que aqui habitava em grande parte do espaço eram os Kaingans e Xoklengs. Sabemos quem eram os indígenas do povo Kaingang que aqui também moravam e continuam a morar em determinadas regiões próximas a serra? Afinal quem são eles?

Os Kaingang são atualmente os povos indígenas mais numerosos do Brasil atualmente (BRINGMANN, 2010) e utilizamos povos porque mesmo entre os Kaingangs existem diferenciações de aldeamento para aldeamento. Antes da chegada dos europeus eles ocuparam as regiões sudeste/sul compreendendo uma zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). Todos eles tinham especificidades. As diferenças entre si, eram entendidas como processos adaptativos de longa duração. O processo contínuo de colonização, genocídio e ocidentalização que se mantém até os dias de hoje, diminuiu severamente essa diversidade, mas ela existe e é visível nos estudos de pesquisadores indígenas em aldeamento para aldeamento.

O povo Kaingang já se organizou em seu território, condicionados às imposições ecológicas da Mata Atlântica da Encosta da Serra, dos campos e florestas de Araucárias do planalto. A sazonalidade dos seus acampamentos, a adaptabilidade das suas técnicas de caça e coleta à realidade geográfica, bem como sua distribuição demográfica procurava privilegiar a dispersão territorial, “pois tinham clara a ideia de que a concentração demográfica levaria inevitavelmente ao esgotamento dos recursos” (Bringmann, 2010, p.32). Seus modos de extração e movimentação, são segundo especialistas, muito parecidas ao do povo Xokleng.

Os Kaingang adaptaram-se perfeitamente às condições climáticas do planalto rio-grandense, caracterizado pelos invernos rigorosos, inclusive com presença esporádica de neve no inverno. Para suportar as baixas temperaturas, estes indígenas valorizavam sobremaneira o fogo, mantendo fogueiras acesas permanentemente no inverno, dentro ou fora das choupanas onde concentram praticamente todas as suas atividades domésticas. (BRINGMANN, 2010, p.32).

Kaingang significa povo do mato, isso pode designar, numa intrínseca relação deste

povo com o seu ambiente, uma vez que, a auto-identificação dos Kaingang como gente do mato, remete à uma noção de identidade que é determinada, ou constituída a partir do ambiente “mato”. É importante notar que para os povos indígenas o território não é apenas um espaço geográfico de extração material da sua subsistência, “muito mais que a caça, a coleta e a agricultura incipiente praticada, os Kaingang necessitavam de seu território originalmente preservado, para que sua dimensão cosmológica pudesse ser também mantida e vivificada”. Sobre a dimensão mítico cosmológico, podemos entendê-la como uma visão de mundo que as relações sociais ocorrem tanto de homens entre si, quanto com o meio ambiente.

O belga Pierre Alphonse Booth Mabilde, um agrimensor de terras, responsável pela abertura de estradas e na delimitação das colônias na região Noroeste do Rio Grande do Sul, entre 1836 e 1866, disse que uma aldeia Kaingang, naquela época, era constituída de trezentas ou quatrocentas pessoas e liderada por um cacique principal, ela ainda era:

Subdividida em grupos de vinte a trinta pessoas, sob o comando de um cacique subordinado. Estes [sub]caciques deveriam fazer visitas frequentes ao cacique principal como prova de harmonia. A não visitação por parte de um subgrupo, podia gerar uma guerra, onde todos os outros grupos subordinados lutavam contra o dissidente, exterminando todos os indivíduos pertencentes a ele [...] vários autores destacam os Kaingang como os guerreiros mais bravos e mais cruéis em comparação com os outros grupos indígenas do Sul. (BRINGMANN, 2010, p.42-43)

Os Kaingangs<sup>12</sup> estavam em plena atividade nas matas que separam os Campos de Cima da Serra com as colônias alemãs ao sul, próximas de Porto Alegre. As suas lideranças estavam ativamente envolvidas em negociações diretas com os chefes da província. Além disso cediam sua mão-de-obra para a abertura de estradas, obras públicas e se encontravam também em aldeamentos trabalhando com a agricultura subsidiária<sup>13</sup>. Inclusive foi um indígena Coroado que esteve diretamente ligado à fundação da “pérola das colônias” como já comentamos.

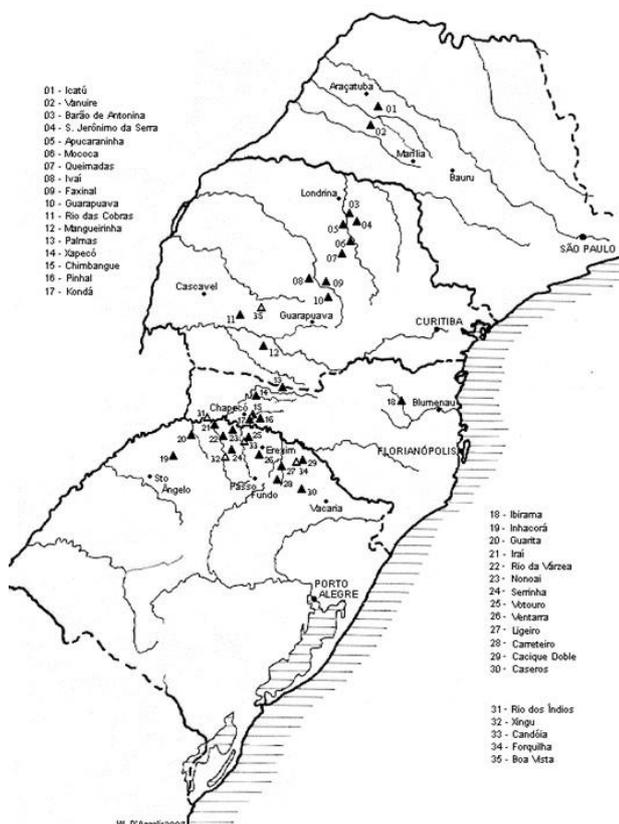
Atualmente os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população estimada de 50 mil pessoas. Estas áreas continuam em risco com o avanço do agronegócio sobre as terras indígenas, o resultado da colonização é evidente, pois ainda está em curso. O conhecimento e modo de viver, é vivenciado e resgatado de diferentes formas pelos indígenas, mas as instituições estatais pouco ajudam para isso.

### **Figura 06 - Mapa áreas Kaingang**

<sup>12</sup> DORNELLES, Soraia Sales. De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. UFRGS – PPGHIST: 2011

<sup>13</sup> Os principais produtos cultivados nas propriedades de agricultura subsidiária são: Arroz, Feijão, Milho, Mandioca, Batata, Frutas, Hortaliças.

## ÁREAS KAINGANG



Fonte: Wilmar D'Angelis 2010 Mapa disponível em: [http://portalkaingang.org/index\\_aldeia\\_mapa\\_geral\\_2010.htm](http://portalkaingang.org/index_aldeia_mapa_geral_2010.htm) Último acesso 02 de dezembro de 2024.

A relação dos colonizadores europeus com os povos indígenas sempre foi marcada pela violência e pela exploração, até mesmo os órgãos do estado que, alinhados com o sistema colonial, contribuíram para a perpetuação desta violência. O Estado brasileiro através do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) desenvolveu políticas na perspectiva de que toda terra indígena fosse transformada em lavoura. O SPI vendeu madeira, arrendou terras, introduziu maquinários agrícolas transformando radicalmente a vida e a agricultura destes povos na tentativa de “civilizá-los”. Apesar de toda essa violência, os Kaingang conseguiram preservar uma pequena quantidade de mata nativa. Hoje essa pequena quantidade de mata representa uma das mais importantes reservas naturais da região, fundamental para conservar os costumes e tradições destes povos.

### 1.10 A MATA, NA VISÃO DOS POVOS KAINGANG

A importância na preservação das matas para os Kaingang deve-se a sua cosmovisão que compreende a natureza como parte dos humanos e os humanos como parte da natureza. Tudo está interligado. Não existe uma separação “lógica” entre humanos e natureza. Os seres da natureza, os animais e vegetais, também têm seus espíritos protetores e não há diferença entre universo humano, natureza e sobrenatural, não há uma hierarquia. Desta forma, para os Kaingang, destruir a natureza significa uma autodestruição, uma vez que natureza, espiritualidade e homem formam uma unidade, fazendo parte de um “todo”. Nesta cosmovisão, todo Kaingang deve ter conhecimento sobre os remédios da mata e com isso proteger e manter a saúde dela a sua e da comunidade. A mata saudável significa pessoas saudáveis (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

É na mata que o Kujá, Líder Espiritual responsável pelos tratamentos do corpo e do espírito dos Kaingang, mas também o rezador, benzedor e todo aquele que tiver conhecimento dos remédios do mato, pode encontrar as plantas usadas para curar e mas também para preparar os indígenas para o seu cotidiano, para o “viver” do modo Kaingang, seja na busca por mel, nas caçadas ou então pescarias (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

### **1.11 NOÇÃO DE SAÚDE E DOENÇA: COMO A COSMOLOGIA KAINGANG COMPREENDE AS VISÕES DE CORPO, SAÚDE E DOENÇA?**

A estrutura social do povo Kaingang é baseada na contraposição de duas metades. A metade Kamé e a Kanhru. As duas metades se relacionam de forma desigual e complementar. A família Kamê nasceu no turno do dia tem como símbolo o gato do mato, a jaguatirica que apresentam manchas alongadas, por isso os indivíduos desta família usam pinturas na face alongadas e são muito agitados, facilmente ficam nervosos. Já a família Kainhru nasceu no turno da noite, usam desenhos circulares, são melhores para caçar e guerrear à noite, são muito pacientes, demoram ficar agitados e nervosos (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Essa relação de equilíbrio também faz parte da sua noção de saúde. Por exemplo, quando uma pessoa adoce é sinal de que a relação entre seu corpo e seu espírito está quebrada, como um laço que é rompido. Portanto, o que se procura no processo de cura é o restabelecimento deste equilíbrio, entre natureza, animais, pessoas e espíritos. O corpo do indígena é elemento territorial deste universo, o primeiro habitado pelo espírito e por isso deve estar em constante

cuidado de equilíbrio entre ele e os demais elementos do seu cosmo, a natureza, os animais e plantas (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Para os Kaingang a questão da saúde está interligada entre os diversos seres e elementos da natureza. O bem-estar, a alegria e a saúde dos Kaingang estão ligados, diretamente, com a harmonia da natureza, os seres naturais, sobrenaturais e os elementos do universo devem estar em equilíbrio. Neste sentido, a doença seria uma consequência do desequilíbrio e destruição deste universo, o que compromete a harmonia entre seus elementos. Assim, cuidar da saúde de uma pessoa significa cuidar da saúde da natureza e dos animais. A doença é um sintoma da separação ou desequilíbrio, e o diagnóstico é feito através da comunicação entre o mundo dos humanos e não humanos (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

## **1.12 O PROCESSO DE CURA/QUEM PODE CURAR?**

Para a biomedicina, a autoridade da cura é dada aos médicos após formação em universidades e academias. Já para os povos indígenas a autoridade vem da experiência, onde os mais novos aprendem com os mais velhos. Ainda assim, o processo de formação é complexo. Assim, como na primeira não há apenas médicos, mas também enfermeiros, dentistas, psicólogos, na cultura indígena Kaingang existem os remedieiros, benzedores e *kujás* (pajés), e cada especialista possui uma formação específica (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Os remedieiros ou remedieiras, são detentoras do conhecimento sobre os remédios do mato, principalmente aqueles de origem vegetal, ainda que alguns dos remedieiros possuam o conhecimento no uso de remédios de origem animal. Sua formação inicia através do seu interesse em procurar um Kujá, benzedor ou remedieiro mais velho, que irá avaliar o tamanho da sua vontade em aprender. O processo de cura pode muitas vezes exigir dietas e ao fazer o remédio do mato, muitos depositam sua fé no que estão fazendo e rezam, o importante é a fé e saber preparar o remédio da forma correta. O conhecimento e a busca do remédio na mata são centrais, pois muitas plantas só são encontradas na mata virgem. A preocupação com o desmatamento é óbvia sem a presença da mata não é possível a reprodução do modo de vida e nem dos remédios necessários para a cura esperada (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Na cultura Kaingang o Benzedor ou Benzedora é um especialista que tem sua formação

ligada diretamente com o território, com a mãe terra. Seu professor será o Kujá ou um Benzedor (a) formado (a) que necessitam da natureza para dar início ao treinamento do aprendiz. Além do aprendiz que será submetido, o Benzedor (a) precisará deste lugar tradicional onde adquiriu o seu conhecimento para que possa fazer suas práticas de cura. A localização de um remédio no mato, uma espécie de planta, suas folhas, raízes, cascas, que será usado pelo Benzedor, só pode ser encontrada nos locais de aprendiz, por esse motivo devem ser respeitados e cuidados por serem de grande importância para o povo Kaingang. Quem nunca foi benzido ou ouviu histórias dos mais velhos que benziam no bairro ou na comunidade? Mesmo na cultura cristã isso ocorre e muito. Será que podemos dizer que essa tradição decorre da importância que os benzedores tinham para o povo indígena?

Os Kujás são pessoas que têm o dom de conhecer o tempo, as plantas, os animais, a água, e os espíritos. São escolhidos e preparados desde criança para lidar com esse dom e poder ajudar os outros, com orações, simpatias e no uso de remédios feitos de ervas e plantas terapêuticas encontradas nas matas (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Esses especialistas são responsáveis pela comunicação do mundo espiritual com o mundo dos humanos. Os kujás possuem guias espirituais (*jagrê*) que podem ser animais, vegetais, ou até mesmo santos do catolicismo. Kujás e jagrés trabalham juntos no diagnóstico e na cura. Os espíritos-guia dizem, através de sonhos, qual remédio deve ser usado e onde ele pode ser encontrado. Além da cura individual, o pajé também é responsável pelo bem-estar geral (físico e espiritual) da comunidade. É ele - ou ela - quem deve proteger a aldeia.

O tempo de formação desses especialistas é muito mais longo. Da mesma forma, seus trabalhos de cura podem durar semanas e até meses. Isso porque a cura é entendida com outro tempo e dinamismo, diferentes daqueles que presenciamos na vida urbana, com uma necessidade de resposta ágil aos sintomas e com uma cosmovisão de saúde biológica separada da espiritualidade (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

### **1.13 A LÓGICA PREVENTIVA – REMÉDIO OU ALIMENTO / COMO OCORRE O ITINERÁRIO TERAPÊUTICO ENTRE OS KAINGANG? QUAIS INTERFACES COM A BIOMEDICINA (POSTOS DE SAÚDE NA TERRA INDÍGENA)?**

Já que a doença é um indício de desequilíbrio entre as partes que constitui o universo, aos olhos dos povos Kaingang; a cura é um cuidado constante, de reestabelecimento ou

manutenção do equilíbrio. A saúde pode ser considerada uma forma de prevenção constante, iniciada pela própria pessoa, que adquiriu conhecimentos com os pais e avós, ou que recorre aos demais agentes remedieiros, benzedores e Kujás. Também encontramos que o cuidado ao doente deve ser feito por uma outra pessoa que não seja o doente, existem regras na hora do preparo do remédio, se for fazer em casa, por exemplo, se a pessoa está doente e precisa de um chá de ervas, ela mesma não pode preparar e sim outra pessoa precisa fazer o chá, dizem os *kofás* que somente assim o efeito do remédio acontece (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

A procura pelo remédio é constante, ora porque se quer manter equilíbrio das coisas, ora porque se quer preparar o corpo para algo. Por isso as plantas podem ser utilizadas como um remédio que cura, mas também como um alimento que prepara o indígena a ser bom em algo, garantindo que ele continue a ter determinada habilidade de caça, de procura de mel, de pesca e assim por diante (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

As plantas possuem uma dimensão social, natural e espiritual. Social pois afirma determinadas funções, como a da caça ou da pesca. Natural porque suas capacidades nutricionais e medicinais são utilizadas no cotidiano. Espiritual, pois todo o processo de uso dos remédios do mato, tem imbricado em si, a comunicação com esse campo. Seja na busca pelas plantas no mato, com os pedidos de licença ao dono do mato, como no preparo com o poder da fala, a fé e o guia espiritual que age no procedimento (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

#### **1.14 OS INDÍGENAS ESTÃO “CONGELADOS” NO TEMPO?**

Assim como comentamos antes, o processo de ataque aos costumes e tradições indígenas segue no tempo presente. Ele pode ser visto nos noticiários anunciados como “conflitos de terra com indígenas”, “conflito agrário com indígenas”. Essas manchetes escondem um pouco a história de violência, de expulsão deles do seu território ancestral. O que ocorre na historiografia de Bento Gonçalves é algo muito parecido. Se esconde nos noticiários e na história que o território antes de mais nada era um território indígena e assim é fácil esquecer, é fácil invadir e é fácil negar o direito indígena no acesso à terra, impedindo

também seu modo de vida, que é diferente do modo de vida urbano. Assim também ocorre a instabilidade territorial destas populações (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

Dessa forma, as práticas de saúde dos indígenas também foram alteradas. A preferência, pelos indígenas mais jovens, por remédios industrializados hoje em dia, por exemplo, pode seguir uma lógica de adaptação ao tempo de resposta, que precisamos ter em relação às doenças no mundo do trabalho assalariado. Além disso, o desmatamento e a invasão dos seus territórios se tornam cada vez mais difícil encontrar remédios do mato, porque já não existe mais uma mata saudável e isso torna ainda mais difícil a manutenção da saúde indígena, porque como vimos, para a comunidade estar bem, a mata, os animais dela também precisam estar. O adoecimento da mata causa o adoecimento do povo, nesse sentido, o afrouxamento das leis ambientais e a não demarcação das suas terras segue violentando os indígenas. Isso inclusive vai contra a nossa constituição que determina a proteção do modo de vida e conseqüentemente do território desses povos (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

A conciliação do mundo moderno e urbano com os valores e costumes indígenas precisa avançar muito. O agronegócio é um dos setores econômicos que mais os ataca, pois tem interesse direto na tomada das terras indígenas. Porém, alguns exemplos interessantes podem ser observados naqueles territórios indígenas que hoje funcionam postos de saúde estatais, com profissionais formados nas instituições de ensino, como universidades, mas também profissionais que tiveram sua instrução realizada com os remedieiros (as), benzedores (as) e *kofás* em suas comunidades. O conhecimento indígena pode e deve ser algo a ser defendido por toda a sociedade brasileira e para isso não existe bandeira mais apropriada que a da demarcação das terras indígenas já!

Quando entendemos a planta enquanto alimento e remédio ao mesmo tempo, assim como na cosmovisão indígena para manutenção e proteção da saúde dos nossos corpos e também do equilíbrio entre os mundo humano e do não-humano (animais e mata), podemos também atualizar o entendimento do ato de comer alimentos produzidos com agrotóxico, como um ato de envenenamento do nosso corpo. A defesa dos saberes e terras indígenas não é importante apenas para a proteção dos povos indígenas, por mais que essa pauta sozinha já seja merecedora de todas as defesas possíveis, mas ela é importante para a saúde de toda a sociedade brasileira. Quando aprendermos a valorizar esse conhecimento, nossa sociedade, de modo geral, poderá ser mais saudável.

Aqui se deu preferência ao detalhamento de aspectos relativos a como os indígenas Kaingang entendem a doença e a cura<sup>14</sup>, e esse não foi um recorte sem objetivo. Esse contorno

---

<sup>14</sup> (PAULA, 2020; BENTO, 2015; MINEIRO, 2015; MENDES, 2015; AMARAL, 2015; FORTUNATO, 2014).

teve a intenção de apresentar a visão de mundo e o modo viver Kaingang que necessariamente precisa de extensões de matas saudáveis. Esse aprofundamento é intencional pois demonstra como a crise ambiental atrelada ao avanço desenfreado do agronegócio, com o afrouxamento das leis ambientais e o não investimento em órgãos como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) tem afetado a possibilidade do resguardo da história, memória e conhecimentos indígenas. A “boiada” não pode continuar passando por cima desta história.

### **Quadro 1 Plantas Utilizadas por Povos Kaingang**

<b>PLANTAS UTILIZADAS PELOS POVOS KAINGANG</b>
<p><b>O Ipê-roxo</b></p> <p>Na cultura dos Kaingang o ipê-roxo é considerado uma das principais plantas medicinais, seu uso é indicado para uma ampla variedade de doenças, como câncer, leucemia, diabetes e reumatismo, de sua casca esmagada e cozida se extrai um óleo de grande eficácia para curar feridas e doenças de pele. Sua utilização popular no Brasil envolve o uso de banho de chás das folhas, o caule e cascas e garrafadas com indicações que incluem gripes, bronquite, sinusite, impetigo, úlceras sifilíticas e blenorragias, tratamento local de cervicite e cervicovaginite, controle da anemia (anti-anêmica), cistite (diurético), "sangue grosso", calmante, alívio das inflamações de ouvido, dor no corpo (anti-reumática), gastrite, verminoses e diarreia. Seu princípio ativo, lapachol, tem produzido resultados evidentes no tratamento destas doenças e com maior comprovação estão suas atividades antioxidante, antibiótica, bactericida, antiviral, antifúngica e cicatrizante.</p>
<b>PLANTAS UTILIZADAS PELO POVO KAINGANG</b>

***Chapéu de couro (jãtã-sãpe)***

Os extratos de Chapéu de Couro possuem uma potente propriedade diurética, aumentam a taxa de filtração glomerular (filtragem do sangue pelos rins) liberando mais urina no organismo. Com isto estimula a eliminação de substâncias que são filtradas passivamente como algumas toxinas. O Chapéu de Couro é recomendado para o tratamento de excesso de ácido úrico no sangue (gota), artrite reumatoide, inflamações das vias urinárias, dermatoses (micoses, erupções e lesões na pele), problemas hepáticos (gordura no fígado), litíase (cálculos biliares e urinários), inchaço no corpo e retenção de líquidos, esta planta medicinal tem ação depurativa, ou seja, purifica e desintoxica o organismo. Na manipulação do Chapéu de Couro as partes normalmente utilizadas são as folhas, in natura, no preparo de chá na proporção de 20 gramas para 1 litro de água através de infusão durante 10 minutos no mínimo, ou a raiz, utilizada na forma de cataplasma.

**1.5 A OCUPAÇÃO EUROPEIA NO RIO GRANDE DO SUL MAIS ESPECIFICAMENTE NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE DA SERRA GAÚCHA**

Até o início do século XIX, Portugal havia enviado apenas açorianos para se estabelecerem na região do Rio Grande do Sul. Em 1818, o rei Dom João concordou em estabelecer 100 famílias suíças no Rio de Janeiro. Era prometido a cada colono adulto, um auxílio de 160 réis por dia no primeiro ano e 80 réis diários e durante o segundo ano de moradia na colônia. O governo também se comprometeu a custear os serviços de um médico, um boticário, um veterinário e de dois a quatro padres católicos. Além desta, outra colônia foi instalada no mesmo ano na Bahia, com imigrantes alemães, muitos deles oficiais da guerra da independência. Estes eventos ilustram o início de uma nova leva da imigração europeia para as Américas, após a independência, com a mesma política de ocupação colonial (MACHADO, 1999).

Além disso, existia um interesse de aumentar o contingente do exército imperial português agenciando imigrantes alemães para batalhões, nominados enquanto colonos estrangeiros. Desta vez, migrantes europeus livres e estrangeiros ao império português poderiam ocupar terras tupiniquins e guaranis. Bento Gonçalves recebeu números expressivos da imigração italiana até meados de 1915. A política brasileira de imigração europeia de 1818 (ano do início da migração de estrangeiros) em comparação a de 1875 (ano de início do pico da chegada dos italianos na região serrana da província gaúcha) é muito diferente. Há

mudanças na legislação, na estrutura, nas garantias prometidas, na consciência parlamentar sobre o projeto de imigração e também nos interesses sobre ela. Esse cenário também foi sendo modificado e influenciado pelos diferentes períodos de governos e regimes, monárquico e republicano com a continuação desta política até o ano de 1915 (MACHADO, 1999).

As vantagens prometidas aos italianos e demais imigrantes europeus vindos a partir de 1870 eram disseminadas na Europa, desde a década de 20, quando os alemães começaram a ocupar as regiões próximas a Porto Alegre e regiões na Bahia. A ideia de um “*el dorado*” nas Américas, existe para os europeus, desde que América foi nomeada como América, e esse arsenal simbólico e imaginário de riqueza fácil, foi utilizado pelos agentes da imigração para atraí-los (MACHADO, 1999).

### **1.16 MOTIVAÇÕES PARA TRAZER MAIS EUROPEUS À AMÉRICA**

A vontade política imperial e colonial, isso significa que o império português não tinha intenção nenhuma de negociação com os povos que aqui habitavam, mas isso existiu, dado o conhecimento, contingente e ação dos indígenas que aqui habitavam. Após a independência do Brasil, entre 1823 e 1828 o governo imperial brasileiro continuou a incentivar a imigração europeia como parte de seus esforços para estabelecer núcleos coloniais e formar um exército estrangeiro em solo brasileiro. A condição geopolítica da região ao sul ainda estava sujeita a disputas fronteiriças com países vizinhos (Espanha) e a recente independência necessitava de uma força militar maior, que pudesse estabelecer o poder do império. O exército deveria ser constituído por europeus ou pelo menos por uma maioria deles, as revoltas dos militares negros causava preocupação ao governo imperial (MACHADO, 1999).

Os acordos entre o império brasileiro e os estados Alemães teoricamente garantia a nacionalização e instalação dos imigrantes. A Lei nº304 do projeto de colonização imperial era de distribuir (dar) as terras em lotes aos alemães. Para facilitar o processo, empregou-se agentes encarregados de recrutar famílias interessadas em migrar para o Brasil, oferecendo-lhes assistência do governo. O sistema operava da seguinte maneira: emissários de alto escalão eram despachados para diversas regiões da Europa, incluindo a atual Alemanha e mais tarde Itália. Esses agentes, atuando em nome do governo imperial, faziam promessas de vantagens, com ênfase especial na promessa da propriedade de terras. Um exemplo desse incentivo é a cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, conhecida por sua colonização alemã. Entre 1824 e 1830, cerca de 5.350 alemães ingressaram na província do Rio Grande. Cada família recebeu um lote gratuito de 77 hectares o que equivale a mais ou menos 77 campos de futebol por

família alemã (MACHADO, 1999).

### **1.17 VANTAGENS PROMETIDAS AOS IMIGRANTES**

Após o ano de 1854, as terras e os subsídios, que seriam entregues aos imigrantes durante os primeiros 5 cinco anos começaram a ser contabilizados e teoricamente cobrados dos colonos. Teoricamente, seria porque as dívidas se tornaram infinitas forçando o governo imperial a resolver o problema que ele mesmo criou: O endividamento insolúvel dos colonos. Por isso, o mesmo governo central também criou uma série de mecanismos que impedissem a miséria total deles e também anistiou muitas dívidas. A começar pelo preço das terras, que eram baixíssimos e poderiam ser pagos em cinco parcelas divididas em até dez anos, com desconto de 6% sobre parcelas pagas antes do prazo estipulado. Além disso, o regulamento das colônias de 1867 não previa expulsão ou execução da dívida do colono inadimplente, ele só perderia o direito sobre seu lote, caso ele não estivesse ocupando-o até o final do pagamento da sua dívida (MACHADO, 1999).

Em 1870, mesmo depois de muitos anos, de várias tentativas, sob as mais diferentes formas, o número de imigrantes que ingressaram no País era considerado insuficiente. Para tentar mudar o cenário dos contratos que vigoraram a partir de 1870, a tentativa foi de os empresários propagandear, angariar e transportar os imigrantes, enquanto o governo garantir a introdução e o assentamento dos mesmos. O empenho em atrair novos colonos europeus foi tão grande que o próprio regulamento oficial das colônias de 1867 se tornou uma peça de propaganda. Ele era apresentado para os possíveis migrantes e prometia entre outras coisas orfanatos e asilos em que o governo iria disponibilizar vestuário, curativo, instrução primária, religiosa e formação industrial relacionada a produção agrícola (MACHADO, 1999).

A imigração dos europeus no século XIX significou para muitos pesquisadores clássicos do tema (De Boni e Costa 1975), o progresso, o desenvolvimento do trabalho e da “civilização”. A visão de que a ação dos imigrantes europeus e seus descendentes gerou o início de um “resultado prodigioso” do Rio Grande do Sul atual foi muito trabalhada. A imigração europeia, nessa historiografia mais ultrapassada, esteve combatendo o “atraso” representado pela mata virgem inexplorada e seus moradores, os indígenas, ampliando, ainda para os negros fugidos e ou libertos, como veremos no capítulo seguinte.

### **1.18 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA ENCOSTA SUPERIOR NORDESTE O RIO GRANDE DO SUL**

De 1848 até 1874, o controle sobre as colônias transitou do governo imperial para o governo provincial, que passou a ter à disposição, extensões de terras do império para realizar novos assentamentos. Nesse período foram 22.407 imigrantes que ingressaram ao longo desse tempo, em sua grande maioria súditos dos estados alemães. As colônias alemãs foram sendo formadas na bacia do Rio Jacuí mais próximas a Porto Alegre (MACHADO, 1999).

Em 1870, Bento Gonçalves se chamava “Cruzinha”. A história do nome tem algumas versões que não recebem muito crédito, entre elas, a mais conhecida é a de que um tropeiro foi enterrado em algum local da cidade, onde teria se fixado uma cruz. De maneira simbólica, atualmente está cruz fica numa praça próxima a igreja Santo Antônio, no centro da cidade. No dia 24 de abril de 1870, o presidente da província do Rio Grande do Sul, assinava o “acto” que criava as colônias Dona Isabel e Conde D’Eu na Encosta Superior Nordeste da província, no município de Monte Negro. Dona Isabel e Conde D’Eu, tinham juntas 32 léguas quadradas. As duas colônias sempre tiveram uma boa comunicação com o centro comercial de Porto Alegre e com as demais colônias alemãs de duas maneiras: A primeira era por meio da picada mais tarde denominada de estrada Buarque de Macedo e que atualmente faz parte da RS-470. Naquela época, saindo de Dona Isabel, se atravessava em seis dias no lombo de muares e em carretas, para chegar a Montenegro, dali havia transporte rápido de um dia até Porto Alegre. A outra picada saía da Colônia de Caxias, levando o mesmo tempo de viagem em direção à São Sebastião do Caí (DE PARIS, 1999).

Em 1876 as colônias de Conde d’Eu e Dona Isabel receberam, por determinação do Ministério dos Negócios da Agricultura, 3.959 imigrantes em apenas seis meses. A distribuição deles nas colônias era feita a partir do próprio planejamento dos colonos com a estrutura que o governo oferecia. Um problema inicial era que as colônias, de uma hora para outra, recebiam milhares de colonos. Nesse cenário a delimitação espacial de cada grupo étnico de imigrantes, tornava mais visíveis as distinções étnicas, o que impulsionava uma tendência de reunir na mesma linha, ou em linhas contíguas, imigrantes de mesma nacionalidade/etnia (MACHADO, 1999).

A comissão de Terras em Dona Isabel registrava cada imigrante que chegava e os abrigava no barracão que ficava no local onde hoje se encontra a igreja Santo Antônio. Sobre a distribuição dos lotes, a terra era dividida em linhas, travessões e lotes coloniais, com divisões feitas, em geral, sem atentar para os acidentes geográficos, a não ser os de maior relevância. A linha, era a estrada que indicava a direção dos lotes e ao mesmo tempo os interligava (MACHADO, 1999).

### **1.19 SOBRE O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO EUROPEIA**

Em 1875, com a vinda dos primeiros imigrantes italianos, o Governo Imperial passa a assumir diretamente os encargos da imigração e colonização reivindicando a administração das colônias no Rio Grande do Sul. Em 1876, as colônias imperiais no Rio Grande do Sul eram Soledade, Conde d'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves), São Feliciano e o Núcleo Colonial dos fundos da Nova Palmira (Caxias do Sul) todas estavam enfrentando permanentes problemas de transporte, devido às péssimas condições das estradas e picadas que as ligavam aos portos fluviais de Montenegro e São Sebastião do Caí e estavam abandonadas pelo setor privado (caso da colônia de Soledade) ou pelo próprio governo provincial. No caso de Dona Isabel e Conde d'Eu, as duas eram consideradas território do governo imperial enquanto terras devolutas e foram inicialmente encampadas pelo governo provincial. Porém em 1875 isso muda e elas passam à administração do governo central (MACHADO, 1999).

Uma dinâmica muito rara na política riograndense vai convergir interesses dos pecuaristas com a política de imigração imperial. O presidente da Província era representante do Partido Conservador (Gabinetes Rio Branco e Caxias - Cotegipe), mas a maioria da Assembleia Provincial era liberal, que acabou ganhando as disputas sobre o orçamento provincial e impediu iniciativas dos conservadores em promover à imigração. Parte dessas preocupações conservadoras se referia a consolidar uma ligação da bacia do Jacuí com os Campos de Cima da Serra, essa situação faria com que os interesses da elite pecuarista convergissem com o projeto de colonização do Império, para assim consolidar essa rota (MACHADO, 1999).

Institucionalmente outra mudança ocorre na administração das colônias, em fevereiro 1876 é criado a Inspetoria Geral de Terras e Colonização órgão do governo imperial que, garantia uma representação do governo central nas províncias, uma intervenção direta do império na política de imigração que garantiu uma continuidade da mesma e favoreceu na época, os interesses conservadores com a imigração. Mas esse projeto já era antigo e a pauta da imigração europeia também, isso por conta da sua relevância no projeto colonial, de ocupar e embranquecer o Brasil. Por isso a estrutura de colonização foi sendo mantida e incrementada pelos governos (MACHADO, 1999).

### **1.20 INTERESSES DAS ELITES SOBRE O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO EUROPEIA**

A imigração italiana e europeia como um todo não foi um movimento espontâneo, a vinda desse expressivo contingente imigratório a partir do final dos anos de 1880 não foi apenas o resultado da iniciativa da Sociedade Promotora da Imigração<sup>15</sup> ou de ações governamentais durante a década de 1880, mas, também, da formação de colônias de propaganda (MACHADO, 1999).

O sistema de colonização foi realizado principalmente para favorecer os interesses das grandes lavouras, em busca da força de trabalho que substituísse o escravizado, já que ele não era visto como um ser humano que podia ganhar salário assim como o europeu. Ainda assim, isso não explicava os enormes gastos do governo imperial com os núcleos de pequenos proprietários, porque se fosse apenas pela mão de obra, o gasto seria menor. As colônias nas Províncias do Sul (aqui incluídas as colônias Dona Isabel e Conde D'Eu) e também as do Espírito Santo possuíam uma função diferenciada na política de imigração. O objetivo era promover a ocupação territorial, o desenvolvimento de lavouras voltadas aos gêneros alimentícios da agricultura subsidiária, como batata, arroz, feijão, milho e etc. Mas ainda mais importante que isso era esses lugares se tornarem “centros de atração de imigrantes”. Naquele momento a imigração estrangeira era considerada como um enxerto “para dar vigor à população nacional”. Esse “enxerto” iria substituir ou diluir a imoralidade, a preguiça, a civilização dos indígenas e libertos africanos excluídos e agredidos por esse processo de desenvolvimento agrário que privilegiou o imigrante europeu com a imagem de “visionário”, “pioneiro”, “produtor”, enquanto deixou o estigma de incapaz e de preconceito como legado à população negra e indígena (MACHADO, 1999).

A grande lavoura cafeeira, que esteve em ascensão a partir de 1820, não se interessava pelo fluxo espontâneo de imigração, pois estes imigrantes vinham com economias e evitavam submeter-se ao trabalho nas fazendas, trabalho esse que era realizado nas mesmas condições degradantes dos escravizados. Porém, para melhorar a promoção da política entre os europeus, era necessário formular uma “*fama*”, do bom estabelecimento destes imigrantes no Brasil, além de difundir a campanha. Dessa maneira, o governo pretendia atrair diferentes camadas sociais de imigrantes tanto para o sistema latifundiário, como também para a formação de pequenos proprietários, formação de produtores agrícolas e também formação de um povo

---

<sup>15</sup> Foi uma organização criada em 1886 por fazendeiros de São Paulo, com o objetivo de garantir mão de obra para as lavouras de café, num contexto em que a abolição da escravidão no Brasil estava iminente. Para mais informações sobre a organização consultar: Petri, Kátia Cristina. "Ask to come their relatives": in Immigration Promoted Society in São Paulo (1886-1896). 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12628/1/Katia%20Cristina%20Petri.pdf>> Último acesso em 02 de dezembro de 2024

branco que fosse “civilizado” (MACHADO, 1999).

Nessa corrida propagandística, o Brasil disputava esses imigrantes com outros países em construção, os EUA e Argentina por exemplo. Portanto as colônias imperiais (como Dona Isabel e Conde D’Eu), além de estarem recebendo uma massa de colonos a serem pequenos proprietários, que usavam suas economias para se impulsionar nesse objetivo, serviam também como meio propagandístico dos esforços imperiais em receber bem todos os imigrantes.

O acesso à propriedade da terra em algumas regiões do País foi o principal fator de atração usado pelas autoridades brasileiras. Essa estratégia da política, de propaganda da colonização, tinha como objetivo, nos anos de 1870 em diante um fluxo migratório maior, tanto para atender as demandas da grande lavoura, quanto para consolidar a pequena propriedade no sul do País, sem esquecer, obviamente, da função elementar de embranquecer a massa popular do Brasil (MACHADO, 1999).

## **1.21 AS FASES DO PROJETO COLONIAL DE IMIGRAÇÃO**

De forma geral a imigração europeia do século XIX, foi a continuação do projeto colonial português no Rio Grande do Sul e em outros estados brasileiros como São Paulo. Elemento importante deste projeto, como já destacamos, era o povoamento que se deu inicialmente, apenas por súditos da coroa portuguesa e com os africanos escravizados, comercializados e empregados como meros objetos nas *plantations*<sup>16</sup>. O problema é que com o passar do tempo isso não era mais suficiente, o império Português “fugiu” para o Rio de Janeiro em 1808, o império Brasileiro foi formado e a maioria da população que vivia aqui era negra, indígena ou mestiça, logo diversos povos europeus passaram a ser requisitados para o plano “civilizatório”. A imigração europeia, de 1808 a 1830, era aquela que ainda objetivava executar o plano de modificação das estruturas sociais dos povos indígenas, inserindo um sistema latifundiário, com grandes proprietários, que possuíam enormes extensões de terra. Porém, os portugueses demoraram alguns séculos para se infiltrar no território indígena e a imigração de europeus não era constante, mas era necessária para a criação e consolidação de núcleos coloniais, que pudessem formar uma classe de grandes e de pequenos proprietários, que fossem ocupando de fato o território a mando do império.

---

<sup>16</sup> As “plantations” eram grandes concessões de terra destinadas à exploração de recursos naturais com o objetivo de gerar lucro para a Coroa portuguesa. Essa exploração dependia fundamentalmente do trabalho forçado de africanos escravizados, uma vez que os povos indígenas, conhecedores do território, conseguiam inicialmente escapar desse tipo de opressão.

De 1830 a 1848, a imigração era necessária para a perpetuação da produção latifundiária e escravocrata. O projeto foi orquestrado com muita perfeição. A imigração contínua de europeus poderia arruinar a manutenção do sistema latifundiário, já que se estava fazendo uma verdadeira distribuição de terras a pequenos proprietários. Isso poderia virar um interesse entre os libertos. Mas foi possível passar da escravatura para o regime de trabalho assalariado sem que as instituições sociais sofressem um abalo revolucionário, ou seja, os escravos ficaram sem terra e continuam na miséria, servindo de mão de obra barata no sistema assalariado e os indígenas constantemente desterritorializados (BONI; COSTA, 1979).

O interesse de fortalecer e abastecer o mercado interno com alimentos ainda escassos, como arroz, feijão, batata, trigo e etc., era um objetivo importante para a coroa portuguesa que a fez se empenhar em renovar e manter a estrutura e a política de colonização. Mas além das demandas gerais de abastecimento um ponto importante é que esse processo está intimamente ligado a outros, o de substituição do trabalho e do trabalhador escravo e as preocupações primeiramente com a formação do povo brasileiro e mais tarde com o embraquecimento da população negra. A atualização constante da política de imigração se deu por meio de “*upgrades*” na legislação, nas normas, nas estruturas burocrático-administrativa, nas infraestruturas portuárias e terrestres (estradas e vias marítimas) e dos contatos internacionais que tinham papel importante em propagandar a imigração para o Brasil. Isso demonstra uma intenção contínua do governo central sobre o tema. Essa conservação da política e o incremento da estrutura de imigração europeia tinha também o objetivo de criar uma camada social branca de pequenos proprietários, no sul do Brasil (BONI; COSTA, 1979; MACHADO1999).

Mais tarde, com a República, a imigração vai cessando, bem como as vantagens que se estabeleceram para os colonos. Ainda assim, a venda de lotes acessíveis foi se estendendo para outras áreas, os descendentes de italianos foram migrando para outras regiões mais ao norte como, Antônio Prado, Passo Fundo e Erechim e para o oeste do estado catarinense, aumentando a área produtiva e a importância agrícola destas regiões com os capitais adquiridos nos primeiros anos e com as primeiras gerações assentadas. Por muito tempo esses elementos foram fatores determinantes para a continuação deste fenômeno imigratório que se expandiu entre os descendentes de colonos nascidos aqui no Brasil (MACHADO, 1999).

## **1.22 IMIGRAÇÃO = AGRESSÃO**

Atualmente, podemos ter uma visão mais coerente em relação à história do município de Bento Gonçalves, forjada no processo de imigração dos colonos italianos e alemães e de

genocídio dos povos indígenas. A frente de expansão e colonização da qual principalmente os italianos e alemães participaram, mas não apenas eles como uma geração inteira de europeus de diferentes lugares, servia basicamente para assegurar o território, face aos interesses do império, de modo que ele gerasse lucro para a coroa. Essa frente de expansão significou a criação de fazendas que garantiam a exploração dos produtos como a erva mate e a carne de gado.

Esse processo não foi nada pacífico. Mesmo com sua revolta silenciada, os Kaingang se amotinaram contra os seus invasores, mas tiveram seu amplo espaço na mata reduzido a áreas cada vez menores. A revolta indígena se deu incessantemente, uma vez que:

As terras que estavam sendo oferecidas aos colonos como áreas devolutas, há milênios já eram ocupadas por sociedades indígenas. Este “detalhe” obviamente não constava nas propagandas feitas pelos agenciadores responsáveis pelo engajamento de imigrantes na Europa. (BRINGMANN, 2010, p.58)

Entre os meios que o império utilizou contra o povo Kaingang no seu processo de expulsão, pouco abordada na historiografia das colônias-cidades como Bento Gonçalves, esteve o destacamento de guarnições da Guarda Nacional, a utilização das Tropas de Bugreiros, além da persuasão civil e religiosa que criava uma imagem amedrontadora, incivilizada e desumana do indígena. Para os colonos, bastava a imagem do índio para causar espanto e temor profundo.

[...] o colono é entendido como o elemento civilizador, que vai trazer o desenvolvimento e garantir o sucesso de um sistema capitalista que se expande deliberadamente [...] o índio, selvagem e arreado, o grande empecilho para o progresso, o qual além de representar o atraso econômico, passa a ser o agressor que atemoriza os colonos (BRINGMANN, 2010, p.58).

Porém foi à força das armas dos próprios colonos e, sobretudo, enchendo a mata de “bugreiros” profissionalizados em matar indígenas que a colonização prosseguiu. O discurso proferido pelos governos imperial e provincial para os colonos foi de combate e de medo aos indígenas.

### **1.23 O CONTROLE DA TERRA E AS POPULAÇÕES NEGRAS NO PERÍODO DA ABOLIÇÃO**

A Lei de Terras de 1850 estabeleceu normas para o acesso ao solo, reguladas pela ideia de propriedade privada. Mas o que isso significa? O que mudou afinal e no que isso interfere? Aprovada apenas duas semanas após a Lei Eusébio de Queirós que foi implementada para frear o tráfico de escravizados africanos.

A lei de terras nº 601 de 18 de setembro de 1850 estabelecia o fim da apropriação de terras: nenhuma terra poderia mais ser apropriada através do trabalho, mas apenas por compra

do estado. Antes disso, o rei de Portugal havia se intitulado dono de toda a terra. Assim ele ia “dando” à terra para pessoas que pudessem cumprir alguns critérios estabelecidos por ele e por sua coroa. Os escolhidos cumpriram papéis relacionados à lógica da exploração dos recursos naturais e da mão de obra escravizada do negro e do indígena a todo custo e até o seu esgotamento (MOTTA, 2018).

Talvez você se lembre disso, lá das aulas de História, as sesmarias eram entregues aos sesmeiros, que precisavam cumprir diversos requisitos definidos pela Coroa, como o cultivo do solo por determinado prazo, sempre sob a lógica da exploração dos recursos naturais. Plantation lembra? Bom acontece que com a nova lei os escravizados africanos e os povos indígenas foram impedidos de ter acesso a terras através do trabalho ou da simples ocupação, assim como ficava garantido para os sesmeiros. Portugueses, ricos e pobres, europeus de outras nações, ricos e pobres haviam conseguido terra dessa forma.

Quando a abolição ocorreu, os negros foram abandonados à própria sorte, e os efeitos desse abandono refletem até hoje nas políticas públicas e nas relações sociais das populações negras. Pode parecer dramático. Realmente, foi e continua sendo. Não foi concedido nenhum tipo de reparação, indenização e nem terras para o trabalho do liberto. Não podiam cultivar a terra e não tinham dinheiro para comprá-la diretamente do estado (que, de qualquer forma, possuía o poder de determinar quem seria o dono das terras com suas regras em que os negros não estavam incluídos). O que restou para a população negra foi a fuga para as cidades para viver em cortiços, dependentes da venda da sua mão de obra a salários de fome e para os indígenas o aldeamento, ou a vida escondida no mato até a chegada de algum fazendeiro.

A criação da Lei de Terras é um reflexo do avanço da formação do capitalismo e também do peso que as pautas abolicionistas ganharam neste mesmo período. Isso porque era necessário criar mecanismos de controle sobre a terra que poderia ser ocupada pelos negros libertos com a abolição ou com a alforria que vinha sendo conquistada de diferentes maneiras e pelos povos originários dela. Para grande parte da população nacional essa lei se tornou um meio de impedir o acesso à terra, por serem negros, pobres, ex-cativos, indígenas ou caboclos descendentes destes. Em grande parte, todos estavam, de alguma maneira, desqualificados das suas habilidades e moralidades, por causa da sua etnia e cor de pele e por isso não poderiam ser entendidos como produtores (MOTTA, 2018).

Curiosamente, essa lei não significou obstáculo algum aos colonos europeus, pelo contrário, significou o meio de legitimar seu estabelecimento nas terras da encosta superior nordeste ou em outras áreas de imigração. Sem nenhum tipo de reparação, negociação ou delimitação de onde deveria ser terra de ocupação dos imigrantes e terra dos povos indígenas e

libertos. Assim se conformou uma heterogenia sócio racial, entre uma minoria de brancos, ricos, grandes ou pequenos proprietários e uma maioria de não-brancos, pobres, não- proprietários.

#### **1.24 IMIGRAÇÃO PARA A “PURIFICAÇÃO” DO “POVO BRASILEIRO”**

Todos os povos racializados de alguma maneira, enquanto negros, indígenas, ou mestiços descendentes destes e nomeados popularmente nas colônias como os “brasileiros” (BRANDALISE, 2019), eram vistos pelos planejadores da sociedade brasileira como um obstáculo a ser superado para criação de um “povo”. Primeiramente os construtores deste “povo brasileiro”, os emancipacionistas, se voltam para a parcela miserável de escravos e libertos, pensando em como integrá-los à nova sociedade. Querendo constituí-la de forma “harmoniosa” (sem nenhum tipo de reparação ao povo sangrado), muitos abolicionistas farão uso dessa proposta. Porém, um temor é instaurado, principalmente nas primeiras três décadas do século XIX, haviam sombrias expectativas, por parte da elite branca deste país, com o desenrolar das insurreições baianas detalhadamente organizadas pelos Haussás e Nagôs, de que futuramente, só pardos e pretos/ iriam habitar o Brasil. Depois dos anos 1850 os emancipacionistas aderem às soluções imigrantistas e começam a buscar no exterior o povo ideal para formar a futura nacionalidade brasileira, a força desta ideia foi tão grande que da metade do século em diante, o debate não era mais sobre o destino do negro ex-cativos, mas sobre qual era o imigrante ideal ou do tipo racial mais adequado para “purificar” a raça brasílica e engendrar por fim uma identidade nacional aceitável. Esse processo ficou conhecido como branqueamento.

As políticas de branqueamento tinha como foco justamente apagar ou minimizar a presença, a cultura, as vivências das populações negras e indígenas, mas que mesmo com racismo que estruturou a sociedade brasileira no período pós abolição, perdurando até hoje, o presença dessas populações resistem, e, assim, o próximo capítulo procura, a partir de fontes, visibilizar a presença e a relevância das populações marginalizadas, principalmente as populações negras, no processo de formação territorial, social, cultural e identitária de Bento Gonçalves (CONCEIÇÃO, 2020).

## 2. CAPÍTULO SEGUNDO: OBSERVAÇÕES INICIAIS SOBRE A ESCRITA E PESQUISA

Mesmo sem políticas estatais de memória para si, o movimento negro vem buscando resguardar sua história para as gerações futuras de Bento-gonçalvenses. Com Movimento Negro queremos dizer todas as pessoas negras que estão em movimento pela cidade, mesmo aquelas que infelizmente não tivemos acesso, mas que mesmo assim estiveram ancestralmente ligadas ao resguardo da nossa memória e a elas queremos deixar nosso profundo agradecimento e sinceras desculpas pelas limitações em aproximação e contato.

Neste capítulo vamos relatar e analisar o acervo que reunimos sobre a população negra na nossa cidade. Nosso objetivo é trazer o que tem sido pesquisado sobre negros e negras na região da serra Gaúcha e colocar em paralelo os registros que encontramos e construímos. Nesse sentido, o livro de Lucas Caregnato “A Outra Face” de 2010, é um trabalho muito importante, uma vez que falar da população negra, no sul do Brasil é uma tarefa difícil, devido às poucas fontes, o pouco incentivo e investimento governamental, que resulta em muito silenciamento do nosso povo. Caregnato analisou aspectos do contato entre ítalo-brasileiros e negros, no mercado de trabalho onde nos inserimos, na religiosidade, lazer, núcleos de sub-habitação e a representação de jornais e imprensa sobre a população negra na cidade de Caxias do Sul entre 1900 e 1950. Nós iremos fazer um arco temporal um pouco mais extenso que vai desde o início do século XX até próximo dos anos 90 e trazer parte dessa pesquisa para então apresentar as fotos, entrevistas, jornais e informativos e as demais fontes que encontramos sobre a população negra de Bento Gonçalves no arquivo público, no Museu do Imigrante e na memória das pessoas negras da cidade, num cruzamento das nossas fontes e análises de Lucas Caregnato com as nossas. A partir disso queremos refletir sobre uma pergunta: Existiria uma Bento Gonçalves sem a população negra?

A pesquisa de Caregnato é apresentada pela sua professora e orientadora Loraine Giron com o texto “Do Outro Lado”. A autora relata que no período da ditadura, por meio do projeto dela, pesquisadores da região do complexo colonial<sup>17</sup>, já demonstraram a necessidade científica de cruzar dois eventos históricos contemporâneos entre si e que para a gente são até mesmo

---

<sup>17</sup> O complexo colonial a partir do entendimento da historiadora Sandra Jataí Pesavento é formado por cidades construídas com a política de assentamento agrário dos imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX. Cidade como Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul e outras constituem esse complexo que é geralmente caracterizado pela colonização italiana ou alemã. Para mais informações consultar: PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Burguesia Gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho. Porto Alegre: Mercado Aberto Ltda., 1988. 279.

síncronos. A política governamental de imigração europeia do final do século XIX até meados de 1915 e o processo de declínio da escravidão legal de africanos, que termina em 1888, tiveram forte relação e o estudo sobre estes dois eventos nos ajuda a entender a formação da sociedade brasileira. Na época em que Loraine Giron apresentou seu projeto não haviam pessoas nas universidades que acreditaram ser possível ou importante essa pesquisa, sua ideia era de que os gastos com imigração europeia foram maiores do que com a introdução das pessoas escravizadas no trabalho assalariado.

A desvalorização desse tipo de estudo que relaciona eventos fora da escravidão, como a colonização italiana ou alemã, com a população negra é algo comum. Isso é perceptível pela falta de trabalhos que tratem o negro fora da escravidão. Porém o menosprezo não é só pelo trabalho, mas de todos os aspectos moralizantes, culturais, ancestrais e epistemológicos das pessoas negras, indígenas, mestiças e caboclas, são nacionalmente debatidas pelo menos desde a década de 1940 por instituições negras como o Teatro Experimental do Negro, criado em 1944, pelo intelectual Abdias do Nascimento. Esse pensador também atuou, durante a ditadura, desmistificando a imagem de harmonia ou paraíso racial que o estado brasileiro havia construído de si para o mundo e foi perseguido por isso<sup>18</sup>.

Mais adiante na história do pensamento brasileiro a figura de Lélia Gonzalez também é fundamental para entendermos a forma patológica, da qual a elite brasileira oculta os sintomas do seu racismo na nossa sociedade. Quando Lélia analisa o texto de Caio Prado Júnior, sobre a função do escravo na sociedade brasileira, percebe ali um exemplo perfeito da neurose cultural brasileira: Segundo ela “[...] o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento”. O recalçamento, a partir das suas referências científicas sobre a mente humana, é aquilo que queremos afastar do nosso consciente. A criação do “outro” pelo branco é realizada como defesa do Ego. A branquitude pode ser entendida como uma construção social que se posiciona como norma e neutralidade, ocultando os privilégios associados a essa identidade racial. Em contraponto, características negativas ou indesejáveis, como agressividade ou criminalidade, são projetadas sobre grupos racializados, reforçando estereótipos que sustentam hierarquias raciais.

Essa projeção funciona como um mecanismo psicológico e social que desumaniza "os outros", ao mesmo tempo em que preserva a imagem idealizada de bondade e moralidade associada à branquitude. Além disso, estereótipos negativos tornam-se ferramentas para

---

<sup>18</sup> Ver mais sobre Genocídio do negro brasileiro em: O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado" de Abdias Nascimento publicado em 1978.

justificar desigualdades estruturais, normalizando a exclusão e o controle dos corpos racializados.

A invisibilidade da branquitude é central nesse processo, pois ela é percebida como universal e imparcial, enquanto as identidades raciais dos outros são constantemente marcadas. Esse sistema de diferenciação reflete e perpetua a concentração de poder, legitimando privilégios históricos e atuais<sup>19</sup>. A população racializada é taxada de tudo aquilo que a branquitude não quer assumir para si mesma (SOCIAIS, 1984 p.231)<sup>20</sup>. A análise de Lélia é interessante. Na sua leitura, na descrição do autor Caio Prado Júnior sobre a mulher negra, ela não é sujeita humana, não tem agência e está subordinada às ações do senhor branco, é caracterizada a partir das ações do senhor de escravo e a ideia de violência do ato sexual forçado entre o senhor de escravo a mulher negra cativa não parece existir é ocultada.

A historiadora Beatriz Nascimento trata da desigualdade na escrita historiográfica, para ela a “história oficial” foi construída pelos dominadores e não pelos dominados. Fazendo da imagem do negro uma “coisa” relatada pelo branco. No tempo em que ela escreve, nós mesmo ainda não havíamos contado nossa história e isso causa uma diferença drástica na narrativa e no entendimento social sobre a nossa formação enquanto povo brasileiro.

Percebe-se que Giron busca reforçar uma relação afetuosa quando escreve que Caregnato, por conta da sua vivência de carinho no meio de sua família (parte ítalo-brasileira, parte afro-brasileira), é uma testemunha da história da relação étnico racial entre afro-brasileiros e ítalo descendentes. Isso nos levou a lembranças da suposta harmonia entre brancos e negros que Abdias do Nascimento tanto denunciou<sup>21</sup>. Outro sintoma do racismo na historiografia se inicia com a falta de afirmação da existência de famílias entre negros apontada por Robert Slenes no seu livro “Na Senzala uma Flor”. Essa ideia ainda é reafirmada por muitos historiadores que não aponta para a existência de famílias negras e sim indivíduos.

Se tratando da serra gaúcha não estamos lidando com a dicotomia clássica entre senhores brancos e negros escravos. Isso porque no primeiro estatuto de colônias de 1867 era proibido ter escravos residindo nas colônias europeias. Porém é importante sabermos que essa lei não impediu todas as colônias de introduzir o trabalho escravo nas suas dinâmicas econômicas.

---

<sup>19</sup> Veja mais sobre branquitude e a fantasia criada sobre o negro em: Memórias da Plantação: Episódios de Racismo de Grada Kilomba publicado em 2008 pela primeira vez.

<sup>20</sup> Para saber mais sobre o tema consultar a seguinte pesquisa: Racismo e sexismo na cultura brasileira da revista ciências sociais hoje número 223 de 1984

<sup>21</sup> Sobre o mito da harmonia racial brasileira vejam também o livro: O Espetáculo das Raças de Lilia Moritz Schwarcz

A utilização da mão de obra escrava foi comprovada em algumas colônias de imigração europeia, em Joinville os escravos eram alugados de famílias luso-brasileiras. A força de trabalho naquela colônia foi a mão de obra escrava mesmo com esta lei<sup>22</sup>. O que é importante destacar disso, é que mesmo sem a utilização da mão de obra escrava na colônia, não significa que a população branca colona e europeia da região serrana gaúcha não foi beneficiada pela exploração racial de negros e indígenas direta ou indiretamente, e nem mesmo, que essa exploração foi mais leve. Esse tipo de violência se fez presente, de modo até mesmo mais sofisticado, desde o tempo em que as cidades eram colônias. Exemplo disso são as histórias de mães negras desesperadas em salvar suas crianças da vida de barbárie em cativeiro, entregavam-as para as famílias italianas.

A pesquisadora Giron conta que Lucas Caregnato, foi uma das pessoas que estimulou “[...] seu velho projeto de trabalhar a relação entre afro e ítalo descendentes.” (CAREGNATO, 2010, p.13). A pesquisadora publica em 2009 “Negros na Serra Gaúcha: Subsídios”. E vejam, ao menos na nossa leitura, a ideia ainda que estimulada por Caregnato é do “velho projeto” da pesquisadora Giron. Isso faz parecer que ainda não somos os protagonistas dessa história. Pelo menos não da pesquisa. O antigo resquício de que as coisas sobre nós mesmos surgem sobre a subordinação das ações do branco, continua? Caregnato é seu estudante e impulsiona uma ideia dela e de “quebra” ele é testemunha da relação de “carinho” entre ítalo e afros. Não temos nenhuma ligação com a professora Giron e nem achamos que o seu legado é menos importante, mas para nós, Caregnato, não é apenas testemunha, mas o principal sujeito de uma história de luta e conquistas do povo negro. Isso implica em considerá-lo, nosso marco, o agente principal nisso que consideramos uma virada historiográfica regional, onde não se pode mais estudar o italiano ou a chamada região colonial brasileira sem estudar o negro e o indígena concomitantemente.

A região da Serra Gaúcha é conhecida nacionalmente por inúmeros crimes de racismo, ou crimes que possuem o racismo como pano de fundo. Em 2023 as vinícolas de grande porte (Coop. Aurora, Coop. Garibaldi e Vinícola Salton), que estavam produzindo vinho com trabalhadores em situação análoga à escravidão (mais de 200 trabalhadores negros baianos), foram autuadas pelo Ministério do Trabalho.

---

<sup>22</sup> Veja mais sobre o tema na pesquisa de Willian Conceição no texto: Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC, encontrado no livro Fragmentos Negros. CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em joinville/sc. In: GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan. Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em joinville/sc. São Paulo: Pluralidades, 2022. Cap. 1. p. 15-42.

Atualmente as vinícolas até fazem propagandas comerciais com pessoas negras na tentativa de amenizar a situação, mas o que podemos tirar dessa situação é perceber a estrutura social que hierarquiza as pessoas no mundo moderno a partir da sua ancestralidade étnica e também pela cor de pele (marca social). Isso foi um fator determinante para a criação das colônias no sul do país e também para a sua manutenção. Sem a exploração racial, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi e outras cidades, fundadas como colônias italianas no RS, não teriam necessidade de existir. O que queremos dizer é que sem o racismo e sem o medo de que a eugenia em prol da supremacia branca pudesse ser ameaçada, a emergência de se criar uma camada média de pequenos proprietários brancos estrangeiros não seria necessária. O medo do Brasil se tornar um império negro, foi o que determinou a urgência da existência das colônias italianas e alemãs no sul do país.

Esconder esse histórico é determinante para o bem-estar da elite econômica bento gonçalvese, que se beneficia com isso, mas chama de “mérito” ou “pioneirismo”, tudo que foi construído na região. Por isso, não é surpresa negarem uma pesquisa que coloca em conflito pilares mitológicos de harmonia racial que formaram o nosso país e tampouco isso se tornou algo do passado. Esse assunto é evitado na escrita dos autores clássicos que explicam a formação do Brasil, mas também se materializa nos dias de hoje, nas festas de Bento Gonçalves como a Fenavinho, Expobento, Vindima e outras, onde o negro não existe, não é representado ou se quer mencionado. Não há nenhuma representação da comunidade negra bentogonçalvese, é como se não tivéssemos construído parte do tecido social e econômico da cidade.

No ano de 2018 o Brasil elegeu um presidente que negava a existência do racismo e fazia piadas racistas de negros, quilombolas e indígenas. Mesmo hoje, em que a exigência por esse tipo de pesquisa seja impulsionada por parte da sociedade, isso por causa de um grupo maior de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras negros e indígenas, que constroem uma diversidade étnica maior nas fileiras acadêmicas<sup>23</sup>, há uma dificuldade muito grande de falar sobre o racismo e sobre a população negra, cabocla e indígena na serra gaúcha. Há uma invisibilidade para esse debate. Essa invisibilidade começa pelo financiamento de pesquisas como a nossa, que não são possibilitadas por políticas públicas de equidade<sup>24</sup> racial. O orçamento de um projeto como o nosso deveria aglutinar todo um esforço financeiro público

---

<sup>23</sup> A Política de Ação Afirmativa (cotas) para garantia de entrada de estudantes pobres, negros, quilombolas e indígenas é uma conquista dos movimentos sociais, que se uniram a pesquisadores, parlamentares e órgãos de controle e vem mudando vidas e a própria universidade.

<sup>24</sup> Equidade é um conceito que significa dar às pessoas o que elas precisam, de forma a que todos tenham acesso às mesmas oportunidades.

de governo municipal e estadual muito maior, equiparado ao esforço realizado até então para se contar a história dos italianos. Mas isso não é feito e essa é uma decisão política que deixa os negros na invisibilidade.

Não é de espantar também, que justo neste momento histórico em que há uma diversidade étnica maior nas universidades brasileiras, haja um ataque político realizado por muitas figuras públicas, políticas, religiosas e até mesmo artísticas, sobre a qualidade do conhecimento acadêmico, dizendo de uma suposta insuficiência para lidar com problemas coletivos. O que queremos dizer é que esforços para entender como o racismo atua na região serrana do RS devem continuar a existir e isso só é possível com política pública estabelecida em todos os âmbitos, municipais, estaduais e federais. Incluindo pessoas negras, indígenas e quilombolas remunerados para isso nos órgãos do Estado.

## 2.1 O MEDO BRANCO E O NOVO SISTEMA *STATUS* ÉTNICO

Assunta De Paris (1999), pesquisadora do arquivo público de Bento Gonçalves, lembra que dentro dos fatores determinantes para o governo Imperial buscar a colonização europeia, em finais do século XIX, havia o:

branqueamento da população; os estadistas do império *temiam* que o mesmo se tornasse um Império Negro, o que para as doutrinas racistas da época representava uma certeza de fracasso. os imigrantes europeus se incumbiam de tornar o Brasil branco, possibilitando maior progresso (PARIS, 1999, p.22)

A ideia de que o Brasil teria maior progresso se embranquecendo é uma ideia racista e o projeto de embranquecimento surge com outras motivações além desta. As movimentações internacionais de abolição da escravidão impulsionaram a classe dominante brasileira a pensar sobre o seu fim, durante o século XIX, tornando urgente uma nova relação entre brancos e negros, que não caísse em entregar o império aos negros, mestiços, caboclos e indígenas, esse processo é importante para entendermos a imigração europeia.

A autora Maria Célia de Azevedo (1987) menciona duas heranças que chegaram ao Brasil com força, durante esse período. A primeira delas é a pressão da Inglaterra, a maior potência capitalista até então, para que o fim do tráfico marítimo de pessoas africanas escravizadas terminasse. Ela fazia isso por interesses econômicos. A segunda foi “[...] o grande medo suscitado pela sangrenta revolução em São Domingos”(AZEVEDO, 1987, p.35)<sup>25</sup>, onde os negros não apenas colocaram abaixo a escravidão por força das armas, como também se

---

<sup>25</sup> Mais informações sobre como a elite brasileira recebe as notícias da revolução haitiana no século XIX, procure o livro de Celia Maria Marinho de Azevedo publicado em 1987.

apropriaram e implementaram a seu modo, os princípios da Revolução Francesa reivindicando liberdade e direitos políticos para a população negra assim como era para os brancos. Isso não foi aceito pelos franceses e o desfecho foi a morte dos colonos brancos da ilha de São Domingos, hoje conhecida como o país do Haiti<sup>26</sup>.

Outra movimentação que o mundo e o Brasil assistiram neste mesmo período, é o de independência e de abolição da escravidão nas colônias na América Espanhola. Os cativos participaram ativamente desse processo e disputaram a nova dinâmica de poder com a elite local chamada Criolla.

A ansiedade gerada sobre esses processos abolicionistas e revolucionários que batiam na porta dos grandes proprietários de terras, do Império Português Bragança e da Primeira República brasileira, somados aos debates raciais que levaram a crença de uma superioridade dos brancos sobre os demais, caíam sobre os escravizados, mas se estendia também aos negros libertos. Existia um grande número de negros libertos assim como na ilha de São Domingos e eles “[...] estavam sujeitos a numerosas restrições legais [...]” e participavam de relações “[...] impregnadas de costumes de uma sociedade dominada por uma diminuta elite branca que esbanjava desprezo e violência para todos aqueles que carregavam traços físicos das suas origens africanas.” (AZEVEDO, 1987, p.35)<sup>27</sup>, da mesma maneira que no Haiti na eclosão da revolução.

Essa repulsa pelo negro era também um temor, de que a vingança fosse imediatamente realizada pela massa violentada e desprezada, assim que está se encontrasse livre da escravidão, por isso o processo deveria ser mediado. O racismo expresso pela ideia de que o Brasil teria maior progresso com a vinda de mais colonos europeus e o medo branco de que os libertos pudessem causar uma revolução assim como em São Domingos deram o tom da necessidade emergencial de uma nova mão de obra para o Brasil e também da criação de uma camada média de pequenos proprietários de terras que fossem brancos, uma vez que em São Domingos, quem impulsionou a revolta foram proprietários de terras negros.

Essa urgência também influenciou o modo como os italianos e demais europeus foram estabelecidos, de forma rápida. Milhares de pessoas foram assentadas nem sempre em condições favoráveis, mas se sabia que a sua organização cultural circunscrita geograficamente pelas colônias, as liberdades de culto e incentivos à produção agrícola resultariam numa

---

<sup>26</sup> Para saber mais sobre a Revolução haitiana vejam o livro *Jacobinos Negros* de C.R.L James publicado pela primeira vez em 1938

<sup>27</sup> Sobre a visão que a elite brasileira tinha do negro no século XIX, bem como o tratamento que era dado, veja mais no livro de Azevedo, "Onda Negra Medo Branco" de 1987.

prosperidade que não abalasse o sistema colonial racista.

Esse crescimento da região de colonização italiana também foi fruto de uma construção realizada por uma diversidade étnica pouco historiografada devido ao racismo imbricado nesse processo. O racismo não pode ser entendido como um vestígio de uma sociedade ultrapassada como a escravista, mas sim enquanto um elemento central na sociedade em que vivemos hoje. A exclusão dos povos colonizados, indígenas, africanos e dos seus descendentes mestiços e caboclos, no projeto de Brasil, foi justificada com bases “científicas”, ocorreu por medo deste país ser governado população negra e cabocla e por isso se estabeleceu uma nova ordem após a transição do escravismo para o capitalismo. Essa ordem pode ser entendida também como uma nova hierarquia social, um esquema de valores embutido no processo de desenvolvimento do Brasil, que esperava pela miscigenação o embranquecimento total do povo brasileiro.

Nesse ideal, o “Branco” seria o tipo étnico superior aos demais, a materialização do máximo desenvolvimento humano e por isso cidadão brasileiro pleno de direitos. O “Mameluco”, fruto da mestiçagem de indígenas e brancos, valorizado simbolicamente em certa época do século XIX e que hoje constitui o campesinato pobre, seria do tipo étnico intermediário a ser tutelado até alcançar a brancura necessária. O “Mulato”, fruto da união de negros e brancos também seria inferior ao “Branco”. O “Cafuso”, entrelaçamento do indígena com negros é igualado étnica e socialmente ao negro e, portanto, inferiorizado por esse motivo. O “Pardo” seria indeterminado etnicamente podendo ser ao mesmo tempo, “Mulato”, “Moreno Escuro”, “Moreno Claro”, “Moreno Jambo” e etc., socialmente qualificado pelo seu status socioeconômico. O indígena, do tipo étnico folclorizado, socialmente tutelado até seu embranquecimento total e o “Negro”, a negação do tipo ideal étnico, social e estético, escolhido pela estrutura dominante quer no passado escravista, quer no presente como o ser inferior.

O processo de transformação do sistema produtivo no Brasil (escravista para o capitalismo do trabalho assalariado) tem outra singularidade. Não existiu acordo entre a classe senhorial e a população explorada pela escravidão, a reformulação do sistema de produção e o novo sistema de valores étnicos não foram aceitos. O que estava dado era uma disputa desigual sobre os meios existenciais e sobre a organização social. De um lado os senhores de escravos que queriam continuar aproveitando da sua posição social, financeira e étnica, a custo da exploração das massas ditas por eles como “inferiores”, versus essa gente toda “de cor” que tinha outras cosmovisões e modos de vida.

Nesse processo de modificação do modo produtivo, não houve nenhuma modernização do sistema latifundiário ou mudança das relações sociais. O que queremos dizer com isso é que não houve um grande processo de industrialização e as antigas relações forjadas pelo

preconceito e pela prática da escravidão se sofisticaram resultando num sistema hierárquico de valores étnicos descritos acima. A grande massa “liberta” e miscigenada foi sendo substituída pelos imigrantes colonos e na prática foi constituindo uma massa de trabalhadores desempregados que cumpre o papel de manter rebaixados os valores pagos pelo trabalho. A superexploração destes trabalhadores “de cor” no novo sistema (capitalista) foi aprofundada quando esta população perdeu seus postos de trabalho e enfrentou a profunda desvalorização dos seus conhecimentos, costumes, valores, e também do seu trabalho. Tudo isso ocorreu à medida que era importada para o país, a força de trabalho dos novos imigrantes europeus, italianos, alemães, poloneses, ucranianos, espanhóis e etc.

A solução para neutralizar as massas descontentes com esse processo e com os séculos de exploração racial, que tencionava o sistema colonial com os seus quilombos, com suas revoltas e com as suas diferentes cosmovisões de mundo, foi a modernização do sistema de produção (do trabalho escravo para o livre), com a manutenção dos latifúndios (mantém as fazendas e não industrializa) e com a contínua precarização do emprego, aumentando a concorrência sobre os postos de trabalho, importando novas populações europeias para colonização e negando o acesso à terra para a população “de cor”. A divisão do trabalho se daria agora através das atribuições do *status* étnico que explicamos antes, instalado pelo colonialismo português, reagindo aos papéis sociais e ao prestígio designado aos diferentes segmentos étnicos definidos a partir da cor da pele, da etnia e do fenótipo das pessoas, um sistema baseado nas raças que hierarquizasse esses aspectos e os valorizassem.

A colonização europeia no sul do país, realizada no final do século XIX até o início do XX era executada a fins de substituição da força de trabalho escravo pela instituição do trabalho assalariado, mas realizada também com intuito de substituir a peça ‘trabalhador’ negro, mestiço ou caboclo que divergia com o sistema de *status* étnico imposto. Era necessária a substituição dos indivíduos africanos, dos indígenas, caboclos e mestiços que ideologicamente não estavam dispostos a ocuparem o espaço de desqualificação a eles destinados pela lógica de *status* étnico. Além disso, era necessário colonizar e criar uma massa que protegesse o interesse das elites.

Os europeus que vieram para o Brasil no século XIX, mesmo que estrangeiros e muitas vezes pobres, estavam mais propensos a se adaptar a ela, uma vez que atravessaram o Atlântico com a promessa de se tornarem pequenos proprietários de terras. Promessa que muitas vezes se efetivou tal qual a expectativa e tornou- os produtores de alimentos para fortalecer o mercado interno de insumos. Esse foi o caso da grande maioria que migrou para as colônias que hoje são as cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul. Essa realidade nunca foi uma opção para a população negra e indígena pois elas não eram consideradas para isso, justamente pelo

medo da elite desse país, em torná-los um império negro e caboclo (DE PARIS, 1999).

## 2.2 INVISIBILIDADE DO NEGRO BRASILEIRO E BENTOGONÇALVENSE

Se o papel da ideologia de embranquecimento do povo brasileiro é nos deixar silenciados e excluídos, o nosso é resgatar a memória e potencializar a voz do povo negro e caboclo. A partir daqui iniciaremos a exposição e análise de trechos das entrevistas concedidas ao projeto Registro da Cor e também das fontes que encontramos em nossa pesquisa no Museu do Imigrante e no Arquivo Público de Bento Gonçalves. A lacuna historiográfica sobre a população negra e cabocla na serra gaúcha persiste, mas não sem uma forte resistência. Exemplo disso é o livro de Caregnato, “A Outra Face” de 2010. Além deste livro é interessante citar as novas pesquisas sobre a população indígena da região e a história que segue viva na memória e na vida cotidiana do povo negro que constrói Bento Gonçalves.

A narrativa social segue querendo dizer que não tem negros na Serra Gaúcha, ou que não foi nosso trabalho que também a construiu, foi sendo sofisticada ao passar dos anos e principalmente após a lei Áurea de 1888. Quando a escravidão não era mais permitida por lei, foi a imparcialidade e a ineficácia do Estado brasileiro, dos governos estaduais, municipais e federais em reparar e nos inserir nos mais diversos setores da sociedade brasileira o que nos deixou desprotegidos, sem amparo nenhum no novo sistema econômico e político que se instaurou.

Estamos falando da criação da República e do desenvolvimento do capitalismo. Nestes processos, ao contrário das etnias europeias que tiveram um apoio no acesso a lotes de terra, liberdade dos seus cultos e prestígio do seu trabalho, nossos modos de vida continuaram a ser perseguidos, nossa religião foi demonizada e não tivemos o acesso à terra ou aos meios produtivos, seja nos quilombos, nos aldeamentos indígenas ou na formação do espaço urbano. Em grande medida o que nos restou foi o subemprego, a pobreza, a sub-moradia e a marginalidade.

Porém, não podemos deixar de registrar que mesmo assim muitas famílias negras “deram a volta por cima”, trabalharam muito, conquistaram suas casas, criaram seus filhos e sentem cotidianamente o orgulho de verem essas conquistas dando ainda mais frutos com as novas gerações. Essa é uma fala muito forte pronunciada por diversas pessoas no encontro da população negra de Bento Gonçalves em 23 de março de 2024. Ninguém estava lá apenas com narrativas tristes, mesmo sendo, obviamente, o racismo como algo recorrente nas experiências e memórias, mas a luta e persistência em mesmo assim buscar a minimização das desigualdades

e a sobrevivência é ainda maior.

Ainda hoje o genocídio indígena é uma realidade e ocorre nos chamados “conflitos latifundiários”, quando pistoleiros contratados por fazendeiros invadem o território, assassinando muitos. O genocídio do negro brasileiro também é um fato que acontece por meio da “guerra contra as drogas”. No Brasil, um dos aspectos do racismo está intimamente ligado a violência policial. O anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 mostra a letalidade policial no Brasil, em 2022. Dentre as mortes violentas com intervenção policial, 76,9% delas são de pessoas negras. Em 50,2% das mortes violentas intencionais a faixa etária das pessoas assassinadas é de 12 a 29 anos. Quem mais morre pela ação da polícia é o jovem negro brasileiro. A cor de pele se tornou o modo de marcar socialmente aqueles que são ou não considerados inferiores ou imorais no período escravista e determina até hoje quem deve morrer ou viver.

Através da falta de política pública e por meio da violência vai se materializando um apagamento da nossa história. Isso é evidente tanto na falta de estudos sobre a população negra e indígena da região serrana, como na violência que a população sofre atualmente, seja na mão dos fazendeiros ou da polícia. O anseio da classe dominante brasileira em estabelecer um novo modelo econômico para o Brasil, do latifúndio escravista para o trabalho livre capitalista, determinou que a população negra, indígena, mestiça e cabocla, em partes ainda cativa, precisava ser descartada desse processo pois poderia atrasar ou causar prejuízos ao desenvolvimento almejado, isso nos deixou na sub-sala da cidadania e tem seus reflexos na historiografia também.

Foto 01 - Desfile de 7 de setembro da Sociedade 20 de Novembro 2001



Foto: Acervo: Luís Eduardo Pereira Mendes

O povo negro sempre esteve presente na vida social, cultural e econômica da região serrana gaúcha, mesmo que estivéssemos praticamente invisíveis aos olhos dos jornais, ou dos documentos oficiais que apagaram nossa passagem, ou melhor dizendo quase apagaram. Na Foto 2 a população negra de Bento Gonçalves aparece presente de forma organizada no desfile de 7 de setembro de 2001. A Sociedade 20 de Novembro, já atuava na cidade desde 1999. Para muitas pessoas a lacuna na historiografia também é a falta de reconhecimento sobre o trabalho que a população negra teve em construir a cidade que compartilhamos,

[...] a gente nunca foi lembrada, né? A gente é aquele lado esquecido. [...] tenho certeza, a gente foi bem invisível, mas éramos invisíveis [...] A gente não era lembrada. A invisibilidade vem desde a construção das estradas, né? Então, assim, tu fizeste parte da história, tu fizeste parte da construção, mas tu não está ali. Por quê? Porque tu não eras o dono? Tu não tinhas o poder aquisitivo? Tu eras só a mão de obra? Tu estavas em todo lugar, tu participavas de tudo, ajudava de tudo, mas o reconhecimento tu não tinhas. Tenho certeza que Bento sem o negro não seria a mesma Bento. Pungente, cheia de parreirais, mas o negro estava ali. (Zilda Marques da Silva Nuncio, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

A população negra, indígena, cabocla e mestiça sempre esteve inserida desde os primórdios na organização colonial. Seja com os grupos de tropeiros (formados por brancos

mas também negros, indígenas, mestiços e caboclos) que aqui passavam para abastecer com mantimentos a comissão de terras, com os acampamentos indígenas que deixaram marcas do seu conhecimento sobre a geografia, agricultura e fauna do local, ou então pela presença de escravos que vinham fugidos das fazendas nos Campos de Cima da Serra, local desenvolvido pela agropecuária fomentada a partir do trabalho escravo.

A inauguração das linhas férreas em Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Carlos Barbosa, fez esse movimento migratório da população negra para a nossa região crescer e ele ocorreu e ocorre em diferentes momentos da história até os dias de hoje. Mesmo nas últimas décadas, a população negra brasileira migra para as cidades serranas do RS em busca de melhores condições de vida e trabalho. A nossa entrevistada, Ângela Maria Silva de Souza Fontoura, veio na década de 1960, junto da sua mãe e irmãos, para Bento Gonçalves justamente por conta das oportunidades que sua mãe acreditou que poderia encontrar aqui:

Como era uma cidade que estava crescendo, então ela teria mais oportunidade de criar os filhos aqui, né? Daí ela acabou vindo pra cá. [...] Início de 60, por aí. Ela veio pra Bento (Ângela Maria Silva de Souza Fontoura, em entrevista para o projeto Registro da Cor, em abril de 2024).

Outro exemplo mais atual dessa migração é a história de Emanuelle Ferreira Coelho da Silva, escritora e tutora no Centro Universitário Cesumar. Ela tem 23 anos e é natural de Curitiba-Paraná, migrou de Capinzal-SC para Bento Gonçalves em setembro de 2014 com os pais. Ela conta que essa decisão foi motivada por conta da região ser conhecida pelas oportunidades de trabalho:

por Bento ter mais oportunidade de emprego, ser uma cidade bem maior. A gente acabou optando por vir para cá. [...] a gente veio para cá, à procura de um lugar melhor. (Emanuelle Ferreira Coelho da Silva, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

O número de oportunidades é resultado do sucesso das políticas de assentamento e também aos incentivos que a região recebera para a sua industrialização. Esse processo resultou em uma necessidade maior de trabalhadores por conta da criação de empregos que ele gerou. Os colonos italianos, assim como outros europeus que compuseram a ocupação da Encosta Superior Nordeste do estado gaúcho (Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi), logo perceberam a fertilidade do solo e a diversidade daquilo que podia ser plantado. Acabaram se especializando na produção de uma matéria prima, a uva. Depois com incentivos governamentais passaram a manufaturar e mais tarde a industrializar e vender tudo que podiam com a produção da uva<sup>28</sup>. Além da possibilidade de ter acesso à terra, a produção excedente dos

---

<sup>28</sup> Sobre a fertilidade do solo e a diversidade daquilo que podia ser plantado, você pode saber mais no livro de Assunta de Paris - "Memórias 109 anos Bento Gonçalves", que demonstra através dos relatórios de cônsules

colonos tinha para onde ser escoada. Isso fez com que a região experimentasse um avanço na qualidade de vida e também um aumento do número de empregos correspondendo ao desenvolvimento econômico da região. A produção desde o início da política de imigração tinha um destino: Os grandes centros portuários. Estes centros também começaram a manter massas de operários na industrialização inicial que desenvolveram. A população negra apesar de fazer parte desse desenvolvimento produtivo sofreu um processo contínuo de depreciação. A ideologia racista que fizera impulsionar a imigração dos italianos também impregnou suas mentalidades e esses criaram um sentimento de desdém ao negro, assim como ao indígena. Aos negros, cotidianamente os imigrantes se referiam com adjetivos pejorativos como *scorsi*, *ladri*, entre outros que significam “sujo” e “ladrão”<sup>29</sup>.

Em 2020 o Museu do Imigrante, realizou um evento chamado “Café com memória” e convidou as pessoas negras para se reunirem com a equipe do museu e então contarem suas histórias de vida. Nestes relatos muito desse desdém ao negro foi comentado. As festas nos salões das comunidades não recebiam com cordialidade o povo negro, muito pelo contrário, O senhor Antônio de Assis lembra neste encontro, que quando chegavam as famílias negras que trabalhavam na estação ferroviária, as pessoas brancas tinham o intuito de esconder as coisas como se a população negra fosse estar ali apenas para furtar os bens dos demais e por isso se ouvia:

Os negrinhos lá da ferrovia... Eu me lembro, tinha a Cristo Rei, tem a Cristo Rei, tinha um salão da comunidade ali, que hoje é o Apolo, as festas né... Olha aqueles negrinhos, olha que os negrinhos da estação vem vindo ali... Era assim mesmo, não tinha... (Antônio de Assis, em entrevista ao projeto Café com Memória de 2020)

Seu Antônio não termina sua frase, mas ele se refere aos anos de 1950 - 1960, período onde, obviamente, não existia respeito e nem medo de discriminar as pessoas negras de maneira aberta assim como ele nos relata.

### 2.3 NEGROS QUILOMBOLAS GAÚCHOS SERRANOS

Os primeiros contatos entre imigrantes e a população negra foram registrados no avanço das políticas de assentamento e econômicas para os imigrantes europeus, nas trocas comerciais que o trabalho de tropeirismo possibilitou e que era muito realizado por lusos e afro-brasileiros cativos ou descendentes destes<sup>30</sup>. Muitos destes tropeiros<sup>31</sup> também tinham atividade na região

---

italianos, as diversas e grandes safras que os colonos obtiveram logo nos primeiros anos de assentamento.

<sup>29</sup> Para saber mais sobre o preconceito construído sobre a população negra em Caxias do Sul procure o livro de Caregnato A Outra Face, 2010.

<sup>30</sup> Para saber mais sobre os primeiros contatos nas trocas entre colonos e afro-brasileiros, procure o livro A outra Face publicado em 2010.

<sup>31</sup> Para saber mais sobre os tropeiros e a população negra em Gramado você pode encontrar o texto "A

onde hoje é a cidade de Gramado e vieram a ocupar este território no final do século XIX. Próximo a esse lugar também há registros da formação de um Quilombo<sup>32</sup>, com o nome de Paredão, no antigo município de Santa Christina do Pinhal, atualmente com o nome de Taquara (MULLER; CAVALCANTE, 2020).

Na divisa de Bento Gonçalves com Cotiporã, contornado pelo Rio das Antas, também existiu um Quilombo na região chamada de Morro do Céu, ou Morro dos Baianos como também é conhecido. Encontramos dois registros jornalísticos desse Quilombo noticiados pelo jornal *Semanário*. Primeiro em 1999 e mais recentemente, durante a semana da Consciência Negra de Bento Gonçalves em 2018. Segundo a matéria de 2018 escrita por Fábio Becker é a comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes, quem ainda transmite oralmente a memória sobre o Quilombo dos Baianos. Infelizmente não tivemos acesso à comunidade e os dados aqui apresentados passam pelo filtro da matéria de jornal.

Para o repórter, as narrativas possuem um tom de lenda, mas a sua existência que entrava em conflito com o estabelecimento dos italianos e poloneses que se instalaram próximos ao Quilombo, confirma que a chegada dos negros no local foi anterior a dos europeus. Dalmo Luiz Scussel, que na época estava finalizando um livro sobre a história da cidade de Cotiporã, foi entrevistado por Becker e levantou duas hipóteses. A primeira de que a população negra daquele Quilombo seria de rebeldes da fazenda 'Fialho', criada por portugueses vindos de Lagoa Vermelha por volta de 1850 e que utilizava da força de trabalho escravizada. A segunda era de que o Quilombo teria sido formado por famílias que trabalhavam ali com a extração de erva-mate<sup>33</sup>.

---

invisibilidade dos negros na história de Gramado/RS: levantamento preliminar" de Alex Muller, Raimundo Cavalcante publicado em 2020.

<sup>32</sup> De acordo com Abdias do Nascimento, Quilombo representa a autonomia e a luta pela liberdade e dignidade do povo negro. Um espaço de preservação da identidade africana e da cultura afro-brasileira, em oposição à cultura dominante que marginalizava e invisibilizava esses elementos. Nessa perspectiva, os quilombos simbolizavam no século XIX uma sociedade alternativa, onde os valores africanos, como a coletividade, a solidariedade e a justiça, eram centrais.

<sup>33</sup> Foto do Morro do Céu, acervo do Jornal *Semanário*. Buscamos ela na matéria digital sobre o Quilombo. Você pode acessar a matéria na íntegra pelo link <<https://jornalsemanario.com.br/morro-do-ceu-um-quilombo-na-serra-gaucha/>> Último acesso em 02 de dezembro de 2014

Foto 02 - Morro do Céu, em novembro de 2018



Fonte: Acervo: Jornal Semanário.

Figura 07 - Matéria de jornal sobre o Quilombo Morro do Céu, publicada em novembro de 2018



Fonte: Jornal Semanário Acervo: Sílvia Maia Alves.

A matéria está disponível digitalmente no site do jornal Semanário e a conseguimos também por uma cópia digitalizada no acervo de Silvia Maia Alves, integrante da Sociedade 20 de Novembro. A matéria conta parte da história do Quilombo e também apresenta fotos recentes do local. A história da sua existência é marcada por muito preconceito dos italianos e poloneses que começaram a ocupar o entorno do Quilombo. A reportagem conta que Antônio “Baiano”, um dos sete filhos do chefe quilombola Ezequiel Gonçalves da Cruz, conhecido popularmente como o “Velho Perna de Pau”, levou um tiro de Pedro Balim e em vingança Antônio Baiano teria desferido um golpe de adaga em Pedro. O autor Dalmo Luiz Scussel conta que havia tentativas de incriminar o Quilombo e quem se relacionasse com ele, para encobrir a discriminação com que tratavam os quilombolas. Jones Puton, também entrevistado por Becker e que trabalha há mais de 20 anos divulgando roteiros e histórias, comenta que o preconceito foi criando um clima hostil entre as comunidades europeias e o Quilombo.

Assim como a origem, o fim do Quilombo tem distintas versões, mas todas elas possuem o racismo como fundo. De acordo com a matéria, alguns relatam que por conta do preconceito e hostilidade os quilombolas foram se dispersando morro abaixo, Jones porém, conta uma versão compartilhada entre os mais velhos da comunidade de que ocorreu uma chacina por volta de 1930 ou 1940 onde soldados vindos de Porto Alegre articularam uma emboscada contra os quilombolas depois de denúncias dos imigrantes e agiram para eliminar grande parte da população quilombola que vivia ali. Jones conta que quem conseguiu escapar da chacina desceu morro abaixo para se esconder e assim se dispersou o Quilombo.

A reportagem de 1999, guardada pela família Lazarini, conta da excursão jornalística feita até o local naquela época para escutar as memórias dos moradores e buscar vestígios das casas e do cemitério quilombola. Mesmo sem sinais dessas construções, a reportagem conta que outros moradores avistaram uma cruz, no marco de um cemitério. Quase vinte anos depois não foi possível encontrar esses vestígios, mas foi encontrado entre mato e musgo uma estrutura de pedras circular, utilizada para a fundação de uma das antigas casas quilombolas. Os vestígios da história do Quilombo do Morro do Céu vão se perdendo, e a falta de preocupação pública com o devido respeito à memória da população negra continua e ainda há muitas histórias a serem reveladas deste território que hoje infelizmente não recebe a devida proteção.

**Figura 08 - Continuação da matéria de jornal sobre o Quilombo Morro do Céu, publicada em novembro de 2018.**

SEMANÁRIO QUARTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2018 GERAL 9

## História marcada por lutas e resistência

Na medida que as primeiras famílias italianas e polonesas atraídas pelas colônias ofertadas pelo império na época começaram a povoar os arredores do morro, os conflitos com o povo quilombola se tornaram frequentes.

Em um dos casos que se tem notícia, Antônio "Bata-no", um dos sete filhos do chefe quilombola, Ezequiel Gonçalves da Cruz, conhecido como o "Velho Perna de Pau", levou um tiro de Pedro Balim, e desferiu um golpe de adaga.

Scussel conta que na época os imigrantes diziam que membros da família Cruz estavam roubando plantações e gado, mas que essa era só uma desculpa para encobrir a discriminação com que tratavam os "baianos". Opinião compartilhada pelo guia turístico Jones Puton, que há 16 anos trabalha divulgando roteiros e histórias da região. "Eles viviam lá em cima isolados, e o pessoal preconceituoso tinha receio. Foi se criando um clima hostil", comenta.

Tal qual a origem do povo quilombola do Morro do Céu, a forma com que se dispersaram também é contada de modo distinto de acordo com as histórias lembradas por cada interlocutor. Enquanto alguns relatos citam vagamente que os conflitos com os italianos e poloneses fizeram com que os negros remanescentes se dispersassem pelo rio abaixo, rumo a Guaporé, Puton escutou uma história mais violenta. O guia conta que uma versão compartilhada entre os mais velhos, diz respeito a uma chacina nos anos 1930 ou 1940. "Por causa das denúncias dos imigrantes, alguns soldados vieram de Porto Alegre e subiram o morro cavalgando, vestidos de prenda para não causarem medo aos negros", conta. Depois disso, os sons do tiro que ecoaram no vale deixaram claro a intensidade do conflito. "Morreu muita gente. Os que sobramos desceram o morro e sumiram. É o que diz a lenda", finaliza.

FOTOS LUCAS ARALDI



Deoclécio na fundação de uma das antigas casas do quilombo



Família Lazzarini guarda reportagem feita pelo Semanário em 99

### Vestígios apagados pelo tempo

Em 1999, a reportagem do Semanário excursionou até o Morro do Céu para escutar as crônicas dos moradores, além de buscar vestígios das antigas casas e do cemitério que lá existiam. Após o desânimo ao não encontrar sinal das antigas 20 cruzeiras e túmulos, alguém avistou uma cruz junto a um marco que delimitava o espaço do cemitério. Quase 20 anos depois, voltamos ao local, e até esse resquício havia sumido. Mata adentro, guiados por Maicon e Deoclécio Lazzarini, herdeiros das terras, escondido entre a mata e o musgo, encontramos, no entanto, uma base de pedras circular, fundação de uma das antigas casas quilombolas. Assim como sua origem e suas lutas, o fim das vinte famílias negras que viviam no Morro do Céu, bem como os vestígios de sua história são pouco e pouco esquecidos, permanecem, porém, nas poucas linhas escritas sobre o caso, as narrativas de resistência de um povo guerreiro junto as nuvens que envolvem o cume do cerro.

Fonte: Jornal Semanário Acervo: Sílvia Maia Alves.

### Foto 03 - Deoclécio na fundação de uma das antigas casas do quilombo.



Fonte: Foto de Lucas Araldi

Essas histórias demonstram que os negros não chegaram a região nem depois dos europeus e nem apenas na construção da linha férrea como é comum relatarem, a senhora Zilda

Marques da Silva Núncio também comenta sobre isso:

*Eu sou neta de escravo, minha avó morreu com 104 anos e era filha do ventre-livre. Então, há muito tempo atrás, todo mundo achava que os negros, a maioria, eram ao redor de onde passava o caminho do trem. Sou prova que não. A gente era lá do interior do Rio das Antas, lá no KM.*

O “Km” também conhecido como “Km2” é uma comunidade oriunda de trabalhadores ferroviários e militares do batalhão ferroviário, localizado às margens do Rio das Antas, junto de outras duas comunidades ferroviárias<sup>34</sup>: Veríssimo de Matos e Passo Velho. Tanto os militares como os trabalhadores da rede ferroviária, trabalhavam nessas construções. Inicialmente o Km2 pertenceu à Veríssimo de Matos e foi desenvolvida com a vinda do primeiro batalhão ferroviário de Bento Gonçalves na década de 1940. A divisão das terras nessas comunidades era diferente das colônias, não eram separadas em linhas e lotes rurais, vendidas pelo governo, elas eram de particulares e tinham parte destinada para a colônia e parte para a venda e construção de chácaras.

A presença da balsa no Passo Velho e a presença do primeiro batalhão ferroviário possibilitaram uma grande diversidade cultural nesta região. Zilda Marques da Silva Núncio, filha de um ex-trabalhador ferroviário, nasceu em Passo Velho e morou na comunidade do Km2. Ela nos conta que ali também viviam várias outras famílias negras das quais teve contato. Isso pode reforçar que além da sua família, outras famílias negras estavam lá trabalhando na construção das linhas férreas. Dona Elvina de Mesquita, filha de ex-militar do antigo Batalhão Ferroviário e esposa de ex - trabalhador da rede ferroviária contou em 2018 na entrevista ao projeto “Laços Patrimoniais” do Museu do Imigrante um pouco deste cotidiano e como a dinâmica local possibilitou a diversidade cultural na região. Estas narrativas podem ser uma confirmação não só da existência do Quilombo do Morro do Céu como também fortalece a teoria de que seus remanescentes possam ter se dispersado em comunidades às margens do Rio das Antas para se salvarem da chacina e também do preconceito de modo geral, já que a diversidade cultural nestas regiões era comum.

A história, que ocorreu em Ana Rech, cidade vizinha à Caxias do Sul, é bem diferente da violência no Quilombo no Morro do Céu. A relação entre negros e colonos europeus aconteceu por meio da troca comercial e com isso historiadores acreditam que foi criada uma certa solidariedade entre os moradores colonos e pessoas que vinham de outras regiões, inclusive com a população negra. Isso pode ter sido o fator que auxiliou na relação de confiança

---

<sup>34</sup> Busque saber mais sobre as vilas ferroviárias através do livro *Laços Patrimoniais: construindo um inventário colaborativo para Bento Gonçalves*, 2022.

e proximidade, que resultou em uma história diferente da hostilidade que o Quilombo do Morro do Céu sofreu. Uma criança negra foi entregue aos cuidados de Ana Rech, uma imigrante italiana, esse é um dos relatos mais conhecidos de Caxias do Sul e pode ter ocorrido por volta de 1882<sup>35</sup>. O fato é lido por historiadores como um reforço de que as primeiras relações entre negros e italianos tiveram aspectos de confiança entre as etnias e marca também o desespero das pessoas cativas em protegerem seus descendentes da brutal violência que sofriam.

Para alguns pesquisadores como Caregnato, nas colônias gaúchas não houve rivalidade entre imigrantes e a população negra, como ocorreu na capital paulista, onde os colonos substituíram o trabalhador escravo. O mesmo não pode ser afirmado sobre os indígenas que estavam sendo expulsos do seu território ancestral, mas ele declara isso porque nas colônias gaúchas a moradia de escravos era proibida por lei morar na colônia, portanto, não houve essa dinâmica de substituição do trabalhador negro pelos colonos.

Porém, é também evidenciado por ele que as depreciações da população negra pelos colonos existiam assim que a colonização italiana foi se consolidando. De todo modo, é curioso pensar que no argumento de Caregnato a rivalidade se dava apenas quando os imigrantes chegavam para fazer a substituição do trabalhador escravizado pelo trabalho assalariado. Esse pensamento reforça a ideia de que a rivalidade (se é que pode ser chamada assim) não se dá pela discriminação que hierarquiza as pessoas por suas características etnicoraciais e sim por uma “disputa” pelos postos de trabalho.

O que queremos dizer é: O que vem antes? Antes vem a escravização e não a “boa relação” entre brancos e negros. Quando chegam os colonos, já existia no território um tipo de relação estabelecida entre brancos e negros. Além disso, é um argumento muito questionável esse de que “aqui a relação era boa porque não podia ter escravização”, será mesmo que não tinha? Como vimos em Joinville, os colonos alemães deram conta de burlar esse sistema. Além disso, havia a proibição de negros morarem nas colônias, como isso demonstra uma boa relação? A falsa ideia de boa vizinhança pode gerar um entendimento de que os colonos chegaram límpidos de qualquer pensamento preconceituoso e foram contaminados pela ideologia supremacista branca. Mesmo nesse modo só possível afirmar no período inicial de desenvolvimento das colônias, o mesmo autor logo lembra que o poder econômico e produtivo ficou apenas nas mãos da elite branca imigrante se reafirmando assim o lugar social do negro, nos postos mais inferiores possíveis da sociedade serrana.

---

<sup>35</sup> Para ler mais sobre a história de adoção de uma criança negra por Ana Rech, procure o livro de Lucas Caregnato *A Outra Face*, 2010, pág. 28

## 2.4 AS ESTRADAS DE FERRO, O BATALHÃO FERROVIÁRIO E A HISTÓRIA DA TIA LUÍZA

A ferrovia foi a grande porta de entrada nos grandes centros comerciais do estado gaúcho e também do país, para a produção agrícola do complexo colonial europeu no Rio Grande do Sul. A história da estrada de ferro<sup>36</sup> no Rio Grande do Sul se inicia em 1866, quando era uma preocupação criar uma aproximação do Vale do Rio dos Sinos, colonizada por alemães, à capital da província. Ela está intimamente ligada a imigração de pessoas de outras etnias para essas regiões de colonização europeia e por isso consideramos importante contextualizar um pouco dessa política governamental de construção viária.

Em 1874 é inaugurado a primeira extensão de ferrovia no estado gaúcho entre Porto Alegre e a colônia alemã, São Leopoldo, com 33 km de comprimento. O objetivo era criar um “corredor de exportação”. Além destas, outras quatro linhas foram criadas ligando a capital da província com as extremidades do território provincial. Duas empresas firmaram contrato com o governo central para essas construções, a Brazil Railway Company empresa de capital inglês que assumiu a construção e controle das estradas de 1866 à 1897, seguida pelo capital belga através da Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil que administrou o sistema ferroviário até 1911. Neste ano as linhas ferroviárias voltaram para as mãos da Brazil Railway Company, agora com capital Estadunidense, assim o transporte ferroviário ficou sendo explorado pelo capital estrangeiro como consequência da política econômica federal praticada até 1920.

O sucateamento da rede de estradas de ferro, as constantes queixas às elevadas tarifas cobradas e o surgimento de greves dos ferroviários foram alguns dos motivos que impulsionaram o governo estadual a intervir no sistema ferroviário, apressando a criação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (DEBENETTI, 2006, p.55)<sup>37</sup>.

A partir de 1910, essa estatal tinha quatro linhas no estado, três delas foram transformadas em linhas-tronco, atravessando horizontalmente o estado. Eram elas: Porto Alegre a Uruguaiana; Rio Grande a Bagé e Santa Maria a Marcelino Ramos. Porém estas três linhas-tronco não supriram toda a necessidade de transporte do estado e assim ela se empenhou de construir novos ramais, linhas ferroviárias conhecidas desta forma eram o que ligavam cidades até a linha-tronco. O ramal Montenegro/Caxias do Sul foi decretado no ano de 1905, e o sub-ramal Carlos Barbosa/Bento Gonçalves foi entregue em dezembro de 1909, as duas linhas significaram um grande avanço para a região na época. Isso porque até então a produção dessas

---

<sup>36</sup> Para saber mais sobre a história da estrada de Ferro no estado do Rio Grande do Sul, busque pela obra Patrimônio ferroviário no Rio Grande do Sul: inventário das estações 1874-1959 de Cardoso e Zamin (2002).

<sup>37</sup> Descubra mais sobre a ferrovia gaúcha na dissertação de mestrado de DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. Passeio de trem Maria-Fumaça: os diferentes olhares. 2006.

áreas era transportada<sup>38</sup> na grande maioria das vezes por carros de tração animal, ou no próprio lombo dos bichos e pela via fluvial, a perda durante o transporte era grande e a qualidade dos produtos também era comprometida.

Houve uma grande pressão dos produtores de Bento Gonçalves e Carlos Barbosa para que se prolongasse a passagem do trem por essas localidades e também para que chegasse à cidade de Garibaldi em setembro de 1918. Esse trecho Carlos Barbosa – Garibaldi Bento Gonçalves compreendia o sub-ramal Carlos Barbosa/Bento Gonçalves que é utilizado até hoje no famoso Passeio de Trem Maria-Fumaça<sup>39</sup> e tem cerca de 21 km. Mais tarde em 1919 o trecho Garibaldi - Bento Gonçalves também foi inaugurado com recursos do governo gaúcho.

Na década de 70 outras duas estações ferroviárias foram entregues e eram de grande importância para Bento Gonçalves, a do Km 2 e a de São Luís. As duas tinham um valor econômico muito forte e faziam parte da linha Bento Gonçalves/Jaboticaba<sup>40</sup>, que por vários anos também serviram como palco para passeios turísticos da “Ferrovia do Vinho”. O saldo dessa campanha foi de mais de 2 mil km de ferrovias. Para Bento Gonçalves a importância dessas linhas de ferro foi grande, principalmente para a população da região do Rio da Antas, pois era o único meio de acesso a estas comunidades.

Estas duas estações eram integrantes do Tronco Principal Sul (TPS), obra do exército brasileiro, mais especificamente do 1º Batalhão Ferroviário, que tinha como meta ligar Brasília com o porto de Rio Grande. Vinda de Santiago, a primeira turma do 1º Batalhão Ferroviário chegou em Bento Gonçalves em 1943 e a segunda turma em no ano seguinte. Sua chegada é representada como a chegada do progresso. O 1º Batalhão Ferroviário instaurou na cidade os departamentos de Saúde, Alimentação, Educação, Transporte, Financeiro, Recreativo e etc. A sua participação no desenvolvimento da cidade foi dos mais diversos segmentos da sociedade e muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores do batalhão. Na época, em plena 2ª Guerra Mundial, o transporte era feito por tração de animais, devido ao racionamento do combustível e a água não era encanada, por isso era complicado o abastecimento de água potável.

A área dos transportes é a mais conhecida, porque foi o que possibilitou a muitos colonos enriquecer, mas também pela dificuldade encontrada nestas construções. Foram 8 túneis

---

<sup>38</sup> Para saber mais sobre as dificuldades de transporte nas colônias italianas do Rio Grande do Sul busque pela autora De Paris (1999).

<sup>39</sup> Descubra mais sobre a ferrovia gaúcha na dissertação de mestrado de DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. Passeio de trem Maria-Fumaça: os diferentes olhares. 2006.

<sup>40</sup> Descubra mais sobre a ferrovia gaúcha na dissertação de mestrado de DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. Passeio de trem Maria-Fumaça: os diferentes olhares. 2006. pag 57

minerados e abertos, entre Bento Gonçalves e Jaboticaba, o que representa 14% do trajeto. Mais de 70% da atividade de construção destes túneis foi de extração de rocha dura e isso em uma das zonas mais acidentadas do Rio Grande do Sul.

**Foto 04 - Operários na construção da Linha de Trem 2. Fotografia encontrada em Bento Gonçalves. Autor: desconhecido | Data estimada: 1920.**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante.

**Foto 05 - Operários na construção da Linha de Trem 3. Fotografia encontrada em Bento Gonçalves. Autor: desconhecido | Data estimada: 1920.**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante.

Junto ao Batalhão Ferroviário, muitas pessoas de Santiago migraram para Bento

Gonçalves, uma nova leva de imigrantes de diferentes etnias chega na cidade, trazendo maior diversidade cultural e étnica. Encontramos em pesquisa pelo acervo do Museu do Imigrante um registro que para nós representa a vinda destes novos imigrantes. A fotografia de uma senhora que é conhecida na cidade de Bento Gonçalves, como Tia Luíza e segundo relato de populares entrevistados, a senhora Luíza chegou junto com o Batalhão Ferroviário. A senhora Luíza Gomes da Silva é mais um vestígio da história de Bento Gonçalves. Vestígio porque não existem fontes sobre ela, mas tentamos construí-las a partir da escuta sobre essa personalidade que nos causou tanta dúvida.

Quem era Tia Luíza? Quando ela chegou? Foi casada? Teve filhos? Porque temos uma única foto dela no acervo do museu? Que memórias as pessoas têm dela? Novas pesquisas sobre o assunto serão necessárias, mas tentaremos ensaiar algumas respostas.

No final da sua vida, Tia Luíza recebeu cuidados de uma associação ligada à Igreja Metodista do município chamada Ação Social São Roque. Conversamos com a filha da coordenadora Nilza Covolo Kratos que estava à frente da associação quando fornecia esses cuidados à Tia Luíza. Vânia Kratos Mendes é uma mulher branca que quando pequena ajudou a mãe nos cuidados de Tia Luíza, ressaltando o enorme respeito que tinha por Tia Luíza ela nos relata em entrevista ao projeto, que Tia Luíza, assim como muitas famílias negras, migrou para Bento Gonçalves junto com o 1º Batalhão Ferroviário.

Tia Luíza entra na história da vida de Vânia, quando seu pai, Valto Kratos, que era pastor, é chamado para batizar uma criança recém-nascida que estava prestes a falecer. Essa era uma ação comum de crença em que assim os espíritos destas crianças iriam para alguma espécie de paraíso. Esse bebê era da Tia Luíza que não sobreviveu. Vânia conta que cresceu vendo seus pais serem chamados pela Tia Luíza de comadre e compadre, eram próximos a ela e a ajudaram na sua maturidade através desta entidade assistencial que foi criada em 1969 e ainda existe e é chamada de Ação Social São Roque. Foi essa associação quem conseguiu os documentos como o RG para a senhora Luíza conseguir se aposentar. Existe até um debate sobre ela falecer depois dos seus 100 anos de vida. Justamente por não termos certeza de qual era a real idade dela quando ela conseguiu seus documentos. Conta Vânia, que a associação designava madrinhas e padrinhos para os idosos que auxiliava e que a madrinha de Tia Luíza era a senhora Irma Zatt. A família Zatt é bem conhecida na cidade, nomeando inclusive um bairro que fica na zona norte de Bento Gonçalves, o loteamento Zatt.

Tia Luíza era casada com outro homem negro que era conhecido pelo apelido de “General”. Pelo que entendemos a partir da entrevista ser apelido era porque este homem andava sempre muito bem vestido e com postura muito elegante: “E ele tinha, então, todo um

porte, assim, que o pessoal olhava pra ele e chamava de general”<sup>41</sup>.

Tia Luiza, relata Vânia, também era muito elegante, sempre usava um vestido para ocasiões “sociais”, algo que hoje podemos chamar popularmente de “roupa de sair”, ela se importava com a sua aparência. Além disso, Vânia conta que Tia Luíza era uma pessoa muito alegre, gostava de dançar e de passear pela cidade. Fazia seus passeios de ônibus e conversava bastante com as pessoas. Gostava de respeito e não deixava ninguém lhe faltar com isso.

A Tia Luísa gostava muito de dançar, era muito faceira, e de passear bastante também. Estava sempre de ônibus. E ela era uma pessoa muito atenta a tudo que acontecia e não gostava quando reclamavam dela, por exemplo, no ônibus com aquela bolsa enorme que ela sempre carregava [...] Então, tinha muitas pessoas que diziam que a Tia Luísa era muito braba, que ela era desbocada e por aí fora. Não era. Só era quando se sentia, de alguma forma, ofendida, menosprezada, ou por aí fora.

Também buscamos entender com é a memória das pessoas em relação a senhora Luiza e conversando com o senhor Marcus, do Movimento Negro Raízes ele nos conta como era a imagem que as pessoas passavam pra ele da senhora Luiza:

Se criou um medo em torno da Tia Luísa. A gente ouvia que: ‘se tudo não tomar jeito, eu vou chamar a Tia Luísa.’ [...] , ela era usada, inclusive, como um certo meio de amedrontamento. De ser uma pessoa ruim, ou de ser uma pessoa má, só pelo fato de ser a Tia Luísa. (Marcus Flávio Ribeiro em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

Para o senhor Marcus, a história da Tia Luiza é mais uma prova de esquecimento e embrutecimento dos corpos negros. Não há outra memória sobre nós se não daquilo que é perigoso. Tia Luiza era lembrada como corpo nocivo que era evocado para amedrontar as crianças e logo essa memória poderia ser remetida a outras pessoas negras:

Eu mesmo, pessoa negra, aprendi que a Tia Luísa era ruim, que tinha que ter medo da Tia Luísa. Então, se eu pegar isso e fazer esse transporte, é isso que nós temos das pessoas negras. E talvez ela e tantos outros, a gente pode chamar de atores negros ou ícones negros, acabaram caindo no esquecimento, ou não são reconhecidos. (Marcus Flávio Ribeiro em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

A única imagem que encontramos de dona Luíza aparenta ter, no período da foto, por volta dos seus 70 anos, cabelo curto, com uma roupa humilde, pele escura, a expressão do rosto demonstrando desconfiança pela fotografia, talvez seja uma resposta à vida dura. Olhar firme de quem pergunta: O que quer com a figura? Chinelos diferentes um do outro, bolsa embaixo do braço, aproveitando um dia de calor com um picolé na mão. Sentada em um banco sozinha. A partir das entrevistas que tivemos com a senhora Ângela Maria Silva de Souza Fontoura que a vida da senhora Luiza entendemos foi marcada pela solidão. Ela trabalhou nas casas de militares do alto escalão do Batalhão Ferroviário como faxineira, lavadeira, cuidadora de crianças e etc., mas que estas famílias a deixaram na minguagem sem muitas preocupações.

---

<sup>41</sup> Vânia Kratos Mendes em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024

Foto 06 - Foto de Tia Luiza



Fonte: Museu do Imigrante

Tia Luiza é também o nome de uma associação de idosos da cidade BG que em 2004 firmou convênio com a prefeitura para atender idosos que fossem encaminhados pela Secretaria Municipal de Ação Social e Cidadania. Vânia nos conta um pouco sobre:

Com o passar do tempo, muitos anos depois, o Altair Fernandes, o ex-vereador Feijão, deu o nome de Tia Luísa para o grupo da terceira idade que ele coordena até hoje. E depois eu sei que, lá no cemitério, foi dada uma autorização pela paróquia, na época, aqui de São Roque, que diz que cuida do cemitério, para que o túmulo dela fosse removido e ali fizeram uma capelinha de uma família e aí ela está numa gaveta, então. Isso tudo acompanhado pelo vereador, pelo Feijão.

Perguntamos para Vânia se o motivo da memória sobre a Tia Luíza ser brava vinha justamente dessa sua autodefesa, de não deixar ser desrespeitada. Para ela e as pessoas da associação, Tia Luíza não era essa pessoa brava, ou perigosa:

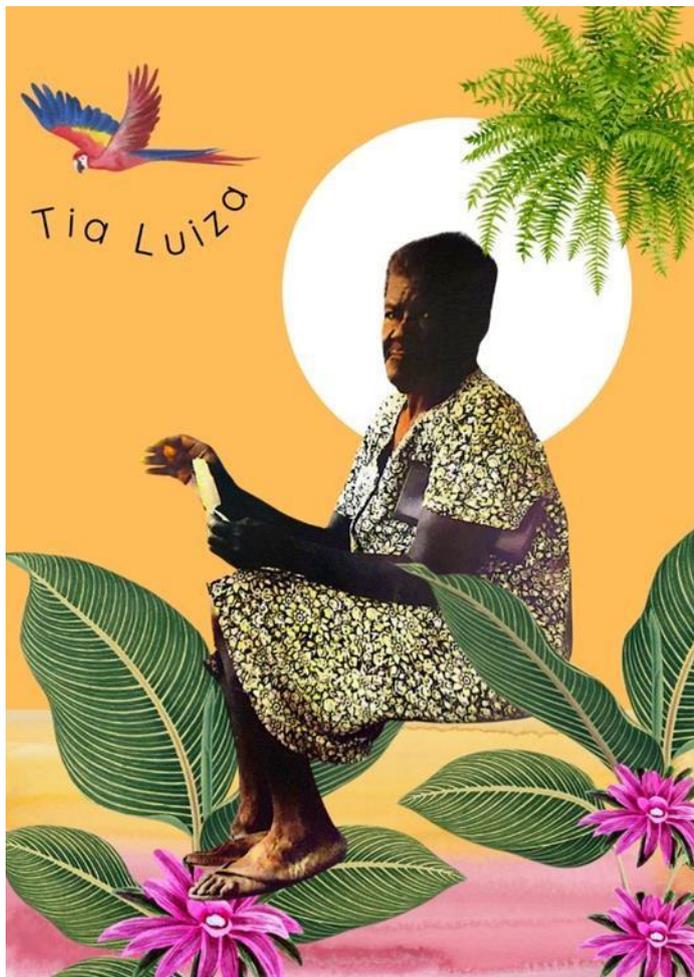
[nós] nunca vimos o lado bravo da Tia Luíza ela era uma pessoa tranquila e normal porque a gente sempre a respeitou assim como respeita a todas as pessoas que já passaram pelos cuidados da entidade, mas talvez algumas pessoas na cidade dissessem isso, e quando a gente tinha as nossas atividades ela era uma das primeiras sempre a chegar não faltava nunca e nunca teve nenhuma dificuldade de relação também com as outras vovós e senhoras e eu acredito, sim, que se ela não beliscou os 100 anos passou perto, foi mais ou menos por aí, porque só nos últimos anos é que ela não saía mais de casa, mas se não, tu sempre via a Tia Luíza ir de um lado pro outro.

Tia Luíza era uma pessoa que gostava de respeito e por motivos diversos, ela era alvo de ofensas.

A Tia Luíza é essa figura folclórica que acabou marcando a presença dela na cidade e ela circulava praticamente todos os dias ela pegava o ônibus e ela ia dar uma voltinha no centro, enquanto ela teve saúde; e conversava com todo mundo e, como eu digo, eventualmente com alguém que não a tratava bem, ela também sabia como se defender.

Para nós ela é símbolo de quem defende o respeito que lhe é merecido, não importando descendência, cor, etnia ou credo.

**Figura 09: Tia Luiza**



Deixamos aqui também um registro artístico que representa a senhora Luíza produzido carinhosamente para esse trabalho pela artista e pesquisadora Jéssika Aparecida de Jesus Vieira, que se sensibilizou com a sua história e a homenageou em sua obra de colagem digital.

## **2.5 O NEGRO NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO ECONOMICO DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA**

Os primeiros contatos entre ítalos e afro-brasileiros, foi por meio das trocas comerciais. Nessa atividade, homens conduziam tropas para vender e trocar produtos com os colonos italianos. Os protagonistas dessa atividade econômica inicialmente vinham dos Campos de Cima da Serra<sup>42</sup>, entre eles estavam homens negros como é demonstrado na pesquisa de Lucas

---

<sup>42</sup> Região que compreende municípios como Rio Grande do Sul, São Francisco de Paula, Cambará do Sul, Jaquirana, São José dos Ausentes e Vacaria. Nessas cidades se desenvolveu uma atividade pecuária em latifúndios

Caregnato (“A Outra Face”, 2010). Essa relação econômica era necessária e muito importante, pois nas condições que os colonos estavam no início do seu assentamento, não havia a produção de todos os instrumentos ou alimentos para a sua sobrevivência, sendo necessária a mediação com os tropeiros para aquisição de produtos manufaturados e alimentícios, não existentes na região. Posteriormente essa atividade se torna atrativa e nas primeiras décadas do século XX alguns colonos passaram a vender produtos como tropeiros, mantendo o contato com os comerciantes negros. Com o passar do tempo, é sabido que grande parte do dinheiro utilizado para a industrialização<sup>43</sup> da região de colonização italiana teve origem na atividade comercial dos italianos que passaram a controlar a atividade do comércio das suas produções agrícolas nos grandes centros e portos.

Algo curioso para a história de Bento Gonçalves é que antes de ser denominada<sup>44</sup> como colônia Dona Isabel, a sua localização era identificada geograficamente como “Cruzinha” e recebeu esse nome por ter sido enterrado um tropeiro na região. A morte deste tropeiro, que dá origem à posição geográfica da nossa cidade, nos faz perguntar quem era essa pessoa? E quem eram as pessoas, que naquela época, estavam intimamente ligadas à essa profissão?

### Figura 10 - Carreteiros



Fonte: Caregnato 2010 Acervo: Arquivo Público de Caxias do Sul.

Assim como em Caxias do Sul, a história da população negra em Bento Gonçalves

---

com a mão de obra de africanos escravizados (CAREGNATO, 2010).

<sup>43</sup> Saiba mais sobre a industrialização do Rio Grande do Sul a partir de 1890 no livro de Sandra Jataí Pesavento RS: Agropecuária Colonial e Industrialização, publicado em 1988.

<sup>44</sup> Saiba mais sobre a denominação, na publicação “Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves – 1875 a 1930 – História”, de Bernadete Schiavo Caprara e Terciane Angela Luchese. As autoras relatam que o local era a passagem para a comercialização de produtos entre os campos de Vacaria e Montenegro ou a Capital. Do evento da morte de um destes trabalhadores, foi colocada cruz em madeira que passou a denominar o lugar.

também deixou inicialmente sua presença marcada pelo trabalho do tropeirismo e pelas construções das estradas e das linhas ferroviárias, isso significa que temos uma enorme participação no desenvolvimento econômico da cidade.

O comércio da produção agrícola excedente foi gerando riqueza aos produtores colonos e o transporte dos seus produtos até centros comerciais, como Montenegro, Porto Alegre e São Paulo era de extrema importância para o crescimento econômico da cidade e também para a constituição de riquezas para os imigrantes. Muitos jornais de grande porte, ainda hoje exaltam a importância da chegada do trem à cidade, como símbolo de uma “revolução econômica”<sup>45</sup>, um feito que garantiu o contínuo desenvolvimento da região. As cidades da região de colonização italiana, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha, entre outras, tiveram destaque pelo grande desenvolvimento industrial, resultado da execução de políticas econômicas<sup>46</sup> que incentivaram a manufatura e a industrialização da produção agrícola.

A construção da ferrovia é exemplo destas políticas e elas foram implementadas ora pelo governo estadual, ora pelo governo central. Isso possibilitou a muitos imigrantes europeus enriquecer, mas o trabalho dos imigrantes negros e caboclos foi esquecido, se não silenciado.

**Figura 11: Matéria de jornal de 2008, manchete: A coragem dos primeiros negros que chegaram a Bento Gonçalves.**

---

<sup>45</sup> Sobre o trem enquanto “revolução econômica” você pode buscar mais sobre lendo a reportagem do jornal Pioneiro de 10 de agosto de 2019, com a manchete: Símbolo de revolução econômica na região, estação ferroviária de Bento Gonçalves completa 100 anos.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2019/08/simbolo-de-revolucao-economica-na-regiao-estacao-ferroviaria-de-bento-goncalves-completa-100-anos-10981899.html>

<sup>46</sup> Saiba mais sobre essas políticas econômicas voltadas à região serrana no livro de Pesavento (1988), que trata a criação de instituições estatais que impulsionou a industrialização e venda do vinho gaúcho.

04 21 DE NOVEMBRO 2008 **serra**

## A coragem dos primeiros negros que chegaram a Bento Gonçalves

Os primeiros afros chegaram para a construção da ferrovia e abertura de estradas. O trabalho era braçal e exigia força e determinação

O Brasil vive a Semana da Consciência Negra. Um dos assuntos mais abordados está a eleição que levou Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, sendo ele o primeiro negro a assumir o comando da maior potência mundial. O feito entrou para a história e, segundo historiadores, deverá mudar conceitos. O que contribuirá para a valorização do negro como ser capaz de assumir os mais diversos cargos.

Mas a luta contra o preconceito ainda é muito grande. Na última quarta-feira, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, milhares de descendentes afros lembraram a trajetória de Zumbi dos Palmares, morto no dia 20 de novembro de 1695, quando tentava proteger o Quilombo, uma das maiores aldeias formadas por escravos. "Zumbi representa a luta dos negros em busca de dignidade, respeito e liberdade", destacou Ilimar Nunes de Assis, presidente da Sociedade Quilombos de Bento Gonçalves. A entidade foi criada

em 2001 com o objetivo de resgatar a história dos afros, assim como buscar formas de valorização do negro na sociedade. De acordo com a assessora da entidade, Gessi de Assis, uma das preocupações da equipe foi resgatar a história dos primeiros negros que chegaram a Bento Gonçalves. "Temos um vasto material. Esse estudo foi uma forma de valorização de nossos descendentes", justifica.

**A saga dos primeiros negros**

Em meados de 1919 começaram a chegar as primeiras famílias à Bento Gonçalves, para a construção da ferrovia. "Antes disso, alguns negros já estavam na região, trabalhando na abertura de estradas", conta Ilimar. A sede da empresa construtora de ferrovias era em Montenegro. De lá eram enviados os construtores. A família Assis foi uma das primeiras a chegar, vindo de Rio Pardo. Jerônimo Rodrigues de Assis foi então um dos primeiros ferros-

riais de Bento. Aos poucos chegavam outras famílias, todas numerosas. No início ficavam em acampamentos, depois começaram a construção de casas nas modalidades da ferrovia (onde hoje funciona a Maria Fumaça). Gessi conta que seus antepassados contribuíam muito para o desenvolvimento de Bento Gonçalves. "Trabalharam como loucos, mas não eram reconhecidos, como até hoje acontece", desabafa. Mas mesmo em regiões onde o predomínio era a cultura italiana, os negros conseguiram implantar costumes e tradições, mas a muito custo e sofrimento. "O negro era visto como um escravo, digmo apenas de trabalhos pesados", disse Ilimar, neto de ferroviário.

As mulheres negras trabalhavam como lavadeiras. "Acaci Rodrigues de Assis foi a primeira lavadeira negra de Bento Gonçalves", conta Gessi. Na Guarda Municipal, Brigada Militar e construção civil também houve o ingresso de negros. Hoje, Ilimar acredita

que somente 5% da população de Bento Gonçalves seja composta de negro que ainda encontram assistência, principalmente no mercado de trabalho. "Quase não existem negros trabalhando no comércio, e os que estão no mercado ocupam cargos inferiores e ganham pouco", acredita. Para a luta pela igualdade eterna. "Mesmo que não existe preconceito a realidade é outra, e sim e um dia isso precisa acabar", finalizou.

**Dados curiosos**

- Adão da Conceição, natural de Porto Alegre foi um dos primeiros brigadistas.
- Acaci Rodrigues de Assis foi a primeira lavadeira negra.
- Dolores da Rosa foi a primeira Mãe de Santo.
- Quimilho da Rosa foi um dos primeiros integrantes da guarda municipal.
- Laurotino Rodrigues de Assis foi um dos primeiros funcionários públicos.

**Ilmar e Gessi resgataram um pouco da história dos primeiros negros a chegar em Bento Gonçalves, em 1919**

**Dolores da Rosa ao lado da família. Ela foi a primeira Mãe de Santo em Bento**

**Jerônimo e Selva Rodrigues de Assis foram os primeiros a chegar em 1919**

**Tia Mariana Correia, com era conhecida, foi escrava**

**Escola de Música Agape**

Escola de Música Agape  
Rua Heróstrato, 100  
Bento Gonçalves, RS

FONES:  
(54) 2621.5302  
(54) 9969.4904

**PREÇO PROMOCIONAL**  
Aulas de VIOLÃO e TECLADO INICIAIS R\$ 60,00 POR MÊS

**AULAS:** Guitarra, Baixo, Teclado, Violão, Técnica vocal e Acordeão

**CYBER E CAFÉ:** Acesso a net R\$ 3,00 / hora

**SERVIÇOS:** Xerox, impressões e digitalizações.

Fonte: Acervo do Museu do Imigrante de Bento Gonçalves

Em 2019, em pesquisa pelo acervo do Museu do Imigrante de Bento Gonçalves, uma das primeiras fontes, se não a primeira que encontramos sobre a população negra no Museu do Imigrante, foi uma matéria de jornal de 2008 com a manchete: “A coragem dos primeiros negros que chegaram a Bento Gonçalves. Duas pessoas foram entrevistadas próximo a data 20 de novembro daquele ano pelo jornal Serra Nossa.

O senhor Ilimar Nunes de Assis lembrava que nesta data lembramos de Zumbi dos Palmares e que “Zumbi representa a luta dos negros em busca de dignidade, respeito e liberdade”. Ele e Gessi da Silva eram membros da Sociedade 20 de Novembro (Criada em 1999), ele presidente e ela assessora. A senhora Gessi, contava que uma das preocupações do movimento era resgatar a história dos “primeiros negros”, como forma de “valorização dos nossos descendentes”.

Os dois apresentaram informações valiosas das primeiras pessoas negras a exercerem

importantes trabalhos na cidade. Araci Rodrigues de Assis, foi a primeira lavadeira negra, Dolores da Rosa, foi a primeira Mãe de Santo, Adão da Conceição um dos primeiros policiais militares, Quintilhano da Rosa um dos primeiros integrantes da guarda municipal e Laurentino Rodrigues de Assis um dos primeiros funcionários públicos. Os dirigentes do movimento ainda apresentaram fotos de Dolores com sua família, da família de Seluta e Jerônimo Rodrigues de Assis e também de Tia Mariana Correia com a informação de que ela teria sido escravizada.

A senhora Gessi, também conta que o trabalho das primeiras mulheres negras a chegar em Bento Gonçalves era o de lavadeira. Foi uma convivência muito dificultada pelo racismo, com muito sofrimento, pois “O negro era visto como um escravo, digno apenas de trabalhos pesados”, disse Ilimar, neto de ferroviário. Ele ainda afirmou na entrevista que deu ao jornal semanário que “Mesmo que digam que não existe preconceito, a realidade é outra, existe sim e um dia isso tem que acabar.”

A família Assis, vinda de Rio Pardo, foi uma das primeiras famílias negras a chegar à Bento Gonçalves. Jerônimo foi para o trabalho na construção da linha férrea, mas muitas outras famílias já trabalhavam na abertura de estradas antes disso. As estradas<sup>47</sup> sempre foram uma preocupação constante para os imigrantes italianos isso porque eles tinham o objetivo de vender a sua produção agrícola para os centros urbanos. Essa produção agrícola era subsidiária, ou seja, de alimentos para o consumo do país e não para exportação e era realizada nos minifúndios adquiridos pelos colonos com a política de imigração. Essa venda foi o que gerou riqueza para os colonos naquele momento.

Além dos jornais, historiadores também deixaram bem marcado a importância<sup>48</sup> do trem para o escoamento de produtos como o vinho, o queijo e outros de origem animal. Essa marcação nunca foi lembrando dos trabalhadores do trem, mas do trem como aquilo que foi conquistado pelo colono.

A linha férrea foi inaugurada no município em 10 de agosto de 1919 e chamada de Ramal Ferroviário Carlos Barbosa - Bento. A construção desta, assim como das demais linhas gaúchas, foi realizada pela empresa Belga *Auxiliaire des Chemins* que reuniu diversos trabalhadores<sup>49</sup> negros por onde passou. Em Forqueta, por exemplo, a vila operária de trabalhadores negros ferroviários participou da construção do Clube União Forquetense, o qual tinha como símbolo duas mãos entrelaçadas, significando a união dos esforços de brancos e

---

<sup>47</sup> Para saber mais sobre a importância das estradas para a possibilidade de riqueza dos colonos italianos, procure o livro de Paulo Pinheiro Machado de 1999 – “A Política de Colonização do Império”.

<sup>48</sup> Para saber mais sobre a importância das linhas ferroviárias para Bento Gonçalves, procure o livro de Assunta de Paris 1999 e também de Machado 1999.

<sup>49</sup> Essas informações e mais dados podem ser encontrados no livro de Caregnato (2010) na pag.30.

negros. Neste mesmo ano, no mês de Julho, a cidade de Gramado também comemorou a chegada do trem, uma construção difícil devido o desnível entre planície e o planalto onde o único grupo<sup>50</sup> de pessoas que os engenheiros poderiam dispor era, nas palavras de memorialistas da época, “homens de todas as categorias, dentre eles a maioria ladrões e criminosos”.

A mesma caracterização foi realizada pelo intendente de Bento Gonçalves Antônio Joaquim Marques de Carvalho<sup>51</sup>, quando se referiu aos trabalhadores ferroviários enquanto solicitava 20 praças (força militar) para compor a segurança da cidade, com o argumento de que estes trabalhadores eram “de todos os tipos, inclusive criminosos”.

O trabalho da construção férrea e de outras vias continuou sendo realizado pela população negra por muito tempo em diferentes momentos. Podemos perceber isso a partir da carteira de trabalho do senhor Agenor Lopes, ex-trabalhador do Batalhão Ferroviário de 1967, cedida gentilmente por seu filho Agenor Lopes Filho.

**Figura 12 - Carteira de trabalho de Agenor Lopes.**



Fonte: Acervo: Agenor Lopes Filho.

As memórias das pessoas negras que contam sobre seus pais trabalhando nessas construções por volta da década de 1960 são diferentes do que os documentos de oficiais relatam, a nossa memória é de orgulho dos nossos antepassados que participaram das mais duras e importantes construções viárias da cidade de Bento Gonçalves,

<sup>50</sup> Essas informações e mais dados sobre, podem ser encontrados no texto de Muller, Cavalcante 2020 - Sobre a história da população negra na cidade de Gramado.

<sup>51</sup> Você encontra o relatório do intendente Antônio de 1920 no livro “Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves – 1875 a 1930 – História”, de Bernadete Schiavo Caprara e Terciane Angela Luchese.

*Todo mundo faz essa relação do quanto a ferrovia foi importante pra esse processo de industrialização na nossa região. Né? Toda essa questão de como foi, né? E aí...E a gente não tem ainda, né? Quem é que levantou essa estrutura toda, né? Então... E é um motivo de orgulho, né, cara? De, pô... Meu pai esteve presente, né, cara? Meu pai teve uma relação direta com essa estrutura. (Agenor Lopes Filho, em entrevista ao projeto Registro da Cor no ano de 2024)*

**Foto 07 - Trabalhadores da Estrada de Ferro Taquara – Canela. Autor: desconhecido**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante. Datada final da década de 1910.

A realidade da Encosta Superior Nordeste no início do século XX era de um povoado onde a terra estava nas mãos dos imigrantes europeus e seus descendentes. A população negra enfrentava uma visão muito preconceituosa sobre si, e só conseguia trabalho nas piores condições. Essa representação negativa dos negros era disseminada com a ajuda de jornais, que publicaram conteúdos sensacionalistas e ideias alegorizadas da comunidade negra<sup>52</sup>. A população negra e cabocla foi sendo depreciada em favor dos interesses das elites locais e nacionais. Era vantajoso para estas elites locais participar da nova ordem social do capitalismo brasileiro. Essa ordem necessariamente funciona a partir de uma ideia de *status étnico* que determinava a exploração e divisão racial do trabalho.

O benefício dessa ordem étnica que gerava riqueza no Brasil há mais de 300 anos com

<sup>52</sup> Veja mais sobre a representação da população negra nos periódicos da Serra Gaúcha no início do século XX na publicação de Caregnato - A Outra Face.

a escravidão não se encerrou com o fim dela. A exploração racial continuou após a lei Áurea, ela foi possibilitada a partir da negação de direitos à população negra e do apagamento da sua história. Não houve suporte aos negros para sobreviverem aos novos tempos que se instalavam, não houve política de assentamento e nem de desenvolvimento econômico para as suas comunidades.

O racismo expresso na sua forma mais cruel de escravidão, não era mais tolerado, mas ele se sofisticou, criando uma padronização cultural e um apagamento histórico que pudesse gerar um estranhamento da sociedade com o negro. A mesma exploração que ocorria em nível nacional, e gerava um sentimento de incômodo com todos os corpos que eram “de cor” também era praticada na região de colonização italiana. Não houve garantia de direitos básicos, como o acesso a terras ou lotes para se fixar como os europeus receberam. Não foi permitido o livre culto de nossos ancestrais, as religiões de matriz africana foram duramente perseguidas, assim como outros aspectos da nossa cultura, a criminalização da capoeira é um forte exemplo. Assim passamos a ocupar núcleos de sub-habitação e postos de trabalho específicos de grande esforço braçal e precários dos quais a população branca de modo geral não queria:

*Meu avô e nosso pessoal trabalhou no serviço pesado da ferrovia e dos telégrafos. Serviço que pouca gente aguentava. Faziam o que ninguém mais queria.* (Ireno da Silva para o jornal semanário em novembro de 2018)

Esse relato é do seu Ireno da Silva, ao Jornal Semanário. Ireno é neto da Benzedeira Doralice de S. da Silva e de Manoel Juvenal da Silva, um ex-trabalhador das antigas linhas ferroviárias. Ele vive a poucos metros dos trilhos de trem em uma das casas mais antigas do bairro Cidade Alta.

**Figura 13 - Matéria: Especial 20 de Novembro: A pagina esquecida da história de bento**



Fonte: Jornal Semanário Acervo: Silvia Maia Alves Data: 2018.

Em outra entrevista, realizada em 2020 pelo projeto “Café com Memória” do Museu do Imigrante, seu Ireno também comenta sobre esse trabalho nas ferrovias, quem ele via trabalhando e como eram as condições desse trabalho:

*Eu não vi nenhum branco trabalhando pregando trilho... Eu, quando o meu avô faleceu, eu tinha doze anos. E eu já levava merenda pra ele e levava uma meia de canha pra ele, pra aguentar o frio. Porque era um serviço bruto, o trem descarrilhava, tinha que dar manutenção [...]*

O relato do senhor Ireno traz alguns elementos. A ida dele até o trabalho do avô, com a sua alimentação diária demonstra que os trabalhadores tinham de se virar com a sua alimentação. Por conta disso a moradia era muito próxima dos trilhos. Não existia nenhuma garantia da alimentação deles e também não existia política de assentamento destes trabalhadores que tiveram de optar por ir fazendo suas vidas, literalmente “na beira dos trilhos”:

*Nós morávamos na beira dos trilhos, a balsa era dos dois lados. O “trólogo”<sup>53</sup> de trabalhar, quando eles precisavam do “trólogo”, nós ia fazer a nossa colheita com o “trólogo” na beira dos trilhos. Então nós criava cavalo, porco, tudo ali...Tudo próximo ao trilho. Tanto que botaram uma vez uma cerca ali, [disseram] que eu invadi, eu não invadi, eu nasci ali. Sim, é bem isso a história, eu estive ali, com os pais e tudo ali, quantos anos...”* (Ireno da Silva em entrevista ao projeto “Café com Memória” em 2020).

<sup>53</sup> Entendemos que o “trólogo” seja uma ferramenta de da agricultura. Infelizmente não dispomos de mais informações sobre ela.

Até o momento da escrita desse livro (outubro de 2024), seu Ireneo ou o seu “Pelé” como é conhecido, enfrenta uma luta judicial pela sua casa que continua sendo na beira dos trilhos do trem. Ele vive na mesma casa que os avós construíram quando estava sendo construída a ferrovia. Sem política de assentamento agrário sua família não tinha outra opção a não ser morar nestas áreas do trilho de trem que são de domínio público. Acontece que mesmo depois de 3 gerações da sua família morando no mesmo local, existe uma ação para tirar o seu Ireneo de sua casa. Essa ação judicial se soma às hostilidades dos vizinhos e das empresas que fazem a manutenção dos trilhos de trem. Atualmente o trem, chamado de “Maria Fumaça”, constitui uma atração turística muito famosa da cidade de Bento Gonçalves:

*Essa semana, por desaforo, não foi lá na minha casa cortar todo o milho que eu plantei?! Cara, eu fui pra delegacia, ele [vizinho] teve, eu tive sorte de não ter avançado nele. Duzentos anos ele [avô de Ireneo] plantou, olha o desaforo. Ele [vizinho] disse, ‘isso aí é da ferrovia, porque não conseguiram aquela questão lá que tu contaste aí’. Passaram a roçadeira... (Ireneo da Silva em entrevista ao projeto “Café com Memória” em 2020).*

Ireneo conta que enquanto os filhos de imigrantes trabalhavam com engenharia, arquitetura e administração da Estação Férrea, os negros eram quem na grande maioria lidavam com os serviços braçais. Ligado à memória do senhor Ireneo, Ângela Maria Silva de Souza Fontoura conta em entrevista ao projeto “Café com Memória” do Museu do Imigrante, como era feita esse tipo de triagem de trabalhadores, pelo Batalhão Ferroviário:

*O meu padrinho era do primeiro batalhão né. E aí a minha madrinha falou pra gente, que ele tava em casa e, um belo dia, simplesmente chegaram o pessoal do exército, o batalhão no caso, e, ‘tu vai trabalhar’... Eles não perguntaram...Era imposto... (Ângela Maria Silva de Souza Fontoura, em entrevista ao projeto Café com Memória no ano de 2020)*

Luiz Fernando Ferreira morador de Bento Gonçalves comentou em entrevista ao mesmo projeto, sobre a distinção dos trabalhos de brancos e negros em Bento Gonçalves na construção e desenvolvimento da cidade:

*Eles colocavam as famílias inteiras dentro do mato e levavam o ranchinho, no fim do mês, tá, ‘mas tu ainda me deve a comida que a gente te trouxe’. Tá, mas eu não escolhi o arroz que eu queria, eu não escolhi o feijão que eu queria, não, ‘mas é o que eu te dei, custa tanto’. Então até nisso, essa mão de obra facilitava a vida daquele contratante né... E isso, é aquela coisa, mas quem nós vamos usar... Vamos usar esta etnia, esta raça...E era bem declarado, vamos colocar esse negro lá. Porque continua até hoje, tá meio disfarçado mas a gente percebe...” (Luiz Fernando Ferreira em entrevista ao projeto “Café com Memória” do Museu do Imigrante em 2020)*

A matéria “A página esquecida da história de Bento”, que traz o conhecimento de Ireneo para preencher essa lacuna também admite que a história e a mídia local, trabalharam para caracterizar a Serra Gaúcha como um “pedaço da Europa no Brasil”, principalmente quando

essa imagem passou a ser uma forma de elevar preços das mercadorias e do turismo oferecido a partir da produção de vinhos. Além disso, mostra a casa do senhor Ireno, do lado dos trilhos de trem.

**Figura 14 - Continuação da matéria: Especial de Novembro.**



Fonte: Jornal Semanário Acervo: Silvia Maia Alves Data: 2018.

Na entrevista ao jornal, Ireno faz questão de destacar a coleção única de chás e ervas de cura que a sua avó cultivava e conhecia. Ela também trabalhou nos parreirais dos vizinhos imigrantes. A estranheza e desconfiança dos colonos e da maioria da população com os trabalhadores negros era comum, segundo ele,

*Vinham de Monte Belo para ver a gente de cor que trabalhava na ferrovia. Era novidade pra eles, tinha desconfiança. (Ireno em entrevista ao jornal Semanário)*

O preconceito materializado na desconfiança ainda não parece superado. Ireno conta que os modos de perseguição continuam. O nome da sua rua, o mesmo da sua avó, por homenagem a ela, quase foi apagado quando uma vizinha foi à câmara reclamar essa petição.

*Não tenho medo de luta nenhuma, sou igual eles ou melhor, [...]. (Ireno em entrevista ao jornal Semanário)*

Além dessa tentativa de pintar a Serra Gaúcha como um “pedaço da Europa no Brasil”, os jornais passaram, por muito tempo, a visão preconceituosa sobre as pessoas com origens africanas e indígenas de Bento Gonçalves. Por muito tempo foi disseminado com a ajuda de periódicos<sup>54</sup> sensacionalistas uma imagem alegorizada e parcial da população negra, muitas vezes associando características indígenas aos africanos e vice-versa. Isso nos ajuda a constatar cada vez mais o espaço que seria permitido aos corpos racializados ocupar na sociedade serrana, num passado não muito distante. A concentração de periódicos em Caxias do Sul e Bento Gonçalves, demonstra que os dois municípios tinham um grupo muito politizado que utilizava dos jornais para disseminar os seus negócios locais e também suas ideias políticas. Esses jornais por muitos anos trabalharam no sentido de criar padrões sociais e contribuíram para a formação de estigmas e preconceitos contra os grupos étnicos diferentes do padrão europeu local.

A senhora Zilda Marques da Silva, moradora e nascida em Bento Gonçalves, é uma das pessoas que fundou o primeiro movimento social de negros e negras em defesa da cultura afro-brasileira na cidade. Ela é filha de um destes ex-trabalhadores ferroviários, o senhor Miro Delfino da Silva e nos dá um relato sobre o trabalho dele:

*[...] o pai trabalhava nas detonações que faziam os viadutos. Daí quando o pai trabalhava pelo batalhão ferroviário, em detonação, depois trabalhava na Maria Fumaça. Então, eles eram muitos... Paravam em vários lugares. Conforme iam construindo as estradas de ferro, alguns construía estradas. E o meu pai ia detonando pra abrir os túneis, Túnel 13, esses lugares aí...Pararam em vários lugares. Então eles iam fazendo as casas. Ficavam tanto tempo ali, construíram um pedaço, construía outra casa ali [...] (Zilda Marques da Silva Núncio, em entrevista ao projeto Registro da Cor)*

Ela ainda conta mais sobre as condições das moradias destes trabalhadores que migraram pelo estado construindo a rede ferroviária e em cada trecho construído se construía também uma casa chamada “Casas de Turma”. Talvez esse nome tenha sido atribuído por conta do real “turma” que morava no mesmo espaço. Na mesma casa chegavam morar 3 ou 4 famílias:

*Minha mãe conta, o pai que era casa de turma, não sei. Casa de turma. É, daí tipo, são cinco famílias. Construíram aquele casarão, aquele casarão repartido, né? Cada família ficava com um espaço, tipo esse espaço, a família, aquele espaço. (Zilda Marques da Silva Núncio, em entrevista ao projeto Registro da Cor)*

Além dos jornais e das memórias coletadas, a fotografia também é um meio de visualizar esse passado da população Bentogonçalvense negra. Outros historiadores já utilizaram a fotografia. Ela passa um efeito de “realidade”<sup>55</sup>. Efeito porque nem sempre revela todos os

<sup>54</sup> Para sabe mais sobre os artigos de Jornais que depreciava a população negra veja o livro de Caregnato - A Outra Face pag.32.

<sup>55</sup> Você pode ler mais sobre o efeito de realidade da fotografia em Roland Barthes, Roland Barthes, La chambre claire: note sur la photographie, Paris, De l'Étoile/Gallimard/ Le Seuil, 1980, p. 16.

aspectos do passado, há muitas nuances nas suas análises, para além do que se quer registrar e por isso é importante pensar que tipo de informação se quis passar com tal registro. A fotografia informa, mas também conforma uma determinada visão de mundo<sup>56</sup>.

Além de saber quais eram as suas condições de vida e trabalho, assim como nós, estes pesquisadores puderam constatar algumas ocorrências. Os trabalhadores da ferrovia vinham de diferentes regiões do estado em busca de melhores condições de vida. Muitas vezes construíam suas moradias na encosta das linhas de ferro e além disso eram em maioria trabalhadores negros.

### **Foto 08 - Operários da construção da linha de trem de Caxias-Montenegro**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante. Foto: Domingos Mancuso

### **Foto 08 - Operários da construção de estradas em local desconhecido**

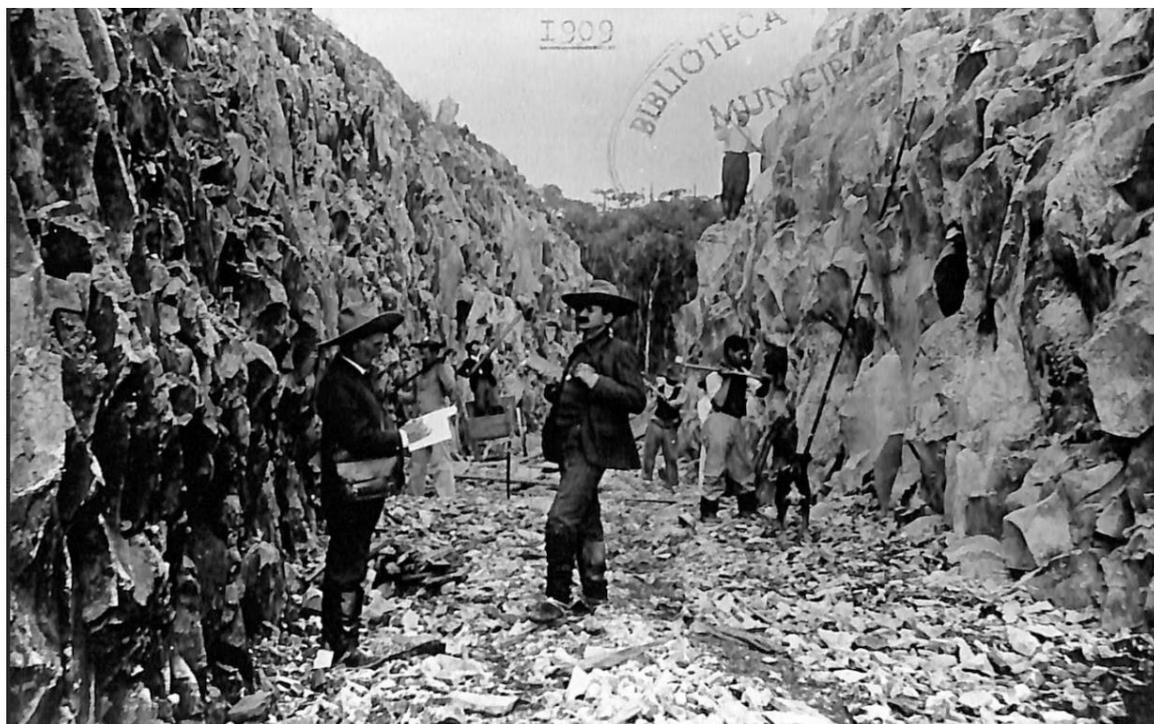
---

<sup>56</sup> Para saber mais sobre as nuances de se analisar historicamente uma fotografia consulte: MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <[https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf)>



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante. Foto: Autor desconhecido, data estimada: 1920

**Foto 09 - Operários da construção de estradas, foto encontrada em Bento Gonçalves**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante. Autor desconhecido, data estimada de 1909

**Foto 10 - Operários da construção da linha de trem 1. Foto encontrada em Bento Gonçalves**



Fonte: Acervo: Museu do Imigrante, autor desconhecido, data estimada de 1920

As figuras 20 - 23 revelam um pouco do cotidiano dos trabalhadores das construções de estradas de via terrestre ou de trem. A maioria delas foi encontrada no Museu do Imigrante em 2019. Muitas ainda não possuem grandes informações sobre a data ou de onde eram as localidades do momento da fotografia. Mas sendo fotografias em preto e branco podemos deduzir que elas são da primeira metade do século XX. Muitas são registros das construções ferroviárias e, portanto, deduzimos que sejam da década de 1920 e 1930.

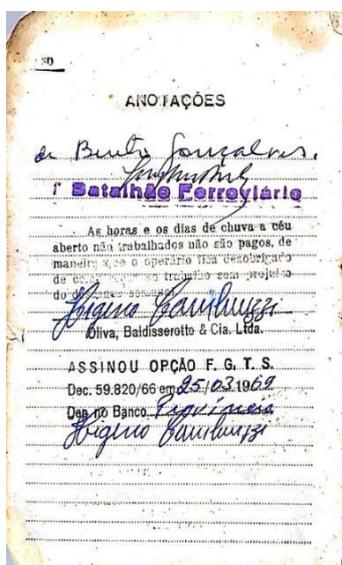
A partir delas podemos entender quem eram esses sujeitos construtores das estruturas viárias tão necessárias para o desenvolvimento econômico de todo o complexo colonial. É interessante que as mesmas fotografias já trabalhadas em outros estudos, como é o caso da figura 07 tenham sido encontradas também no Museu do Imigrante em Bento Gonçalves. Isso confirma que os mesmos trabalhadores abriram a estrada de várias localidades do interior do RS. Fato também apontado por outros pesquisadores por ser a mesma empresa contratada para esse projeto. De acordo com as fotografias podemos ver a presença expressiva da população negra e ao que indicam nossas entrevistas e outras pesquisas, é que as famílias acompanhavam os trabalhadores. Na localidade de Linha Carahá, em Gramado, os moradores relataram que seus antepassados contavam que os trabalhadores que causavam desordem

sofriam penalidades e às vezes sumiam sem explicações. A suspeita era que eles foram executados sumariamente em um penhasco nas proximidades da rodovia ERS-115.

Nesse sentido algumas perguntas sobre estes trabalhadores, já realizadas em outras pesquisas como a realizada na cidade de Gramado<sup>57</sup>, se fazem importantes ecoarem por aqui. Como foram recrutados esses trabalhadores? De onde vinham? Recebiam pagamento? A que condições de trabalho eram submetidos? Eram criminosos como descritos em alguns relatórios de intendência? As execuções por falta de coerção ao trabalho e a ordem ocorreram?

A carteira de trabalho de Agenor Lopes, nos dá algumas pistas de como era essa relação de trabalho na década de 1967 em diante. Na página trinta da sua carteira de trabalho o Batalhão Ferroviário, responsável por grande parte das obras de infraestrutura viária da cidade determina, que Agenor não terá nenhum problema caso não compareça ao local de trabalho nos dias de chuva, mas ele também não receberia nenhuma garantia salarial mesmo se aparecesse. Ou seja, em dias de chuva ele estava sem emprego.

**Figura 15 - Anotações da Carteira de Trabalho de Agenor Lopes datada em 1967**



Fonte: Acervo: Agenor Lopes Filho.

Ainda sobre as fotografias, sabemos muito pouco delas, mas a sua existência em um centro de memória (Museu do Imigrante) é significativa para uma cidade que pouco questiona a falta de maiores informações sobre a sua população negra e nem sequer menciona o povo negro na sua historiografia mais tradicional. Pouco sabemos também sobre as respostas destas

<sup>57</sup> Essas informações e mais dados sobre, podem ser encontrados no texto de Muller, Cavalcante 2020 - Sobre a história da população negra na cidade de Gramado.

perguntas que fizemos questão de ecoar por aqui.

Pesquisas como esta, ainda são raras na região serrana gaúcha, uma mitologia de que essa terra é um “pedacinho da europa no Brasil” ainda é muito bem aceita e utilizada no turismo, sem demonstrar preocupação com a falta que essa historiografia faz. Sabemos que a Lei da Vadiagem, assim como tantas outras, foram implementadas para o encarceramento da população negra recém liberta. Para que assim trabalhássemos compulsoriamente no novo projeto econômico que a elite brasileira queria para todos.

Não bastou o povo “de cor” trabalhar 4 séculos a fio no projeto escravista do império português e luso-brasileiro. No pós-abolição também construímos, muitas vezes ainda de forma compulsória, sem registro e em quase todas elas sem reconhecimento, os novos pilares do desenvolvimento econômico das colônias europeias brasileiras.

### 3 CAPÍTULO TERCEIRO: MERCADO DE TRABALHO EM BENTO GONÇALVES E REGIÃO

Outro setor que é possível afirmar sobre a presença da comunidade negra trabalhando é o da agricultura. O senhor Agenor Lopes, além de trabalhador ferroviário foi também agricultor. Seu filho Agenor Lopes Filho nos conta que sua infância se passou na área rural de Bento Gonçalves. Além disso, nos minifúndios dos colonos onde os italianos começaram a sua organização social e a sua produção alimentícia, houve um desenvolvimento do setor e o aumento da produção gerou mais postos de trabalho na colheita da uva, do trigo, na roça e no preparo do campo para o plantio que era diverso. A família da senhora Zilda trabalhou muito nos parreirais da região pertencentes aos imigrantes italianos e descendentes assim como é relatado por outros autores sobre a inserção do negro no mercado de trabalho. A senhora Zilda nos conta da batalha da sua família em sobreviver na cidade e de que para isso o trabalho nos parreirais dos descendentes ítalos era necessário

*[...] o meu pai tirava uva nesses locais, e tinha algumas famílias assim. A gente tirou muito tempo uva, porque ele trabalhava na prefeitura, e quando tinha safra de uva, então ia eu, meu pai, minha mãe e alguns irmãos, e às vezes a família toda, porque ganhava, pagavam um tanto para tirar uva, deram um dinheirinho que tu ganhava era já para colaborar [...] Coisa que acontece até hoje, que vem os safristas, até que encontraram essa turma em trabalho de escravidão, as pessoas vêm para poder ganhar o dinheiro. (Zilda Marques da Silva Núncio, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

A professora Solana Corrêa, também é uma das pessoas que fundou a Sociedade 20 de Novembro e atualmente é coordenadora do Movimento Negro Raízes e segue denunciando a invisibilidade da população negra e discriminação racial contra nosso povo. Ela relata que o mesmo trabalho foi realizado pela sua família desde muito cedo nos parreirais, mas que o apagamento deste trabalho é muito comum:

*Porque os nossos pretos ancestrais, até os irmãos do Tio Moa, meus tios, alguns trabalharam muito nesses parreirais. Tinha muito preto que sempre trabalhou na colheita da uva. Só que isso também nunca foi falado. (Solana Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

Essa busca por melhores condições de vida e trabalho do povo negro em Bento Gonçalves e na região de modo geral ainda existe. Infelizmente essa procura já gerou situações de exploração extrema destes trabalhadores. Em 2023 as vinícolas Salton, junto da Coop. Aurora e da Coop. Garibaldi, estiveram envolvidas em um escândalo envolvendo direitos humanos em uma situação trabalhista, onde foram resgatados 207 trabalhadores baianos (negros) em condições análogas ao trabalho escravo. Os trabalhadores que migraram apenas

para a safra, não receberam a remuneração prometida, trabalhavam jornadas de 15 horas e não podiam sair do seu alojamento ou voltar para casa. As vinícolas teriam contratado o trabalho destas pessoas através de uma empresa terceirizada e apenas para a vindima (colheita e poda) de 2023. As vinícolas com mais de 100 anos dentro da produção e mercado da uva e do vinho, alegaram que não tinham conhecimento das condições degradantes de moradia e alimentação dos 207 trabalhadores que estavam atuando nas suas cantinas, produzindo seus vinhos finos.

Neste caso em específico, muitos políticos da região, inclusive um ex-prefeito da cidade de Bento Gonçalves e atualmente deputado estadual gaúcho, Guilherme Pasin, alegou que a imprensa e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), estavam atacando os “pequenos agricultores”. Em uma campanha de defesa a eles, escreveu um *post* na sua conta do aplicativo *Instagram*, defendendo que a viticultura tem tradição familiar. No seu pronunciamento, o “familiar” escamoteia a invisibilidade dos trabalhadores que vêm de outras regiões do país e são agregados por um curto período de tempo no trabalho braçal desenvolvido nas vinícolas serranas como foi o caso. Além disso, o argumento busca anular a responsabilidade das vinícolas estarem cometendo crime na relação trabalhista, por terem na sua base de estruturação o “trabalho familiar”.

A postura dos empresários da cidade foi ainda pior, manifestada por meio de uma carta do Centro da Indústria Comércio e Serviços (CIC) de Bento Gonçalves. A entidade afirma em nota que a situação de trabalho análogo a escravidão descoberta na cidade tem relação com o “sistema assistencialista” do Estado.

A representação dos proprietários das vinícolas alega que a causa da falta de mão de obra é o sistema assistencialista, uma vez que “[...]há uma larga parcela da população com plenas condições produtivas e que, mesmo assim, encontra-se inativa, sobrevivendo [...]”. Em nenhum momento a entidade dos empresários da cidade se solidarizou com os trabalhadores vitimados, mas é notável a energia mobilizada para defender a imagem imaculada das vinícolas que se beneficiaram da mão em condições análogas à escravidão. As notícias sobre o caso e a nota podem ser facilmente encontradas na íntegra<sup>58</sup> assim como as declarações das vinícolas que tentam se defender alegando a tradição do uso da mão de obra familiar nas empresas.

Essa triste situação não evidencia apenas a lógica de exploração na produção serrana, mas também elucida a degradante situação da população negra brasileira que necessita migrar em busca de oportunidades de trabalho. Outros autores já comprovaram que a comunidade negra dos Campos de Cima da Serra, descendentes diretos de ex-escravizados, vinha para a

---

<sup>58</sup> Você pode encontrar a nota de posicionamento do CIC Bento Gonçalves no link abaixo: <<https://www.cicbg.com.br/noticia/nota-de-posicionamento/1699>> Último acesso em: 02 de dezembro de 2024.

região de colonização italiana nas primeiras décadas do século XX na busca de melhores condições de vida. Muitas famílias não conseguiam empregos e muito menos melhores condições de vida.

Muitas mães negras ficavam sem condições de criar seus filhos e acabavam chegando a situação extrema de entregá-los às famílias italianas. Essa situação gerava uma relação de sub-escravidão, isto é, a criança, em troca de comida e moradia, trabalhava para servir a nova família. Esse é o indício que seguem alguns historiadores da região trabalhando com entrevistas de pessoas mais velhas da comunidade negra caxiense<sup>59</sup>. No depoimento de Dona Lourdes, Caxiense de 83 anos na época da entrevista (2009), ela relata sua experiência de vida onde foi exatamente isso que aconteceu. Ela passou por sucessivas situações de preconceito e menosprezo até decidir deixar de morar com a família que serviu.

Além da agricultura e do trabalho doméstico nestas condições análogas a escravidão, a população negra também esteve durante o início das décadas de 1920 nas esteiras produtivas da indústria serrana, mas esse é um fato emblemático. Evidências fotográficas encontradas por Caregnato (2010) mostram que a população negra caxiense se fez presente neste setor, mas não há registros dos operários negros na ficha das fábricas da região. Mesmo que já se tenha encontrado fotografias da população negra operando nas vinícolas e também na metalúrgica no início do século XX, ela não era regularizada.

Supõe-se que ao menos nos primeiros anos do século XX, existe a forte possibilidade de que esses trabalhadores ainda não estivessem em pleno gozo de seus direitos legais e, por isso, não possuíam a documentação necessária para ingressar legalmente no setor industrial por conta dos resquícios da escravidão que ainda eram muito fortes. Isso quer dizer que apesar de esses operários ocuparem as tarefas e setores que necessitavam de maior esforço braçal, muitas pessoas não tinham documentação necessária para a plena cidadania<sup>60</sup>.

**Foto 11 - Trabalhadores em uma das cantinas da sociedade vinícola Rio- Grandense. Caxias do Sul 1920.**

---

<sup>59</sup> Para saber mais sobre a migração da população negra para a cidade de Caxias e região procurar o livro de Lucas Caregnato A Outra Face

<sup>60</sup> Para saber mais sobre a inserção da população negra na indústria Caxiense, busque o Livro de Lucas Caregnato A Outra Face. p.41 - 45.



Fonte: Caregnato 2010 Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A falta de registro e regularização deste trabalho não significou que os negros não estiveram nesses espaços de trabalho, mesmo que em menor número em relação aos colonos, uma vez que, os imigrantes eram mais requisitados que os demais trabalhadores de outras etnias. A população negra recebia apenas 52% do salário mínimo vigente. Entre outras constatações a vestimenta de alguns negros nas fotografias pode ser sinal de terem sido socialmente aceitos. Aceitos ou não, viviam em uma condição de inferioridade, sem registros, com salários inferiores a praticamente metade do que recebiam os demais e ocupando postos de trabalho que necessitavam de grande esforço físico e alto nível de insalubridade (CAREGNATO, 2010).

**Foto 12 - Operários e sócios da Metalúrgica Abramo Eberle. Caxias do Sul 1924**



Fonte: Caregnato 2010 Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A necessidade de trabalhar mais, porém ganhando menos do que trabalhadores brancos, ainda parece ser uma realidade da comunidade negra Bentogonçalvense, segundo o senhor Ireneo da Silva foi algo que aprendeu desde muito cedo:

[...] sempre tenho que fazer o dobro pra ganhar metade. Aprendi isso desde pivete [...]” . (Ireneo em entrevista ao jornal *Semanário* em 2018)

Foi dessa maneira que a população negra foi incluída no trabalho de urbanização da cidade. Pelo fato de haver um constante excedente de mão de obra para a indústria e destes cargos serem preferencialmente preenchidos pelos imigrantes e seus descendentes, muitas vezes restavam apenas os serviços de infraestrutura como rebaixamento e construção de ruas e estradas, canalização de água, construção de obras e pontes, e também da linha férrea. Estes trabalhos em grande maioria eram executados pelos mais pobres e entre esses estava a população negra. Um dos primeiros espaços de trabalho em que é possível se perceber a mão de obra negra, foi a construção da estrada de ferro. Curiosamente, assim como no arquivo público de Caxias do Sul, em Bento Gonçalves encontramos fotos destas construções tanto das linhas de trem como das aberturas de estrada, (Figuras 09 e 12).

A partir da década de 1930 (século XX), Caxias do Sul se tornou um centro atrativo para as pessoas que buscavam melhores condições e qualidade de vida<sup>61</sup>. Isso porque ela já se apresentava com forte desenvolvimento industrial. Além dela, Bento Gonçalves também foi se projetando dessa maneira devido ao forte incentivo dos governos estaduais em industrializar

---

<sup>61</sup> Você pode ler sobre o avanço econômico de Caxias do Sul no livro de Caregnato "A Outra Face" de 2010

a uva e o vinho. Muitas pessoas dos Campos de Cima da Serra seguiram para Caxias e conseqüentemente para Bento Gonçalves, cidades próximas que tiveram um bom desenvolvimento econômico. Cabe salientar que o crescimento econômico está intimamente ligado à melhoria das condições urbanas, das ruas, estradas e linhas de trem que dava a possibilidade de vazão do excedente agrícola e industrial produzido pelos imigrantes nos minifúndios e em suas manufaturas, e foi principalmente nessas melhorias que a população negra trabalhou no início do século XX nas cidades serranas.

### 3.1 RELIGIOSIDADE AFRO BRASILEIRA EM BENTO GONÇALVES

A cultura de Bento Gonçalves, de forma geral, é muito marcada pelos aspectos da identidade cultural italiana e do catolicismo. Mas é importante pensar que dentro da cultura e das artes existem vários meios de expressão e isso nos faz perguntar quem são e quem eram as pessoas que tinham a possibilidade de se expressar. Semelhantes ao contexto nacional, os preconceitos relativos aos hábitos culturais e religiosos do povo afro-brasileiro e indígena estiveram presentes na história de Bento Gonçalves. Além disso, a limitação da inserção da população “de cor em espaços culturais existentes era muito grande, devido a discriminação, mas também a falta de recursos e estrutura para o lazer e a cultura do povo negro e mestiço. Estas dificuldades fizeram com que a população negra buscasse outras possibilidades para se expressar culturalmente e artisticamente para construir sua identidade.

A religiosidade é um aspecto importante a ser destacado, isso porque são inúmeros os relatos orais na região serrana sobre a existência e da visitação às casas de *benzedadeiras*, *curandeiras* e *batuqueiras* desde do início do século passado desmistificando o catolicismo como única prática religiosa entre a população serrana gaúcha<sup>62</sup>. É importante analisar a relação entre as práticas das duas etnias. Para os dois grupos a religião foi um importante elo de socialização, mas a população negra ainda sofria em meados de 1920 as duras marcas deixadas pela escravidão, como a falta de condições socioeconômicas de inserção na sociedade regional que se formava nas colônias italianas e a perseguição ferrenha e indiscriminada da suas crenças e cultura de modo geral.

Do outro lado, os imigrantes italianos tinham cultura, língua e hábitos diferentes dos nacionais, mas compartilhavam de um imaginário comum sobre o catolicismo, vinham na condição de colonizadores, de produtores rurais e de proprietários de terra. Mesmo que ambos

---

<sup>62</sup> Você pode ler sobre estes relatos na cidade de Caxias do Sul no livro de Caregnato A Outra Face de 2010.

tivessem em teoria a sua identidade negada pela cultura oficial e hegemônica do Estado brasileiro, os imigrantes italianos tinham grande possibilidade e liberdade de reproduzir seus hábitos, diferentemente da população negra. E assim o fizeram com os recursos econômicos possibilitados pelas políticas de imigração.

Com o passar do tempo, as diferenças religiosas foram se tornando mais dinâmicas. O crescimento populacional das regiões de colonização italiana fez com que as diferenças culturais entre os grupos caminhassem a fragilizar-se, proporcionando uma reconstrução cultural e identitária entre eles.

Caregnato defende que a partir da década de 1930, as duas etnias começaram a se integrar nos novos espaços de religião de matriz africana e também nas igrejas. Para a população negra, a falta de condições financeiras<sup>63</sup> para as questões básicas, como alimentação e vestimenta fazia com que as atividades de lazer e diversão ficassem em segundo plano. Porém foi em meio a realidade de sub-habitação e da falta de espaço para a construção identitária da população negra que as religiões de matriz africana e o Batuque<sup>64</sup> se expandiram como instrumentos de socialização e resgate identitário dos negros.

Ainda hoje, quando a população de religião de matriz africana se encontra nos espaços culturais específicos para as suas práticas religiosas, os demais moradores da cidade de Bento Gonçalves se sentem no direito de reivindicar a abordagem policial nestes espaços, é o que nos relata a professora Dr. Elisângela de Souza Fontoura, uma das dirigentes do Espaço de Cultura Afro-brasileira<sup>65</sup> 20 de Novembro de Bento Gonçalves. Ela relata que o espaço é alugado para as casas religiosas de matriz africana para as suas festividades e nestas ocasiões:

O prédio da frente, se tu fizer um barulhinho, vem a polícia, a brigada tá batendo lá. Toda hora eles defendem. Porque? Porque tem um bando de negros lá fazendo barulho. (Elisângela de Souza Fontoura, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

Mesmo que aos olhos da cultura oficial e hegemônica do século XX a religiosidade de italianos e negros estivessem atreladas a semelhança de serem ditas como inferiores, a diferença entre as possibilidades de resguardo da expressão da sua fé eram, e até hoje são, drásticas. Isso significa que nem sempre a religião se apresentou como um elo entre ítalos e afro-brasileiros. Enquanto a religião tinha a função de reunir os ítalos brasileiros, em igrejas onde eles

<sup>63</sup> Você pode ler sobre o avanço econômico de Caxias do Sul no livro de Caregnato "A Outra Face" de 2010.

<sup>64</sup> Batuque é uma religião afro-brasileira de culto aos Orixás, encontrada principalmente no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para países vizinhos, tais como Uruguai e Argentina. Batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô.

<sup>65</sup> O espaço cultural afro-brasileiro 20 de novembro fica localizado no endereço R. Carlos Turconi, número 11 do bairro Borgo da cidade de Bento Gonçalves.

conseguiam, assim relacionar-se socialmente e culturalmente nesse espaço importante e sagrado para eles, fazendo da igreja um instrumento de convivência, de criação de redes de apoio e reforço dos laços sociais, a população negra até os dias de hoje é perseguida por cultivar a sua fé. O professor Daniel de Almeida, Babalorixá em Bento Gonçalves nos relatou um pouco desse preconceito vivenciado no Bairro em que mora há mais de 20 anos:

*eu moro no mesmo lugar há 20 anos, 23 anos... os meus vizinhos começaram a me dar bom dia, boa tarde faz recentemente, 5 anos, então levaram 15 anos pra entender que eu não sou um demônio, que eu não cultuo o demônio, que na verdade é tudo ligado à nossa ancestralidade, é muito difícil, assim como o jeito de me vestir eu sempre me vesti assim, então na cidade, hoje é difícil imagina nos anos 90 ou além.*

Um fator que se torna curioso é que mesmo enfrentando esses tipos de preconceito a prática da Umbanda e de outras linhas das religiões de matriz africana foram recebendo adeptos brancos e hoje a maioria dos líderes religiosos das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, Babalorixá ou Ialorixá, são de origem alemã ou italiana e não afro-brasileira, como era em tempos passados. Esse fato é realmente curioso, pois o alto nível de preconceito pode ter influenciado as pessoas negras a terem migrado para o catolicismo, mas não impediu adeptos brancos, que inclusive se tornaram líderes religiosos. Sobre essa dimensão do racismo na Umbanda a escritora Diana Brown escreveu “Umbanda e Política”.

Em Caxias do Sul, a Associação de Umbanda, fundada na década de 1970 mantém contato com casas religiosas associadas e não-associadas, totalizando um número que pode chegar a 600 casas. Já em Bento Gonçalves, um levantamento recente constatou a existência de pelo menos 300 casas de religião de matriz africana na cidade<sup>66</sup>. Essa busca da população branca pelas casas de Umbanda e Batuque em Bento Gonçalves não é recente é o que nos relata a senhora Ângela Maria Silva de Souza Fontoura, de 57 anos, filha de santo da sua avó Lorena, uma Ialorixá conhecida na cidade:

*Então, tu chegavas num ponto de táxis que era os autos de praça, eu quero ir na Lorena. Na casa de religião. Os motoristas de táxis todos sabiam aonde que ela morava. Então, ela tinha uma casa de religião que ela deveria ter, eu acho que, o que? Uns mais ou menos uns 100 filhos de santo. Era uma casa bem grande.*

Além disso, Ângela nos contou sobre os vários empresários ítalo-brasileiros que iam visitar a casa de religião da sua avó Lorena, das muitas empresas que hoje estão muito bem no mercado de móveis ou da metalúrgica e que pediram auxílio espiritual à Iya Lorena. Esses relatos reafirmam o que Caregnato (2010) escreve sobre a presença dos descendentes europeus

---

<sup>66</sup> Informação do jornal Semanário de Bento Gonçalves. Para ler a matéria na íntegra acesse: <<https://jornalsemanario.com.br/terreiros-em-bento-goncalves-luta-por-visibilidade-e-respeito-mutuo/>> Último acesso em: 02 de dezembro de 2024.

enquanto adeptos destas religiões. Essa questão ainda merece análise para entendermos como se deram as relações entre brancos e negros no interior das religiões de matriz africana, uma cultura religiosa ainda discriminada, taxada de forma negativa por estar associada a práticas da população negra.

### 3.2 O POVO NEGRO E A CULTURA EM BENTO GONÇALVES

Esse subcapítulo não fala apenas da cultura negra, vamos falar da cultura na cidade de Bento Gonçalves, na sua forma miscigenada, tratando de como ela foi fomentada pelas pessoas negras de forma geral. Não vamos apenas apresentar fatos, eventos, ou “curiosidades” sobre a cultura negra brasileira, sendo praticada no sul do país. Nosso objetivo é demonstrar a importância do papel da população negra para a promoção da cultura como um todo, incluindo a cultura italiana.

Como citamos antes, este livro é fruto de um legado negro, não apenas pelas memórias, nem pelo apoio das famílias e pessoas que abraçaram esse projeto, mas também por que sem elas não teríamos a inspiração e o exemplo em ocupar os espaços que não nos recebem tão bem assim. Ousamos dizer que tão pouco teríamos espaço para a cultura na cidade, quem dirá para a população negra fazendo arte. Acreditamos que parte deste entendimento foi muito bem expresso pela professora Solana Corrêa, quando ela fala do senhor Moacir Corrêa, artista cênico de Bento Gonçalves, que além de ser professor, é a inspiração para muitas pessoas. Ele foi um defensor incansável da cultura em nossa cidade.

*Mas a questão, assim, posso dizer que a força ancestral, ela é muito importante. E tu ter alguém com quem tu pode te espelhar, e tu ter uma referência. Graças a Deus a gente teve essa referência. Bento Gonçalves teve. (Solana Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

O senhor Moacir é dançarino, coreógrafo, roteirista, ator e diretor de teatro, nacionalmente reconhecido, tendo participado e ministrado cursos na Europa e na América Latina. É especialista em dança moderna, mas também ministrou aulas de Jazz, Ballet, Dança Contemporânea e Dança Afro. Foi um dos profissionais que idealizou o “Bento em Dança”, evento internacionalmente reconhecido e mesmo com um enorme currículo nas artes cênicas, por incrível que pareça (contém ironia), é pouco citado na maioria dos livros que tratam sobre a cultura em Bento Gonçalves. Estamos falando da memória de um dos precursores das artes de nossa cidade que deixou seu legado de diversas maneiras. Moacir é natural da cidade e atualmente (2024) tem 64 anos, ele foi uma das pessoas fundamentais para a arte e cultura em

Bento Gonçalves, trabalhou com a dança e o teatro desde a sua infância na década de 1970.

*Bom, enfim, assim, fazer um resumo, desde a década de 80, vamos dizer assim, quando comecei mesmo a trabalhar com a arte, até ontem, vamos dizer assim, eu dei aula para muita gente. Acho que a maioria das pessoas que hoje fazem arte passaram por mim. (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

Mesmo já tendo sua memória registrada pelo projeto “Garimpendo Memórias” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Moacir nos concedeu gentilmente uma entrevista na casa em que mora no bairro Conceição, no Município de Bento Gonçalves. Saímos desta entrevista com a certeza que seria necessário um livro inteiro sobre sua vida para proteger um legado tão importante e ouvimos de Moacir que essa é a sua intenção. Escrever sobre a sua caminhada nas artes e a sua contribuição para a cultura no estado gaúcho. Enquanto aguardamos ansiosamente por essa publicação, não podemos deixar de mencionar alguns marcos que ele construiu. O senhor Moacir, foi desde pequeno um artista, assim desde a década de 1970 ele nos conta que veio quebrando preconceitos e estereótipos sobre quais corpos poderiam dançar, atuar e fazer arte:

*Eu escrevia [roteiros], porque eu era mais interessado em fazer teatro. E até que, na década de 80, eu comecei a fazer teatro com o Cláudio Troian, que era um teatro independente aqui em Bento. Porque em Bento não tinha teatro. Dança também não tinha. Grupos de dança nós não tínhamos, nós tínhamos balé clássico só. Se quisesse ver guri dançando, era nos CTGs. Daí sim, porque naquela época ainda tinha aquela mentalidade de que menino faz jogar futebol. Dança é coisa para menina. Então, eu comecei a trabalhar. Na década de 80, eu comecei a fazer dança. [...] Aí me convidaram para dar aula. Entrei no grupo de dança italiana, com a Ivonette Tessa [...] ela já me remunerava. Foi aí, então, que eu larguei, então, saí do correio. Comecei a trabalhar com dança, dar aula de dança.*

Talvez atualmente não tenhamos a noção das dificuldades, que um homem negro, em uma das cidades destinadas a ser colônia europeia no sul do país, tenha enfrentado para conquistar seu espaço. A quebra de estereótipos talvez tenha sido tão ameaçadora que tenha resultado na falta de reconhecimento do seu trabalho, mas existem outras pistas também e elas estão ligadas ao processo histórico das cidades serranas.

A possibilidade dos negros em participarem dos espaços de lazer como clubes e associações com parques para o lazer, na região serrana no final do século XIX e início do XX eram limitadas. Já que esses espaços eram destinados às pessoas com melhores condições financeiras. Além disso é importante observar que houve uma exclusão determinada pela cor de pele das pessoas. Prova disso é a necessidade encontrada na década de 1930 dos negros da cidade de Caxias do Sul se empenharem em fundar o primeiro centro recreativo voltado para pessoas negras do município e da região. Esse clube era chamado de Clube das Margaridas e

foi fundado em 1933, voltado às mulheres negras de Caxias do Sul. Infelizmente por não existirem fontes disponíveis, não é possível traçar toda a atuação do clube (CAREGNATO, 2010).

Mas, assim como em Caxias do Sul, em Bento Gonçalves mais adiante, na década de 1960, ainda era difícil ver a população mais carente e entre elas as pessoas negras bentogonçalvenses nesses espaços de lazer. A professora Solana nos contou um pouco desta realidade. Um clube, onde tinha maior participação popular e assim também da população negra, existia:

*Ali no bairro que eu moro [bairro universitário], tinha o Clube Floriano, que era um clube para o pessoal ali, pra negrada [...] Ali era o ponto onde o pessoal da comunidade se encontrava para fazer baile, porque eles não podiam frequentar outros clubes. Era difícil o acesso num Aliança, num Ipiranga, que era um clube de elite. (Solana Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

Na ausência de integração nos espaços de lazer, criados pela elite bentogonçalvense as famílias negras não deixavam de se encontrar para o lazer, divertimento e cultura, o encontro entre as famílias negras da cidade, para confraternização é relatado como um costume pela senhora Zilda:

*[...] o pai era tocador de violão, né, então a gente ia com a família da Loita, a família do seu Simão, fazer a... não sei como é que chama os italianos, falam filó, mas era tipo fazer nosso sarau, que o pai dizia, ia lá tocar, dançar, fazer as comidinhas, e passava as noites de sábado assim.” (Zilda Marques da Silva Núncio, em entrevista ao projeto Registro da Cor em Abril de 2024)*

A dificuldade de acesso aos clubes de lazer da cidade não impediu que a população negra se destacasse na defesa e no desenvolvimento da cultura. Ela é algo prioritário na vida humana e para a população negra de Bento Gonçalves não foi diferente, a história do samba, da dança, do teatro, do hip hop e da capoeira no município passa pela presença e atuação da população negra.

O senhor Moacir coordenou diversos projetos de dança, enfrentou o duplo estigma de ser um bailarino e negro em uma cidade que não aceitava nem negros e nem bailarinos durante a década de 1970 e mais adiante também. Contudo, ele nos relatou que sempre conseguiu o respeito das pessoas apresentando e coordenando diversos projetos sociais e culturais com a intenção de atender as crianças da periferia do município:

*Na década de 90, eu disse, ‘vamos fazer um projeto para a gente conseguir fazer uma escola’. Porque a gente queria fazer uma escola já formadora de artistas, tanto na dança, no teatro, na música. [...] Aí apresentei o projeto “Centro Integrado de Cênicas”, que nós queríamos viabilizar às crianças carentes, o espaço que elas pudessem fazer arte, dança, teatro, música [...] E aí encontramos ali na frente da*

*prefeitura, aquela casa<sup>67</sup> antiga que tinha ali. Em cima do ponto certo. Eu gostei. O espaço era legal, no centro, as crianças todas podiam vir até ali [...] tínhamos uma sala de teatro e uma sala de música. Uma biblioteca e uma sala que era uma administração. [...] Tinha dois banheiros e um espaço onde teria também o vestiário das meninas e dos meninos. E um ateliê para guardar as roupas, os figurinos. Então ficou bem certinho ali. Nós ficamos ali por nove anos. (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

Infelizmente, a troca de governos e também a própria rivalidade dentro do meio artístico na mudança de poder, desestabilizou a permanência das atividades do projeto de oficinas do professor Moacir, já que o seu projeto sociocultural não era protegido por lei. Uma atividade de grande importância para a cidade e que tinha destaque nos eventos que promovidos no município:

*[...] era sempre nós que fazíamos espetáculos, participamos de eventos, de festivais, ganhamos vários espetáculos. E nós tínhamos sempre atuação ali, fizemos projetos dentro da casa ali [Casa das Artes], de saraus de noite, espetáculos ali dentro. Cara, foi muita, muita coisa. A gente fez muita coisa nisso. E atendemos muitas crianças também, de graça.” (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

**Figura 15: Peça paixão de Cristo, na praça centenário em abril de 1984, coordenada por Moacir Corrêa**



Fonte: Acervo: Moacir Corrêa

Um desses importantes projetos era o “Vamos invadir a sua escola” que contratava bailarinos bolsistas para capacitar crianças nas artes cênicas. Os jovens eram preparados para a

<sup>67</sup> Endereço da casa antiga citada na entrevista: R. Mal. Deodoro, 39 - Centro, Bento Gonçalves - RS, 95700-160

dança e o teatro, desenvolvendo habilidades que são tão importantes para o palco, quanto para o cotidiano fora das artes como, a autoconfiança, autoestima para encarar e ultrapassar obstáculos.

**Figura 16 - Reportagem do jornal semanário. Data: 21 de junho de 2003**



Fonte: Acervo: Moacir Corrêa.

Essas oportunidades entre jovens da periferia também possibilitou a união entre eles. As apresentações geraram um sentimento de aprendizado, solidariedade e responsabilidade coletiva com suas performances. Além disso Moacir destacava nas entrevistas em jornais, que tais projetos poderiam florescer a criatividade e o talento das crianças, dando novas oportunidades de trabalho, para além das funções fabris ou demais atribuições braçais que geralmente são ocupadas por estes jovens de periferia.

**Figura 17 - Reportagem do jornal semanário sobre a oportunidade de adolescentes praticarem a dança em 2002. Data: 06 de abril de 2002.**

18 Sábado 06 de abril de 2002

SEMANÁRIO bairros

CIAC.

## Projeto oportuniza a união de adolescentes através da dança

Objetivo é mostrar o talento de cada um com criatividade e aprendizado

Crianças e adolescentes de diversos bairros da cidade têm a oportunidade de se reunir para demonstrar o talento na dança. Este é o segundo ano que o Centro Integrado de Artes Cênicas (CIAC) oferece esse curso. A idade dos participantes varia entre nove e 17 anos. Segundo o diretor do projeto e do centro, Moacir Corrêa, nessa idade, geralmente, os adolescentes costumam trabalhar no período inverso no dia escola para ajudar os pais. "Muitos ficam desmotivados e até param de estudar", explica.

Nesse ano, os alunos são de diferentes bairros como Santa Helena, Pomarosa II, Barracão, Congeirão e Santa Maria. "Na maioria desses bairros, eles não teriam a oportunidade de poder mostrar seus talentos. Através desse projeto, descobrimos talentos novos. Sabemos que na maioria das famílias, a arte não está em primeiro lugar, muitos desses meninos e meninas têm que trabalhar para ajudar no sustento da casa. Espero que um dia esse projeto possa remunerar os alunos. Dessa forma, eles poderão fazer o que gostam e, além disso, sobreviverem do trabalho", ressalta Corrêa.

Nesse ano, o curso, que conta com duas turmas, uma pela manhã e outra à tarde, será ministrado com aulas de balé, dança de rua, e afro. "Também teremos aulas de dança contemporânea. A dança contemporânea ainda é pouco conhecida na cidade. Por outro lado, é a base do centro Integrado, já que ensinamos o Grupo Vanguarda", destaca Corrêa.

O Grupo Vanguarda foi premiado, no final de 2001, no Festival "Porto Alegre em Dança", quando conquistou o primeiro lugar na categoria jazz adulto.

**Integração**

Através desse curso, Corrêa espera integrar os novos alunos a esse grupo residente. "Queremos pre-

te artística de cada um", comenta.

Corrêa também destaca a importância de outras academias oferecerem espaço a quem não tem condições de pagar. "Fico contente por saber que academias de dança de Bento se inspiraram no nosso projeto, com o objetivo de atender os menos favorecidos. Isso mostra que ainda há esperança para a solidariedade", diz.

As gêmeas Taís e Laís, de 10 anos moradoras do Pomarosa II, estudam na Escola Luis Formastier e gostam de dançar. "Queremos fazer parte do grupo, porque gostamos de dançar e agora temos uma atividade que gostamos no período inverso ao da escola", afirmam.

Robinson Lopes, de 12 anos, mora no Municipal diz que gostou de participar de atividades que desenvolvam o talento de cada um. Luis Henrique Miranda, de 16 anos, mora no

Fonte: Jornal Semanário Acervo: Moacir Corrêa.

Além dos projetos sociais que atendiam diversas crianças carentes, a Casa das Artes, famosa instituição cultural do município de Bento Gonçalves é outro legado idealizado e defendido pelo senhor Moacir. Atualmente é também o local da Secretaria de Cultura da cidade. Ela possui a "Sala dos Espelhos" utilizada para ensaios de dança e também conta com um palco que pode ser usado para pequenas apresentações.

Possui ainda, a sala de cinema com capacidade para 130 pessoas sentadas, com poltronas estofadas e palco, totalmente preparada para cinema com áudio, vídeo e telão onde também acontecem palestras, apresentações culturais, reuniões, entre outros eventos. Além do anfiteatro com 450 lugares inaugurado no dia 28 de novembro de 2009 recebendo o nome de anfiteatro Ivo Antônio Da Rold por conta da dedicação do mesmo à vida pública e, em especial, ao desenvolvimento da cultura no município. Essa estrutura toda, mesmo não tendo referência ou homenagem alguma, foi também, resultado do amor e dedicação que Moacir colocou no desenvolvimento das artes e da cultura em Bento Gonçalves, ele conta um pouco desta história para nós:

*Casa das Artes, vamos voltar um pouquinho, e eu vou falar que, de repente, a Casa das Artes foi concebida em 1982. Botaram a pedra fundamental lá, levantaram a estrutura e ficou parado. Aí eu comecei a encher o saco deles, ah, temos que terminar isso, senão vai se deteriorar todo o material. E aquilo foi indo, foi passando, foi passando, até que eu e as meninas, a Mônica e a Ivone, que foram as minhas primeiras colegas [Landell], fizemos um teatro meio mambeiro<sup>68</sup> aqui dentro, e*

<sup>68</sup> A palavra Mambembe, muito conhecida pelos atores e pessoas do meio artístico, possui o significado de "coisa suja" ou "malfeita" que aplicado ao projeto quer dizer mais sobre ser um teatro de rua, sem grandes estruturas e acessível.

*falamos com o presidente da Casa, que era o seu Polleto, e aí falamos para ele que iríamos fazer um espetáculo, um festival de dança e teatro para reunir dinheiro para dar para casa, para cobrir porque estava já se deteriorando. Aí começamos a fazer. Ficamos, acho que um mês, dando curso de dança e teatro nas escolas. Cada um pegava três escolas: Barracão, Vila Nova, São Roque. Aí ele percebeu que era uma vergonha. Três pirralhos, três pobretões, artistas, tentando conseguir dinheiro, que não ia dar muita coisa, para fechar a casa. Aí ele criou vergonha na cara, disse, não, nós vamos então contratar uma produtora para conseguir grana para cobrir a casa. Foi aí que cobriram a Casa das Artes. Depois foi mais uma guerra para fechar a Casa das Artes. Mais uma guerra para tentar conseguir colocar cadeiras dentro do espaço lá. Briguei um monte. Eu fui uma pessoa não grata para eles, para a classe política, porque eu enchia o saco mesmo. (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

A luta por um espaço de apresentação e também financiamento para todos os artistas de Bento Gonçalves, tratava também de uma concepção de arte e cultura que os considera como elementos essenciais da vida humana. Assim como qualquer outra atividade essencial à vida, esta também é resultado do esforço e do trabalho de pessoas que se dedicavam, não por *hobby*, mas sim enquanto trabalhadores da cultura. Disputar a narrativa sobre o que significa arte acabou sendo muito desgastante para Moacir:

*Para acontecer essa Casa das Artes, eu tive que botar a minha cara à tapa. Eu tinha que ir lá, me esgotar de nervos com o presidente da Casa das Artes<sup>69</sup>, para dizer para ele, que nós precisávamos ter um espaço para nós apresentar o nosso trabalho. Porque **a dança, o teatro, é trabalho**. Porque antes era assim, a dancinha, vamos fazer o teatrinho. E não é isso. Há um trabalho por trás disso para chegar naquele palco. Há um trabalho de pessoas, de várias pessoas, para se realizar aquilo tudo. E nós precisávamos ter um espaço para apresentar esse nosso trabalho.” (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

**Figura 18 - Casa das Artes de Bento Gonçalves idealizada por Moacir Correa e demais artistas da cidade**

---

<sup>69</sup> Para mais acessar Cartografia dos Palcos em: <[https://cartografiadospalcos.com.br/espaco\\_fundacao-casa-das-artes\\_1323](https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_fundacao-casa-das-artes_1323)> Último acesso em 02 de dezembro de 2024.



Fonte: Acervo: Fundação Casa das Artes. Data: 06 de abril de 2002.

A professora Solana, sobrinha de Moacir, também comenta sobre esta luta de Moacir pela cultura de Bento Gonçalves:

*Se hoje nós temos um Fundo Municipal de Cultura, quem que chamou todos os artistas em reuniões da Casa das Artes? Nós temos os registros lá. Lá dentro do Centro Integrado de Artes Cênicas. Foi feito a ata, foi chamado todos os artistas para compor o que é hoje o Fundo Municipal de Cultura. (Solana Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

O relato da professora Solana é muito importante e ele é comprovado pelo acervo que o senhor Moacir guarda com muito orgulho. O Conselho de Cultura e o Fundo Municipal de Cultura em Bento Gonçalves, que financia este livro, é legado da luta de muitos artistas e também do senhor Moacir, que organizou as primeiras reuniões para compor o conselho municipal de cultura em 2009. Não temos dúvida que projetos assim são feitos a partir da coletividade, porém precisamos destacar os idealizadores e também o porquê da tentativa de descredibilizar certas pessoas, que lutaram por conquistar essas vitórias pela cultura. Os projetos culturais que são desenvolvidos atualmente na cidade, em grande medida são beneficiados por essa política.

**Figura 19: Reportagem do Jornal Serranossa Os passos do Bentoarte**



Fonte: Jornal Serranosa Acervo: Moacir Corrêa.

Mesmo sem homenagens, o professor Moacir certamente é um dos precursores da arte e da cultura em Bento Gonçalves, não apenas pelos inúmeros alunos que teve, mas também pelo seu esforço em constituir o Conselho Municipal de Cultural da cidade, assim como demonstra a reportagem da figura 29. Foi uma abertura de portas para um movimento cultural ter acesso a recursos públicos e assim se consolidar em Bento Gonçalves, beneficiando a cultura como um todo, seja ela italiana, negra, moderna ou urbana.

*Eu fiz as atas. O negro! E eu tenho o maior orgulho de dizer isso para ti. Eu tenho o maior orgulho, como eu te falo, de ter aberto portas não só para negros. É como o Quilombo. O Quilombo não tinha só negros lá dentro. Tinha brancos lá dentro. Pessoas que necessitavam. E foi essa a minha missão também por aqui.* (Moacir dos Santos Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

O professor Moacir é uma prova viva do envolvimento da população negra com a cultura em Bento Gonçalves. A sua ligação com a construção da Casa das Artes, ou na formação do

Conselho Municipal de Cultura e também com os projetos sociais foi resultado de trabalho e esforço. Algo que surgiu na fala da professora Solana, sobrinha do senhor Moacir, é que esse espaço foi conquistado a partir também do respeito que as pessoas brancas tinham com Moacir por conta da sua carreira enquanto militar. Moacir antes de se dedicar somente aos palcos ficou alguns anos trabalhando no 6º BCOM DIV, batalhão de comunicações da cidade hoje conhecido apenas como 6º Batalhão de Comunicações,

*Eu digo pro tio Moa assim que pra ele o diferencial todo foi quando ele foi militar, ali já é uma coisa, né? Porque as pessoas já têm um certo cuidado. (Solana Corrêa, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

Parece que o fato de ser militar representava maior respeito na cidade. O desenvolvimento do samba em Bento tem uma história parecida, tendo como um dos seus precursores Lauro Batista Ribeiro, militar negro natural de Uruguaiiana que chegou no município em 1976. Lauro, antes de ser militar era músico e quando chegou na cidade continuou sendo, assim como outros artistas, porém, enquanto um militar era mais respeitado. Quem nos conta melhor essa história é seu filho, Marcus Flávio Ultra Ribeiro, atualmente coordenador do Movimento Negro Raízes:

*E aí, músicos, sambistas, negrão, aquela coisa toda. E aí quando começaram também, a chegar, outros militares transferidos, e aí chegou Pedro Arno de Lima, que também era sargento, também é falecido. [...] E aí, claro, os músicos se encontram. E aí tinha o Clube dos Sargentos, que agora é o Espaço Cultural Ernesto Geisel<sup>70</sup>. Mas era o Clube dos Sargentos. Então faziam janta, colônia de férias, para os militares que moravam ali nas casinhas. E aí, claro, começou a rolar as rodas de samba lá no clube. E aí, assim, começou lá dentro. Aí faziam samba lá dentro. E aí surge a ideia de que, bom, vamos fazer samba nesses botecos, nesses bares da cidade. E não podia tocar. Lembra dessa... Essa fase, né? Ainda, quer dizer, estava se saindo dessa fase, mas ainda, né? Porque achava que era algazarra. Que era vagabundagem, que era vadiagem. E aí, o Lauro... 'Nós vamos sair para a rua e nós vamos ir nos bares e nós vamos começar a tocar. E é isso.' E aí começaram a sair para a rua. E começaram a chegar nos bares. E como é que ia chamar a brigada? Se eram militares os meninos que estavam tocando. E aí começou a se expandir isso. E aí começou a história de música, ou mais especificamente de samba nos bares. Assim começou. E aí, claro, se expandiu. Há outras pessoas também envolvidas, claro. Não estou dizendo que foi só... Não, foi por causa dele. Mas muito disso de tocar, levar samba para bares, sim, passa pelo meu pai, passa por outros militares que eram músicos e que faziam samba na rua. E aí é por isso que é essa história do samba em Bento Gonçalves. (Marcus Flávio Ultra Ribeiro, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

O senhor Marcus ainda nos contou de outras pessoas precursoras do samba em Bento Gonçalves, como por exemplo Altair Fernandes, conhecido pelo apelido de “Feijão”. Ele também é músico e naquela época, no contexto de ditadura militar, constantemente era preso

<sup>70</sup> O Espaço Cultural Ernesto Geisel, fica no centro da cidade em frente ao hospital Tachini na Rua Dr. José Mário Mônaco, 377 - Centro, Bento Gonçalves. Infelizmente, por ser no centro da cidade o espaço se perdeu em grande parte para um estacionamento privado.

por se divertir nos bares da cidade cantando e tocando samba.

O fato de dois homens negros serem mais respeitados por serem militares apareceu em duas histórias de gerações próximas da população negra bentogonçalvense. É interessante perceber que esse *status* de militar deu um resguardo ao direito básico de acesso e desenvolvimento cultural e de lazer. O senhor Marcus Flávio fala com muita felicidade sobre a importância da música:

*É a nossa cultura. A musicalidade, a música para nós, enquanto banda raízes, é muito mais do que música. É algo que transcende. [...] cultura salva a vida. Só que nós temos, a gente vive num país ou numa sociedade que acha que cultura é bobagem.* (Marcus Flávio Ultra Ribeiro, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

A cultura como disse o senhor Marcus é algo que transcende e que tem prioridade na vida humana, não apenas das pessoas negras. Ela é capaz de mudar a vida das pessoas.

*[...] eu vou pegar o caso daqui, de vocês, dos meninos<sup>71</sup>, isso aqui salva a vida, gente.* (Marcus Flávio Ultra Ribeiro, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)

A declaração de Marcus é muito significativa, pois ela ecoa em outros depoimentos de artistas negros do movimento Hip Hop da cidade, como na fala de Daniel de Almeida:

*eu comecei a defender a causa porque foi no hip hop onde eu me encontrei, onde eu vi as pessoas me aceitando da forma que eu era e comecei a crescer, comecei a entender que era isso que eu gostaria de seguir de ter como base pra minha vida foi muito difícil gente, aqui na cidade na década de 90 trabalhar, dançar se expressar [...] é uma cultura que acolhe é pra todo mundo, independente de cor, de raça, da classe social de cada um, é uma cultura que é pra todos, então foi onde eu consegui juntar forças e seguir e seguir atrás do que? buscando o que Daniel? dignidade, espaço.* (Daniel de Almeida, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024, grifo nosso)

O Hip Hop é uma expressão artística que envolve elementos como o DJ (Disk Jockey), o Graffiti, o Breaking e o MC (Mestre de Cerimônia). Atualmente Bento Gonçalves vem se destacando pelo desenvolvimento cultural desse movimento. Muitos artistas estão se formando nesse meio e criando uma rede cultural que está em expansão desde meados da década de 1990. Daniel de Almeida, conhecido como “Preto” no movimento Hip Hop, é professor de dança, participou de eventos nacionais e internacionais e teve a sua própria escola entre os anos de 2011 e 2017 chamada Bronx Company. Ele contou um pouco do início dessa história em outra publicação. Segundo ele, não existia espaço para ensaios e o melhor jeito era ensaiar na casa de alguém:

*[...] tínhamos um número expressivo de pessoas dançando, o que inviabiliza os*

<sup>71</sup> Marcus faz referência a Sala Hip Hop, espaço cultural coordenado por dois artistas Bernardo Silva Duarte e Pedro Festa

*ensaios coletivos com todo grupo. Então dividimos da seguinte forma: um tanto de dançarinos ficava ensaiando no espaço fechado, uma outra parcela na laje da casa, e os demais na rua. Tínhamos um coreógrafo e vários ensaiadores que ajudavam no processo de ensino. Isso nos marcou muito, pois, através dessa troca, construímos mais afinidade entre quem dançava. O mágico é que tudo acontecia simultaneamente e a coreografia só era ensaiado com todo o elenco no dia da apresentação! (Daniel de Almeida em registro ao livro “Memórias do Rolê”)*

O professor Daniel fez esse relato para o livro “Memórias do Rolê” de Pedro Festa. As memórias registradas no livro são comentadas pelo escritor. O título que foi escolhido pelo autor para comentar essa memória foi: “As inspirações das minhas inspirações”. É um título que indica a potência e influência do trabalho de Daniel. Ele foi a inspiração daqueles que inspiraram. Seu trabalho atravessou pelo menos duas gerações e isso quando havia pouca visibilidade do Hip Hop na cidade. Mesmo assim Daniel divulgava seu trabalho em escolas públicas e particulares, passando a viver da arte e da dança.

O jovem Bernardo Silva Duarte, tem 21 anos, é B-Boy<sup>72</sup> e Grafiteiro de Bento Gonçalves. Ele vem na mesma esteira de difusão e desenvolvimento da cultura Hip Hop na cidade. Nos dias de hoje ele é um dos sócios da Sala Hip Hop<sup>73</sup>, se tornou um dos pioneiros no fornecimento de material para o grafite no município. A sala Hip Hop é onde funciona sua loja ARD Grafite Shop, além disso possui uma sala de ensaio de breaking com piso adequado e aparelhagem de som, um escritório para produção de projetos culturais e um estúdio de gravação. Ele começou muito jovem a se interessar pela cultura Hip Hop, graças às apresentações que aconteciam nas escolas e dos projetos sociais que ofereciam aulas de Breaking. O Grafite, também é uma das suas paixões. A técnica de arte visual em que o artista utiliza tinta em lata *spray* geralmente são obras feitas em muros ou painéis de concreto e demarca entre outras coisas a disputa do espaço dos centros urbanos por uma arte que está ligada à periferia. Atualmente, Bernardo trabalha com isso, tem obras espalhadas em vários bairros de Bento, coleciona participações em eventos nacionais de Breaking com B Boy e MC. Sobre a cultura Hip Hop como espaço saudável e catalisador da dignidade ele comenta:

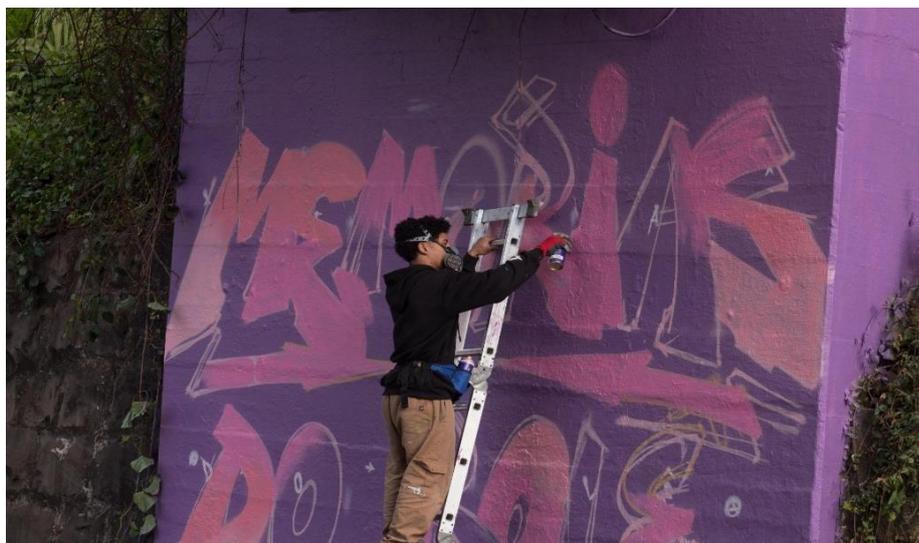
*[...]dentro da cultura hip hop é um lugar onde eu me sinto mais à vontade por conta de pessoas pretas se sentirem mais à vontade, eu vejo que quando eu encontro uma irmã preta dentro da cultura ela vai estar vestida do jeito que ela gosta, sabe? Ela vai estar ou com o cabelo trançado ou com o cabelo black power ou com o cabelo solto saca? Armado com volume e eu me identifico com isso. Eu percebo que dentro da cultura hip hop é um lugar saudável pra gente ser quem a gente é. [...] então, eu vejo as pessoas se aceitando pessoas pretas se aceitando do jeito que elas são, tá ligado? Do seu jeito natural, saca? Não mudando mais o cabelo, mas sim valorizando aquele cabelo que a pessoa tem, não é só sobre cabelo, é sobre o jeito de se vestir também, sobre o pente no cabelo saca? E eu sinto que quanto mais a gente faz isso,*

<sup>72</sup> Bboy ou Bgirl é a nomenclatura que é usada pra falar da pessoa que dança Breaking e representa a cultura hiphop através das do breaking em eventos de hiphop e em batalhas.

<sup>73</sup> Endereço Joao Antoniazzi 41 Sala 2 Humaitá

*mais a gente influencia outras pessoas, tem pessoas de fora que estão se inspirando na gente que está aqui dentro e às vezes não é nem necessário entrar dentro da cultura hip hop, quero que você se identifique pelos meus valores, entendeu? (Bernardo Silva Duarte, em entrevista ao projeto Registro da Cor em abril de 2024)*

**Foto 13 - Bernardo Silva Duarte em uma de suas criações que posteriormente virou capa de livro, 2020.**



Fonte: Acervo: Bernardo Silva Duarte

O debate sobre o Hip Hop<sup>74</sup> atualmente é de que essa expressão cultural é composta por mais cinco elementos além dos elencados até aqui, são eles: o conhecimento ou os saberes da sua comunidade, sobre si e sobre a sua história. O Beat Box, que é uma técnica dos Mcs em reproduzir a batida de Rap com a boca. A moda urbana também aparece nesse debate, ela é influenciada pela cultura Hip Hop. A linguagem, as gírias e a forma como conduzir a fala é um modo de identificação dentro da cultura Hip Hop. Por fim, o empreendedorismo ligado a tudo que é produzido pela cultura Hip Hop, com o entendimento de como ocorre o comércio do mercado Hip Hop, da música, da dança, dos painéis de Graffiti, palestras e etc.

Agora voltando para os quatro elementos iniciais. O DJ, ou Disk Jockey é quem conduz a musicalidade dos eventos de Hip Hop. Tanto nas batalhas de Rap que envolve a poesia de denúncia, mas não apenas, e o canto ou a declamação da poesia com ritmo próprio do Mc que conduz através da palavra na batida mixada pelo DJ. Além destes tipos de evento ele é essencial também os eventos, confraternizações de breaking, batalhas de tag e grafite. Em Bento

---

<sup>74</sup> Deixamos um agradecimento especial ao B Boy e Grafiteiro Bernardo da Silva Duarte da cena do Hip Hop de Bento Gonçalves e do Mc Lucas Menezes vulgo DaEni da cena do Hip Hop de Florianópolis por fornecer referências e reflexões sobre o movimento.

Gonçalves o DJ Matheus Romagna, conhecido carinhosamente pelo apelido “Nescau” vem se formando nessa arte da mixagem. Ele também é educador físico, mas a atração por trabalhar na cultura pareceu ecoar mais. Matheus foi aluno de Daniel e conta como foi importante esse contato com o Breaking e com a capoeira também, para a construção da sua identidade e da sua autoestima:

*[...]foi também dentro dessa cultura do hip hop assim que eu me encontrei enquanto identidade que eu tive uma identidade um pouco mais... que era um pouco mais acessível do que a italianidade, do que ser italiano e também da capoeira, fiz capoeira, eu acho bem massa me lembro que quando eu via, que daí eu conheci tanto a capoeira como o breaking com as apresentações dentro da escola; e daí tipo é um pouco do racismo da galera, virar pra ti e falar olha aí a tua cultura, mas de fato me identificava e conseguia ter um apreço maior, pô isso aí é massa, isso aí eu quero fazer e daí o breaking sempre ficou, no rap eu ainda faço poesia, mas a capoeira daí eu fui né fui pra treinar.*

É interessante o relato de Matheus, por justamente apresentar as duas faces de um processo de identificação. Ao mesmo tempo que ele sentia uma ligação com duas culturas periféricas, como a capoeira ou o hip hop, também sentia a maldade dos colegas em querer associá-lo às partes que provavelmente estavam ligadas aos estigmas pejorativos da prática da capoeira ou do hip hop, mas isso contraditoriamente o confortava de ter algo que pudesse se identificar. Isso na época em que ele frequentou a escola, quando provavelmente estes estigmas eram ainda mais fortes.

**Foto 14 - DJ Nescau, 2022.**



Fonte: Acervo: Matheus Romagna

### 3.3 JOGADORES DE FUTEBOL NEGROS EM BENTO GONÇALVES

No dia 24 de agosto de 2024 o Clube de Futebol Esportivo do município de Bento Gonçalves comemorou o seu aniversário de 105 anos. Em 2020 o clube lançou um álbum comemorativo que conta a trajetória do clube<sup>75</sup> (SOUTO E MAZZOTTI, 2020). A sua criação foi em 1919 e fazer parte da equipe era o desejo de todos aqueles que se diziam jogadores de futebol em Bento Gonçalves. Nessa época a ocupação do espaço da antiga colônia Dona Isabel não era absoluta e isso possibilitou o surgimento de campos improvisados para a prática do esporte entre turmas organizadas a partir da proximidade do lugar onde moravam. Desses grupos surgiram os primeiros times da cidade que foram essenciais para a formação do Clube.

Apesar do futebol ter chegado no Brasil apenas na primeira metade do século XX, o esportivamente se tornou popular em diversas regiões do país, pelo fato das pessoas não precisarem de grandes condições materiais, facilitando assim a sua prática, independente da classe social. Ao que tudo indica o Esportivo foi criado pela classe mais favorecida da cidade. Documentos oficiais como o relatório do intendente municipal da cidade, João

Baptista Pianca, de 1924, mostra que a agremiação era lembrada pelas autoridades como um lugar “moralmente saudável” ou de “higiênica existência” e contou com nomes e sobrenomes de famílias ricas da cidade como Erny Hugo Dreher, Édalo Michelin, Ítalo Michelin, Orlando Farina, Idalino Fasolo entre outros. O álbum, também explica que o clube foi criado com “status de grandeza”, pelos nove homens mais influentes da cidade, que chegaram a se reunir com o intendente de Bento Gonçalves da época, o Coronel Antônio Joaquim Marques de Carvalho Junior. Esta comissão elegantemente trajada pediu a doação de uma área de terra onde seria construído o campo de futebol da agremiação, onde hoje estaria localizado o supermercado Caitá na Avenida Osvaldo Aranha.

O intendente não exitou em conceder o pedido e se tornou presidente honorário da agremiação. O primeiro presidente oficial do Esportivo foi o engenheiro agrônomo Gastão de Almeida Santos, assumir algum cargo na organização do clube significava mais prestígio na cidade. O primeiro hino do clube faz referência a bravura da juventude em fundar o clube e exalta o Rio Grande do Sul como um bom lugar para se viver, mas sem esquecer o território de origem (Itália).

A partir da década de 1945 jogadores negros como Dominginhos e Guedes começam

---

<sup>75</sup> Veja mais no álbum comemorativo de 100 anos do Clube Esportivo em: Um Século Alviazul. Bento Gonçalves, Pallotti, 2020. p. 328.

a aparecer em imagens registradas do time. Estes jogadores participaram de vitórias importantes como o jogo que deu ao esportivo o bi-campeonato da Zona Leste em 1946. Em 1954, Caneco, Dominginhos e Glênio foram campeões invictos da Zona 3 Leste da segunda divisão de profissionais, oferecido pela Federação Rio Grandense de Futebol. Nesta época os jogadores ganhavam até 500 cruzeiros cada e a disciplina de treino era alta. Além disso, estes jogadores foram em diversas vezes destaques de partidas.

Ao que indica o álbum de 100 anos do Alviazul é que Dominginhos e Guedes jogaram mais de 10 anos no Esportivo. Um jogador que merece destaque é Glênio. Ele foi quem marcou o gol da primeira vitória do Esportivo sobre um time brasileiro da Série A o Grêmio. No dia 9 de março de 1957 o Grêmio pisou no estádio Montanha do time Esportivo e saiu derrotado por 1x0. Uma vitória inédita do time, conquistada com o um gol do atacante negro, Glênio.

**Foto 15 - Time do Esportivo em 1957 campeão invicto da Zona 3. Leste da segunda divisão de profissionais, oferecido pela Federação Rio Grandense de Futebol, 1957.**



Fonte: Álbum Um século Alviazul. Foto: Fábio Mazutti.

**Foto 16 - Registro de comemoração pela vitória histórica e inédita do Esportivo sobre o Grêmio de Porto Alegre com um Gol do Atacante Alvi Azul Glênio, 1957.**



Fonte: Álbum “m século Alviazul. Foto: Acervo: Fábio Mazutti

Dominginhos, Guedes e Glênio foram lembrados no jornal do Semanário Edição Esportiva de 1976, como jogadores de destaque. Em matéria que se enfatizava o “amor à camiseta”, a reportagem não deixa dúvidas de que “[...] quem se sobressaia era o negrão Guedes”, na equipe estruturada na década de 1950. Porém o que revelam a imagens que encontramos é que outros jogadores negros tiveram passagem pelo esportivo nestas décadas em diante.

**Foto 17 - Pedrola, Guedes e Tomedi, data estimada: 1950.**



Fonte: Álbum Um século Alviazul. Foto: Acervo: Fábio Mazutti.

A Edição Esportiva de 13 de novembro de 1976, publicado pelo jornal Semanário pode ser encontrada no Museu do Imigrante de Bento Gonçalves e ela ainda conta que Guedes e Dominginhos também estiveram presentes quando o Esportivo foi campeão da Região Colonial, eliminando o Lajeadense em 1949, anunciando que:

Na equipe vencedora, destacamos sobremaneira o veterano Guedes, o melhor entre os 22 homens do gramado. O veterano craque, apesar da idade e do físico pesado, deu uma verdadeira aula de foot-ball, tornando-se, desde o pontapé inicial, senhor absoluto das jogadas, levando o seu esquadrão para a conquista de uma merecida vitória (JOGAVA-SE COM AMOR A CAMISA, 1976).

**Foto 18 - Time do Esportivo com Guedes e Dominginhos à direita da foto, data estimada em 1950.**



Foto: Acervo: Fábio Mazutti. Fonte: Álbum “Um século Alviazul”.

Outros jogadores negros aparecem nas fotos do Álbum comemorativo de 100 anos do clube Esportivo. Infelizmente muitos deles ficaram no anonimato sem nem mesmo sabermos os nomes deles. Sobre Guedes, Dominginhos, Glênio e Caneco ainda pouco sabemos. Outros jogadores negros também marcaram a história do Clube e essa pesquisa precisa avançar. Muitos destes jogadores profissionais do Esportivo, é importante dizer, saíram dos times de futebol amador criados pelas comunidades nos bairros.

A colaboração dos times amadores que atraíam pessoas para se divertir nos campinhos espalhados pela cidade, aos finais de semana, foi o que muitas vezes assegurou a permanência do Esportivo nos campeonatos profissionais. Nesses times também encontramos diversos jogadores negros que construíram essa trajetória.

**Foto 19 - Time do Esportivo com Valdo, dois jogadores negros anônimos, Dominginhos e Glênio mais à direita da foto. Data estimada: 1959.**



Fonte: Álbum Um século Alviazul. Foto: Acervo: Fábio Mazutti.

**Foto 20 - Time do Esportivo 1989. Foto: Acervo: Fábio Mazutti**



Fonte: Álbum Um século Alviazul

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 13 de dezembro de 2024 fazem 25 anos da primeira reunião organizativa da Sociedade Educativa e Esportiva 20 de Novembro. Na ata dessa primeira reunião, o primeiro item da pauta era “Resgatar a dignidade (econômica, política)” (Anexo II). Este trabalho foi construído a partir da memória e oralidade de muitas pessoas que passaram por esta entidade, sem elas, ele não seria possível. Por isso, nos encontramos no meio de um caminho aberto com muito esforço e conhecimento dos mais velhos. Não somos os primeiros, nem seremos os últimos a entender o quanto importante é esse saber e por isso consideramos essa pesquisa fruto, aquilo que é gerado, mas que também contém o grão de gerar algo em prol desse objetivo: dignidade para o nosso povo.

No país em que estabeleceu o corpo negro, símbolo de perigo, (vários juntos então, era motim, rebelião, crime) esse trabalho tentou justamente reunir o povo negro nos seus registros, nas suas memórias, no seu trabalho, na sua busca por dignidade. A partir desta concentração de registros nós nos perguntamos o porquê da invisibilidade que encontramos na história local, se foi algo realmente dado por sermos minoria na serra gaúcha (20% da população de Bento Gonçalves segundo o IBGE de 2022 se autodeclara parda ou preta), mas também se não houve um empenho político, imbricado numa moralidade racista dos próprios pesquisadores.

Além de reunir a população negra bento-gonçalvense em torno deste livro, tentamos aqui elaborar uma narrativa sobre a cidade, daqueles que não foram para Bento Gonçalves, serem pequenos proprietários de terras, pequenos produtores, industrialistas, colonos, ou sequer eram entendidos como imigrantes.

No primeiro capítulo buscamos investigar sobre o processo de imigração dos Italianos para a região da Encosta Superior Nordeste da Serra Gaúcha não como um feito heróico, ou com uma narrativa epopéica muito encontrada na bibliografia clássica sobre o tema, mas sim como uma política de Estado de assentamento agrícola de italianos e alemães orquestrada e mantida por anos, durante o império e também a República. Problematizamos a representação da população indígena na historiografia local e sobre a imigração italiana e realizamos uma revisão historiográfica de Bento Gonçalves que não se inicia na Itália, mas nas populações indígenas e no processo de agressão colonial que implementou uma divisão étnica/racial do trabalho. Além disso, tentamos brevemente apresentar um pouco da comologia Kaingang, povo que ainda habita a o estado gaúcho, assim como toda a região sul do Brasil.

Paulo Pinheiro Machado explica como era a política imperial que possibilitou o assentamento destes imigrantes europeus no final do século XIX na região que é a hoje a serra

gaúcha em “pequenos” lotes. Sandra Jatay Pesavento indica como muitos desses colonos enriqueceram com o dinheiro do comércio da produção agrícola destes lotes. Essa riqueza, começou a ser utilizada para industrialização, auxiliada por mais políticas estatais, incentivadas pelo governo central ou estadual, que garantiam as estradas, a fiscalização de distribuição dos produtos e também a qualificação dos produtores e industrialistas.

No segundo capítulo buscamos demonstrar como se constituiu uma divisão étnica e racial do trabalho a partir do medo branco e dos processos de transformação do mundo do trabalho e instauração da ideia de propriedade privada. Apontamos para a exclusão das populações negras nesse contexto e também para a sua invisibilidade na historiografia brasileira e local. Ao final deste capítulo demonstramos como a população negra se fez presente na região serrana desde seu início, impulsionando inclusive o seu desenvolvimento.

No terceiro e último capítulo apresentamos as demais fontes sobre a população negra, relacionando a oralidade com esses registros abordando temas como a religiosidade afro-brasileira em Bento Gonçalves, a atuação de famílias negras na cultura do município e também de indivíduos negros no clube da cidade.

Acreditamos que essa pesquisa possa gerar e impulsionar outras pessoas negras a pensar sobre sua história, em Bento Gonçalves ou em qualquer canto do Brasil. Que mais narrativas inclusivas da diversidade de sua gente possa ecoar, para que no futuro pessoas “de cor”, não sintam tanta dificuldade em se identificar com a história e com o chão que seus antepassados negros, indígenas e caboclos construíram, mesmo que em condições tão desiguais em relação aos imigrantes europeus e seus descendentes.

Além de dizer que não somos os primeiros, é importante também dizer que essa pesquisa não é fechada e infelizmente não abarcou toda a bibliografia sobre o tema e nem é resultado terminal. Na verdade ela é um novo “início”, um documento que tenta relacionar a oralidade com o registro escrito e fotográfico, algo que possa nos dar ainda mais espaço para o falar sobre o que achamos da cidade, sobre a nossa história e o que queremos na historiografia de Bento Gonçalves. Da fala (oralidade), escrevemos sobre nosso passado para assim possamos falar de novo sobre o que queremos para o nosso futuro.

Nossa conclusão é que este trabalho merece avançar. A história da população negra e cabocla é possível em qualquer pedacinho de Brasil. A nossa esperança é de que esse trabalho seja o “abrir” portas para uma história mais coerente e diversa, pois se existe uma história de Bento Gonçalves que se limitou a contar a história dos imigrantes europeus em especial a dos italianos, podemos afirmar que não existe Bento Gonçalves sem a história da população “de cor”.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Argeu Míg. CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS PELOS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA RS. 2015. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In KI-ZERBO, Joseph. História Geral da África. Vol I. Brasília: UNESCO, 2010. Fonte para acesso ao artigo e inclusão nas referências: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042769\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042769_por)

BENTO, Armandio Kankar. Kujá e suas Ervas Medicinais. 2015. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Terra Indígena Guarita (Rs), 2015.

BONI, Luís A. de; COSTA, Rovílio. Os Italianos do Rio Grande do Sul. 3. ed. Caxias do Sul: Educ, 1979. 246 p.

BRANDALISE, Guilherme Maffei. "ELES SE VANGLORIAM DE SER ÍNDIOS, E COM ESSE NOME QUEREM SER CHAMADOS": indígenas, capuchinhos e as colônias italianas no nordeste do rio grande do sul (1895-1918). 2019. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BRINGMANN, Sandor Fernando. ÍNDIOS, COLONOS E FAZENDEIROS: conflitos interculturais e resistência kaingang nas terras altas do rio grande do sul (1829-1860). 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARDOSO, A.; ZAMIN, F. (Org.). Patrimônio ferroviário no Rio Grande do Sul: inventário das estações 1874-1959. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do RS. Porto Alegre: Palotti, 2002

CAREGNATO, Lucas. A Outra Face: a presença de afro-descendentes em Caxias do Sul. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2010

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Branquitude: dilema racial brasileiro. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. 91 p.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/sc. In: GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan. Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em joinville/sc. São Paulo: Pluralidades, 2022. Cap. 1. p. 15-42.

CUNHA, Lauro Pereira da. Índios Botocudos nos campos de cima da Serra. Evangraf, Porto Alegre 2017

DORNELLES, Soraia Sales. De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. UFRGS – PPGHIST: 2011

FORTUNATO, Josué Candido. Plantas Mediciniais, Práticas de Autoatenção e os Conflitos com a Biomedicina entre os Kaingang do Setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul. 2014. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (Org.). Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1988. p. 223-244.

GUIMARÃES, Carlos A. da Silva. Racismo no Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a antropologia de experiências históricas do tempo. In: KOSELLECK, Reinhart. Estratos do Tempo: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 1. p. 9-111.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional(1808-1889): uma história que também merece ser contada. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. A política de colonização do Império. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. 145 p.

MANFROI, Olívio. A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975. 217 p.

MENDES, Ivania. O Uso das Ervas Mediciniais na Atualidade Kaingang da Terra Indígena Xapecó, Santa Catarina, Brasil. 2015. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MINEIRO, Tamara. Ervas Mediciniais na Comunidade de Missão Indígena: ti guarita rio grande do sul. 2015. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Redentora - Rs, 2015.

MOTTA, Márcia Maria; SILVA, Joana da. História Agrária do Brasil. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MÜLLER, Alex; CAVALCANTE, Raimundo Nonato Wanderley de Souza. Invisibilidade dos negros na história de Gramado/RS. Em Tempo de Histórias, [S.L.], v. 1, n. 36, p. 455-468, 4 jul. 2020. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/emtempos.v1i36.31760>.

OLIVEN, Ruben George. A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura. Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florian: Letras Contemporâneas, 1996. Cap. 1. p. 13-34.

PAULA, Sandra de. Alimentação Tradicional Kaingang: plantas que alimentam, ervas que curam. 2020. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Terra Indígena Toldo Imbu - Sc, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Burguesia Gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho. Porto Alegre: Mercado Aberto Ltda., 1988. 279.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. De escravo a liberto um difícil caminho. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1988. 135 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Capitalismo e Pequena Produção: a indústria vinícola rio-grandense. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. RS agropecuária colonial e industrialização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Cap. 2. p. 7-68.

PIERSON, Donald. Brancos e pretos na Bahia: estudo de contacto racial. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

SLENES, Robert W. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUTO, Alceu Salvi; MAZZOTTI, Fabiano. Um Século Alviazul. Bento Gonçalves: Pallotti, 2020. 328 p.

## **FONTES UTILIZADAS**

### **Fontes Documentais**

DE PARIS, A. Memórias de Bento Gonçalves: 109 anos. Bento Gonçalves: Suliani Editora, 1999.

BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mario de Almeida. Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Revista do Globo S.A, 1950. 523 p.

### **Fontes Orais**

Observação: Pessoas entrevistadas durante o mês de abril de 2024 na cidade de Bento Gonçalves.

Flávia Aparecida Nunes

Profissão: Tecnóloga em Alimentos/mestre em ciência e tecnologia em alimentos

Idade:35

Eva Teresinha Fagundes Nunes

Profissão: aposentada

Idade:76

Bernardo Silva Duarte

Profissão: Artista do Graffiti, oficinairo e Bboy

Idade: 21

Ângela Maria Silva de Souza Fontoura

Profissão: Cuidadora

Idade: 57 anos

Guilherme Patrick dos Santos Dias  
Profissão: técnico telecom e poeta marginal  
Idade: 22

Taylor Domingo Pereira  
Profissão: Web Designer  
Idade: 30 anos

Agenor Lopes Filho  
Profissão: Professor de Educação Física  
Idade: 40

Luiz Fernando Ferreira  
Profissão: Funcionário Público Municipal.  
Idade: 68 anos.

Nome completo: Elisângela de Souza Fontoura  
Profissão: professora  
Idade: 39

Silvia Maia Alves  
Profissão: Analista de Logística  
Idade: 40 anos

Aline Bages De Deus  
Profissão: Operadora de máquinas M.Dias  
Idade: 40 anos

Marcus Flávio  
Profissão: Motorista de transporte escolar público  
Idade:

Solana Corrêa  
Profissão: Professora  
Idade: 49 anos

Zilda Marques da Silva Nuncio  
Profissão: Professora de artesanato, pintora e escritora  
Idade: 60 anos

Emanuele Ferreira Coelho da Silva  
Profissão: Tutora na Unicesumar  
Idade: 23 anos

Matheus Romagna  
Profissão: Dj e Educador Físico  
Idade: 34 anos

Luís Eduardo Pereira Mendes  
Profissão: Advogado

Idade: 62 anos

Moacir Dos Santos Corrêa

Profissão: Artista Cênico

Idade: 62 anos

## ANEXOS

### ANEXO A

BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mario de Almeida. Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Revista do Globo S.A., 1950. 523 p.

### Origem da denominação "Campo dos Bugres"

*Da monografia sôbre "Montenegro", publicada em 1924 pelo Sr. José Cândido Campos Netto, e com a devida autorização do autor, transcrevemos a seguir um trecho do capítulo intitulado "Novos Bandeirantes", no qual se narra como foi batizado de "Campo dos Bugres" o lugar onde atualmente se ergue Caxias do Sul.*

Passa o tempo, e Antônio, que em tenra idade fôra companheiro de seu irmão Custódio Machado na primeira penetração da mata, fizera-se homem. Domingos da Serra, um dos excursionistas de Manoel José de Simas, foi residir na casa de Antônio.

Nas palestras diárias, relatava Domingos da Serra, com minúcias tentadoras, o caso das pedras que brilhavam e acrescentava ser capaz, embora os anos decorridos, de reconhecer o lugar das mesmas.

Antônio Machado de Souza, seduzido pela descrição insinuante de Domingos, e desejoso de rever o campo que tanta impressão causara em Manoel José de Simas, resolveu, mais uma vez, penetrar no sertão. Foram e nada encontraram. Tornaram a ir e nada descobriram. Foram ainda uma vez e só viram sítios semelhantes ao das pedras lendárias, de côres variegadas e brilhos cintilantes; mas, o verdadeiro lugar cobiçado não tornaram a ver, por mais esforços que fizessem e por mais fadigas que suportassem. Com tão repetidas explorações, Antônio Machado de Souza ampliou os seus conhecimentos de desbravador do sertão, e concebeu a idéia de abrir uma estrada de comunicação entre Montenegro e S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

De fato, em março de 1864, com oito companheiros de confiança, filhos, genros e amigos, inicia a travessia do sertão, determinando como primeira etapa o Arroio dos Franceses, onde estavam estabelecidos os irmãos João Brochier e Augusto Brochier.

Aí chegados, foram recebidos com franca alegria e, sendo cientificados do plano de Antônio Machado, pediram-lhe trouxesse de Cima da Serra, em seu regresso, como atestado da travessia, um queijo serrano, abundante naquela época.

Prosseguindo viagem galgaram ásperas montanhas, a uma das quais foi dado o nome de Morro dos Cavalos. Em certo ponto, Machado, fazendo parar os companheiros, disse-lhes: "Daqui por diante mais cautela", e apontando para o alto de alguns coqueiros, mostrou-lhes a falta de muitos palmitos que recentemente haviam sido tirados pelos bugres, que dêles se utilizavam como alimento; ao lado, uma caneleira derrubada, da qual fôra extraído mel, uma parte de terreno, limpo, onde se viam saliências de terra, semelhantes a sepulturas e, mais para um lado, três camas de palmas de coqueiros. Foram verificados ainda cinco cabos, que deviam servir para machadinhas, duas taquaras torcidas, prêsas ao alto de uma árvore, tendo na extremidade forma de argola, indicando terem servido para prender algum animal.

Atentos ao menor rumor, prosseguiram a exploração pela alta cordilheira, passando muito a leste do atual povoado Barão. Encontraram, depois de penosos dias de viagem, um campestre, em ligeira colina, com lindas ilhas de campo, altos pinheiros, isolados aqui e ali, tendo pendentes escadas feitas de cipó, deparando-se-lhes, nas copadas, uma espécie de barquinha, feita de folhagens de outras árvores. Encontraram, no mesmo local, dois montes de terra, sendo um maior do que o outro, ambos semelhantes a grandes fornos abandonados. A algumas dezenas de metros, ranchos construídos de palha de taquara, cascas de pinhões, sabugos de milho, e, não mui distante, ossamentas de cavalos.

Como era natural, permaneceram nesse local estudando, observando e comentando o achado, chegando à conclusão de que aquêle campestre servira de acampamento ou tóldo aos indígenas.

O local foi denominado *Campo dos Bugres*, e é, hoje, a bellissima cidade de Caxias.



## APÊNDICE

QUADRO DAS ENTREVISTAS TRABALHADA COM OS TEMAS MAIS RECORRENTES NAS FALAS DE CADA INTERLOCUTOR.

<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: ZILDA</b>	
<b>Trabalho:</b>	<p><i>Fui assinar a minha carteira com 12 anos de idade na Tela Sul.</i></p> <p><i>Eu comecei, na verdade, a trabalhar com 12 anos em 1976. Comecei na TelaSul Serviços Gerais. Trabalhei três meses sem assinar carteira pra poder fazer 12 anos pra assinar carteira. Depois trabalhei lá no Serviços Gerais, fui pra Bentex, trabalhei na colagem, depois fui pra Carrara uns oito anos. E daí depois saí das empresas, fui trabalhar. Trabalhei de cuidadora, trabalhei no hospital, de idosos, de criança, em cozinha. Então, várias coisas. [...] poucas famílias negras, e o trabalho, a maioria era mão de obra, de trabalho, assim, por exemplo, pedreiro, alguns a gente conheceu tirando uva, que o meu pai quando tirava uva nesses locais, eu tinha algumas famílias assim.</i></p> <p><i>Pergunta: Teu pai tirava bastante uva?</i></p> <p><i>A gente tirou muito tempo uva, porque ele trabalhava na prefeitura, e quando tinha safra de uva, então ia eu, meu pai, minha mãe e alguns irmãos, e às vezes a família toda, porque ganhava, pagavam tanto para tirar uva, deram um dinheirinho que tu ganhava essa já para colaborar. E na época a gente não tinha terreno, depois a gente comprou a casa e o terreno também ajudava. Coisa que acontece até hoje, que vem os safristas, até que encontraram essa turma em trabalho, agora escravidão, as pessoas vêm para poder ganhar o dinheiro, porque é um dinheiro que tu ganha muito rápido, sabe? Tipo, dez dias tu ganha ali uns dois, três mil</i></p>
<b>Criminalidade</b>	<p><i>muitos [negros] já foram para marginalidade, um colega meu que morreu, enfim, função de droga, de tiro.</i></p>

<p><b>Trabalho Ferroviário</b></p>	<p>[...] o pai trabalhava pelo Batalhão Ferroviário, em detonação, depois a Bruna Maria Fumaça.</p> <p>Então, eles eram muito... Paravam em vários lugares. Conforme iam construindo as estradas de ferro, alguns construíam estradas. E o meu pai ia detonando pra abrir os túneis, Túnel 13, esses lugares aí.</p> <p>Meu pai era do batalhão ferroviário e era detonador. Ele fazia os túneis para os trens passarem. Posteriormente, ele trabalhou na Maria Fumaça, ele era guarda-freio.</p> <p>E a gente morava em vários lugares, porque, conforme o construindo, detonando, faziam as casas de turma, que o meu pai contava na época. Então, ficava tanto tempo aqui, dez, doze famílias, construía aquele pedaço de estrada de trem e túneis e, depois, continuava em outra cidade, outro lugar, e ia construindo. Depois desse tempo, meu pai começou a trabalhar em outras profissões.</p> <p>Meu pai trabalhou, nessa época, na prefeitura [...] ele detonava, fazia detonações, porque o meu tio trabalhou muito tempo com isso.</p>
<p><b>Moradia</b></p>	<p>Nessa época, meu pai e minha mãe moravam nessas casas de turma, sabe?[...] Daí, quando o pai trabalhava pelo Batalhão Ferroviário, em detonação, depois a Bruna Maria Fumaça. Paravam em vários lugares. Conforme iam construindo as estradas de ferro. Então, eles iam fazendo as casas. Ficava tanto tempo ali, construía um pedaço, construía outra casa ali. E era dez moradias, dez famílias, cinco famílias.</p> <p>Minha mãe conta aí. O pai, que era casa de turma, não sei... Casa de turma. É. São cinco famílias. Construía aquele casarão repartido. Cada família ficava com um espaço. Tipo, esse espaço, a família, aquele espaço.</p> <p>Depois de tanto tempo construindo... E o pai... Eu me lembro que a gente passou por Monte Negro, que foi Morra Azul, Taquari... Vários locais que a minha mãe ia contando</p>
<p><b>História da Família</b></p>	<p>Eu sou neta de escravo, minha avó morreu com 104 anos e era filha do ventre-livre.</p> <p>Então, há muito tempo atrás, todo mundo achava que os negros, a maioria, eram ao redor de onde passava o caminho do trem. Sou prova que não. A gente era lá do interior do Rio das Antas, lá no KM.</p> <p>A minha mãe, na verdade, é de Guaporé também, do interior de Guaporé. Poucas famílias negras eram de lá, mas como a avó e meu vô Abraão, que tinham terras lá, enfim. E a mãe era de lá. E daí ela conta que dele. Era muito nova essa região, né? Depois ela conheceu o pai. E, enfim, casaram e tudo mais. Mas a gente sempre ficou pra essas redondezas.</p>

<p><b>Negros em Bento Gonçalves</b></p>	<p>[...] de negros, de famílias negras, não tinha muito não (Vila Nova II), dava para contar mesmo, tem os sobrenomes específicos, sabe, nós, a família da Silva, o seu Simão, dos Ferreira, dos Borges, sabe, essa família que era o primeiro. E até hoje, se tu for lá na escola Maria Benigni, lá embaixo, tu vê que, assim, não tem muita concentração da família preta.</p> <p>Agora aumentou, por causa dos haitianos que estão chegando, mas assim, dá a impressão que, tipo, não sei onde é que estão essas pessoas, aqui em dentro. E era essa a dificuldade da gente se encontrar.</p>
<p><b>Cultura</b></p>	<p>Eu me lembro que o pai dizia que quando a gente encontrava uma família em específico, nossa, porque o pai era tocador de violão, né, então a gente ia com a família da Loita, a família do seu Simão, fazer a... não sei como é que chama os italianos, falam filó, mas era tipo fazer nossa sarau, que o pai dizia, ia lá tocar, dançar, fazer as comidinhas, e passava as noites de sábado assim.</p> <p>[...] a gente foi pra escola de samba. Ah, Bento, não pode... Vair, acho, vai ter.</p> <p>Um amigo meu de São Paulo, paulista, a gente montou escola de samba do Broca e da Broca, com o Feijão. A gente foi muitos anos, 10 anos eu fui rainha de bateria de escola de samba.</p>
<p><b>Invisibilidade do negro em BG</b></p>	<p>Uma que a gente nunca foi lembrada, né? A gente é aquele lado esquecido. Eu penso assim, um dos motivos de eu lutar sempre e estar mais de vinte e tantos anos na vinte é isso, porque eu acho, não tenho certeza, a gente foi bem invisível, mas éramos invisíveis. [...] Sim, porque uma das coisas que meu pai sempre dizia, por exemplo tá, essa cidade é formada por descendente de italiano quando o italiano veio pra cá pra medir as terras, pra ganhar, sei lá, a partida de terra, quem estava medindo a terra? Estava o negro. Quem estava ali botando a estaca, sabe? Teve muita coisa tirando uva. Era o negro que estava lá tirando uva, entendeu? Então, assim, tu fez parte da história, tu fez parte da construção mas tu não está ali.</p> <p>Por quê? Porque tu não era o dono? Tu não tinha o poder aquisitivo? Tu era só a mão de obra? Sim. É uma coisa de se pensar, é uma pergunta, né? [...] tu [negro] estava em todo lugar, tu participava de tudo, ajudava de tudo, mas o reconhecimento tu não tinha. Só o italiano, daí o que acontece? Tu é invisível.</p> <p>Zilda nunca aceitou essa situação da invisibilidade:</p> <p>[...] como todo bom negro é inquieto, porque a gente já traz isso na alma e no sangue. Porque tu teve que vir trabalhar e ficar quieto. É o que tem pra ti, e deu. Quando tu historicamente, né? Tu apanha e cala a boca, come o resto dos outros, e deu. Só que eu, desde muito cedo, fui muito militante.</p>
<p><b>Mobilização Social</b></p>	<p>Eu trabalhava na Carrara em... Eu não lembro que ano foi, 70, alguma coisa. 80, eu acho. E a gente tinha que sair pra nós, porque tinha uma luta de classe pra ganhar aumento.</p>

*Beleza. Então, a gente ia de empresa em empresa, buscando os funcionários, gritando, sabe? Trabalhador unido! Jamais será! E daí, quando a gente chegou, por exemplo, na Carrara, o chefe falou assim, o primeiro que sair daí vai todo mundo pra rua. Cara, é PC.*

*Alguém vai ter que fazer a frente. Quando eu disse que estou indo, foi tipo o setor todo. E a gente fez todas as ruas de Bento, sabe? Todas as ruas de Bento. A gente ganhou, a gente teve direito, acho que era 8%, na época. Todo mundo ganhou. Inclusive quem estava sentado e não fez nada.*

*Então, tu vê como é importante. Tu está fazendo o teu movimento. Está fazendo. E eu sempre fui assim.*

*[...] até que o meu irmão conheceu o Luiz Eduardo, que era um advogado que era procurador aqui em Bento. E ele disse, cadê a população de Bento? O que é negro de Bento? Onde estão os negros? Ele achou como seria importante reunir famílias negras pra conversar e mudar e fazer uma nova sociedade. Uma **sociedade** que tenha inclusão do negro, do branco, do índio, de todas as raças. E não tinha aqui em Bento.*

*[...] o meu irmão falou assim, ah, sabe, eu sou meio quieto, eu quero ficar na minha, mas tem minha irmã que é uma guria que tá metida em tudo ... Fala com ela, Luiz chegou, “Zilda, teu irmão mandou vir até mim, eu tô pensando em reunir famílias pretas, pra se encontrar, contar sua história, tomar seu café e tu ter uma identificação, tu ter com quem tu contar, se ser representado”, na verdade e daí começou, né? A gente ia, a gente teve um coral, a gente ia na igreja metodista as primeiras reuniões foram lá com a Vânia, que é até hoje da igreja, muitos anos daí a gente teve coral, teve time de futebol a gente teve um grupo de hip hop e foi uma evolução só que nesses 23 anos a gente perdeu muitas coisas porque era o feito promessas pra nós, porque a gente queria o nosso espaço a gente quer um terreno a gente precisa ter um lugar então nos prometiam, principalmente na época de política: “aquele terreno é de vocês” chegava na hora, “não sei porquê não aconteceu” e nesses muitos anos, hoje nós temos o nosso espaço, ainda assim muita dificuldade de manter, mas eu acho que isso aí foi muito importante pra nós ter o seu espaço assim como esse livro pra mim vai ser o antes do livro e o depois dessa história a gente precisa ser visto e lembrado, então é uma importância imensurável.*

*Moacir é uma pessoa verdadeiramente pioneira das artes, da dança, do teatro e da cultura em bento gonçalves, foi também uma referência negra para a criação da Sociedade 20 de Novembro: Porque eu fui a primeira pessoa que pensei negro aqui. Então é por isso que foi referencial para eles. Que são a referencial, são eles hoje em dia. [...] Eu tinha medo de me perder dentro da questão política.*

*Para Moacir a 20 de Novembro, entidade do movimento negro de Bento Gonçalves era articulada com os movimentos partidários e isso lhe gerava apreensão*

<p><b>Diferenciação Étnica</b></p>	<p>(20:56 - 23:30) <i>Porque aqui em Bento é muito assim, que sobrenome tu tem? Ah, tu é ranci, tu é portolini, tu é, sabe, da Silva. Núncio? Não, eu não sou Núncio do meu marido, mas eu sou Marquês da Silva. Marquês da minha mãe [negra], eu faço questão de carregar. Marquês da minha mãe, da Silva, do meu pai [negro]</i></p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: MOACIR</b></p>	
<p><b>Trabalho:</b></p>	<p>[...] <i>alvez hoje, essa nova geração que está chegando aí, não tanto, sabe, quanto a geração da década de 80, de 90, de 2000, que foi o...</i> (42:24) <i>Que teve mais o...</i></p> <p><i>Como é que se chama? Teve mais contato direto comigo, vamos dizer, através de cursos e oficinas. O Bento em Dança me convidou logo que a minha professora faleceu em 2000, que a Dona Cecília faleceu em 2000. Eu assumi o espaço dela como professor convidado de dança moderna no Bento em Dança. Aí depois, então, eu fui dar cursos em Santa Catarina, Cuba também, eu dei curso de dança também lá. Quando entrei lá pra fazer o meu curso, eles já me convidaram pra eu dar curso também na Escola Nacional de Dança. Dei curso na Escola Nacional, pra Companhia Nacional de Dança de Cuba, que é uma das melhores do mundo. (43:10) Hoje eu tenho amigos lá.</i></p> <p><i>Sobre a sobrinha Solana Correa: Aí eu convidei ela para trabalhar no Centro de Artsênicas. (59:33) Ela foi minha secretária lá também. Então me ajudou nesse período no final do Centro de Artsênicas. E aí depois, então, eu fui o diretor-geral da Fenavinho. (59:45) Do espetáculo da Fenavinho. E fui coreógrafo. Daí eu convidei ela também para ser minha... (59:51) Minha... (59:52) Minha contra-regras. Então ela ia atrás de chapéu. Ia atrás de figurinos. Ia atrás de cenografia.</i></p> <p><i>Então era tudo com a Solana. Então ali foi... Ela entrou como profissional mesmo. Eu “arrebanhava” pessoas que tinham contato comigo. Ela sabia que eu podia confiar. Não só ela, como o filho dela, como o irmão dela, como a mãe dela. (1:00:14) Todo mundo foi trabalhar na família. (1:00:17) Entendeu?</i></p>
<p><b>Racismo</b></p>	<p><i>Briguei, ocupei, mas se teve algum tipo de racismo, foi por trás de mim. As pessoas não tiveram a cara de pau de vir à minha frente e me dizer que eu tinha que procurar meu lugar.</i></p> <p><i>(40:52) Era tudo velado. Era por aqui, era por aí. Mas, assim, todas, acho que a maioria dos artistas hoje que temos aqui dentro, todos passaram por mim.</i></p>

<p><b>Negros em Bento Gonçalves</b></p>	<p><i>Olha, eu percebia, na década de 80, que o negro não ocupava esse espaço, porque eles tinham um certo preconceito deles mesmos, sabe? Talvez, assim, eles vissem a cor deles como inferior ainda, porque ele estava inferiorizado, ele não tinha também um referencial também, né? Não tinha uma apresentadora de televisão negra, lá tinha a Xuxa, que era loira, a outra, a Angélica, que era loira, tinha outra, aquela loira, era tudo loira, então a referencial era o branco, né, na televisão, o que eles viam mais.</i></p> <p><i>E onde que eles tinham o lazer deles? Em casa, na frente da televisão, e a televisão não dava essa informação a eles. Então, eu acreditava, acredito que eles não tinham ainda, não ocupavam o espaço por questão de medo, receio, auto-preconceito, né, e quando eu ia, como eu te falei, eu era jovem nessa época aí, então nós íamos nos barzinhos, nos barzinhos tu não via negros, né, onde é que tu ia ver o negro, talvez?</i></p> <p><i>Lá na vila, numa rodinha de samba, num barzinho, né, bêbados, né, vamos dizer assim também, que eram os que saíam pra curtir a noite, né, e teve uma época que eu quis fazer uma exposição de fotos de negros, né, eu queria fazer uma exposição afro,</i></p> <p><i>[...] eu era fotógrafo também, até isso eu fui, eu era fotógrafo, e então eu disse, olha, eu sou fotógrafo, sou negro como você, você gostaria de fazer um trabalho, uma exposição, não vou expor vocês, porque é o negro que está fotografando o negro e expondo os negros.</i></p> <p><i>Ah, professor, espera, você pode esperar mais uma semana pra eu falar com a minha família, papapá? Então eu tinha que falar com a minha família. [...] Tinha medo. Aí, na semana seguinte, eles vinham aqui em casa porque a gente não vai, porque a gente achou verdade não fazer, papapá, então eu via que eles mesmos se colocavam à margem, sabe? Então foi isso que eu percebi naquela época</i></p>
<p><b>Cultura</b></p>	<p><i>O meu nome é Moacir dos Santos Corrêa, eu tenho 62 anos, sou técnico em dança e trabalhei com isso desde a minha juventude, com dança, né? Só que não profissional. Eu trabalhava no exército, era cabo do exército e trabalhava por fora também com teatro.</i></p> <p><i>Depois, em seguida, eu entrei para a dança, mas eu já dançava quando eu era pequeno, assim, na escola, nada profissional também. E foi me profissionalizar mesmo, assim, na década de 90, quando eu já tinha saído de uma escola de dança já, né? Mas, assim, a primeira coisa que eu entrei foi no teatro.</i></p> <p><i>Quando eu era pequeno, eu assistia uma peça infantil, eu comento isso porque foi um marco do meu interesse por fazer arte, né? Então, a escola daqui do Conceição levou nós, nós tínhamos mais ou menos uns nove anos, oito, nove anos, no Cine Marco Polo, acho que também tu não chegou a conhecer, né? O Cine Marco Polo era um cinema que nós tínhamos aqui dentro e era uma auditória onde também possibilitavam as pessoas a fazer apresentações de dança, teatro, né?</i></p> <p><i>E aí eu fui lá para assistir uma peça infantil chamada O Rápido</i></p>

*das Cebolinhas, que era da Maria Clara Machado, que é uma escritora brasileira. E eu adorei aquilo, né? Achei muito legal assistir aquilo.*

*Eu disse, pô, acho que é isso que eu vou querer fazer quando eu crescer. E aí, logo em seguida, eu fui, eu terminei a quarta série aqui e tinha só até a quarta série aqui no Conceição. Aí eu tive que procurar outro lugar para estudar.*

*Aí eu fui para a escola Landel de Moura, que hoje é o Landel, mas na época era o Prebem, a escola polivalente de Bento Gonçalves. Então lá eu fui morar com a minha irmã na Vila Nova, aí, porque era mais próximo ao Landel. E aí eu continuei com a quinta série.*

*E aí lá na quinta série, já no primeiro ano que eu estive no Landel, eu já comecei a fazer teatro.*

*Eu escrevia [roteiros], no caso, porque eu era mais interessado em fazer teatro. (4:28) E até que, na década de 80, eu comecei a fazer teatro com o Claudio Troian, que era um teatro independente aqui em Bento. (4:39) Porque em Bento não tinha teatro. (4:41) Dança também não tinha. (4:44) Grupos de dança nós não tínhamos, nós tínhamos balé clássico só.*

*(4:47) Se quisesse ver guri dançando, era nos CTGs. (4:53) Daí sim, porque naquela época ainda tinha aquela mentalidade de que menino faz jogar futebol. (4:59) Dança é coisa para menino. (20:31) Então, eu comecei a trabalhar. Na década de 80, eu comecei a fazer dança.*

*Em 89 Moacir é convidado a dar aula de dança:*

*Aí me convidaram para dar aula. Entrei no grupo de dança italiana, com a Ivonette Tessa [...] ela já me remunerava. Foi aí, então, que eu larguei, então, saí do correio. Comecei a trabalhar com dança, dar aula de dança. (24:37)*

*aí, na década de 80, no meados de 80, é que surgiu outras escolas que vieram pra cá. A Rosane Vargas abriu a Escola Renascença. E na escola dela não tinha só balé clássico. Já tinha dança contemporânea, tinha a Dieza. Era um leque um pouquinho mais aberto. Aí eu fui na escola dela pra procurar entrar pra fazer um curso. Ela me falou que tinha uma professora que viria dar um curso de uma semana. Então, ali no curso, essa professora ia dar aula de jazz, balé clássico, dança contemporânea. Era um curso mais abrangente. Aí eu fui fazer. (22:42) Fiquei uma semana fazendo o curso com ela.*

*Ela me mandou um fax me convidando pra participar de um espetáculo de dança dela que ela ia fazer chamado Missa Nos Quilombos, que era de do Milton Nascimento. Aí eu fui lá conversar com ela. Ela [a peça] é do Milton Nascimento. Pensei, eu fiz só um curso contigo aqui. Eu disse pra ela, eu só danço danças mais pop-pop aqui. (23:21) Ela disse, não, mas eu te dou uma bolsa. Aí, na escola dela, o que eu fazia? (23:55) Eu dançava, eu fazia teatro. (23:57) Eu trabalhava nos correios*

*Depois, nesse período, no final da década de 80, começou o Bento em Dança. No início dos anos 90.*

*Acho que 92, 93. Começou o Bento em Dança. Eu já trabalhava. E aí, o que aconteceu? Eu dava aula para o grupo Elos. Eu abri um grupo de dança também. Então, entrou o Irmão da Solana, que é o Daniel (Preto?). Ele tinha uns 14, 15 anos. E eu abri um grupo de gurizada. E comecei a dar aula de alongamento também, nesse período. [...] em seguida com a Ceci Frank, eu conheci ela no Bento em Dança, que é uma mestra de dança, que é essa senhora aqui. [mostra a foto] (25:55) Ela estudou na escola de Marta Graha em Nova Iorque.*

*Ela era uma especialista na técnica de dança moderna. E eu já era fã dela, porque eu já fazia aula na escola da Rosane Vargas [referência dessa prof]. E eu tinha sempre curiosidade de fazer aula com ela. Então, no Bento em Dança, o primeiro Bento em Dança, ela veio dar aula aqui. Ela foi uma das convidadas. E eu fui fazer aula com ela, com certeza. Odiei a aula dela, porque era uma aula muito calma, respiração e inspiração, e dança, e contrai, abre, respira. Eu tinha vindo do jazz. Eu dançava afro. (26:38) Era uma coisa mais explosiva, muito mais enérgica.*

*Um tempo depois Ceci vem para Bento Gonçalves e abre a sua escola utilizando da teoria de Martha Graham. Olha, acho que não levaram nem um ano. Seis meses e as pessoas já tinham meio debandado. Porque as pessoas não tinham paciência. Graham é uma dança muito visceral, primeiro tu tens que entender o corpo.*

*Aí, tive a sorte de ficar com ela sozinho [...] começou a mudar a minha visão em relação ao espetáculo. E a Ceci, então, foi a minha primeira faculdade, vamos dizer assim.*

*[...] em 97, eu fui para Cuba, fiz um curso de um mês [...] foi muito legal a experiência. [...] a técnica também, que ela tinha muito a ver com a dança moderna que ela trabalhava de Martha Graham, porque, na realidade, o Ramiro Guerra, que foi o cara que criou a técnica cubana, ele estudou em Nova York também, na escola de Martha Graham, e ele voltou para Cuba e ele juntou a dança africana, a dança espanhola e a dança moderna americana. Juntou e fez a técnica cubana.*

*Nesse tempo de estudo e trabalho com a arte em Bento Gonçalves Moacir se especializou e entendeu que poderia fazer uma escola de dança, porque eu fazia tempo, desde o início da década de 70, de 80, que eu estava reivindicando um espaço cultural, uma Casa das Artes [...] esse o nome que colocaram.*

*E a Casa das Artes, vamos voltar um pouquinho, e eu vou falar que, de repente, a Casa das Artes foi concebida em 1982. Botaram a pedra fundamental lá, levantaram a estrutura e ficou parado. Aí eu comecei a encher o saco deles, ah, temos que terminar isso, senão vai se deteriorar todo o material.*

*E aquilo foi indo, foi passando, foi passando, até que eu e as meninas, a Mônica e a Ivone, que foram as minhas primeiras colegas [Landell], fizemos um teatro meio mambeiro aqui dentro, e falamos com o presidente da Casa, que era o seu Polleto, e aí falamos para ele que iríamos fazer um espetáculo, um festival de dança e teatro para reunir dinheiro para dar para casa, para cobrir porque estava já se deteriorando.*

*Aí começamos a fazer. Ficamos, acho que um mês, dando curso de dança e teatro nas escolas. Cada um pegava três escolas, Barracão, Vila Nova, São Roque.*

*Aí ele percebeu que era uma vergonha. Três pirralhos, três pobretões, artistas, tentando conseguir dinheiro, que não ia dar muita coisa, para fechar a casa. Aí ele criou vergonha na cara, disse, não, nós vamos então contratar uma produtora para conseguir grana para cobrir a casa.*

*Foi aí que cobriram a Casa das Artes. Depois foi mais uma guerra para fechar a Casa das Artes. Mais uma guerra para tentar conseguir colocar cadeiras dentro do espaço lá.*

*Briguei um monte. Eu fui uma pessoa não grata para eles, para a classe política, porque eu enchia o saco mesmo. (32:26)*

*Na década de 90, eu disse, vamos fazer um projeto para a gente conseguir fazer uma escola, porque a gente queria fazer uma escola já formadora de artistas, tanto na dança, no teatro, na música. Então nós fizemos. Eu e ela, no fim de semana, sentávamos juntos e fizemos o projeto.*

*Só que ficou muito grande. A escola que nós queríamos, tinha que ter três salas de dança, teatro, música, biblioteca, um auditório. Aí nós diminuimos um pouquinho. Aí fizemos o “Centro Integrado de Oficina”, que eu já coloquei o nome. Aí apresentamos para o prefeito Darci Possa, que iria tentar uma reeleição já no outro ano. Daí eu apresentei para ele, “o senhor me avisou, me falou uma vez, que quando eu precisasse do senhor, era só procurá-lo. Então hoje eu estou aqui”. Isso já era em 1999.*

*Aí apresentei o projeto “Centro Integrado de Escênicas, que nós queríamos viabilizar as crianças carentes, o espaço que elas pudessem fazer arte, dança, teatro, música. E aí ele gostou. “Então eu vou te ajudar*

[...] E aí encontramos a frente da prefeitura. Aquela é uma casa antiga que tinha ali.

Em cima do ponto certo. Eu gostei. O espaço era legal, o centro, as crianças todas podiam vir até ali.

[...] Fizemos como eu queria. Uma sala grande.

Essa sala grande era a primeira sala que tínhamos na frente. Tinha uma janela bem grande. Ali ia ser a sala de dança e o mini-auditório, que foi o que aconteceu.

Depois tínhamos uma sala de teatro e uma sala de música. Uma biblioteca e uma sala que era uma administração.

Tinha dois banheiros e um espaço onde teria também o vestiário das meninas e dos meninos. E um ateliê para guardar as roupas, os figurinos. Então ficou bem certinho ali.

Nós ficamos ali por nove anos.

Infelizmente a troca de governos e também a própria rivalidade dentro do meio artístico na troca de poder, desestabilizou a permanência das atividades do projeto de Oficinas do professor Moacir, que não era ainda protegida por lei.

Esses nove anos era o que agilizava mais. A Casa Azaz ficou praticamente nula, porque era sempre nós que fazíamos espetáculos, participávamos de eventos, de festivais, ganhamos vários espetáculos. E nós tínhamos sempre atuação ali, fizemos projetos dentro da casa ali, de saraus de noite, espetáculos ali dentro. Cara, foi muita, muita coisa. A gente fez muita coisa nisso. E atendemos muitas crianças também, de graça.

E tínhamos o grupo Vanguarda, que era o grupo residente. Tínhamos o grupo Reis de Abano, que era o grupo do teatro residente. Tínhamos um grupo também de crianças de coral, ouvi-se assim.

Tinha um pessoal que tocava instrumentos também. E atendíamos também o pessoal do movimento negro também, quando tinha que fazer alguma coisa, algum tipo de evento também.

Bom, enfim, assim, fazer um resumo, desde a década de 80, vamos dizer assim, quando comecei mesmo a trabalhar com a arte, até ontem, vamos dizer assim, eu dei aula para muita gente cuidando. Acho que a maioria das pessoas que hoje fazem arte passaram por mim. (39:21) Eu tenho esse privilégio de dizer pra ti, sabe? [PEÇAS DE JORNAIS]

Talvez hoje, essa nova geração que está chegando aí, não tanto, sabe, quanto a geração da década de 80, de 90, de 2000, que teve mais contato direto comigo, vamos dizer, através de cursos, oficinas. (42:33) O Bento em Dança me convidou logo que a minha professora faleceu em 2000, que a Dona Cecília faleceu em 2000.

	<p><i>A arte, no caso, cênica, dança e teatro, eu fui registrando, fui guardando</i></p> <p><i>Para acontecer essa Casa das Artes, eu tive que botar a minha cara à tapa. (1:12:50) Eu tinha que ir lá, me esgotar de nervos com o presidente da Casa das Artes, para dizer para ele que nós precisávamos ter um espaço para nós apresentar o nosso trabalho. Porque a dança, o teatro, é trabalho. Porque antes era visto assim, a dancinha, vamos fazer o teatrinho. E não é isso. Há um trabalho por trás disso para chegar naquele palco.</i></p> <p><i>Há um trabalho de uma pessoa, de várias pessoas, para se realizar aquilo tudo. E nós precisávamos ter um espaço para apresentar esse nosso trabalho. Casa das Artes estava ali.</i></p> <p><i>Então, desde a década de 80 até agora, há pouco tempo atrás aí, eu estava brigando com as pessoas por causa disso.</i></p> <p><i>Solana: E isso [colocar a cara a tapa] custou caro. Muito. Porque aí começam os boicotes com a pessoa, porque eles personalizam as coisas. E outra coisa, que se hoje nós temos que agradecer toda a classe artística, tem que agradecer... Se hoje nós temos um Fundo Municipal de Cultura, quem que chamou todos os artistas em reuniões da Casa das Artes? Nós temos os registros lá. Lá dentro do Centro Integrado de Artes Cênicas. Foi feito o ata, foi chamado todos os artistas para compor o que é hoje o Fundo Municipal de Cultura.</i></p> <p><i>Moacir: Eu fiz as atas. O negro!</i></p> <p><i>E ainda tu vai para fora do país levar o nome de Bento Gonçalves. Isso aí. Era isso aí. Quem era o negro? E eu tenho o maior orgulho de dizer isso para ti. Eu tenho o maior orgulho, como eu te falo, de ter aberto portas não só para negros. É como o Quilombo. O Quilombo não tinha só negros lá dentro.</i></p> <p><i>Tinha brancos lá dentro. Pessoas que necessitavam. E foi essa a minha missão também por aqui</i></p>
--	--

<b><i>Invisibilidade do negro em BG</i></b>	<p>Tanto que fizeram um livro, esses tempos atrás, acho que ano passado, se não me engano, da dança aqui em Meito Gonçalves e deixaram de fora, entendeu? (1:10:39) Eu fui excluído, literalmente, e eu faço parte dessa pontuação aí.</p> <p>Palestrante 2</p> <p>(1:10:45) Não tem como falar da dança ou do teatro em Bento sem tocar. Porque quem começou tudo isso? Eu comecei, entendeu? E dois livros, inclusive o pessoal do hip-hop, acho que é o Willian e o Pedrinho, fizeram também um livro. Nem sabia o que tinham feito. E temos eu e o Daniel. Se não querem falar de mim, podem falar do Daniel, porque o Daniel também faz parte. E o Daniel começou comigo lá no comecinho. Não dá para se falar de hip-hop, porque, claro, por mais que nós não fizemos o hip-hop, eu fiz a dança africana. E o que é o hip-hop? Está entendendo? Que raiz tem o hip-hop? Exatamente o que eu fiz. Como é que tu pode escrever um livro se tu não tem ali a ancestralidade, como tu chama aí, sabe? Tem que se ter. E foram feitos dois livros em Bento Gonçalves, sem mencionar quem estava por trás articulando tudo isso. Por isso que eu tive que escrever um livro. É contar o que foi que resultou essa abertura de carne.</p>
<b><i>Mobilização Social</i></b>	antes da Solana, que fazia as palestras na universidade, nas escolas, era eu, sobre cultura africana.
<b><i>Escrita</i></b>	[...] é muita coisa pra te contar, tá? (20:27) Mas depois, mais tarde, eu vou escrever isso.
<b><i>Entrevista</i></b>	Olha, acho que não levaram nem um ano. Seis meses e as pessoas já tinham meio debandado. Porque as pessoas não tinham paciência. Graham é uma dança muito visceral, primeiro tu tens que entender o corpo.
<b><i>Anotações</i></b>	Na entrevista Mocir conhece a dança Africana a fim de representar o Orixá Exú.

### ***NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Solana***

<b><i>História da Família</i></b>	Pai (André Corrêa [negro]) e mãe (Velci da Silva Correa [Italiana]) (foram nascidos em Bento Gonçalves e a chegada dos seus avós foi na década de 40.
-----------------------------------	---

**Racismo**

fomos estudar no Aparecido. Ali foi bem difícil.

A questão do preconceito ali foi bem latente. Que não conseguia fazer amigos, né? Ficava muito isolada. A gente era... Até uma forma de ser chamada a atenção pelo professor [...] Ligavam, assim, para a casa dos colegas a cobrar. E enchiam de nome. Depois diziam que era eu que fazia isso. [...] Chamavam a gente de... Ah, neguinho da vida. Essas coisas todas. [...] Eu tenho dificuldade de passar na frente [da escola].

E não sabia o que fazer. E não sabia o que fazer. A gente ficou assim, no primeiro momento, a gente não sabia para que lado ir, a gente olha para os lados e não vê ninguém para nos ajudar.

A Laura chegou na escola, o sonho da Laura era ir para a escola grande, né? [...] E aí a professora e sugeri que iam fazer uma festa fantasia. E cada um dizendo, eu quero ser o Batman, eu quero ser a Frozen. E ela disse, eu quero ser a Branca de Neve.

Aí, não demorou muito, né? O coleguinha olhou para ela e disse, não, tu não vai ser a Branca de Neve, porque tu é preta. Aí, no auge da inocência dela, ela disse, não tem problema. Eu tenho a cor do meu pai e da minha mãe. E aí ela contou isso para a gente em casa. E a gente ficou sem chão.

[Palestrante 1] (36:28 - 39:44) A gente foi até a escola. A professora confirmou a conversa. Ninguém está aqui para culpar ninguém, né? Quer dizer, então, lá para aquele menino branco, em algum momento, lá dentro da casa dele, se estabeleceu que brancos podem isso e negros não podem aquilo. E que há diferença de branco e negro. E que talvez ali se estabeleceu o que a gente chama do privilégio branco.

Porque quando ele diz, o menino olha para ela e diz, ah, tu não pode ser a Branca de Neve, porque tu é preta. Ali está claro, né, que se estabelece, se verbaliza o entendimento, não é um entendimento de uma criança, o que ela acolhe dentro da casa dela na questão que a gente chama de privilégio branco. Ou no sentido inverso, o preconceito.

Ou o racismo. Então já havia aquele episódio, e aí eu fui para casa, pensando, e lá no caminho, eu digo, o Silvio conseguiu me perturbar. Quando ele me pergunta, eu digo, por que vocês estão fazendo uma coisa? [...] eu acordei no outro dia, e eu fui dormir com ela. E no outro dia, eu acordo, a Solana já estava de pé, se arrumando para ir para o trabalho, e eu disse para ela, eu já tenho um nome. Será movimento, porque nós seremos pessoas em movimento. Será negro, porque a gente vai falar sobre a nossa etnia. E será raízes, porque é a nossa ancestralidade. É por causa deles que nós estamos aqui hoje.

<b>Movimento Negro</b>	<i>Porque agora a Solana é professora negra, tem muito mais formação que outras colegas, mas a gente sempre tem que provar que é capaz. Quando eu estou na escola, eu sou questionada pelos pais dos alunos, pelos meus colegas, pela gestão, direção, supervisão. A gente vê que é um ciclo vicioso que ele nunca termina. Por isso que o trabalho do movimento, ele é tão importante.</i>
<b>Trabalho</b>	<i>Porque os nossos pretos ancestrais, até os irmãos do Tio Mo, meus tios, alguns trabalharam muito nesses parreirais. Tinha muito preto que sempre trabalhou na colheita da uva. (1:38:20) Só que isso também nunca foi falado.</i>
<b>Tio Moacir</b>	<p><i>E a gente não conseguiu se ver aonde a gente conseguia se ver, sempre nos trabalhos mais subalternos. Eu digo pro Timão assim que pra ele o diferencial todo foi quando ele foi militar, ali já é uma coisa, né? Porque as pessoas já têm um certo cuidado. Ah, militar, vai ter que ser respeitado. E como ele sempre conviveu com pessoas não negras e que também já conheciam ele, e daí no ponto que tu conhece uma pessoa e tu sabe da índole dela, tu sempre, a tendência é a pessoa te apoiar. E aí sempre encontrar o apoio nos lugares. E essa questão racial aqui em Bento, a gente sabe que sempre foi assim, né? Antes era muito mais velado, né? Os assuntos declaradamente, assim, era mais difícil. (54:24) Mas agora eu acho que a tendência agora, que vem com o vento, tá muito mais plural e que a gente possa agora mais se ver nos espaços.</i></p> <p><i>Eu sempre falo que, até um dia eu escrevi sobre isso, que o meu tio, assim, é o meu guardião. Se hoje eu tenho questão de criatividade, sabe? De me sentir capaz das coisas, eu aprendi com ele. Porque ele sempre foi essa força de dizer vai, tu consegue. E ocupar os espaços. É isso. Eu sempre lembro disso. Isso foi um aprendizado. Se ele não me carregasse, fiz coisas. Ele foi fazer teatro comigo, fazer dança, sabe? (55:25) E, às vezes, ia na Força do Ódio. (Risos)</i></p> <p><i>Exatamente pela influência que eu tive do tio Moacir, assim, com relação às artes e tudo mais, e de querer ocupar os espaços, é que eu eu te disse que eu ficava incomodada com essas coisas de dizer por que que é diferente comigo? Eu me via igual as outras pessoas, mas eu via dificuldade que eu encontrava para chegar em alguns lugares. E, por exemplo, na questão de trabalho, tu sabe que tu tem potencial, que tu batalha, que tu sabe, tu dá um duro, mas tu não passa daquilo ali.</i></p> <p><i>Tu não consegue avançar um outro estágio. A Graziottin me mandou fazer cinquenta cursos testes de I.Q.I., saber que eu tinha capacidade para assumir uma loja, e de repente mandavam outras colegas e mandavam eu dar dicas para as colegas de como passar no teste, porque, na verdade, não me queriam nessa função.</i></p>

	<p><i>Mas a questão, assim, posso dizer que a força ancestral, ela é muito importante. E tu ter alguém com quem tu pode te espelhar, e tu ter uma referência, graças a Deus a gente teve essa referência. Bento Gonçalves teve.</i></p> <p><i>[...]é um legado (1:07:40) que ele deixou, e que a gente tem sim que ter esses registros como está fazendo agora, e que também o tio Moa está aí escrevendo um pouco da história dele [...] para que os nossos futuros, as nossas crianças aí possam um dia poder ter aonde procurar um pouco sobre (1:08:13) a sua história. Fazendo essa biografia também para que as pessoas compreendam, entendam que foi a força de uma pessoa que resultou numa estrutura que hoje todos nós ocupamos, a Casa das Artes, ela custou o futuro do Tio Moa. (1:12:41)</i></p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Marcus</b></p>	
<p><b><i>História da Família</i></b></p>	<p><i>Nascido em Blumenau, Marcus chega em “Bento Gonçalves em 1976, quando aqui chegou o 6º Batalhão de Comunicações Divisionárias, que era o 6º BcomDiv. Hoje ele é só 6º Becom.</i></p> <p><i>Havia saído daqui anteriormente o Batalhão Ferroviário, que foi para Caxias. Meu avô serviu no Batalhão Ferroviário, inclusive participou de algumas das construções desta linha, da linha ferroviária, construção de túnel e de ponte.”</i></p> <p><i>Pai de Uruguaiana e a mãe de Santana de Livramento. Meu pai, antes de ingressar no quartel, ele era músico. E aí quando ele veio pra cá, pra Bento Gonçalves, hoje não tem mais. A primeira banda que o quartel teve, o BCOMDiv, foi meu pai que criou a famosa Fanfarra.</i></p> <p><i>Então ele era o maestro da banda, e aí quando tinha as formaturas, ele era o maestro na hora de entoar lá os hinos militares. Então meu pai teve sempre essa convivência muito forte, muito relacionada com música, e sempre foi um militar por excelência.</i></p>
<p><b><i>Invisibilidade Negra</i></b></p>	<p><i>os italianos chegaram, porque não sei o quê, porque vieram, tudo tem entendido. Mas assim, a construção do município, ela é lastreada lá, começa com eles, mas ela começa, mas começa também com outros. Junto! E aí quando a gente pensa assim, puxa, Fenavinho, vamos falar da cultura de cima, vamos lembrar das outras etnias, vamos lembrar da Tia Luísa. Porque elas também são parte, a Tia Luísa é parte da história de Bento Gonçalves, e eu não aceito mais ou menos o que isso.</i></p>
<p><b><i>Racismo</i></b></p>	<p><i>Nessa relação da questão negra, mais especificamente, sim, presenciei algumas situações.</i></p> <p><i>Só que assim, é pra ver como isso é complexo. Porque então na minha adolescência, mais ou menos até a idade madura, adulta, na verdade sempre teve aquela relação</i></p>

	<p><i>porque meu pai era o Sargento Lauro. Então assim, as pessoas de certa forma tinham algum respeito por aquela, o que a gente poderia chamar de imposição de autoridade.</i></p> <p><i>estava latente ali o racismo, estava latente assim o preconceito. Porque as pessoas diziam assim, não, mas cara, vou te chamar de neguinho, de negão, mas é só aquela brincadeira, é só porque eu te conheço.</i></p> <p><i>Só que esse é um processo, eu sempre disse para as pessoas, sabe qual é o problema disso? É que vocês, enquanto pessoas não negras, não sentem isso, porque isso não impede vocês de nada, mas no nosso caso impede. Impede muitas vezes até a ascensão, seja profissional, pessoal, enfim. Então eu venho daquele tempo que, ah, mas é que isso é assim. E aí daqui a um tempo a gente começa a entender, não, mas isso não pode ser assim.</i></p> <p><i>nós precisamos ter a militância de embate. Militância que vai fazer a linha de frente. E aí quando a gente se depara com esse episódio, que envolve a nossa própria filha, pô, é aquela coisa, quando é o filho da gente, dói. Incomoda. E aí deu esse start.</i></p> <p><i>Marcus relata um momento em que sofreu racismo. Justamente em uma reunião sobre os trabalhadores encontrados em situação análoga à escravidão. Ele foi convidado pelo prefeito para a reunião, mas na recepção foi o único que teve a sua presença questionada. “O senhor foi convidado?”</i></p> <p><i>Criamos recentemente uma praça para os cachorros ali. [...] Que bom que tem. Isto é política pública. Não é? Nós estamos atrás dos cachorros. Nós [Bento Gonçalves] temos política pública para animais. E não temos política pública para a pessoa negra. A pessoa negra é repressão. [...] E aí quando a gente fala de segurança pública, nós sabemos, nós temos uma abordagem no centro da cidade e nós temos outra abordagem lá na vida.</i></p> <p><i>[...] um aparelho que eu acho muito importante, sim, que é a Praça Céu. Porque estão lá. Pega a Ouro Verde, Aparecida, Zatty, enfim.</i></p> <p><i>Mas a gente não pode achar que só a Praça Céu vai resolver o problema. Eu preciso de um aparelho cultural lá no municipal. Eu preciso de um aparelho cultural no Eucalipto. Ou a gente vai continuar nesse sistema excludente.</i></p>
<b>Movimento Negro</b>	<p><i>Então a referência começou a se solidificar. Mas é o casal, né? E é um casal negro. Ou, como se diz, o casal afrocentrado. Até porque... Formado em Bento Gonçalves. A gente acaba, né? Vitimados pelo próprio ego, pela própria desigualdade. Porque é assim, né? Mas isso tem</i></p>

	<p><i>uma razão histórica, né? Que aí vem lá, desde o tempo da escravidão, que aí apartava negros pra que negros cuidassem de outros negros, né? Para o seu senhor. Então é um aspecto histórico que nos atinge, infelizmente. Parece que continua nos atingindo até hoje. Então muitas vezes parece que um negro ver outro negro ascendendo incomoda.</i></p> <p><i>A gente tentou contribuir, talvez não fomos entendidos, né? Então, a sociedade continua e a gente seguimos a nossa vida. Aí, num jantar, por isso que eu cito o Silvio, porque a história do movimento Negros Raízes, na verdade, praticamente nasceu dentro da casa dele.</i></p> <p><i>[...] tu sabe que tem aquelas coisas que perturbam, né? Eu terminei o jantar, eu fui para casa, e eu fui pensando, cara, aquilo começou a bater na cabeça, sabe?</i></p> <p><i>A gente tem que entender que a gente tem primeiro, valorizar a nossa cultura, em todo o segundo. E, principalmente, ser combativo no racismo, no preconceito, na intolerância. Esse sempre foi e sempre será.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Tia Luíza</b></p>	<p><i>Eu vivi a Tia Luísa, porque ela e a Tia Luísa não eram lá em São Paulo.</i></p> <p><i>A questão negra, muitas vezes, é tão embrutecida que a Tia Luísa era o fantasma lá em São Paulo. As pessoas tinham, se criou um medo em torno da Tia Luísa. A gente ouvia que se tudo não tomar jeito, eu vou chamar a Tia Luísa.</i></p> <p><i>Então tu vê, a pessoa negra, que é uma referência, uma referência para uma pessoa negra, mas que ela trazia, ela era usada, inclusive, como um certo meio amedrontamento. De ser uma pessoa ruim, ou de ser uma pessoa má, só pelo fato de ser a Tia Luísa. Então se a gente pegar deste nome, a Tia Luísa, ela, além de ser talvez um grande ícone, também é a própria prova do esquecimento ou da invisibilidade da pessoa negra. [...] Eu mesmo, pessoa negra, aprendi que a Tia Luísa era ruim, que tinha que ter medo da Tia Luísa.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Cultura/Música</b></p>	<p><i>E aí, músicos, sambistas, negrão, aquela coisa toda. E aí quando começaram também a chegar outros militares transferidos, e aí chegou Pedro Arnold Lima, que também era sargento, também é falecido. Serviu aqui, depois foi morar em Novo Hamburgo. Bandeirista de mão cheia. E aí, claro, os músicos se encontram. E aí tinha o Clube dos Sargentos, que agora é o Espaço Cultural Ernesto Geisel. Mas era o Clube dos Sargentos. Então faziam janta, faziam CT, colônia de férias, para os militares que moravam ali nas casinhas. E aí, claro, começou a rolar as rodas de samba lá no clube. E aí, assim, começou lá dentro. Aí faziam samba lá dentro. E aí surge a ideia de que, bom, vamos fazer samba nesses botecos, nesses bares da cidade.</i></p>

	<p><i>E não podia tocar. Lembra dessa...</i></p> <p><i>Essa fase, né? Ainda, quer dizer, estava se saindo dessa fase, mas ainda, né? Porque achava que era algazarra.</i></p> <p><i>Que era vagabundagem, que era vadiagem.</i></p> <p><i>E aí, o Lauro... Nós vamos sair para a rua e nós vamos ir nos bares e nós vamos começar a tocar. E é isso. E aí começaram a sair para a rua. E começaram a chegar nos bares. E como é que ia chamar a brigada? Seram os meninos que estavam tocando. E aí começou a se expandir isso. E aí começou a história de música, ou mais especificamente de samba nos bares. Assim começou. E aí, claro, se expandiu. Há outras pessoas também envolvidas, claro. Não estou dizendo que foi só... Não, foi por causa dele. Mas muito disso de tocar, levar samba para bares, sim, passa pelo meu pai, passa por outros militares que eram músicos e que faziam samba na rua. E aí é por isso que é essa história do samba em Bento Gonçalves.</i></p> <p><i>É a nossa cultura. A musicalidade, a música para nós, enquanto banda raízes, é muito mais do que música. É algo que transcende. [...] cultura salva a vida. Só que nós temos, a gente vive num país ou numa sociedade que acha que cultura é bobagem.</i></p> <p><i>Ali no bairro que eu moro, tinha o Clube Floriano, que era um clube para o pessoal ali, pra negrada [...] Ali era o ponto onde o pessoal da comunidade se encontrava para fazer baile, porque eles não podiam frequentar outros clubes. Era difícil o acesso num Aliança, num Ipiranga, que era um clube de elite.</i></p> <p><i>Porque se eu vou pegar o caso daqui, de você, dos meninos [hiphop], isso aqui salva a vida, gente.</i></p>
<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Bernardo</b>	
<b>Trabalho</b>	<p><i>Natural de Itaquí (divisa do RS com a argentina) sua mãe teve uma relação afetiva que “Já tinha vindo pra cá também algumas vezes. E um certo dia convidou ela pra vir por conta da oportunidade de emprego.</i></p>
<b>Moradia</b>	<p><i>[...] a condição da minha família, assim...</i></p> <p><i>Em um certo momento, quando eu tinha ali... Desde os meus 5 anos de idade, até os meus 18... Não tava numa condição muito legal de vida. Então, às vezes, era o valor do aluguel que aumentava. A gente tinha que ir pra um lugar onde pagava mais barato. E também a gente tinha alguns problemas internos na nossa família. Um dos familiares tinha envolvimento com droga. Então, às vezes, acabava trazendo alguns problemas pra dentro de casa... Que não agravava quem tava ao redor. E acabava pedindo pra gente sair também. E a gente foi pingando em vários bairros.</i></p>
<b>História da Família</b>	<p><i>Da parte materna, minha avó branca e meu avô preto retinto. Da parte paterna, minha avó preta retinta com meu avô branco.</i></p>

<p><i>Negros em Bento Gonçalves</i></p>	<p>[...]posso citar posso citar o espaço da 20 que já me acolheu, sabe e é um dos lugares onde eu pude conversar sobre essas coisas, entende, né não cheguei a visitar nenhum terreiro aqui na cidade mas é algo que eu vou procurar sabe porque eu sinto a falta, sabe é como se a gente fosse ser ouvido, tá ligado, ser escutado ser entendido, entende e a gente também entender como que a gente pode trabalhar pra mudar isso, né tá ligado e o hip hop também foi algo que me possibilitou bastante fazer isso tá ligado posso falar sobre uma ação que aconteceu, isso há dois anos atrás eu fui convidado pela prefeitura no mês da consciência negra né, pra estar visitando algumas escolas e dentre essas escolas que eu visitei eu pude ter contato com o fundamental e pude ter contato com o médio pra fazer um bate papo sobre como é ser preto dentro do hip hop mas aqui, onde a gente tá, tá ligado aqui nessa região, aqui nessa cidade e inclusive nesses momentos aí de ir até a escola houve situações desagradáveis saca de racismo dentro das escolas comigo mas que tipo assim foi uma movimentação também que o cara tava fazendo pra chegar nas pessoas e poder falar tá ligado, agora é minha vez de falar e vocês vão precisar me ouvir entende vocês precisam disso daqui porque não tem noção eu acho que esse movimento foi legal pra alguns alunos porque eu encontrei várias pessoas pretas dentro dos grupos que a gente teve os bate papos e eu ouvi essas pessoas pretas a turma que tava ali reunida ouviram essas pessoas então se a gente trabalhar pra acontecer isso pra gente poder tirar o que tem aqui dentro, jogar pra fora e pra outras pessoas escutarem, tá ligado a gente vai ter uma consciência muito maior tá ligado eu tenho certeza que aquelas pessoas que falaram assim se levantaram dali aliviadas sabe mas que se não tivesse uma pessoa lá a pessoa não ia falar tá ligado então é importante a gente pensar em se movimentar é importante eu pensar também em ir até outros lugares assim pra gente seguir nesse movimento ser potência ser potência isso aí, ser potência.</p>
---	---

<b>Cultura</b>	<p><i>Como tu chega no breaking, como é que tu descobre o hip hop?</i></p> <p><i>Ali no Landel, eu comecei a sentir bastante...bastante racismo vindo dos meus colegas, e foi algo que demorou pra mim se tocar, sabe? Porque era em forma de piada, era em forma de brincadeira, e enquanto eu não abri os olhos pra aquilo, nenhuma outra pessoa abriu, sabe? Pessoas ao meu redor que gostavam de mim, que queriam o meu bem, não faziam nada. E isso ajudava a normalizar tudo aquilo que tava acontecendo. demorou bastante tempo pras pessoas me respeitarem, e nessa escola foi onde eu conheci um projeto, que é um projeto lindo, mais educação, que aconteceu em várias cidades diferentes. E consegui conhecer um professor muito foda de capoeira, um professor muito foda de taekwondo, um professor muito foda de música, professores de matemática português, e artesanato, violão, um monte de coisa que eu fazia ali naquele projeto, e foi onde eu conheci a dança breaking, de uma forma diferente, porque eu só tinha visto nos filmes e na TV, em programas, né? E eu já tinha aquilo de querer dançar, só que na minha cidade não tinha ninguém, era algo muito distante pra mim. Naquele momento que eu conheci o projeto e tive acesso a profissionais assim, foi como se minha cabeça estivesse explodindo de estímulo, tá ligado? Recebendo muitos estímulos interessantes. Então eu procurei me aproximar mais desse professor, e fui conhecendo o hip hop aos poucos. E desde que eu conheci o hip hop, eu comecei a tomar consciência da minha raça, sabe? Tomando consciência e percebendo que as pessoas não podiam me tratar de tal maneira, porque o que tinha que prevalecer era o respeito, ainda mais num ambiente desses, que a gente sempre preza no hip hop, em primeiro lugar, o respeito com o próximo, sabe? E eu comecei a levar isso muito a sério, até que comecei a reagir quando aconteciam situações de racismo comigo, e isso foi mudando, tá ligado?</i></p> <p><i>Ela [mãe de Bernado] ia nos eventos pra me ver dançar, pra me ver batalhar, e eu achava o máximo também, eu gostava de dar orgulho. E logo</i></p>
----------------	---

*depois conheci o grafite, curti muito pra caramba, hoje em dia o grafite é minha profissão, costumo falar que é meu “ganha pão”, trabalho com grafite, e isso que me dá sustento. E foi assim, sabe? Bernardo é um dos fundadores da primeira loja de grafite shop da cidade.*

*[...] eu faço parte do hip hop hoje porque eu sei que dentro do hip hop eu tenho coisas de valores que pra mim valem bastante. Entende? Compartilhamento de conhecimento. O hip hop engloba isso. E isso é o que me atrai, que me faz me manter na cultura. O hip hop aqui na região onde a gente está também segue numa luta por espaço. Porque é algo muito comum você ser enxergado diferente porque você faz parte do hip hop. [...] A cultura hip hop, ela me faz bem.*

*Bom, o hip hop pra mim, dentro da cultura hip hop é um lugar onde eu me sinto mais à vontade por conta de pessoas pretas se sentirem mais à vontade eu vejo que quando eu encontro uma irmã preta dentro da cultura ela vai estar vestida do jeito que ela gosta, sabe? Ela vai estar ou com o cabelo trançado ou com o cabelo black power ou com o cabelo solto saca? Armado com volume e eu me identifico com isso. Eu percebo que dentro da cultura hip hop é um lugar saudável pra gente ser quem a gente é e quando chegar uma pessoa de um estilo diferente, todo oposto ela não vai julgar, mano ela não vai julgar porque aqui não é lugar de julgar entendeu? Aqui é lugar de acolher, de abraçar saca? Então eu percebo que os irmãos e as irmãs pretas, assim, tem um pouquinho mais de voz dentro da nossa cultura essa é a minha percepção do povo preto dentro da cultura hip hop, tá ligado? A gente procura não julgar e se acontecer em algum momento, a gente sempre cobra, tá ligado?*

*Então, eu vejo as pessoas se aceitando pessoas pretas se aceitando do jeito que elas são, tá ligado? Do seu jeito natural, saca? Não mudando mais o cabelo, mas sim valorizando aquele cabelo que a pessoa tem, não é só sobre cabelo, é sobre o jeito de se vestir também, sobre o pente no cabelo saca? E eu sinto que quanto mais a gente faz isso, mais a gente a gente influencia outras pessoas tem pessoas de fora que estão se inspirando na gente que está aqui dentro e às vezes não é nem necessário entrar dentro da cultura hip hop, quero que você se identifique pelos meus valores, entendeu?*

*Saca? Essa é a percepção que eu tenho do povo preto dentro do hip hop e falando sobre as pessoas pretas que eu tive relação aqui nessa cidade cara é um pouco triste, assim, porque gostaria de ver meus irmãos e minhas irmãs em um lugar diferente mas toda vez que eu trombava alguém, uma pessoa preta, saca? Não era sempre que estava em um lugar confortável, falando sobre trabalho, né? Mas era sempre tentando buscar, entendeu? Era sempre fazendo a faculdade, sabe? Buscando mudar de vida, porém ainda trabalhando como faxineiro, tá ligado? Ainda trabalhando em supermercado e ainda sofrendo racismo dentro do supermercado, tá ligado? Tinha uma amiga que quando foi trabalhar no supermercado as pessoas não passavam no caixa dela, só começaram a passar depois que ficou uma pessoa a gerente do mercado falando não, ó, vocês precisam passar nesse caixa aqui, tá ligado? [...] Sempre buscando mas tendo menos oportunidade tá ligado? Sempre tendo menos oportunidade dessa forma que eu enxergo as pessoas negras.*

<p><b>História da Família</b></p>	<p>Nasceu em Bento Gonçalves, nascendo no interior, na área rural da cidade e com 8 anos se mudou para a área urbana.</p>
<p><b>Racismo</b></p>	<p>É que tu vê que a maioria das pessoas que falaram conheceram o racismo na escola, né? Cara, não, eu nem sabia que eu era negro, né, meu? Eu fiquei sabendo que eu era negro na escola. E é isso aí que acontece, cara, né? E por quê? Muito disso porque não se tem nada lá na escola, né, cara? Não tem nada que equiparem, que deixem um pé de... um pouco de igualdade nessa relação. Muito porque também a gente está numa região onde a gente está sempre sozinho na sala de aula, né? acho que a força da branquitude, esse predomínio, ele empurra pra baixo, né? Empurra pra baixo, né? Naquele momento que você diz, né?</p> <p>Na depressão, né? Porque você olha pela estrutura e você só vê brancos, né? E aí você se vê fragilizado porque você não tem força pra chegar ali, né? Muitas vezes, por mais que a gente tenha todo um currículo, tem toda uma capacidade de igualdade intelectual, de conhecimento, né? Porque a gente tem também essa... Às vezes, a capacidade de buscar isso de outra forma, já que o sistema às vezes te esmaga, mas a gente é persistente, né? Mas daí, talvez o próximo na fila, não é nunca a primeira opção, né? E isso leva um atraso. Então, a gente vê muitas pessoas com qualidades, com capacidades, né? Mas a estrutura não te permite chegar, né? E aí, quanto mais tu dá um passo pra frente, menos pessoas tu vê, menos negros tu vê. Então, até lá.</p> <p>Menos tu enxerga, né? [...] A gente sabe que tem muitos negros em Beto Gonçalves, né? Tem muitos negros em Beto Gonçalves. Mas eles estão ali escondidos, né, cara? Na periferia, né? E a gente sabe também que, por essa questão racial, eles também se escondem, né?</p> <p>É, e a questão do branqueamento é muito interessante nesse sentido, né? Porque pela pele você não vai ser, né? Mas pela cultura você pode ser, né? Se você adquirir todo o modo operante da branquitude, você pode se tornar um, né? Então, você pode ser visto como um branco. Não, você é dos nossos, né? E a gente escuta muito isso aqui, né, cara? Então, naquele discurso aqui, você dá, você dá, você vê. Eu ouvi muito isso, né? Você não. Você é diferente, né? Você é dos nossos, né? Porque é o... Quando você está na cultura católica, né? Você teve uma estrutura familiar e tal.</p> <p>Então, você faz parte desse processo da negritude, né? Beleza, agora você é aceito. Mas nunca vai ser branco, né?</p>
<p><b>Identidade</b></p>	<p>Algumas coisas a gente vai escondendo, né, cara? Que é o processo que acontece com a maioria dos negros, né? Você prefere não se revelar enquanto negro pra evitar certas situações, né? E fui levando a vida dessa forma, cara, né? Buscando espaço. E o mesmo conceito que a gente encontra nos livros, né? Do buscar a ascensão social pra fugir do racismo, né? E isso vai ocupando a cabeça da gente, né? Embora não vai acontecer, né? Não vai fugir, né, cara? Mas é sempre uma via possível de</p>

fuga. E foi isso que eu fiz, né? E hoje escrevendo, eu consigo perceber o que aconteceu, né? E começo a fazer um processo um pouco diferente, né? Porque hoje eu integro o movimento negro

A gente é um povo negro, mas não temos uma cultura única na negritude, né? Mas o que nos torna comuns justamente é essa relação da resistência, da resiliência, né, cara? E talvez seja essa história que nunca foi contada. Que a gente sempre foi visto como... Como um povo sem reação. Parece que o negro aceitou o racismo, aceitou a escravização e se tornou vagabundo depois, né? E talvez essa seja a pior mentira, assim, que se conta, que se reproduz do negro e que faça com que a gente se sinta com vergonha de dizer que é negro, né? E eu acho que a história que nós temos que contar é essa, cara. A história da resiliência, o quanto o negro produziu, o quanto o negro lutou, o quanto ele persiste, ainda insiste em se manter em comunidade, em produzir cultura. Eu acho que o que a gente não pode perder é isso, cara, sabe? É mostrar que tem... Que a gente está presente, né? Que a gente está aqui na Serra Gaúcha, que a gente faz história, que a gente produz história, que a gente produz memória. Acho que é a coletividade, sabe? Essa é a coletividade que a gente tem que contar.

O branco transformou a gente e fala mais da gente. Acho que ainda a gente se vê muito pela mentira que o europeu contou da gente, do negro. E a gente precisa olhar de uma forma, uma perspectiva nova. A gente precisa se encontrar enquanto negritude e se perceber enquanto cultura, como povo diferente. Acho que a gente precisa refutar a ideia do essencialismo, porque eu acho que o capitalismo faz muito isso com a gente também. Porque muitas vezes se perde e, se a gente parar para pensar, enfraquece nossos movimentos. Às vezes o essencialismo estraga o movimento, se despedaça. Isso aqui é negro, isso aqui não é.

Nós somos diferentes em muitas óticas, se a gente for olhar. Um negro não é igual ao outro. Diversas formas de cultura. A África é uma gama de culturas, então não são todos negros iguais lá também. A gente precisa se olhar naquilo que a gente tem em comum. [...] O que nos aproxima é essa questão racial, da nossa pele, da cor da pele. E deixar as diferenças de lado. Então acho que a gente precisa compor mais com as nossas diferenças, a gente precisa compor mais assim mesmo e produzir história, produzir memória, produzir cultura. Porque o branco nunca vai contar a nossa história.

**Trabalho Ferroviário**

*Eles não trabalhavam quando chovia, mas não recebiam, né? Então, foi, né? Tipo... Já tinha essa relação. Quando chove não tem trabalho. Mas também não tem... Não tem ressarcimento, né? Foi assim. E... Bem jovem, né? Meu pai, muito jovem. Trabalhou no Batalhão Ferroviário.*

*[...] eu acho que é interessante contextualizar a história do meu pai, né? Porque eu ainda tenho a carteira de trabalho do meu pai, né? Eu guardo ela como uma memória, assim. E às vezes me... E falar do meu pai me dá uma dorezinha, né? Porque a gente passava o perrengue. Meu pai sempre foi trabalhador, cara, pra caramba, assim, né? E sempre procurou dar o básico, né? Eu lembro que meu pai não deixava a gente passar frio e fome, né? Então... E isso é muito forte, assim.*

*E... E às vezes eu pego a carteira de trabalho dele. E esses dias eu estava folheando ela, assim, e tal. E eu lembro que vocês estavam comentando. O pessoal lá do Batalhão Ferroviário e tal. E tá lá, assinadinho lá, meu pai.*

*Enquanto... Né? É... Um dos funcionários do Batalhão Ferroviário. Meu pai, muito jovem. Trabalhou no Batalhão Ferroviário.*

*Então é uma história legal, uma história interessante, assim, né, cara? Que também esteve presente, né? Né? E... Se a gente contextualizar... A força de trabalho que levantou a nossa região, né? Porque a gente... A gente... Todo mundo faz essa relação do quanto a ferrovia foi importante pra esse processo de industrialização na nossa região. Né? Toda essa questão de como, né? E aí... E a gente não tem ainda, né? Estamos... Né? Tá aí. Quem é que levantou essa estrutura toda, né? Então... E é um motivo de orgulho, né, cara? De, pô... Meu pai esteve presente, né, cara? Meu pai teve uma relação direta com essa estrutura.*

<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Angela</b>	
<b><i>Histórias esquecidas</i></b>	<p><i>Angela lembra do Hospital Jorge que existiu em Bento Gonçalves, uma forma dos pobres acessarem tratamento de saúde até a monopolização da saúde pelo grupo Tacchini.</i></p> <p><i>[...] o Hospital Jorge era se fosse um caso muito sério, muito grave. E tu não tivesse dinheiro pra te pagar no tacchini. Né? Daí, eles mandavam ali.”</i></p> <p><i>Angela acusa que há um esquecimento sobre a história desse hospital que atendeu muitas pessoas pobre e que além disso foram desativando. Um belo dia, simplesmente amanheceu. O Hospital Jorge tava fechado. Pessoal demitido. Que era onde tinha pessoas pretas que trabalhavam.</i></p>
<b><i>História da Família</i></b>	<p><i>A minha avó veio de Encantado, da Roca Sá. De um daqueles lados.</i></p> <p><i>Eles moravam naquele lugar. A minha avó ficou viúva. [...] Como era uma cidade que estava crescendo, então ela teria mais oportunidade de criar os filhos aqui, né? Daí ela acabou vindo pra cá. [...] Início de 60, por aí. Ela veio pra Bento, né?</i></p> <p><i>Ângela conta que o pai era branco e trabalhava com pinturas e a mãe era negra e trabalhava no atendimento do comércio.</i></p>

<p><b>Racismo</b></p>	<p>A defesa de Ângela pela educação da filha, chegou a virar notícia dos aparelhos de imprensa em 1999. Quando Elisângela teria seu ingresso no ensino médio negado por falta de vagas. Ângela alega que essa situação também foi decorrente de racismo.</p> <p>[...] eu dei entrevista pra rádio, houveram centenas de mães ligando que estavam com o mesmo problema. E inclusive as mães que falavam, porque eu sou preta, não tenho direito [...] aí as mães ligavam pra rádio e falavam ah, porque minha filha é preta, não tem direito.</p> <p>Ela ainda diz que há um apagamento dessa história inclusive “existe esse registro, como eu te digo, se não apagaram, como tudo em Bento apaga, existe essas ligações que as pessoas faziam enquanto a matéria estava no ar, enquanto eu estava conversando com o jornalista, as pessoas ligando e eles faziam questão de botar no ar, as mães reclamando. Tinha mães que diziam "ah, minha filha não conseguiu, minha filha não conseguiu porque é preta.</p>
<p><b>Trabalho</b></p>	<p>É preconceito, é discriminação, é porta que se fecha pra ti de todos os lados, sabe? Tu vai fazer um trabalho, as pessoas não valorizam. Aí, tipo assim, ó, vou falar pra mim, tipo, ah, ela é preta. [...] Porque eu saía de São Roque e ia pro Salgado a pé, procurando emprego, batendo nas portas de empresa, procurando emprego. Quando eu tinha essa idade de 15 anos, 14, 15 anos, né? Batia nas portas, procurando emprego, não tinha. Não tinha oportunidade, né?</p> <p>Ângela fala sobre a preocupação que ela teve em preparar a sua filha para o mercado de trabalho, esperando que ela não precisasse passar pelas mesmas dificuldades:</p> <p>Não adiantou todos os cursinhos, tudo que a gente fez e tudo pra ela. Faculdade, fazer tudo, não resolveu. É aquela coisa assim, tu mete o pé na porta, tu passa por ruim pra enfrentar outro lugar, porque eles não olham pro teu currículo e dizem, não, mas tu tem capacidade, não interessa se tu é branco, se tu é preto, tu tem capacidade, tu tem um currículo bom. [...] Agora, se tu for branco, tu não precisa ter currículo. Tu não precisa ter currículo, tu não precisa de nada.”</p> <p>Pra tu ter uma noção de como que funciona a coisa em Bento, funciona dessa maneira. Quando eles não querem dizer que eles não vão te pegar porque tu é preto, eles dizem que teu perfil é muito alto. Se tu esmerou estudando, tu fez coisas, tudo quando tu chegar na empresa eles vão te rebaixar porque o teu perfil é alto.</p>
<p><b>Tia Luísa</b></p>	<p>Tia Luísa veio pra dentro com o primeiro batalhão. Ela veio de empregada de um comandante, um general. O cargo dele, de fato, assim, eu não sei. Não sei que era com um grandão do exército. Ela veio de empregada da casa.</p>

	<p><i>Ela veio com o primeiro batalhão pra dentro, né?</i></p> <p><i>Enquanto a Tia Luísa teve forças de trabalhar braçal, ela era empregada deste aqui, eu acho. Não sei se era comandante. Enfim, era algum grandão do exército. Quando a Tia Luísa não teve mais forças de trabalhar, porque ela ficou velha, enfim, porque ela teve uma filha que desapareceu. Era preta. Ela não tinha oportunidade. Essa filha da Tia Luísa realmente sumiu. Na história de dentro, ela desapareceu. Então, quando a Tia Luísa não teve mais forças de trabalhar, que ela foi envelhecendo, enfim, a Tia Luísa passou a ficar na rua. Ela foi jogada na rua. A Tia Luísa dependia da boa vontade de pessoas pra se alimentar, pra comer. Daí chegou um ponto que os pais brancos deram amorzinho no coração.</i></p> <p><i>E hoje, tu perguntas pras pessoas, tu fala da Tia Luísa. Não vou tocar no assunto da Tia Luísa. Pra tu saber da Tia Luísa, tu vai ter que conversar com pessoas pretas. Pessoas brancas hoje não falam. Por quê? Porque foi uma pessoa branca da alta sociedade que jogou ela na rua. Cadê a filha da Tia Luísa? E foram as pessoas brancas também que falaram mal dela e que fizeram essa imagem dela ser uma pessoa ruim. E transformaram ela na bruxa preta. As crianças tinham pavor, tinham horror. A Tia Luísa passava na rua.</i></p> <p><i>Porque tu via ela, no final dos tempos ali, bem velha e coisa, imunda. Imunda nas ruas. Virou uma pedinte. Uma pessoa de idade que veio dentro da casa de um coronel, mas, enfim, lá, que era os Bambam, criou filhos dele. E quando ela não teve mais forças, não tiveram, assim, a humanidade de colocar ela em algum lugar. E eles trouxeram ela pra dentro.</i></p> <p><i>A origem da Tia Luísa, ninguém sabe em Bento. O que conta da Tia Luísa é do dia que o primeiro batalhão veio pra dentro. Tia Luísa chegou com o primeiro batalhão junto com esse Bambam, com esse grandão.</i></p> <p><i>Ela era empregada da casa, cuidava de filhos, enfim. Quando ela não teve mais forças, essa filha... Houve muitas hipóteses em Bento, né? Nessa época. Que essa filha da Tia Luísa, inclusive, era filha dele. Desse Bambam. Ela era preta, ela era empregada. Sabe o que o patrão quer? Só que essa filha da Tia Luísa desapareceu. Do nada, essa filha da Tia Luísa sumiu. Morreu a história da filha da Tia Luísa. A gente sabe, justamente por causa da minha avó, e era da religião, que a gente sabe que existia a Tia Luísa, que ela tinha uma filha, e essa filha, simplesmente do nada, ela desapareceu.</i></p>
--	---

**Religião**

*Eu tinha 14, 15 anos ainda, usavam esse termo. Então, tu chegava num ponto de táxis que era os autos de praça, eu quero ir na Lorena. Na casa de religião. Os motoristas de táxis todos sabiam aonde que ela morava.*

*Então, não era por ir ler esses nomes que usaram hoje. Fantasiaram muito, a verdade é só essa. Fantasiaram muito, né?*

*Então, ela tinha uma casa de religião que ela deveria ter, eu acho que, o que? Uns mais ou menos uns 100 filhos de santo. Era uma casa bem grande.*

*Renato Gaúcho está no grêmio, abaixo de feitiços, dentro da casa da minha avó. Eu conheci o Renato Gaúcho na porta da casa da minha avó, de calçãozinho. O filho do Tadeu. Quando ele chegou, tocou a campainha, fui atender. Tava aquele moço que queria jogar com a dona Lorena. Eu olhei pra ele e disse, ela não vai te atender assim. Ela não atendia sem camisa, né? Ela não vai te atender assim. Tu tem que botar uma camisa. E ele tava a pé, sei lá, nas treta não ficava. Não sabia quem era a figura, nada. E daí, pronto, também, vou buscar uma camisa e coisa e tal. Voltei pra cozinha, eu disse pra mãe, que a gente é mãe de santo, né? Que ela era minha avó, mas era minha mãe de santo.*

*Mãe, tinha um rapaz que queria... Ah, não, ele tava sem camisa. Não, não atendeu. Eu falei, ele foi embora. Diz que vai voltar. Se ele vai voltar, eu não sei. Dali um tempinho, que eu não me lembro quanto tempo demorou, campainha de novo. E lá, o rapaz, de camisa. Tá entrecendo, eu vou chamar*

	<p><i>ela. E aí, ela tinha um salão e um quartinho de santo. Daí, chamei ela, eu disse, o rapaz, voltou. E aí, ela pegou, porque ela ia fumar, pegou o cigarrinho dela e foi até o meu cliente. E aquele cliente foi um cliente de muito tempo, muito demorado. Foi embora. Entendeu?</i></p> <p><i>Depois ela veio pra cozinha, daí ela disse, sabe quem que era aquele lá? Tosse a menor de 10. É o Renato. Quem é o Renato na fila do pão? Muita pessoa colorada também, né? Quem é o Renato na fila do pão? Aí ele tá, vai ter um negócio no Grêmio, uma seleção, não sei o que, pra convocar, não sei o que, pra jogador. E ele quer, porque quer entrar no Grêmio. Ele tava da escolinha, não sei o que, e ele quer, porque quer entrar.</i></p> <p><i>Vai fazer um trabalho pra entrar. Tá bom. Vai fazer um trabalho. Ele fez o trabalho, foi convocado, foi selecionado e foi pro Grêmio. Muitos, muitos, muitos presentes ele vinha trazer pra minha avó. No decorrer desse tempo, que ele tava lá e trazia presente, renovando trabalhos, enfim, e foi.</i></p>
<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Elisangela</b>	
<b>Trabalho</b>	<p><i>Elisangela mesmo com um currículo extenso, com curso de inglês, magistério e informática se tornou comum escutar:</i></p> <p><i>Ah, mas tu não tem perfil pra trabalhar na nossa escola. Ouvi, ligarem lá em casa, não, tu não tem perfil pra nossa empresa.</i></p> <p><i>Hoje a professora é formada em pedagogia, com duas pós-</i></p>

	<p>graduações, em matemática e em educação étnico-racial as duas por meio de instituições federais já ministrou diversas palestras sobre o tema nas escolas do município. Mesmo assim houveram diversos momentos de desqualificação do seu trabalho e questionando inclusive se ela era da cidade mesmo:</p> <p><i>E daí tu tem que estar sempre dando o ‘carteiraço’. E o pessoal pergunta, tu é da onde? Eu sou daqui. Tu é daqui. Não pode ser daqui, porque é preta e tipo assim, eles até te tratam com aquele sorrisinho, ó. Educado. E tá estampado na cara deles que estão fazendo aquilo porque eles não querem ser taxados por serem racista, mas eles são. [...] Então, mesmo tu indo por mérito, lutando, tu conseguindo, tu mostrando do que tu é capaz, eles vão tentar te eliminar.</i></p>
<p><b>Sobre a 20</b></p>	<p><i>Prédio da frente, se tu fizer um barulhinho, quando vem a polícia, a brigada tá batendo lá. Toda hora eles defendem. Porque? Porque tem um bando de negros lá fazendo barulho.</i></p> <p><i>[...]a gente não tem esse tempo, a gente não tem um estudo para isso, e a gente, então, na 20, a gente fazendo um trabalho pedagógico, palestras nas escolas, desde o berçário até o ensino médio, curso superior, a gente veio atendendo uma galera aí, formação de professores, para trazer o letramento racial</i></p>
<p><b>Oralidade</b></p>	<p><i>[...]porque o 13 de maio se colocou na cabeça das pessoas que eram de importante, do fim da escravização, mas para a gente, povo negro, não mudou nada, eu ainda tenho que dizer todo o meu currículo, tenho que explicar, tenho que dizer para as pessoas, não, eu não passei nas cotas no concurso público, eu estudei para passar em terceiro lugar, eu não fui cotista, porque eles acham que cotista é para gente preta burra, que não tem condição de ganhar uma cota, as pessoas ainda pensam isso, e a gente, através da VINTE, das pessoas que estão ligadas com a gente, converso muito com o Rogério, ele traz um monte de conhecimento, eu vou sugando ele cada vez que eu posso, então todo mundo consegue pegar a informação, e é tudo oral, a nossa tradição oral, de não ter o direito a escrever, faz pouco tempo que os negros tiveram acesso à escola, então esse momento aqui, a gente teve aquele café comemora lá atrás, e a Zilda, mora, nós vamos ter o livro, mora, nós vamos ter o livro, sim, chegou a nossa hora, demorou, mas chegou, e não é só a VINTE que está aqui, tem o Movimento Negro Raízes, que é sempre parceiro, tem todo mundo aqui, da música, da dança, da poesia, e fazendo isso, eu acho que a gente vai ter um resultado muito bom, a cidade de Bento vai ganhar isso da gente, sim, e é isso, obrigado que vocês estão aqui, e vamos aproveitar.</i></p>

<b>História</b>	[...] <i>Ja parteira era castelhana, minha mãe conta, eu sempre tenho que dizer isso, porque as pessoas ainda me perguntam, mas tu é de onde, tu não é daqui, né, sim, gente preta nasce aqui também, então, eu comecei a dizer isso, que eu nasci no Taquine, das mãos do doutor Lago, a parteira tal, porque a minha mãe conta, para dar o carteiraço de que sim, eu sou daqui.</i>
<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Emanuele</b>	
<b>História da família</b>	<i>E por Bento ter mais oportunidade de emprego, ser uma cidade bem maior. A gente acabou optando por vir para cá. [...] Quando a gente veio para Bento, a gente veio disposto a mudar de vida. E quando eu cheguei aqui, para mim, isso aqui era cidade grande. Era... Nossa, tem shopping. Era uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida. Então, a gente veio para cá, à procura de um lugar melhor.</i>
<b>Racismo</b>	<p><i>Eu era uma das únicas meninas negras na minha escola. E quando eu tinha mais ou menos uns 6 anos, eles atearam fogo no meu cabelo. Porque queriam ver o bombril queimar. Se o bombril queimava mesmo. E queimou. Queimou. E machucou. Desde aquele dia eu acabei correndo para dentro de uma biblioteca. Eu não sabia que era a biblioteca da escola, eu só pulei a janela. E ali foi onde eu me descobri na literatura. Eu descobri que o mundo podia ser diferente do que eu vivia. Eu me imergi em algo que não existia para conseguir fugir da minha própria realidade. Isso foi começo... Foi logo que estourou a pandemia. Aliás, acho que por abril, março, abril.</i></p> <p><i>De 2020. Eu fui comprar umas embalagens de torta pra minha mãe. E ela... Eu estava voltando pra casa de fone de ouvido. E, de repente, a polícia me parou, assim. E falou comigo e eu não ouvi. Estava de fone. E aí, quando eu vi que a polícia passou e parou, eu parei, tirei o fone e continuei andando. Com as sacolas, né? E aí, eles me perguntaram o que eu estava fazendo na rua. Eles disseram que estavam à minha procura. E ali eu levei um soco na costela. E três policiais, dois eram homens e uma mulher, a mulher apontou um fuzil pra mim. Eu tinha 18 anos, assim, 19, sabe? Então, quando eu falei que eu não sabia quem era, que eles estavam me confundindo com outra pessoa, o fato de ter falado que o erro era deles fez eu sofrer a violência na qual eles me pegaram e me colocaram de cabeça pra baixo numa ponte. E quando eles viram o meu documento, eu estava com o documento, que não era a pessoa que eles estavam procurando, eles me tiraram, me colocaram, me jogaram ali do lado e foram embora. E eu cheguei em casa, quando eu verbalizei pra minha mãe, aquilo se tornou real. Porque até então não era. Era como se... Eu ainda estava tentando entender o que tinha acontecido, mas eu olhei pra minha mãe e falei Mãe, eu tive uma arma apontada na minha cara. Aquilo se tornou real. Aquilo se tornou verdadeiro. Aquilo era um fato. Eu também tinha passado por aquilo. Eu não estava imune. E... Então eu decidi escrever o que eu estava sentindo. E eu já tinha guardado, aquilo já tinha passado e eu estava olhando, assim, e eu vi um projeto de mulheres das letras. Eu tinha mulheres das letras escrito. Olhei a descrição, olhei como era quantos textos eu podia mandar e eu mandei alguns que eu tinha escrito. E junto</i></p>

	<p>aquele slam. Ele era um slam em poesias, escrito mesmo ali, né? E eu mandei ele e dia 31 de julho de 2020 eu recebi um e-mail dizendo que eu tinha ficado em segundo lugar num prêmio de mais de mil mulheres mundiais." Premio internacional mulheres das letras – 2020. E daí às vezes eu vejo a postura de muitos negros aqui. Enfim, para serem invisíveis à dor, também não reclamam por respeito. E claro, é um tipo de estratégia, tudo bem.</p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Luiz Fernando Ferreira</b></p>	
<p><i>História da Família</i></p>	<p>Luiz Fernando Ferreira é funcionário público de Bento Gonçalves e veio para a cidade em 86 é natural de Santa Cruz e tem 68 anos de idade.</p> <p>A família é bugre, mãe da minha mãe, africano, pai da minha mãe, uma mistura braba de espanhol, holandês, índio e não sei mais o que lá, que veio do nordeste, que é o meu avô Pedro. Meu pai era técnico em contabilidade, na época [47] não tinha a faculdade a minha avó materna e o meu pai, e por consequência o meu avô, que achou eles, são originários, vieram pra cidade do interior de Santa Cruz. De hoje, município de Veracruz. Era lá que eles tinham uma propriedade, que era... que são duas situações, assim, eu dificilmente encontro pessoas que contêm situações como essa. A minha avó tinha um... uma área de terra, em Veracruz, que ela mantinha a família. Depois, em Santa Cruz, em Veracruz, que é o interior de Santa Cruz. E depois ela veio pra cidade pros filhos estudar. E isso aí com a ajuda do meu avô também, que também tinha interesse que eles estudassem. Então, na cidade tudo era mais fácil. E em Candelária, que é [a cidade] da minha mãe, né? O meu avô Talcino, que é filho de escravo, mas ele é filho de um escravo, ele é ventre-livre, né? Ele é filho de um escravo que tinha uma especialização, que era consertar máquinas, sabe? Plantadeira, não sei o que, que tinha na época lá, e armas. E o meu tio Talcino virou armeiro. A avó Nina era índia. A família dela morava num mato dentro do terreno da casa do meu avô, tá? Que também tinha uma casa porque ele era um negro especializado, ele vendia serviço. Os filhos se formaram, um foi mecânico de motor, outro foi mecânico de não sei o que também, sabe? Assim, precisava basicamente saber escrever, somar, etc e tal, mas tinha que ter uma função que fosse, sabe? Não bastava tu saber plantar, tu tinha que saber enxertar, tu tinha que saber olhar uma planta e dizer a doença, tipo um técnico agrônomo hoje, né? Não tão avançado assim, com tanta tecnologia, mas era mais ou menos assim. Isso nas duas famílias tinha esse olhar assim, mas não eram só as duas famílias, eram várias famílias que tinham assim, sabe? E é considerada famílias negras, né?</p> <p>Porque 'baixou' de branco é preto, sabe? Hoje a gente usa o não negro, né? Tem os não negros, por quê? Porque o negro é a maioria. Os negros tinham, sabe? Uma coisa assim de avançar, sabe? De, oh, nós vamos tomar conta.</p>

## Identidade

*Eu faço a fala daqui pra frente, sabe, do que a gente pode fazer, de como a gente vai ocupar espaço, e uma forma de a gente ocupar espaço, eu até tenho que mostrar uma fotografia depois ali, que faz bem referência a isso, como eram os negros em Santa Cruz.*



*Em muitos momentos da entrevista o seu Luiz, se referiu a sua comunidade negra em Santa Cruz como uma “afromáfia”, uma família extensa que se protegia, andando junto, discutindo política junto, se mostrando à sociedade juntos.*

*Olha como eles andavam na rua no fim de semana eles saiam pras atividades e tal isso é 1947 essa aqui, tem uma maior aqui, mas eu agora pra achar isso a gente chama, nós filhos chamamos de afromafia tá? porque isso é o pai, os irmãos deles e uns primos.*

*Desde que eu vim pra cá, porque foi um peitão.*

*Então, o Ferreira, que é um cara negro, de fora, sabe, que tem só o segundo grau, né, que é funcionário público, que não tem um salário, tá?*

*Ele frequenta, ele mora, ele faz, ele ganha palavra, ele ... sabe? Mas ele não é a nona maravilha do mundo. É basicamente só essa questão da postura de, sabe? Foi peitão. A postura, eu disse, a postura e a postura para frente*

<p><b>Política</b></p>	<p><i>Ele [pai de Luiz Ferreira, José Dolores Ferreira] tinha envolvimento político sindical na época era o MDB então de noite ele tinha um escritório eu sempre tava de castigo então eu sempre tava junto com ele de noite eu tava junto com ele de noite e ele reunia no escritório dele os líderes políticos que eram quase todos presidentes de associação de alguma coisa de time de futebol hoje não tem, essas pessoas não tem importância, são tudo uns aproveitadores mas na época eram essas pessoas que lideravam construção de igreja manutenção de campo de futebol, faziam campeonato, então em Santa Cruz tinha uma liga chamada Liga Santa Cruzense de futebol menor, e o pai era presidente dela, então era uma desculpa pra eles irem pro escritório do pai de noite pra conversar política e nós, criançaço, o filho do pessoal que tava lá ia brincar na rua porque quando a gente visse que vinha um carro andando, porque a gente via a iluminação era parca, mas dava pra</i></p>
	<p><i>para o secundário e a minha irmã mais velha a Vera era diretora do Conselho Deliberativo da UESC União dos Estudantes Secundaristas de Santa Cruz do Sul e claro ela militava na União do Estudantil e eu irmão mais novo dela recém entrando andava de arrasto eu era o cara que levava ela nos bairros na Soiré, nas Matiné, nas casas para fazer as festinhas eu era o acompanhante dela ela não ia sozinha e aí eu virei DJ também porque eu não tinha com quem dançar aí eu ficava trocando disco e aí eu me acostumei aí eu escutava os discos em casa, tinha uma letrola escutava, gostava das músicas vou tocar essa, vou tocar essa fim de semana ia lá e aí virei DJ mas também o acompanhante dela nas reuniões da União Municipal de estudantes e aí comecei a participar da militância estudantil e fui para o Senai porque o Senai na época também era segundo grau integrado, era ginásio integrado então fazia de manhã a parte técnica e de tarde fazia a parte de ginásio a parte de estudos, e era bem qualificado inclusive o estudo do Senai e aí claro, eu mudei saí da área do secundarista da escola normal, regular e passei para uma escola técnica, tinha uma União de Estudantes Técnicos o que eu fiz? me envolvi como eu já tinha uma fala mais apurada digamos assim, o meu vocabulário já estava bem elaborado logo eu virei liderança de virar liderança para ir para a União Gaúcha já foi, sabe o cara ouviu uma vez Santa Cruz Nascimento, aqui pode não sei o que e tal e o pensamento era já conduzido pela pelas ações do meu pai pelo militante de esquerda ele se identificava sim, ele se identificava era MDB, ele seria muito mais PDT do que MDB porque PDT era mais a esquerda, era o partido de trabalhador mesmo brisolista então ele tinha essa postura e é uma postura que para mim era a postura que mais trazia benefício e eu migrei para esse lado então com toda a história política do país acontecendo daquela forma o nosso foco era qualidade de ensino sempre, tanto no técnico como no outro era qualidade de ensino os DCS na época não podiam falar, os DCS os diretores acadêmicos estavam todos digamos assim monitorados a gente fez uma plenária secundarista em Santa Cruz que o pessoal do exército entrou de metralhadora tirou a mesa toda de cima lá e levou embora eu tinha ficha no DOPS até 77 rasgaram a minha ficha e eu era menor mas a nossa ficha do DOPS era para para nos manter sob pressão, tu tá fichado se tu fizer mais uma vão te levar porque daí deram a Porto</i></p>

Alegre, vão te levar e todas essas coisas acabaram caindo dentro da escola, claro que a escola ultradireita e tal Arena mandava, que era Arena e MDB como Bento, Bento também Arena era quem mandava, Santa Cruz também Arena era quem mandava então ou tu fazia do jeito deles ou então tu não tinha espaço e eu fiz o enfrentamento disse não, não, vou vou continuar a militância porque tá errado e aí continuei na militância não recebi meu diploma mas também não me dei prorrogado, quando terminou as aulas dois meses depois eu tava trabalhando no torno quatro, cinco meses depois eu fechei a firma que eu tava trabalhando porque não tinha luva de proteção, não tinha não sei o que tinha brisco de incêndio tinha não sei o que claro que eu usei meu pai, fui lá na época já era o INAMPS o IAPI já tinha juntado o IAPI era o Instituto de Aposentadoria Industrial, tinha o IAPTEC dos técnicos comerciais, tinha vários e só tinha direito a saúde quem pagava a carteira de trabalho tinha que descontar na carteira de trabalho o teu instituto e aí tu tinha direito a ter saúde filho, esposa se não trabalhasse, não, tu tinha que pagar e aí quando o INAMPS juntou todos esses reformulou o programa então tinha uma base de assistência para os demais membros da família, de quem trabalhava mas tinha que trabalhar e tinha que pagar a cota parte lá pra poder ter direito a saúde isso só veio mudar depois lá nos anos 80 e poucos na montagem da constituição surgiu o SUS e aí mudou mas enfim e aí essa militância se deu assim primeiro pelo meu pai depois depois pelo pela minha irmã o meu irmão mais velho esse que está em Curitiba também militava dentro da União de Estudantes porque a gente estudou tudo no mesmo colégio só as meninas que estudavam nos maristas e as meninas estudavam lá nas freiras e a qualidade de ensino também interfere no comportamento da gente muito então também tem essas coisas, mas essa pra mim é a questão menor a questão maior é a forma como a família trata a questão cultura, ensinamento informação possibilidade presença e aí quando eu saí do Senaio, fui trabalhar e saí também do movimento, mas continuei fazendo movimento político por fora [...]

Perguntamos ao senhor Ferreira sobre a população negra atual de Bento Gonçalves, sobre a sua juventude e quais são as referências que não podem faltar neste livro:

Bom eu vou dizer que aumentou aumentou não só por causa dos haitianos mas a população negra, as famílias vem aumentando só que o que eu percebo é que ela não é ainda uma sociedade negra são pessoas negras que vivem numa sociedade branca sabe? e que não ocupam espaços sabe? elas se mantém vou ficar na minha pra não me incomodar sabe?

Não posso dizer se é falta de coragem se é falta de o que é que falta pra eles se apoderarem o termo é interessante se apoderarem desses espaços de fazerem as suas coisas do seu jeito sabe? eu não sei exatamente o que é que falta, mas ainda eu sinto que a comunidade negra ainda está muito em si mesmada e aceitando a condição de minoria frágil e aí não não se lança não se aventura não toma posição sabe? é fato que aqui na Praça Centenário a gurizada tem se encontrado por um basquetezinho a gente vê circular alguns e tal mas como a gente está numa era de distanciamento digital também e a gurizada está nessa era, sabe?

	<p><i>Nesse mundinho do digital então digamos assim até o cabelo, porque o cabelo apareceu na novela porque o cabelo apareceu não sei o que na televisão mas não é próprio sabe? não é a minha postura não sou eu por exemplo, essas fotos que tu vê da afromafia isso não é enfrentamento isso é eles saindo para se divertir isso aí é nós nós estamos indo para fazer o que nós temos que fazer nós estamos indo trabalhar não é nós somos assim sabe? e isso de se mostrar eu sou assim e não é afronta para ninguém porque cada um é do seu jeito e o meu é assim quer sentar comigo e conversar para ver um ponto de equilíbrio se eu estou te ofendendo em alguma coisa perfeito mas eu sou assim e sinto muito se tu não gostar a minha fala é essa dessa forma então assim o que eu vejo na sociedade o número de negros circulando circulando na cidade aumentou? aumentou então no tecido social assim a gente tem um bom número aqui não dá para dizer que é uma maioria porque tu não consegue isso pelas distâncias os afastamentos e tal mas é um bom número só que é um bom número que não procura aparecer não seria o termo aparecer mas que não que não se expõe sabe? que não te chama atenção na rua assim que é uma pessoa não anda como se não tivesse nada a perder ou nada a ganhar sabe? Então acho assim e a juventude apesar de estar se demonstrando muito mais afro agora ela se demonstra afro em uma imagem mas mas o link dela é um link virtual sabe? e aí o link virtual é muito genérico é muito Google então ele deixa de ser afro ele é uma tecnologia já americana não é nem europeia americana pede força isso, pede força e a gente fala de resgate nesse projeto”</i></p> <p><i>[...] assim as referências históricas do negro que não aparecem são as figuras negras que militaram sabe não no passado do zumbi sabe não lá pra tirar os grilhões lá mas assim, que depois militaram que ocuparam espaços na política que foram deputados, foram presidentes da república sabe essas figuras elas aparecem na história, mas elas não aparecem como negros elas aparecem como um cidadão presidente não faz referência à etnia não faz aqueles negrados de afromafia ali porque eles tiveram um presidente que andava assim né tem a representação então essas figuras que são figuras representativas elas não aparecem no livro de história como negros, elas até aparecem mas elas não aparecem como negros elas aparecem como outra coisa, mas quando tu fala delas, tu não faz, tu não diz que são negras então tem uma série de enfim sabe que quando fizesse referência podia referir o negro Rui Barbosa, o afro sabe, e essa referência não é feita, é escritor escritor não tem cor né é um profissional, não tem cor e isto é esta forma de de inserir o dado no livro essa seria a forma de fazer com que as pessoas, opa, pera mas teve essa referência.</i></p>
<p><b><i>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Eva Teresinha Fagundes Nunes</i></b></p>	

<p><b>História da Família</b></p>	<p><i>Meus pais não eram daqui, eram lá da fronteira. Nós todos, irmãos, somos em 2012. Agora, não, já uns faleceram. Nós éramos em 12, 12 irmãos, todos daqui, todos nascidos e criados em Bento</i></p> <p><i>Criaram 12 filhos com muito trabalho e muito sacrifício. E trabalhavam toda semana. Então, nesse caso, quando meu pai parou de trabalhar, de abrir estrada, ele pegou terrenos para capinar, para limpar, mas aí durou pouco tempo aquilo. Ele queria, ele adorava aquele serviço, mas viu que tinha que trabalhar em uma firma, para ganhar mais, para poder sustentar a família. E foi o que ele fez.</i></p> <p><i>Daí trabalhou no Batalhão, trabalhou na firma DREF, que era uma firma muito conhecida na época. Depois, ele se aposentou e veio trabalhar no cemitério. Ele trabalhou 30 anos no cemitério. Acho que a maioria, não sei se é daqui, conhece, que era o Seu Pedro, chamavam de Seu Pedro. Então, ele trabalhou muito tempo. Esse cemitério é perto do... Municipal. Ele e meus irmãos também, mas esses que trabalharam, só tem um agora, que ainda, não trabalha mais, mas só tem um vivo, dos dois que trabalhavam ali. Eu já perdi cinco irmãos, então, estavam entre esses aí.”</i></p> <p><i>Criamos agora, vivemos três filhas, graças a Deus, fiz o máximo por elas para terem um caminho de estudo e de vida, e é isso aí. Graças a Deus, tudo bem, correu tudo bem, está correndo tudo bem.</i></p>
<p><b>Trabalho Ferroviário</b></p>	<p><i>Meu pai também trabalhou no batalhão. Mas, antes disso, ele trabalhava no campo, mas saiu bem novo de lá, porque ele não gostava da norma de lá.</i></p> <p><i>Quando eles chegaram aqui em Bento, como sempre teve muito trabalho aqui em Bento, embora ela estivesse bem colônia ainda, minha mãe disse que não ia sair mais daqui que ia ficar aqui, porque aqui tem trabalho. Vamos trabalhar bastante, vamos comprar um terreno, fazer uma casinha e vamos criar auxílio aqui. Até meu pai não queria, mas, quando ele viu que ela bateu o pé, que ela iria ficar aqui, terminou também. Ele ficou. Criaram 12 filhos com muito trabalho e muito sacrifício. E trabalhavam toda semana.</i></p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Salete Justine Oliveira Mello</b></p>	

<p><b><i>História da Família</i></b></p>	<p><i>Perdi meus pais, eu era muito pequena, não conheci minha mãe. Daí, vim morar para Bento, tive meus casal de filhos, um está lá, estava tocando [Agenor professor de educação física e músico da banda Raízes]. O que eu tenho para dizer? Trabalhei muito na minha vida.</i></p> <p><i>Comecei a trabalhar com oito anos de idade, porque, na minha época, se a gente era uma só pessoa na família, os pais podiam tirar da escola para trabalhar. Daí, como eu fui criada pela minha avó, minha avó me tirou da escola e eu fui para o batente. Então, comecei a trabalhar com oito anos de idade. Trabalhei muito de doméstica, trabalhei bastante em empresa de imóveis, na prefeitura também trabalhei muito. Agora eu estou aposentada, eu vivo em casa. Daí, perdi dois filhos. Sou mãe de seis filhos, perdi dois. A minha filha que faleceu me deixou duas netas, criei minhas duas netas. A uma está aqui, tem o meu bisneto aqui agora.</i></p> <p><i>Adotei também mais uma menina que já está com nove anos. O que eu tenho para dizer? É que somos negros, sim, mas o que a gente tem que fazer é levantar a cabeça e mostrar que a gente não é diferente de ninguém. Não é diferente de ninguém. A gente come, a gente dorme, a gente trabalha. Porque, se a gente não trabalhar, ninguém vai trabalhar pela gente. E é isso aí. A vida é assim. O meu marido trabalhou muito na prefeitura, ele era funcionário da prefeitura. Daí, ele faleceu, vai fazer 17 anos já. Mas Bento é uma cidade muito boa de viver, só que tem que saber viver. Tem que saber viver. E é isso aí que eu tenho para falar</i></p>
<p><b>Movimento Social</b></p>	<p><i>Faço parte da 20 há muitos anos. A gente correu, a gente batalhou para ter uma sede, para a gente poder sentar e conversar e fazer as coisas que a gente quer. Graças a Deus, a gente conseguiu aqui. E o resto agora é ir à luta. E é isso aí.</i></p>
<p><b><i>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Raquel Carla da Silva Núncia</i></b></p>	
<p><b><i>História da Família / importância da oralidade</i></b></p>	<p><i>Cresci em uma família de negras e negros, italianos também, mas aprendi muito com a minha avó, que hoje Deus o tenha. Mas ela adorava essa meia-lua que nós estamos, contar para nós, para os netos. Nós vivíamos brigando quem ia dormir na casa da avó. Por ela contar o que ela fazia na adolescência, cantos que eles faziam quando cantavam para os filhos, eles ensinavam para nós, netos.</i></p> <p><i>Minha mãe falou sobre a escolaridade dela, que ela não teve.</i></p>
<p><b><i>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Matheus (Nescau)</i></b></p>	

<b>Invisibilidade</b>	<i>Sinto falta porque eu nunca participei num movimento assim, mas eu sei que vindo aqui vai ser um lugar que todo mundo vai ser acolhido e eu vou poder trazer um assunto pra vocês, e vocês vão poder me ajudar de tal maneira assim. Então, eu fico nervoso porque sempre que eu vou a Porto Alegre, até em Caxias aqui, eu vejo que rola de ter um encontro assim, e eu sempre quis fazer parte, mas nunca uma pessoa chegou até mim e falou assim, o Nescau, o meu apelido, o Nescau, tu quer vir conosco trocar uma ideia, falar da tua história?</i>
<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Isabelle Quintana</b>	
<b>História da Família</b>	<p><i>eu tenho 23 anos, agora eu tive que mudar totalmente minha forma de apresentação porque eu sou mãe, coloquei mais um adjetivo, mãe casada com o Gabriel, ele é nascido em Bento, eu sou de Porto Alegre, minha família inteira também é de Porto Alegre, nós estamos aqui, vai fazer 10 anos.</i></p> <p><i>Eu sou bisneta e tataraneta de escravos lá de Rio Pardo, e conhecemos a casa grande, eles ainda lembram do meu pai, inclusive, foi bem chocante, quando ela viu ele, ela disse, nossa Saúl, como tu cresceu, tu tá bem forte, e ele, sim, tô bem forte, ela, é, tua avó adorava correr por aqui, meu pai, correr, ela, sim, aí meu pai disse pra mim depois no carro, não, filha, ela trabalhava aqui, ela limpava aqui, vinha, limpava e voltava pra casa, mesmo eu já nascida, eu pedi a avó, por que tu tá limpando? Não, a gente deve limpar aqui, sim, tá, meu filho, todo final de semana a gente tem que vir e limpar, depois ele entendeu que era a família que comprou a minha família, eles ainda existem, a gente ainda existe também, a gente tá crescendo, a nossa família deles continua, então, eu também existo, e eles tão aí, meu sobrenome não é meu, é deles, hoje em dia, claro, a minha filha, ela carrega o sobrenome da minha mãe, agora ela é metade italiana e metade brasileira, e eu vou mostrar pra ela quando ela crescer, olha filha, isso é uma mistura, mas a gente veio lá da África, a gente tem uma história, e teu pai também, né, família dele também tem a história dele, mas a nossa também existe, a gente, eu não, a minha família não ajudou a construir Bento, mas construímos Rio Pardo, ajudamos em Porto Alegre, e eu tô aqui em Bento também, a minha história existe.</i></p>
<b>Racismo</b>	<i>Meu primeiro impacto foi quando eu fui buscar minha irmã na escola, a gente conseguiu bolsa pra ela no sagrado, e a freira me perguntou assim, veio buscar a menina que tu cuida? Eu disse não, vim buscar minha irmã, que ela é branca mesmo e japinha, mas ela é minha irmã de sangue, mesma mãe, mesmo pai? Sim, mesmo os pais, então tá, aí passou uns dias, ela perguntou pra minha mãe, ela é mesmo irmã? E a minha mãe, sim, ela é minha filha, aí ela borrou, então tá, só pra gente confirmar ela mesmo, é que a minha irmã é bem branquinha mesmo, ela dá pra confundir com o pessoal daqui, foi meu primeiro impacto, logo de cara,</i>
<b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Taylor Pereira</b>	

<p><b><i>História da Família</i></b></p>	<p><i>Meu nome é Taylor Pereira, tenho 30 anos, sou de Caxias do Sul, natural de lá. Meu pai é de Bom Jesus, minha mãe, não vou lembrar agora da mãe de André. Os dois avós são negros, minhas duas avós são alemãs, então tem essa mistura.</i></p>
<p><b><i>Racismo</i></b></p>	<p><i>Eu fui saber o que era o racismo também na escola, porque eu tava na 8ª série. O resolveria deixar meu cabelo crescer, meu pai sempre raspava meu cabelo, sempre raspava, sempre raspava. Disse que queria ter o cabelo grande. Aí teve um momento de rebeldia, deixei meu cabelo crescer, deixei o meu blackinho crescer e tal. E aí foram pegar uma peça pra mim, um dia antes da formatura. Jogaram um óculos na minha cabeça e falaram que eu ia queimar o bombril.</i></p> <p><i>Mesmo eu não sendo tão negro assim, eu era o mais negro que tinha. Digo, de ter pele retinta. E lá também era complicado porque sempre precisavam fazer algum tipo de campanha. Pro Dia da Consciência Negra ou alguma coisa assim. Eles queriam usar a minha imagem pra falar bem da empresa. Falar que é uma empresa que aceita, olha como se utiliza aqui, é legal. E não me incomodava tanto, sabe, essa parte. Porque, de alguma forma, na minha cabeça estava sendo valorizada. Na empresa nunca foi o caso, né? Porque sempre precisava cortar custos. Era sempre o nosso primeiro a ser demitido. Só que essas coisas, às vezes, parecem que caíjam. Que tu começa a passar por certas situações que tu não dá tanta bola.</i></p> <p><i>Mas quando acontece com um irmão teu mais novo, um primo teu, tu começa a sentir. Tu fala pra eles, mas aí alguém mais velho relembra. Tá bom, tu já passou por essa situação, tu não ajuda essa porra. Quando aconteceu contigo, tu falou, que agora tu quer dar essa lição de moral, sabe? Daí tu sente, quando é com uma pessoa péssima, tu sente, tá, tal pessoa sofreu racismo e ela tem que se posicionar. Mas quando aconteceu com a gente, acho que por a gente não querer se incomodar ou não querer incomodar a outra pessoa, a gente acaba deixando passar muita coisa abatida. A gente deixa de se impor por causa disso, sabe?</i></p> <p><i>E eu fui descobrir, depois que eu saí um pouco do meio da publicidade, comecei a frequentar mais batalhas de rimas, movimentos de slam.</i></p> <p><i>Eu comecei a entender bastante o que que era, quando começaram a mais pessoas falarem sobre aquilo, tu não vê que tu não tá sozinho, que tu não é a única pessoa que passa por aquilo. Que não é coisa da tua cabeça. Que tu não tá inventando, não tá achando ele novo, né? Que aquilo acontece mais frequentemente.</i></p> <p><i>E, depois de um tempo, comecei a andar com os movimentos e comecei a me descobrir. E aí eu parei um pouco pra refletir e vi que eu precisava mais daquilo. Então, quando comecei a falar mais, em vez de ficar quieto e me reprimir, comecei a botar pra fora, comecei a escrever poesia. Aí eu descobri, realmente, minha negritude</i></p>

**NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Guilherme Patrick de Santos Dias**

***História da Família***

*Se eu fosse falar sobre a minha formação, ela seria hoje a poesia, que foi o que me resgatou depois dos meus 16 anos até os dias de hoje. Eu não ia falar, eu só tô falando porque eu nunca tive a oportunidade de compartilhar isso com alguém, nunca tive a oportunidade de falar um pouquinho, eu acho. E é um pouquinho mesmo, porque é o mínimo do mínimo que eu sei da minha família.*

*Hoje é todo mundo um pouquinho desunido, por conta de birras, de mágoas que não foram resolvidas durante o tempo, enquanto as pessoas estavam em terra, enquanto as pessoas estavam em vida, e ao nosso lado. Minha mãe mora em Santa Catarina, eu sou natural de Porto Alegre, mas fui criado no bairro Heulon, em Caxias do Sul. E já viajei o Brasil, fiz alguns correrios aí na questão dos slam, trouxe o slam Poetisa pra Caxias do Sul, tive uma oportunidade de estar correndo nacional dois anos consecutivos, sendo representado por uma mulher preta, monstramente monstra, não tem nem palavras pra descrever o que aquela mulher é, que é a Janine, é uma irmã que cresceu do meu lado, a mãe dela me abraçou, me criou, quando também tive que puxar minhas orelhas, ela puxou minhas orelhas, sou grato demais por ter, sempre na minha volta, as pessoas me ensinaram a ser o que eu sou hoje.*

*Não sou o mais preto, mas sou neguinho. Porém, me respeite, que eu não sou muito de conversar não, não pisa na minha escala, que eu não piso em você.*

*Sou poeta marginal*

**NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Flávia**

***História***

*Nasci aqui em Bento Gonçalves. Sou tecnóloga em alimentos, mestre em ciência e tecnologia de alimentos. Sou tecnóloga em alimentos. Atualmente, sou coordenadora do polo da Universidade Univates, aqui em Bento Gonçalves. Tenho uma empresa de cursos, palestras e treinamentos na área de alimentos. E também, atualmente, desde o ano passado, passei a ser coordenadora da Câmara Técnica do Bento Mais 20. Em que é um conselho que está projetando o Bento Gonçalves, pensando nos próximos 20 anos.*

<p><b>Racismo</b></p>	<p><i>Meu primeiro impacto, por ser negra, foi também na escola, quando eu era pequena. No jardim, as crianças acabavam me discriminando. Mas, naquela época, eu não contei em casa. Corria para o banheiro, esperava passar. Até que foi passando as séries, um dia que me cuspiam, me chamavam de um pneu, me chamavam de várias coisas. E aí, eu contei para os meus pais e a mãe ficou louca. Não prestou.</i></p> <p><i>A mãe sempre ensinou para nós que na escola, estudar em escola particular, que lá nós éramos todos iguais. Então, a gente sempre teve isso na mente, que lá dentro todo mundo era igual. Saindo de lá, é diferente. Então, não interessa se daqui a pouco eles vão para a Disney e tu não sai de dentro de casa, fora da escola. Lá na escola, vocês são iguais. Todo mundo está recebendo o mesmo conteúdo, a mesma professora. Tem que ter o respeito. Então, eu nunca me senti excluída, diferente de muitas pessoas que acabam se sentindo por ser negra.</i></p> <p><i>Sabe? Acanhada. Eu não, porque eu sabia que eu tinha conhecimento. Eu era uma pessoa que sempre tinha facilidade em aprender. Então, eu mostrava o meu conhecimento. E, por sinal, muitos ficavam um pouco assustados.</i></p> <p><i>Sem assim, que é totalmente diferente daqui da nossa cidade, eu nasci e me criei aqui, mas percebo assim, a gente chega no local, nós parecemos o quê? É um extraterrestre, eu me sinto um extraterrestre, porque todo mundo te olha, de cima a baixo, e ainda se cutuca assim. Aí vem alguém perguntar, vai daqui? Faz o quê? Então, a gente sempre tem essa... Então, eu, quem sabe um dia, rezo e penso que a gente possa chegar, estar em Bento Gonçalves e se sentir uma pessoa comum. Como quando eu vou para Porto Alegre, quando estou em São Paulo, numa cidade maior, que ninguém te enxerga, você não enxerga o preto, tipo, estou vendo uma preta vindo lá no fundo, vou ficar observando ela</i></p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Aline</b></p>	
<p><b>Experiência com o evento</b></p>	<p><i>muito interessante escutando as histórias de vocês. Pena que os meus filhos hoje não puderam estar aqui, mas eu digo assim, vamos fazer mais esses encontros, a gente precisa disso, de conversar. Muitas coisas assim, eu enfrentava calada, muitas vezes, sem entender o que que era racismo. Hoje, assistindo e acompanhando muitas coisas, eu sei o que que é e eu não sabia. Eu passei por várias coisas, assim, que a gente tenha mais isso aqui, a gente precisa conversar, a gente precisa entender e saber falar, saber ter essa posição, né? E eu quero, sim, trazer eles pra eles sentarem, conversar com vocês, assim, pra eles se prepararem, porque ele vai enfrentar, eu já digo pra ele, tu vai, isso aí é pouco, tu vai enfrentar muito mais, sabe.</i></p>
<p><b>Racismo</b></p>	<p><i>os vizinhos não olham pra gente, eles fecham as janelas com medo que a gente vai ver o que eles têm dentro de casa.</i></p>
<p><b>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Matheus (Baco)</b></p>	

<b><i>História</i></b>	<i>meu nome é Matheus nós todos conhecemos como Baco eu sou não sou daqui tenho dois anos e teve momentos que me pegaram aqui que eu fiquei pensando em desistir da minha trajetória aqui essa aqui é minha esposa e assim já eu fui convidado a vir pelo minha irmã dizendo que era mil maravilhas que era aquilo mas minha irmã é mais branca entendeu e assim e eu vim, comecei a frequentar lugares que eu ficava pensando coisas que eu nunca passei onde eu vim, eu sou de Sergipe.</i>
<b><i>Racismo</i></b>	<p><i>Eu peguei o Uber que enfim, discutindo ele perguntou sobre o meu sotaque, de onde eu era e eu falei que sou de Sergipe, ele perguntou se eu estava me adaptando ou não e eu falei que sim, só era estranho o jeito das pessoas olhar a gente como se a gente passasse na rua como se a gente fosse alguma atração ou algum bicho, algum espanto e todo mundo falava que minha cor era diferente e daí simplesmente ele só respondeu assim é, então é que o seu povo, como você vem pra cá e a gente fica com medo, né, que vocês acabem com a nossa cultura eu falei ué, mas não entendi ele falou, não, é que assim o povoamento de muita gente que vem de fora vai acabar acabando com a nossa cultura gaúcha, aqui não sei o que, mas eu falei, mano, mas eu sou brasileiro eu não vim de fora entendeu?</i></p> <p><i>E assim encerrou a conversa, porque ele viu que eu fiquei chateado e quem me conhece tem um jeito muito irônico de tratar o racismo então e outro momento foi num lanchonete, ali no shopping que até então não trabalhava lá e ninguém me conhecia e essa pessoa começou a botar pessoas na minha frente e não querer me atender e assim, eu e minha esposa nasci na fila e ela apontava, ó, você aí atrás pode passar, e eu ficava assim ué, e eu e aí foi levando, foi levando e ela falou, ó, não, vamos embora, não querem atender a gente a gente não é digno de comer o lanche dele, vamos embora e apesar de hoje que essa pessoa me conhece, ela me dá bom dia, sorri pra mim todo dia e nem ela não lembra desse fato foi um fato que ficou bem marcado em mim, tá ligado?</i></p>
<b><i>NÚCLEOS DE ENUNCIÇÃO E SIGNIFICADOS: Daniel de Almeida</i></b>	

***História da Família***

*Chamo Daniel de Almeida tenho 43 anos, sou coreógrafo sou babalorixá também sou natural da cidade de Carazinho vim pra cá com 7 anos de idade então assim quando eu comecei a estudar aqui na escola eu não entendia muito o que acontecia comigo porque, por exemplo tinha que fazer o trabalho em grupo fazia sozinho é sempre excluído da turma, eu e os outros coleguinhas né, negros éramos excluídos e a gente só tinha espaço na hora do futebol na hora de jogar o futebol, a gente era o primeiro a ser eleito a compor a equipe, fora isso a gente não tinha espaço a gente não tinha então, eu particularmente desde a minha infância entre várias situações, eu também não quero estender tanto, tá? entre tantas coisas que eu vivi aqui na cidade é, acabou que eu cresci isolado praticamente isolado uma parte da minha vida, até a minha adolescência eu ficava com receio de me aproximar das pessoas porque eu era xingado é, maltratado às vezes até hoje acontece isso, de as pessoas me olharem pela forma de eu me comunicar ou de me vestir atravessar a rua ou me perseguir ou me denegrir é, abri tive na cidade uma escola de danças e muita gente eu não consigo separar, tá gente?*

*Eu vou me perdendo, assim as situações vão surgindo não preparei um discurso, né é, mas assim eu não gosto dessas classificações que eu não consigo me adaptar até hoje na cidade por exemplo, qual é o teu sobrenome? tu é filho de quem? pra conseguir de que família tu é?*

*Eu não entendo isso até hoje eu não consigo entender essas situações então é a mesma associação que eu levo é, eu não professor de dança, mas ele é da macumba aí perdi os alunos da escola perdi amigos que se afastaram de mim porque eu sempre fui um pouco reservado enquanto isso, sempre preservei da forma sempre cuidei muito, desde criança porque é algo de família isso, entende? isso é da bisavó que vem vindo a tradição na minha família é isso e eu não exponho muito quem me conhece, quem convive mais comigo sabe que eu não exponho, não compartilho sobre isso eu tô muito à vontade aqui pela primeira vez mas quando as pessoas viam aí eu comecei a me tatuar comecei a usar minhas guias as pessoas se afastavam de mim eu vou contar uma história pra vocês aqui eu moro no mesmo lugar há 20 anos, 23 anos os meus vizinhos começaram a me dar bom dia, boa tarde faz recentemente 5 anos então levaram 15 anos pra entender que eu não sou um demônio que eu não cultuo o demônio que na verdade é tudo ligado à nossa ancestralidade é muito difícil assim como o jeito de me vestir eu sempre me vesti assim, então na cidade, hoje é difícil imagina nos anos 90 ou além, como devia ser pra conquistar espaços pra gente poder se divertir, por exemplo poxa, hoje eu entro numa loja ou no mercado, até hoje eu sou perseguido e eu sou e não é birra não, porque eu paro e fico olhando poxa, mas tá cheio de gente pra lá, por que estão atrás de mim só? sabe?*

<b>Cultura</b>	<i>Eu comecei a defender a causa porque foi no hip hop onde eu me encontrei, onde eu vi as pessoas me aceitando da forma que eu era e comecei a crescer, comecei a entender que era isso que eu gostaria de seguir de ter como base pra minha vida foi muito difícil gente, aqui na cidade na década de 90 trabalhar, dançar se expressar eu acho bacana hoje os meninos tem um espaço que também veio com muita luta, né? mas a gente era expulso dos lugares onde a gente parava pra treinar foi muito difícil pra abrir a minha escola vocês não acreditam o quanto de empecilho foi colocado no caminho pra poder inclusive não foi aberto no meu nome foi aberto quando eu abri a escola foi o nome de outra pessoa não do Daniel de Almeida, porque eu já vinha batendo há muito tempo na questão de espaço, eu preciso de espaço a gente tem que ter espaço, é uma cultura que acolhe é pra todo mundo, independente de cor de raça, da classe social de cada um, é uma cultura que é pra todos, então foi onde eu consegui juntar forças e seguir e seguir atrás do que? buscando o que Daniel? dignidade, espaço.</i>
<b>Racismo</b>	<i>Muita gente me discriminava pô, tu não vai viver até os 15 anos de idade, tu não vai viver até os 20 anos de idade, tu vai acabar preso, tu vai acabar morto, parece clichê isso, que a gente que vive na rua escuta muito disso, quando a gente bate papo sobre como é o mundo aí, e na verdade não, eu disse eu vou dar um tapa em vocês eu vou dar um tapa no sistema eu sou pai de uma mulher de 25 anos, hoje estuda, trabalha, tem um negócio dela independente, isso pra mim é o maior orgulho sabe? porque a criação da gente vem de casa eu vejo vocês falando com orgulho da mãe eu também tenho, eu morro de orgulho dela.</i>
<b>Invisibilidade</b>	<i>Eu sempre elevei o nome dessa cidade pra muitos lugares e foram raros momentos que lembraram de mim.</i>